



# ANTÔNIO JOSÉ GÓES

**Uma vida missionária de pioneirismo e  
de dedicação aos Yanomami do Amazonas**

**Leonardo Ferreira de Almeida**



Criação Editora

**Título:**

ANTÔNIO JOSÉ GÓES:

Uma vida missionária de pioneirismo e de dedicação aos Yanomami do Amazonas

**Autor:**

Leonardo Ferreira de Almeida

**ISBN:**

978-65-990483-4-0

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Maria de Menezes

Estácio Bahia Guimarães

Fábio Alves dos Santos

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira Menezes

Maria Inêz Oliveira Araújo

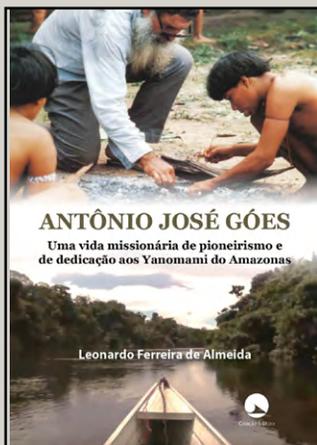
Martin Hadsell do Nascimento

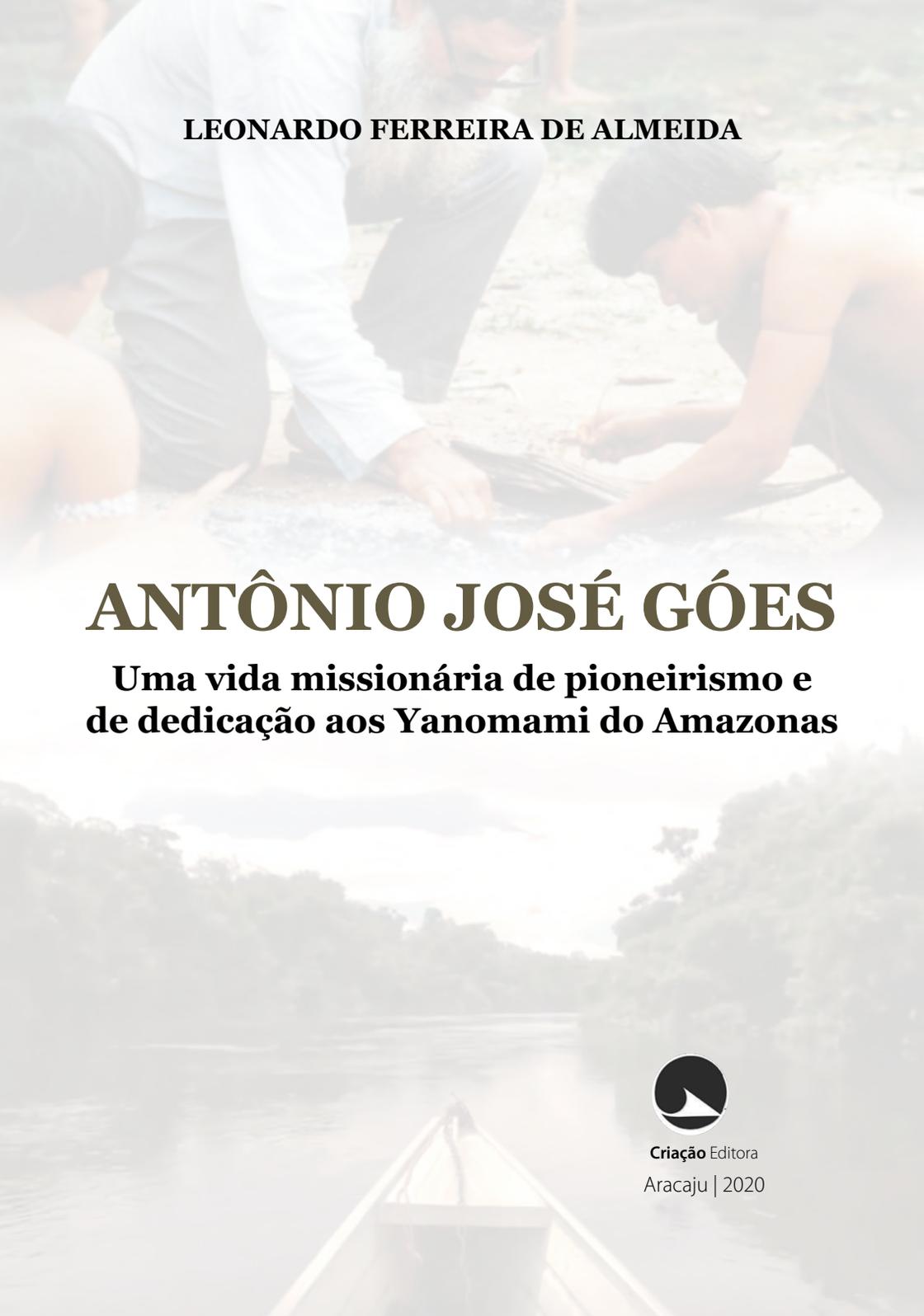
Rita de Cácia Santos Souza

Lucas Aribé Alves

(Parecerista de acessibilidade)

[www.editoracriacao.com.br](http://www.editoracriacao.com.br)





**LEONARDO FERREIRA DE ALMEIDA**

# **ANTÔNIO JOSÉ GÓES**

**Uma vida missionária de pioneirismo e  
de dedicação aos Yanomami do Amazonas**



**Criação** Editora

Aracaju | 2020

Esta obra foi concebida e publicada, de forma autônoma, por meio de recursos do próprio autor. A distribuição do livro não visa fins econômicos, comerciais ou lucrativos, devendo ser produzida a versão impressa sob demanda com valor a ser fixado pela gráfica. É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código penal.

#### **Fotos da capa:**

Foto superior da Capa: Imagem capturada do Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

#### **Foto inferior da Capa:**

Imagem capturada do Documentário “Missão Salesiana entre os Índios Yanomami” (2016). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TrTNPaoX0yU>>

#### **Fotos da 4ª capa:**

Imagens capturadas do Documentário “Missão Salesiana entre os índios Yanomami” (2016). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TrTNPaoX0yU>>

#### **Revisão do Texto:**

Irmão José Gulli (coadjutor salesiano da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecário Pedro Anízio Gomes CRB-8/8846

A447a Almeida, Leonardo Ferreira de  
Antônio José Góes: uma vida missionária de pioneirismo e de dedicação aos Yanomami do Amazonas. Leonardo Ferreira de Almeida – 1. ed. – Aracaju-SE: Criação Editora, 2020.  
278 p., 21 cm.  
ISBN. 978-65-990483-4-0

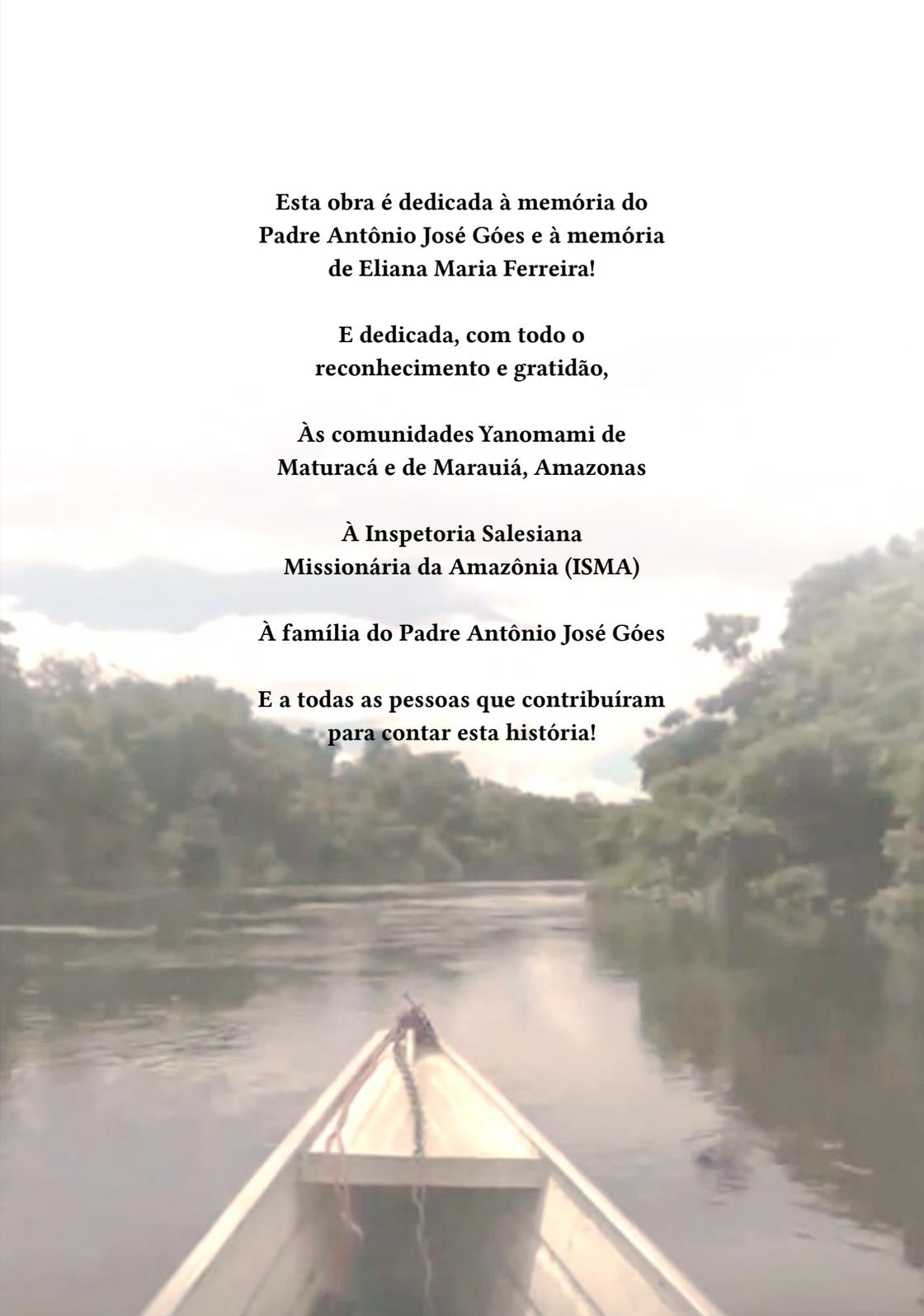
1. Biografia. 2. Índios 3. Missionário. 4. Missões. 5. Povos Indígenas. 6. Sacerdote

I. Título. II. Assunto. III. Almeida, Leonardo Ferreira de.

CDD 920.981.00498  
CDU 929(1-82)

#### **ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO**

1. Biografia. Índios no Brasil
2. Biografia. Povos indígenas.



**Esta obra é dedicada à memória do  
Padre Antônio José Góes e à memória  
de Eliana Maria Ferreira!**

**E dedicada, com todo o  
reconhecimento e gratidão,**

**Às comunidades Yanomami de  
Maturacá e de Marauaiá, Amazonas**

**À Inspetoria Salesiana  
Missionária da Amazônia (ISMA)**

**À família do Padre Antônio José Góes**

**E a todas as pessoas que contribuíram  
para contar esta história!**



Ele acabou  
fazendo dos  
Yanomami  
a vida dele.

**Eliana Maria Ferreira**  
(Aracaju-SE, 2014)



É uma relação  
de muita  
profundidade  
entre Yanomami  
e Padre Antônio  
Góes.

**Padre Justino Sarmento Rezende**  
(Manaus-AM, 2015)



Yanomami  
jamais se  
esquecerá desse  
missionário  
que tanto se  
dedicou.

**Líder Yanomami Júlio Góes**  
(Maturacá-São Gabriel da Ca-  
choeira-AM, 2016)





## PREFÁCIO



Agradeço e, em modo especial, parablenizo Leonardo Ferreira de Almeida pela paciente, laboriosa e carinhosa constância em tentar atingir a maior e a mais rica documentação do admirável, incansável e “temerário” missionário sergipano Pe. Antônio Góes que, apesar das intensas, perigosas e proibitivas desconfianças presentes nos ambientes missionários rionegrinos, corajosamente organizou as primei-ras expedições para se aproximar ao mundo dos Yanomami, os quais defendiam suas existências perante mundo envolvente pela posse e pelo domínio da mata rionegrina e amazônica, que continua a ser cobiçada e assaltada pela sociedade envolvente mineradora, agropecuária e empresarial até o presente.

A rica e documentadíssima narração do autor fornece um quadro histórico, realístico e desafiador que, profeticamente, deve ter “moldado” e fortalecido o coração do Pe. Antônio. Não quero cair na fácil tentação em “incensar” pessoas. É fácil, após a morte de alguém, o turíbulo. A vida do padre Antônio foi “espezinhada” pelo mundo envolvente da época e imagino a coragem “ardorosa”, laboriosa e orante que o querido missionário carregou ao longo de sua trajetória sacerdotal ao oferecer sua vida para os grupos Yanomami presentes nas fronteiras venezuelanas-brasileiras.

Faço questão em afirmar uma verdade que talvez poderá ferir o mundo militar e, talvez, político. Escutei de fontes que não vivem mais, mas que escutaram pelo testemunho do próprio missionário, que o Pico da Neblina e toda a imensa área de fronteira brasileira foi salva pela presença do padre sergipano, o qual colaborou com os encarregados das

duas Comissões Mistas de Limites para incluir o território dos Kohoroxithari (Maturacá) e dos Wawanawetheri (Maiá) no território brasileiro e isto aconteceu justamente devido à presença do salesiano, tão amada e respeitada pelas lideranças Yanomami. O mérito especial do Pe. Antônio e do Pe. Luigi Cocco foi, justamente, criar um clima de pacificação entre o mundo Yanomami venezuelano e brasileiro até chegar a estabelecer a área venezuelana-brasileira fronteira com o reconhecimento jurídico dos governos venezuelano e brasileiro. Peço desculpas por este meu testemunho póstumo, mas que carrego como saudosa lembrança do Parque Yanomami que dura até hoje, desde quando participei da famosa Comissão “CCPY” (Comissão pela Criação do Parque Yanomami).

Sendo autênticas as coletas das entrevistas que Leonardo juntou, proponho que alguém se ofereça em São Gabriel para introduzir o Processo de Canonização. Carrego no meu coração a simples e carinhosa lembrança do querido padre Antônio. Se meu irmão (padre Francisco Laudato) e eu conseguimos resistir por doze anos, foi com o propósito de continuar e de criar novos caminhos de evangelização. Permito-me em lançar um convite para que outros possam amar e cultivar o mundo religioso Yanomami com toda a admirável vivência religiosa Yanomami, sem criar hibridismo ou sincretismo religioso.

Padre Antônio, ilumine e inspire os jovens missionários que labutam nas reduzidas residências salesianas e que interceda no céu para que surjam vocações religiosas, sacerdotais e leigas em toda a “aldeia” global e que o Espírito Santo vivifique e santifique todos os povos do planeta Terra e em modo especial continue a dar muita alegria e entusiasmo ao querido sobrinho Leonardo e sua querida família. Com apreço e imensa gratidão!

**Padre Luís Laudato SDB**

Manaus-AM, 30 de julho de 2018



**Figura 1: Padre Antônio José Góes, sergipano, missionário salesiano e pioneiro no contato pacífico e na convivência com grupos Yanomami do Amazonas.**

**Fonte:** acervo da família do padre Góes.

## APRESENTAÇÃO



**A**ntônio José Góes. Itabaiense, sergipano, nordestino, brasileiro. Católico, salesiano, padre, missionário. Pioneiro no contato permanente e pacífico com os temidos e belos grupos Yanomami do Amazonas. Fundador da Missão Nossa Senhora de Lourdes, na região do canal de Maturacá, rio Cauaburis, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Fundador da Missão Sagrada Família, na região do rio Marauíá, Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas. Pioneiro na instrução das técnicas de plantação, de cultivo, de pesca e de navegação, contribuindo para criar condições de autossustento nas variadas comunidades Yanomami. Pioneiro na introdução e na instrução do cultivo da mandioca e da produção de farinha entre os Yanomami, sendo dois artigos alimentícios bastante utilizados na culinária e importantes para a subsistência destes nativos. Primeiro não indígena a presenciar e a imergir em importantes costumes e ritos das comunidades Yanomami nas quais conviveu e atuou. Foi um dos primeiros salesianos de atuação na Amazônia a questionar o papel dos internatos, construindo, assim, estruturas modestas nos prédios das missões que serviram como escolas, possibilitando que as crianças e os jovens nativos permanecessem com as suas famílias e não se afastassem de suas comunidades, contribuindo, desta forma, para a manutenção de suas raízes culturais. Lembrado pelos Yanomami como o admirável e incansável pacifista e reconciliador, uma vez que atuou como contínuo defensor das relações harmônicas e amistosas entres os variados grupos desta tribo. Reconhecido pelos próprios líderes Yanomami dos Kohoroxithari e dos Karawethari como o “*Tuxaua dos Tuxauas*”, uma vez que, numa específica ocasião,



impediu um confronto direto entre os principais chefes destes dois grupos. Autor de um escrito publicado na edição de março de 1956 do *Bollettino Salesiano*, o qual compreende um dos primeiros artigos, a nível mundial, que evidenciaram e detalharam registros descritivos, de cunho histórico e social, dos variados grupos Yanomami do Amazonas. Empenhado apoiador das Comissões Demarcadoras de Limites na revisão de mapas e de coordenadas cartográficas, colaborando para a delimitação do Pico da Neblina (o ponto culminante do relevo brasileiro) em solo nacional. Reconhecido como um dos primeiros radioamadores no território de fronteira entre o Brasil e a Venezuela, sendo responsável pela construção de uma das primeiras estações de radioamadorismo naquela região. Seu trabalho entre os indígenas é narrado e referenciado em dezenas de publicações, desde os anos da década de 1950, por diversos autores brasileiros e estrangeiros, religiosos e acadêmicos<sup>1</sup>. Missionário brasileiro homenageado, em vida, na celebração do Centenário das Missões Salesianas no ano de 1975, em Turim/Itália, por meio da publicação do documentário “*O meu caminho é o rio*”, o qual retrata a sua obra missionária. Homenageado, após a sua morte, por meio de projetos e de empreendimentos como o “*Projeto em Saúde Pe. Góes*”, o “*Barco Hospital Pe. Góes*”, o “*Ginásio Poliesportivo P. Antônio Góes*” e a “*Escola Padre Antônio Góes*”. O seu sobrenome “Góes” se tornou o mais comum entre os indígenas das comunidades da região de Maturacá, compreendendo uma herança presente em várias gera-

---

1 Nas várias referências consultadas, verificou-se que o sobrenome do salesiano foi grafado de forma diversificada, dependendo do idioma e de quem escreveu, como “Góes”, “Góis”, “Goes”, “Gois” e até “Goiz”, sendo precedido, às vezes, pela preposição “de”. É preciso ressaltar, também, que em sua certidão de nascimento só consta o nome Antônio, sem ser acompanhado pelos sobrenomes. Diante destas questões, no presente livro, optou-se por expressar a grafia “Góes” sem estar precedido da preposição “de”, pois assim consta na maioria dos documentos analisados, bem como condiz com a forma escrita pelo próprio padre Antônio em suas correspondências e em seus documentos pessoais, tais como o documento de reservista de 1940 e sua carteira de identidade renovada em 1975.

ções. Em junho de 2018, o centenário de seu nascimento foi comemorado por toda a Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA).

Estas páginas que se pronunciam ao leitor resgatam a trajetória, a obra e o legado de um homem de seu tempo e de seu espaço, com suas crenças e seus propósitos, com suas dificuldades e suas limitações somadas à vontade de encontrar um caminho missionário mais sustentável. Um salesiano aberto para ressignificação de sua conduta apostólica, procurando se adiantar aos preceitos de sua época, corrigindo possíveis desacertos e se pautando no respeito, na dedicação e na defesa dos indígenas que tanto entregou e destinou a sua árdua e humilde vida sacerdotal.

Sendo o autor sobrinho-neto do biografado, a concepção deste livro foi motivada, inicialmente, pelo simples objetivo de compartilhar a trajetória do padre Antônio Góes com seus familiares e conterrâneos que desconhecem ou que sentem a necessidade de melhor conhecer a sua caminhada apostólica, concretizando, desta forma, o sonho de Eliana Maria Ferreira (*in memoriam*), sobrinha tão amada pelo seu tio salesiano. Do simples intuito caseiro, surgiu o ânimo de mergulhar profundamente neste imenso rio de descobertas, recorrendo-se, desde o ano de 2014, a uma vasta pesquisa bibliográfica de livros, teses, dissertações, artigos, periódicos, documentários, fotografias, correspondências, documentos pessoais e materiais afins, além de entrevistas, com a finalidade de tornar documentada e de ofertar para todo o mundo a história de um cidadão que buscou compreender e conviver com as diferenças, almejando nelas a união e a empatia, superando a adversidade com valentia e solidariedade. Este mergulho profundo rumo à concretização deste feito só foi possível graças ao valioso acolhimento e apoio dos Yanomami contatados, bem como dos bispos, padres, irmãos e cooperadores da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA), além de parentes, pes-



quisadores e demais pessoas consultadas que conhecem e/ou que fazem parte desta história<sup>2</sup>.

A trajetória de pioneirismo, entusiasmo, paciência, entrega e abnegação fez do padre Antônio Góes, sergipano de nascimento e amazonense de coração, uma eterna herança para todos os salesianos, familiares e amigos, assim como para todas as comunidades Yanomami do Amazonas. Seus 57 anos de idade, 30 anos de sacerdócio, 24 anos de contato pioneiro com as tribos da região do rio Cauaburis (Pico da Neblina) e 22 anos de atuação permanente entre os indígenas de Maturacá e de Marauíá se tornaram frutos que continuam sendo colhidos e acolhidos por aqueles que conheceram e/ou conviveram com o sacerdote, bem como pelas gerações que se sucederam. Sua presença terrena, interrompida há mais de 44 anos, transformou-se num perene alvorecer nas terras onde se dedicou intensamente e nas memórias daqueles que puderam, em lugares, oportunidades e maneiras distintas, perpetuar a sua história e a sua obra. Como destaca o tuxaua Yanomami Júlio Góes: *“jamais teve um padre que se entregasse tanto pela tribo Yanomami”,* sendo que *“o que ele fez, até hoje, não quebra e nunca vai quebrar. Está plantado o espírito forte dele na tribo”*.

Portanto, espera-se que a caminhada terrena deste saudoso missionário possa se tornar ainda mais conhecida, estudada e aprofun-

---

<sup>2</sup> Devido a questões de saúde e de logística, não foi possível a realização de uma pesquisa in loco nas comunidades Yanomami de Maturacá e de Marauíá que oportunizasse conversar e coletar relatos de indígenas dos variados grupos nos quais o padre Antônio conviveu e atuou. Os contatos e as entrevistas realizadas pelo autor, entre os anos de 2014 e 2018, ocorreram nas cidades de Aracaju, Brasília, Manaus e Belo Horizonte, como também, em alguns casos, por meio de telefone. Com o generoso apoio do líder Yanomami Alberto Brazão Góes, foi viável obter relatos do seu pai, o tuxaua Júlio Góes, e de sua mãe, Adelaide Brazão, sendo estes residentes da comunidade Ariabú, na região de Maturacá. De forma semelhante, com a iniciativa bondosa e inspiradora do salesiano Irmão José Gulli, foi possível contar com depoimentos de outros Yanomami, bem como de alguns ribeirinhos e residentes de São Gabriel da Cachoeira e de Santa Isabel do Rio Negro. As falas transcritas foram inseridas no texto de forma fiel, responsável e cuidadosa para com as pessoas entrevistadas e/ou referenciadas.

dada pelos seus familiares, amigos, conterrâneos, correligionários e contemporâneos, como também pelas novas gerações de religiosos, indigenistas e pesquisadores, servindo como reflexão para a promoção de práticas positivas de interculturalidade entre indígenas e não indígenas e, sobretudo, para a ampla valorização e a plena preservação da cultura de todos os povos tradicionais.

Uma vida missionária de pioneirismo e de dedicação aos Yanomami do Amazonas! É assim que a sua memória é lembrada e vivida, não somente pelos salesianos e moradores das várias comunidades rione-grinas, mas também, principalmente, pelos admiráveis e vibrantes Yanomami das regiões de Maturacá e de Marauaiá. Neste sentido, todas e todos estão convidados a imergir na Vida e na Obra do missionário Antônio José Góes que, na busca constante de seu carisma e de seu humanismo, provou que sacrifícios, humildade, perseverança, coragem e alegria são ingredientes indispensáveis para mulheres e homens que doam suas vidas em prol da Paz e do Bem.

**Leonardo Ferreira de Almeida**

Aracaju-SE, 27 de fevereiro de 2020

# SUMÁRIO

Prefácio .....	9
Apresentação .....	12
Família e primeiros anos de trajetória salesiana .....	19
Os primeiros contatos com os Yanomami.....	32
Compartilhando o encontro com o Padre Antônio Góes.....	38
Primeira viagem do Padre Góes .....	39
Segunda viagem do Padre Góes.....	43
Terceira viagem do Padre Góes.....	47
A chegada do Padre Góes ao xapono Yanomami.....	48
Sinal luminoso .....	50
Eu, Antônio .....	53
A primeira missa entre os Yanomami .....	55
Partiu da aldeia com ânimo .....	56
Missão Nossa Senhora de Lourdes, Maturacá.....	59
O escrito do Padre Antônio Góes no Bollettino Salesiano.....	68
Missão Sagrada Família, Marauiá .....	73
Um padre sergipano onde o Brasil é mais alto .....	81
Coragem e valentia em defesa da Paz.....	89
Incentivo à autonomia na plantação e na colheita .....	96
Atuação Missionária .....	101
Vivendo o Decreto “Ad Gentes” .....	109
Imersão na vida cotidiana dos Yanomami .....	115
Um exímio e dedicado radioamador.....	127
Acolhendo visitas.....	134
Acolhendo o etnólogo George Seitz.....	135
Acolhendo o biólogo Ettore Biocca.....	137

Acolhendo a artista botânica Margaret Mee.....	140
Acolhendo o salesiano laico Enzo Spiri e sua equipe da S.A.F.....	143
O meu caminho é o rio.....	148
Participando do Primeiro Centenário das Missões Salesianas.....	154
O abrupto desenlace.....	160
Padre Paulo Góes e Irmã Josefa Góes: irmãos de sangue e de congregação...	174
Padre Paulo Leandro de Góes (1916 – 1995).....	174
Irmã Josefa Germana de Góes (1922 – 1988).....	178
Antônio Madeira: o eterno amigo.....	182
Padre Luis Cocco: uma história em comum.....	188
A participação do Padre Góes na odisseia de Helena Valero.....	193
Referências ao Padre Góes em outras edições do <i>Bollettino Salesiano</i> .....	199
Barco Hospital Pe. Góes.....	204
Ginásio Poliesportivo P. Antônio Góes .....	207
Escola Padre Antônio Góes .....	210
O “Góes” como legado.....	212
Goisinho: uma homenagem militante.....	216
Centenário de Nascimento do Padre Antônio Góes.....	219
Memórias do Tuxaua Yanomami Júlio Góes .....	222
Memórias de Eliana Maria Ferreira.....	226
Outras Memórias .....	232
Principais Dados Biográficos .....	252
Fontes .....	256
Referências .....	262
Agradecimentos .....	272



## FAMÍLIA E PRIMEIROS ANOS DE TRAJETÓRIA SALESIANA



“Assim como um dia, sendo meu desejo seguir a carreira zelasiástica, pedi licença a meus pais para entrar neste colégio, também agora desejo uma nova licença. Sendo, portanto, a vós que devo solicitar uma nova licença, rogo-vos, me consentais dar este novo passo que me fará desde então como participante da Congregação Salesiana”.

**Aspirante Antônio Góes, Jaboatão dos Guararapes/PE, 1934**

Antônio José Góes nasceu em Itabaiana, cidade serrana do agreste do estado de Sergipe. Vindo ao mundo em 13 de junho de 1918, numa quinta-feira, recebeu este nome em homenagem ao santo do dia de seu nascimento. Seu batismo ocorreu trinta e sete dias depois, em 20 de julho, na paróquia Santo Antônio e Almas de Itabaiana, a Igreja Matriz.

O quarto filho de Valentim José de Góes e Genoveva Maria do Sacramento foi uma das 376 crianças que nasceram em Itabaiana, em 1918<sup>2</sup> (CARVALHO, 2000). Desde março do mesmo ano, sua cidade natal estava sendo governada pelo intendente Antônio Agostinho de Oliveira, cuja gestão foi marcada pela incipiente implantação de energia elétrica, a qual só era gerada no período da noite (BALDOCK, 2017).

---

1 Carta do aspirante Antônio Góes direcionada ao padre diretor do Instituto Pedagógico Salesiano de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, datada de 27 de novembro de 1934.

2 No ano de 1918, nasceram 376 crianças em Itabaiana, sendo 200 do sexo feminino e 176 do sexo masculino (CARVALHO, 2000).



**Figura 2:** Geneveva Maria do Sacramento (20.09.1884 – 10.11.1960) e Valentim José de Góes (14.02.1886 – 22.12.1967). Fonte: acervo da família do padre Góes.

O seu nascimento representou mais uma bênção para os seus avós maternos João Pedro de Góes e Maria Francisca do Céu e para os seus avós paternos Francisco José de Góes e Anna Rosa de Almeida, os quais muito o acolheram. Os pais de Antônio, Geneveva e Valentim, eram primos carnais, visto que seus avós, João Pedro e Francisco José, eram irmãos.

Antônio Góes e seus irmãos nasceram e passaram seus primeiros anos de infância numa região rural chamada de povoado Pinhão, que, à época, pertencia a Itabaiana. Este município, até o início do século XX, tinha uma dimensão territorial mais abrangente, englobando territórios e distritos que se tornaram, anos mais tarde, futuros municípios, sendo que um destes foi Ribeirópolis (antigamente, conhecido como Saco do Ribeiro ou Distrito de Paz do Saco do Ribeiro), o qual se emancipou em 1933<sup>3</sup>. Com esta emancipação, o povoado onde o menino Antônio nasceu passou a pertencer ao novo município. Embora

---

<sup>3</sup> Informações sobre o município de Ribeirópolis disponíveis em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ribeir%C3%B3polis>>.



o seu local de nascimento, nos dias atuais, faça parte de Ribeirópolis, todos os documentos de Góes e de seus irmãos reforçam que eles são naturais de Itabaiana.



Figura 3: Dona Genoveva e Seu Valentim na plantação de seu sítio na antiga Rua do Futuro, em Itabaiana. Fonte: acervo de Josefa Bernadete Vasconcelos de Almeida.

Outra parte da infância de Antônio se deu na antiga “Rua do Futuro”, conhecida, nos dias atuais, como rua Tobias Barreto, sendo um dos logradouros mais notórios e tradicionais da cidade serrana do agreste sergipano, fazendo parte da memória de várias gerações de itabaianenses. Nesta rua, nos remotos anos das décadas de 1920 e 1930, seus pais tinham um pequeno sítio, onde plantavam cana-de-açúcar e que, após a colheita, vendiam na feira livre da cidade. Sua mãe, como cristã muito devota, dedicava-se, de corpo e alma, à paróquia Santo Antônio

e Almas. Costumeiramente, abria a Igreja Matriz, fazia toda a limpeza e colocava no altar as flores que ela mesmo cultivava em seu jardim.



**Figura 4:** A Igreja Matriz e Casa Paroquial na década de 1910. Cenário de Itabaiana nos anos de infância do padre Antônio Góes. Fonte: Carvalho (2000), foto de Miguel Teixeira da Cunha.

Seu Valentim e Dona Genoveva, analfabetos e pequenos agricultores, vislumbavam para seus filhos um caminho diferente, no qual pudessem se dedicar aos estudos e aos preceitos cristãos. Desde muito novo, Antônio se manteve obediente às ordens de seus pais e aos sinais da vida. Acompanhado de seu irmão mais velho, Paulo Leandro de Góes<sup>4</sup>, e de suas duas irmãs mais novas, Josefa Maria do Sacramento e Josefa Germana de Góes, foi levado pelos seus pais para estudar em Aracaju, capital sergipana. A filha mais velha do casal, Joana Góes<sup>5</sup>,

---

4 Assim como ocorreu com seu irmão Antônio, em sua certidão de nascimento só consta o seu primeiro nome “Paulo”. Neste livro, registra-se o nome Paulo Leandro de Góes, pois desta maneira está registrado na maioria de seus documentos pessoais e em sua carta mortuária.

5 Joana Góes nasceu em 29 de agosto de 1913. Casou-se com José Juca de Vasconcelos (22.02.1915-16.06.1973), passando a se chamar Joana Góes de Vasconcelos. Teve com seu esposo dez filhos, dentre eles, Antônio José Vasconcelos e Josefa Bernadete Vasconcelos de Almeida, os quais muito contribuíram com informações importantes e com fotografias para este livro. A querida Didi faleceu em 8 de setembro de 1979, três anos após a morte de seu irmão Antônio.



carinhosamente chamada de Didi, foi a única que permaneceu em Itabaiana, a fim de ajudar os seus pais na roça e nos afazeres domésticos. E o segundo filho do casal, Manoel Góes (22.01.1915 – 09.08.1915), faleceu quando tinha apenas seis meses de vida.



— ∞ —  
**Figura 5:** Joana Góes de Vasconcelos (29.08.1913 – 08.09.1979), a irmã mais velha do padre Antônio Góes. Fonte: acervo de Antônio José Vasconcelos, filho de Joana Góes.

As duas irmãs mais novas de Antônio foram estudar no Oratório Festivo São João Bosco (Oratório de Dona Bebé<sup>6</sup>), instituição que acolhia meninas e jovens carentes, uma vez que não havia, à época, colégio interno feminino. Os dois meninos foram cursar o ensino primário no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, que atuava como in-

---

6 Uma das mais expressivas obras sociais e educativas de Aracaju, até hoje edificada e ativa, o referido Oratório, também conhecido como “Oratório Venerável Dom Bosco” ou “Oratório da Dona Bebé”, foi fundado pela jovem sergipana, corajosa e caridosa, Genésia Fontes (conhecida como Dona Bebé ou Mãezinha Bebé), em 16 de agosto de 1914. Esta obra sempre se destinou a acolher e a educar meninas carentes. A partir de 1952, o oratório começou a ser mantido pela Congregação das Irmãs Camilianas (SILVA, 2000).

ternato, também conhecido como Tebaidinha<sup>7</sup>. Nestas instituições, os quatro irmãos se dedicavam às disciplinas de cunho pedagógico bem como aos estudos religiosos. Os pais de Antônio muito colaboravam, por meio de alimentos e de dotes que conseguiam arrecadar, com o Oratório de Dona Bebê e com o colégio salesiano.

Os irmãos Paulo e Antônio estudaram no colégio salesiano em Aracaju entre os anos de 1928 e 1931. Nesta época, o referido colégio tinha como diretor o padre José Selva<sup>8</sup>. Estando, respectivamente, com quinze e treze anos, seguiram para estudar na Escola Salesiana da Colônia São Sebastião, em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, onde iniciaram seus estudos secundários, dedicando-se aos conteúdos filológicos. Já as suas irmãs, Josefa Maria e Josefa Germana, foram seguir a vida salesiana no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, em Baturité, Ceará. Esta instituição era mantida pela Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA).

Nos quatro anos seguintes, de 1931 a 1935, Antônio realizou o aspirantado, em Jaboatão, iniciando o noviciado em 31 de janeiro de 1935, quando tinha 16 anos. Em 19 de março do mesmo ano, recebeu a batina das mãos do padre José Selva, que, à época, ocupava o cargo de inspetor da Inspeção do Norte e Nordeste do Brasil e que, anos antes, acompanhou os primeiros passos da formação salesiana de Antônio no colégio de Aracaju.

---

7 Conhecido, também, como “Colégio da Tebaidinha” ou “Oratório da Tebaidinha”, pelo fato de este colégio abrigar alunos remanescentes do antigo Colégio da Tebaida ou Colégio Agrícola Salesiano São José, localizado em São Cristóvão. O Colégio da Tebaida foi fundado em 19 de março de 1902 e durou até 1920. Já o Oratório da Tebaidinha foi fundado em 15 de novembro de 1908 e está em atuação como Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora até o presente (SILVA, 2000).

8 Padre José Selva foi diretor do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, em Aracaju-Sergipe, entre os anos de 1920 e 1931, quando foi transferido para Recife. Em 1932, tornou-se inspetor da Inspeção São Luiz Gonzaga do Norte e Nordeste do Brasil (SILVA, 2000).



Figura 6: O menino Antônio em seus primeiros anos de estudos religiosos. Fonte: acervo da ISMA.

Em 31 de janeiro de 1936, o mais novo clérigo salesiano realizou a primeira profissão trienal, em Jaboatão. Ainda nesta casa missionária, fez o primeiro e o segundo ano de Filosofia, em 1936 e 1937. Em seguida, de 1938 a 1940, cumpriu os dois primeiros anos de tirocínio prático na casa salesiana de Salvador. Já o terceiro ano de tirocínio, que ocorreu em 1941, realizou na casa inspetorial de Recife. De volta à casa salesiana de Jaboatão, concluiu a profissão perpétua em 31 de janeiro de 1942, exatos sete anos depois de seu noviciado.

De março de 1942 a 1945, realizou seus estudos de teologia no Instituto Teológico Pio XI, localizado no bairro Alto da Lapa, distrito da Lapa, cidade de São Paulo. Nesta instituição, foi colega de estudos e de ordenação do Dom Miguel D'Aversa<sup>9</sup>. Ainda na capital paulista, em 3

---

<sup>9</sup> Dom Miguel Antônio D'Aversa (Cercemaggiore/Abruzzi/Itália: 13 de junho de 2015 – Manicoré/ Amazonas/Brasil: 2003): exatamente três anos mais velho que o padre Antônio, ordenou-se sacerdote ao lado de seu correligionário, no dia 8 de dezembro de 1945. Quando houve o desmembramento das missões do Norte e Nordeste e assim nasceu a Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia, o então padre Miguel D'Aversa foi nomeado, em 9 de agosto de 1958, o primeiro inspetor desta nova instituição. Em 5 de agosto de 1962, foi nomeado Bispo da

de março de 1945, ordenou-se diácono, e no dia 8 de dezembro do mesmo ano, ordenou-se sacerdote, aos 27 anos, recebendo a ordenação das mãos de Dom José Carlos de Aguirre<sup>10</sup>. Dentre os seus correligionários salesianos que se ordenaram sacerdotes neste mesmo dia, estava o seu conterrâneo, sergipano da cidade de Riachuelo, o então padre Nestor Rabelo Sampaio<sup>11</sup> (D'AVERSA, 1982; 1992).



**Figura 7:** Pessoal do colégio salesiano do Recife de 1941. O clérigo Góes está na segunda fila, no meio. Fonte: Oliveira (1994, p. 90).

---

Prelazia de Humaitá, exercendo o bispado de 1962 a 1991. Após renunciar ao cargo de bispo, devido à idade, optou por morar na cidade de Manicoré, por onde ficou seus últimos 11 anos de vida, falecendo em 20 de março de 2004, aos 88 anos de idade e 58 anos de vida sacerdotal (ISMA, 2018a).

10 Dom José Carlos de Aguirre era ex-aluno salesiano e tinha sido nomeado pelo Papa Pio XI como primeiro Bispo Diocesano de Sorocaba, São Paulo (D'AVERSA, 1982).

11 Nestor Rabelo Sampaio: (Riachuelo/Sergipe, 29/09/1918 – Fortaleza/Ceará, 16/09/1983): com o padre Antônio Góes guarda várias semelhanças – são sergipanos, nasceram no mesmo ano (1918) e foram colegas de noviciado e de ordenação de mesma congregação católica, tornando-se sacerdotes salesianos no mesmo dia (8 de dezembro de 1945), além de terem atuado no Pará e no Amazonas. Mas, diferentemente de Góes, dedicou sua maior atuação salesiana em Salvador, Aracaju, Natal, Baturité e Fortaleza, onde faleceu em 1983, perto de completar 75 anos. Em todos os cargos que ocupou, atuou sempre com total dedicação e grande disponibilidade de serviço (D'AVERSA, 1992). Em Aracaju, há uma avenida com o seu nome, a qual interliga importantes bairros da capital sergipana.



Figura 8: Ordenação Sacerdotal e Primeira Missa do padre Antônio Góes. Em seu verso está escrito: “À caríssima irmã Maria, como pequena recordação de minha ordenação sacerdotal e primeira missa”. Fonte: acervo da família do padre Góes.

Segundo Dom Miguel D’Aversa (1982, p. 157), quando Antônio Góes fez o pedido para o presbiterado e ordenação, “os superiores deram o seguinte parecer: bom, piedoso, trabalhador, zeloso, sério e criterioso. Quantos os conheceram podem afirmar que se conservou assim até o fim de sua preciosa existência”.

Após a ordenação de seu sacerdócio, padre Antônio Góes realizou importantes atividades como salesiano. De volta a Recife, em 1946, exerceu o cargo de conselheiro escolar no Colégio de Artes e Ofícios do Sagrado Coração. Atuou, no ano seguinte, no seminário arquidiocesano de Belém, Pará, onde foi atuar como conselheiro escolar e depois assumiu o cargo de diretor da instituição até 1948, distinguindo-se pela seriedade e pelo saber. A partir de 1949, brota uma nova fase de sua vida religiosa e pessoal. Com a incumbência de exercer novamente o cargo de conselheiro, é designado pelos seus superiores para

atuar na instituição salesiana da cidade de Tapuruquara, atualmente conhecida como Santa Isabel do Rio Negro, no Estado do Amazonas (D'AVERSA, 1982).

Na época em que padre Góes foi enviado para a região Amazônica, as missões de lá faziam parte da Inspetoria Salesiana do Norte e Nordeste, a Inspetoria São Luiz Gonzaga, que tinha como sede a casa inspetorial de Recife. Em agosto de 1958, foi oficializado o desmembramento das missões da região Norte daquela Inspetoria, as quais passaram a compor a então recém-criada Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA), com sede em Manaus, cujo primeiro inspetor foi o padre Miguel D'Aversa (OLIVEIRA, 1994). Com esta separação, o sergipano optou por continuar na região do rio Negro, vinculando-se, assim, à nova Inspetoria.

A decisão para o desmembramento das missões do Norte e do Nordeste ganhou força com a visita, em 1957, do padre Renato Ziggiotti<sup>12</sup>, Reitor-Mor e quinto (5º) sucessor de Dom Bosco, o qual se convenceu do grande progresso das casas missionárias no território brasileiro e vivenciou, indo de localidade a localidade, o desafio da distância entre as missões da região Norte e a Inspetoria São Luiz Gonzaga (ISMA, 2008a).

Portanto, entre 20 de julho e 8 de agosto de 1958, no colégio salesiano do Recife, foi realizado o 18º Capítulo Inspetorial, onde a principal pauta discutida foi a divisão da Inspetoria São Luiz Gonzaga. Entre os capitulares, estava o padre Antônio. O texto construído sobre a orientação do padre Pascoal Filipelli foi aprovado e enviado a Roma para decisão no 19º Capítulo Geral, o qual acatou a proposta do Capítulo Inspetorial, criando assim, em 1958, a nova Inspetoria do Norte,

---

12 Padre Renato Ziggiotti tornou-se Reitor-Mor no dia 2 de julho de 1952, aos 60 anos de idade. Durante o seu reitorado, visitou os salesianos do mundo inteiro, inclusive as missões da região do Alto Rio Negro, Amazonas, Brasil (LENTI, 2014).



a Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA), denominada de São Domingos Sávio, contemplando os estados do Amazonas, Pará, Maranhão e territórios limítrofes (ISMA, 2008a; ISMA, 2018a).

As missões que se ergueram na região da Amazônia eram compostas, em sua maioria, por salesianos estrangeiros que viam da Espanha, da Alemanha e, principalmente, da Itália. A presença de missionários brasileiros era bem tímida. E um deles era o padre Antônio Góes, sergipano, que, com suas peculiaridades de convivência e costumes, soube potencializar suas características nordestinas em sua trajetória religiosa.



—∞—  
**Figura 9:** Padre Antônio Góes celebrando a missa. Fonte: acervo de Josefa Bernadete Vasconcelos de Almeida, sobrinha do padre Góes.

De 1950 a 1952, o padre Góes ocupou o cargo de diretor da sede da missão do rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira, município que se localiza no extremo noroeste do Amazonas, fazendo fronteira com a Venezuela e a Colômbia. Foi em São Gabriel que se estabeleceu a primeira missão salesiana da Amazônia em 1914 (AZEVEDO, 2007). Em 1953, foi enviado para exercer a direção da missão salesiana entre os indígenas da etnia Tucano, em Iauareté, na divisa com a Colômbia. Lá, atuou por apenas um ano.

No “*Bollettino Salesiano*”<sup>13</sup> de novembro de 1954 (p. 407), há uma passagem que revela o episódio em que o padre, à época, superior do Centro Missionário em Iauareté, ficou emocionado quando celebrava a missa na localidade de “Santa Maria”, que fica à margem oposta à missão. Sua comoção foi motivada pelo fato de presenciar um grande número de índios que recitavam o rosário enquanto acompanhavam a procissão que antecedeu a celebração da santa missa. Nesta ocasião, ele expressou:

Aos vinte e nove anos, celebrei a primeira missa neste lugar, e não eu encontrei ninguém que pudesse responder a Ave Maria; agora, eu vejo tantas pessoas que rezam e cantam os louvores à Mãe Santíssima!

Desde quando ocupara o cargo de diretor da sede da missão do rio Negro e da missão de Iauareté, padre Góes ouvia falar de indíge-

---

13 *Bollettino Salesiano* ou *Il Bollettino Salesiano* foi concebido por Dom Bosco em agosto de 1877, compreendendo um instrumento oficial de união e de governo, com a finalidade de criar e de manter comunicação entre os cooperadores salesianos presentes nas mais diversas inspetorias e missões, dentro e fora da Europa, como forma de manter os integrantes da Congregação de São Francisco Sales unidos. O *Bollettino* sucedeu um folheto iniciado em 1875, denominado de *Bibli-filo Cattolico* que objetivava fomentar boas leituras, bem como oferecer ideias morais e religiosas (LENTI, 2014).



nas que viviam nas redondezas do rio Cauaburis, próximo ao Pico da Neblina<sup>14</sup>. Estes eram identificados pelos moradores, principalmente pelos residentes de São Gabriel da Cachoeira e de Tapuruquara, como índios ferozes, violentos e raptadores.

Logo, desejando contatar estes nativos, conhecidos, à época, como “macus do mato” pelos habitantes das cidades e dos povoados banhados pelo rio Negro e seus afluentes, sendo hoje conhecidos como Yanomami por todo o mundo, padre Góes obteve de seus superiores salesianos a desejada licença, e partiu rumo ao rio Cauaburis.

---

14 O Pico da Neblina é conhecido e chamado de “Yaripo” pelos Yanomami. No Parque Nacional do Pico da Neblina é desenvolvido, pelas comunidades da região do rio Cauaburis, o projeto “Yaripo – Ecoturismo Yanomami”, o qual objetiva *“melhorar a qualidade de vida dos Yanomami da região do rio Cauaburis e afluentes através da promoção do ecoturismo de base comunitária ao Yaripo, e mostrar ao mundo que o Pico da Neblina é um lugar sagrado para os Yanomami”* (AYRCA & AMYK, 2017, p. 16).

## Os primeiros contatos com os Yanomami<sup>1</sup>



“Foi, então, em 1952. Em meus frequentes contatos posteriores e longa estadia entre eles, eu pude conhecê-los melhor”.

**Padre Antônio Góes, 1956, p. 97**

**N**a manhã do dia 8 de abril de 1952, quatro caboclos navegavam no rio Cauaburis, precisamente na região fluvial conhecida como ‘igarapé da Aliança’, com o objetivo de chegar em um ponto da floresta amazônica para extrair látex de árvores balateiras e buscar peles de animais, como, por exemplo, de ariranha e de onça. Estes homens eram o senhor João Tavares<sup>2</sup> e seus filhos, Eugênio Tavares e Edson Tavares, acompanhados de um amigo da família, Manuel Vittorio, apelidado de “o negro” (BIOCCA, 1966a).

Além destas intenções de extrair látex, de coletar balata e de buscar peles de animais para vender nos rincões do rio Negro e afluentes,

---

1 As narrações deste capítulo foram obtidas em entrevista com o líder Yanomami Júlio Góes, realizada pelo seu filho Alberto Brazão Góes, em outubro de 2016. Estas narrações se somaram às referências bibliográficas citadas.

2 João Tavares de Lima: nasceu no município de Crato, Ceará, no dia 24 de junho de 1899 e faleceu em Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas, em 12 de março de 1970. João Tavares era regatão e coletava látex de balateiras e de seringueira bem como outros recursos da Floresta Amazônica para vender nas várias localidades ribeirinhas do rio Negro e afluentes.



estes homens tinham o objetivo de confirmar a existência de habitações de índios naquela região. Eles alimentavam este propósito, uma vez que, anos antes, enquanto João Tavares navegava no Cauaburis, com sua esposa Márcia Maria de Souza, indígena da tribo Tucano, esta foi flechada nas costas por Yanomami daquela região. Este episódio aconteceu antes de todos os filhos do casal nascerem, mas não foi tempo bastante para João Tavares esquecer. Seu filho Edson era um dos mais revoltados com este episódio e carregava em si a vontade de contactar estes indígenas.

Segundo o biólogo Ettore Biocca (1966a), pesquisador que muito se dedicou a estudar os Yanomami e que publicou importantes obras sobre estes grupos indígenas, Eugênio Tavares já havia acolhido em sua casa, por certo período, três crianças Yanomami, vítimas de sequestro feito por caboclos da região, após um confronto com grupos destes nativos no início da década de 1940, ao longo do igarapé Aboara, próximo ao rio Negro. Logo, Eugênio, seu pai e seu irmão somavam motivos que fortaleciam a vontade de voltar para a região do Cauaburis.

João Tavares e seus companheiros não imaginavam que, naquela manhã do dia 8 de abril, já estavam sendo observados, desde longo percurso, por dois Yanomami que avistaram a canoa com motor de popa subindo o rio. Estes dois indígenas se afastaram de seu grupo e atalharam as matas da margem a fim de acompanhar a canoa. Em determinado momento, viram os caboclos se encostarem na praia, do outro lado do rio, para preparar e tomar café. Minutos depois, Eugênio e Edson entraram na canoa e foram até o meio do rio para pescar, distanciando-se da praia e se aproximando da outra margem onde estavam os nativos. Estes, escondidos atrás das árvores, começaram a se preparar para atacar ou para se proteger, caso fossem agredidos. Ficaram na dúvida se flechavam ou tentariam o contato. Os dois ca-

boclos que estavam na canoa começaram a sentir, do mesmo modo, a presença dos indígenas, mas trataram de tomar uma postura serena e pacífica. Enquanto isto, João Tavares e Manuel Vittorio, que ficaram na beira da praia, já tinham começado a tratar peixe para se alimentar (GIACCONE, 1954; BIOCCA, 1966a).



— ∞ —  
**Figura 10:** Eugênio Souza Tavares (Santa Isabel do Rio Negro/AM, 03/01/1930 – Manaus/AM, 21/06/2016) – dentista prático sem formação. Fonte: acervo da família Tavares.

Percebendo o movimento dos napë<sup>3</sup> (não Yanomami), um dos índios apareceu na margem do rio, gritando e fazendo gestos. Eugênio conseguia apenas entender um pouco do que o nativo expressava. Sendo assim, prosseguiu com sua canoa até se aproximar dele. Ao chegar perto do indígena, ofereceu alimentos e utensílios e se fez entender que era para ele entrar na canoa e ir para onde João Tavares e Manuel Vittorio estavam tratando os peixes. O índio aceitou o convite e entrou na canoa. Ao chegar na praia, os caboclos deram a ele uma cuia de farinha, que, ao comer, começou a se entalar. De imediato, acudiram-no, oferecendo-lhe água e batendo em suas costas. Este Yanomami passaria, mais tarde, a ser conhecido pelo nome de José (GIACCONE, 1954; BIOCCA, 1966a; MENEZES, 2010).

---

3 Napë: categoria de alteridade usada para se referir a pessoas não Yanomami (FERREIRA, 2017).

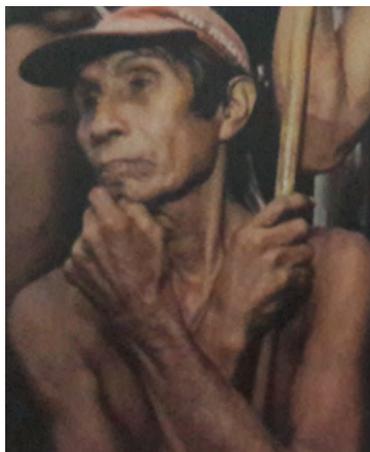


O irmão de José, que no outro lado do rio estava escondido dando cobertura, apareceu na margem, fazendo sinais. Os caboclos decidiram atravessar, novamente, para buscá-lo. Chegando lá, ele se intimidou, resistindo para não ir. Mas pela insistência, rendeu-se ao convite e foi em companhia dos napë. Ao chegar na praia, ele, assim como seu irmão, provou a farinha e se alimentou. Este indígena passaria a ser denominado de Roberto. Os dois Yanomami receberam bastante farinha para levar para comunidade, além de terçados, chapéu de palha, latas vazias e outros objetos. João Tavares e seus companheiros gesticularam com o intuito de expressar que iriam subir o Cauaburis e que a barraca deles iria continuar ali. Expressaram, também, que, quando voltassem para aquele mesmo local, deixariam latas de farinha como sinal de que eles estavam caçando e pescando naquela redondeza e que retornariam para descansar. Portanto, explicaram, por meio de gestos, que voltariam a se encontrar naquele mesmo ponto do rio (GIACCONI, 1954; BIOCCA, 1966a).

Sobre todo este episódio, o Yanomami José relata que, ao ver a canoa com os dois homens se aproximando pelo igarapé, preparou-se para atirar uma flecha embebida de curare (substância venenosa letal que provoca comprometimento das vias respiratórias). Porém, seu irmão Roberto não consentiu e o impediu, dizendo que não era para atacar, porque eles precisavam fazer contato pacífico com os napë. Caso acontecesse o ataque, o destino dos futuros contatos entre os não indígenas e os Yanomami poderia seguir outros rumos (MENEZES, 2010; SANTOS E THIELEN, 1996).

Há uma hipótese para explicar a necessidade de estes grupos indígenas promoverem um contato pacífico com os brancos. A provável explicação era que os antepassados Kohoroxithari, que viviam de forma seminômade na região do sopé do Pico da Neblina e que tinham se envolvido em inúmeros conflitos com seringueiros e balateiros nas dé-

cadadas de 1930 e 1940, estavam em um breve momento de trégua. Logo, buscavam, por meio dos não indígenas, obter instrumentos como facas, panelas, ganchos e até medicamentos, a fim de ajudar em sua sobrevivência (SEITZ, 1963; COCCO, 1972; FERGUSON, 1995).



— ∞ —  
**Figura 11:** O Yanomami José, o primeiro a realizar contato pacífico com João Tavares e seus companheiros. Fonte: Santos e Thielen (1996, p. 48), foto de Rogério Reis.

O tuxaua Júlio Góes<sup>4</sup> da comunidade Ariabú, da região de Maturacá, reforça esta necessidade de que os Yanomami sentiam em fazer contato com os não indígenas para a obtenção de instrumentos, ao enfatizar que

---

4 Júlio Góes é Líder Yanomami da comunidade Ariabú, respeitado por todas aldeias Yanomami de Maturacá e de outras regiões. Foi batizado, registrado e criado pelo padre Antônio Góes, sendo alfabetizado no internato de Santa Isabel do Rio Negro. Foi o primeiro Yanomami a se tornar professor de sua comunidade e o que melhor fala português. Apresenta forte conhecimento dos códigos da sociedade nacional, apresentando-se como um importante mediador nas relações interétnicas entre os indígenas e os não indígenas, entre os Yanomami e os napê (não-Yanomami). É um dos líderes mais influentes na política indigenista no rio Negro, sendo que muito contribuiu na demarcação da Terra Indígena Yanomami e na criação da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), sendo, também, o iniciador da mobilização das comunidades indígenas rionegrinas para a criação da Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA). Sempre é indicado para presidir assembleias e proferir discursos aos não indígenas (FERREIRA, 2017).



Isto sempre estava fixo ao povo que necessitava de objetos como terçado, machado, panela, anzol, enfim, porque eles queriam possuir para facilitar, fazer roça, para fazer lenha, para ter como pescar. Enfim, isso sempre foi a esperança de um povo Yanomami que precisava ter contato pacífico com o homem não Yanomami.

Uma semana depois, no local combinado, os quatro aventureiros se encontraram com os mesmos jovens nativos, além de outros. Perceberam que aquele ponto do rio era muito visitado pelos índios, pois no caminho próximo à floresta, no pé da serra, havia plantações de banana. Novamente, trocaram alimentos e utensílios, inclusive terçados. Após este segundo encontro, combinaram que voltariam a se encontrar depois de quatro luas (quatro meses), naquele mesmo local (GIACCONE, 1954; BIOCCA, 1966a).



—∞—  
**Figura 12:** Líder Yanomami Júlio Góes. Fonte: acervo de Alberto Góes, filho de Júlio Góes.

## Compartilhando o encontro com o Padre Antônio Góes



Quando foram à São Gabriel da Cachoeira, João Tavares e seus filhos tinham o propósito inicial de contar a notícia deste encontro ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mas desistiram e decidiram comunicar aos salesianos, pois achavam que era melhor que possíveis futuros contatos fossem realizados pelos religiosos.

Portanto, compartilharam toda a aventura com o padre Antônio Góes que, à época, ocupava, desde 1950, o cargo de diretor da sede da missão salesiana de São Gabriel da Cachoeira e que, periodicamente, costumava visitar as comunidades ribeirinhas adjacentes. Os Tavares o convidaram a fazer juntos uma viagem. Padre Góes, que já tinha ouvido falar da presença destes povos e alimentava a possibilidade de realizar um encontro com eles, certamente se ofereceu para os acompanhar, dizendo “*irei eu mesmo verificar*” (AZEVEDO, 2007, p.54).

Desde quando ficou sabendo, por meio dos moradores de São Gabriel, da presença de indígenas nas proximidades do Cauaburis e depois de ouvir dos próprios Tavares a história do primeiro contato cordial deles com os nativos, padre Antônio alimentou o desejo de continuar e intensificar este contato, de maneira pacífica, com estes belos e, até então, desconhecidos índios.

Conforme informações obtidas com o salesiano Irmão Gulli<sup>5</sup>, da Inspetoria Salesiana de Manaus, padre Antônio afirmou que, depois

---

5 O salesiano coadjutor Irmão José Gulli foi procurador da Prelazia do Rio Negro/Diocese de São Gabriel da Cachoeira e do Bispo por 14 anos seguidos e por mais de 30 anos foi adido como apoio logístico para a Prelazia/Diocese de São Gabriel e das missões Salesianas do rio Negro. Irmão Gulli, com sua iniciativa benevolente, amável e generosa, realizou entrevistas com indígenas e ribeirinhos que conheceram e conviveram com o padre Góes, obtendo relatos preciosos sobre a trajetória do biografado. Gulli, também, atuou como revisor de todo o texto do livro (com exceção de dois capítulos e de alguns parágrafos elaborados em período próximo à publicação), orientando e apontando importantes informações e sugestões para elaboração deste escrito.



de ter escutado o relatório do primeiro encontro dos Tavares com os Yanomami ao longo do rio Cauaburis, resolveu procurar um grande amigo, José Maria, para informar sobre a sua intenção de promover um encontro pacífico com estes nativos. José Maria era muito influente do prefeito de São Gabriel, à época, Eugênio Gonçalves Navarro. O salesiano combinou com seu amigo que, se não voltasse entre trinta dias, ele poderia organizar uma excursão de homens da cidade para resgatá-lo, vivo ou morto, caso fosse possível.

Mas, padre Góes ainda faltava receber permissão dos superiores de sua Inspeção. O inspetor e os demais padres e irmãos não escondiam que temiam pela vida do missionário. Alguns não concordando com a proposta e achando que era um ato de teimosia do religioso, aconselhavam-lhe a não levar esta ideia adiante. Porém, não o impediram. Os seus superiores, mesmo com algumas resistências, deram todo o apoio necessário, permitindo ao sergipano a tão almejada façanha de realizar este contato. Sentindo-se acolhido pelos seus pares, suplicou que rezassem por ele, caso ele não retornasse. E assim se despediu de todos da missão de São Gabriel rumo ao rio Cauaburis (GIACCONE, 1954).

### Primeira viagem do Padre Góes



Entre agosto e setembro de 1952, o missionário sergipano partiu com os dois irmãos Tavares, Eugênio e Edson, além do ajudante da família, Manuel Vittorio. Somente João Tavares não fez parte desta expedição. Foram vários dias subindo o rio, superando todas as quedas d'água presentes em seu curso (BIOCCA, 1966a).



—∞—  
**Figura 13:** Edson Souza Tavares (Santa Isabel do Rio Negro/AM, 16/09/1934 – Manaus/AM, 20/10/2016) – agricultor e prático de embarcação no Rio Negro. Fonte: acervo da família Tavares.

Ao chegarem no lugar do primeiro contato, próximo ao igarapé da Aliança, um dos tripulantes subiu em uma árvore e sinalizou presença com três tiros de fuzil. Mas, nada de sinal da presença dos nativos. Todo o dia fora de paciente espera. O tempo continuava passando, e não havia sinal de algum indígena. Sendo assim, resolveram ir até o canal de Maturacá, onde encontraram vestígios de presença humana. Ao longo do caminho, passaram por baixo de um cipó que, de tão grande, dava para atravessar o canal. Logo, suspeitaram que aquele cipó era o meio que os índios tinham para se deslocarem de uma margem a outra, visto que eles não usavam canoas. Então, decidiram ficar ali até o amanhecer de um novo dia. Na manhã do dia seguinte, pelo fato de não ter aparecido ninguém, deixaram tambores de gasolinas vazios no local e avançaram pela floresta. Não havendo encontrado nada, voltaram para a foz do Maturacá e seguiram subindo o rio Cauaburis, a caminho do igarapé Tucano (GIACCONE, 1954; BIOCCA, 1966a; ISA, 1993).

Dia após dia, entravam cada vez mais na cortina verde, mas não encontravam nenhum indígena. A contar do início da expedição, fo-



ram cerca de 20 dias procurando sem obter sucesso e com os desafios aumentados pela falta gradativa de comida. Mas, por sorte, depararam-se com uma manada de porcos que cruzava o rio. Mataram alguns para se alimentarem. Avistaram um lugar na margem favorável para acampar até a chegada de um novo dia. Ao amanhecer, padre Antônio celebrou uma missa. Após a celebração, decidiu seguir mais um pouco a trilha pela floresta. Novamente, um dos homens subiu em uma árvore e deu mais três tiros para o alto, mas, mais uma vez, nenhum sinal da presença dos nativos (GIACCONE, 1954; ISA, 1993).

Já desanimado e com a intenção de retornar para São Gabriel, o salesiano lembrou que esqueceu sua espingarda pendurada em um ponto da mata, perto da margem do Maturacá. Logo, combinou que ia entrar um pouco mais na floresta, enquanto seus companheiros permaneceriam na margem, dentro do barco. Em um ponto da mata, de onde ainda dava para ver a margem do rio e o barco, padre Góes suspeitou que estava sendo seguido. Quando avistou a espingarda e estendeu o braço para pegá-la, viu um índio na frente dele e, quando menos esperava, havia outros nativos, os quais se aproximaram e abordaram o missionário de forma abrupta, fazendo-o cair no chão. Caído, percebeu que algumas flechas estavam direcionadas para si. Eram todos do grupo Kohoroxithari, incluindo José e Roberto, os dois indígenas que fizeram contato com os Tavares, há quatro meses. Todos estavam pintados de preto. (GIACCONE, 1954; BIOC-CA, 1966a; ISA, 1993).

Percebendo que o homem barbudo não reagiu, deixaram-no se levantar e aos poucos foram tocando em suas mãos, puxando a sua barba, bem como colocaram as mãos em seus bolsos. Tomaram tudo que o aventureiro levava, inclusive roupas e sapatos. Padre Antônio consentiu, mostrando grande satisfação e alegria. Apontou para o barco que estava a certa distância e onde estavam seus companheiros,

gesticulando que iria até lá para pegar outros objetos para eles. Mas, os índios expressavam para que o religioso os acompanhasse pela mata adentro, o que o deixou com receio. Desta forma, ele sinalizou para seus companheiros, que estavam na margem, para permanecerem no barco (GIACCONE, 1954; BIOCCA, 1966a; COCCO, 1975; ISA, 1993).

O sacerdote e os índios avançaram uns 200 metros, onde passaram por um pequeno tapiri, uma espécie de barraca construída pelos indígenas durante suas incursões pela floresta, constituída de quatro esteios e telhado de palha. Os índios gesticularam informando que eles recolheram os tambores de gasolina que estavam nas margens do canal de Maturacá, como também, fizeram entender que aquela manada de porcos que serviu de alimento para o padre e seus companheiros foram enxotados por eles para a beira do rio. Naquele mesmo ponto, Góes avistou que havia um conjunto de tapiris um pouco mais para o interior da mata, porém os índios não permitiram que ele se aproximasse, bloqueando o seu caminho (ISA, 1993).

Então, padre Góes os chamou para se aproximarem da margem, onde estava o seu barco. Alguns índios o acompanharam. Outros, porém, continuavam a postos com seus arcos e flechas. Ao chegarem no barco, os nativos pegaram muitos utensílios, somente deixando as redes de dormir. Eles apontaram para um possível lugar, navegando abaixo do canal de Maturacá, onde o salesiano e seus amigos poderiam encontrar outros grupos indígenas semelhantes. O salesiano expressou, da forma como conseguia se comunicar, que, depois de alguns meses, voltaria a realizar um novo encontro com eles naquele mesmo local (GIACCONE, 1954; BIOCCA, 1966a; COCCO, 1975).

Depois deste inesquecível primeiro contato direto com os Yanomami do Cauaburis, Góes seguiu viagem de volta para São Gabriel da Cachoeira, acompanhado de seus amigos aventureiros, cumprindo assim o acordo que ele tinha feito com José Maria. Sobre este retorno do padre



sergipano à São Gabriel após esta primeira excursão, o irmão salesiano José Gulli conta que o religioso bateu na porta de José Maria em hora bem avançada. Este e outros homens da cidade estavam em vigília para saída em busca do padre, vivo ou morto. Quando ouviram as batidas na porta, ficaram alarmados e receosos em abrir. Custou para o sacerdote convencer que era ele mesmo e que estava bem e sozinho.

Segundo padre Luis Laudato (1983; 1998), baseando-se em uma das crônicas salesianas escritas pelo próprio padre Antônio Góes, o contato pioneiro com os temidos Kohoroxithari ocorreu precisamente no dia 11 de setembro de 1952. Para Laudato, além de ter sido bastante arriscada, esta maior aproximação com os Yanomami significou, acima de tudo, uma atitude humilde, corajosa e generosa por parte do destemido sergipano.

## Segunda viagem do Padre Góes



Transcorridos alguns meses, em dezembro de 1952, padre Góes fez sua segunda visita aos índios do Cauaburis, sendo, desta vez, acompanhado por quatro homens da tribo Tucano, da região de Iauareté, onde havia uma missão salesiana fundada desde 1929. Eles levaram muitas roupas e muitos utensílios. O rio estava mais cheio e as cachoeiras estavam praticamente intransponíveis, por isso estava muito difícil navegar. Após intensos cinco dias, o salesiano e seus companheiros chegaram ao ponto marcado com os indígenas do Cauaburis durante o primeiro contato. Mas, os nativos não apareceram devido à inundação do rio que, aliás, havia forçado o deslocamento deles para o xapono (casa comunitária ou aldeia) que ficava no sopé da serra do Pico da Neblina, fronteira entre o Brasil e a Venezuela (GIACCONE, 1954).

Enquanto paciente e esperançosamente aguardava realizar um novo encontro com aqueles indígenas, padre Antônio decidiu cons-

truir uma cabana e uma pequena capela com uma imagem de Maria Auxiliadora, no canal de Maturacá. Neste mesmo lugar, anos mais tarde, seria edificada a primeira missão salesiana entre os Yanomami. A cada dia que se passava, ao adentrar a floresta, o salesiano sinalizava a sua presença com queima de tiros (GIACCONE, 1954).

Passados treze dias, finalmente, ele avistou a aproximação de cerca de quarenta jovens armados com arcos e flechas. Assim como da primeira vez, o encontro foi cordial. Eles ofereceram arcos, flechas e bananas, recebendo roupas, terçados e outros objetos, em troca. O missionário os convidou para se aproximarem da capela, mostrando-lhes a imagem de Maria Auxiliadora. Ficou contente quando percebeu a admiração que eles tiveram diante da imagem, porém, ao mesmo tempo, sentiu-se impotente por não poder expressar verbalmente o que significava a Mãe de Jesus Cristo, pois ainda não sabia quase nenhuma palavra da língua destes nativos. Em seu íntimo, suplicou à Nossa Senhora que intercedesse a estes novos irmãos. Após este momento, os indígenas voltaram para sua aldeia com os utensílios obtidos com este mais novo encontro e combinaram que voltariam no dia seguinte para encontrar Góes e seus companheiros (GIACCONE, 1954).

Chegada à noite, o sacerdote rezou o terço em companhia dos quatro homens Tucanos. Estava tudo em silêncio e sem sinal de outras pessoas. Passaram a noite no acampamento, improvisando redes com cascas gigantes de árvores para dormir e se alimentando de bananas doadas pelos índios. Ao amanhecer, celebrou uma missa com muita fé e renovou a esperança para uma possível entrada na aldeia destes indígenas (GIACCONE, 1954).

Ele não tinha acabado de rezar quando viu se aproximar um homem com a cabeça e os braços adornados com vistosas penas de araras. Parecia ter em média cinquenta anos. Estava acompanhado de outros índios jovens. Estava trêmulo e um pouco desconfiado por achar



que poderia ser reconhecido como um daqueles que, outrora, lutaram contra os caboclos da região. O missionário o saudou com um sorriso bem expressivo, ofertando-lhe alguns objetos. O indígena, que era o chefe da tribo, sentindo-se acolhido, tirou os seus ornamentos e ofereceu ao salesiano que, ao recebê-los, procurou se enfeitar, mas com bastante dificuldade. O líder indígena, ao ver isto, foi se apresentando mais tranquilo e os seus companheiros se abriram em risos. Mais uma vez, o sacerdote demonstrou a vontade de conhecer a aldeia destes novos amigos, mas, novamente, eles não consentiram. Então, expressou que voltaria a São Gabriel, mas que iria deixar, naquele local, a capela com a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora (GIACCONE, 1954).

Quando o salesiano e seus ajudantes se aproximaram do barco para iniciar a viagem de volta, dois jovens do Cauaburis insistiram em ir com eles. Logo, teve a ideia de leva-los à missão de São Gabriel, para que eles pudessem passar alguns dias com indígenas de outras tribos, bem como com não indígenas (GIACCONE, 1954; MARCHESI, 1963; MASSA, 1965).

Sendo assim, iniciaram a viagem de volta e como já estava próximo do cair da noite, eles prepararam uma pequena cabana e penduraram as redes para dormir. Mas, durante toda madrugada, padre Góes ficou insone e reflexivo. Chamava-lhe a atenção o fato de somente homens aparecerem, sem estarem acompanhados por mulheres e crianças. Ficava imaginando, então, como seria esta tribo, seus costumes e onde a aldeia realmente ficava localizada no meio daquela densa floresta. Pensava, também, como estes seus dois novos companheiros seriam recebidos pela comunidade salesiana de São Gabriel (MARCHESI, 1963).

Ao amanhecer, partiram rumo à missão sede em São Gabriel. Ao chegarem, os dois Yanomami foram recepcionados pelos religiosos. Logo, receberam roupas e outros utensílios. Já nos primeiros dias na instituição, os

dois nativos se mostraram abertos para aprender os nomes das coisas em língua portuguesa. Os novos hóspedes ficaram por lá poucos dias (COSTA, 1953; GIACCONE, 1954; MARCHESI, 1963; MASSA, 1965).

No final de 1952 e início de 1953, o padre João Resende Costa, conselheiro do Capítulo Superior dos Salesianos e representante no Brasil do padre Renato Ziggotti (Reitor Mor e 5º Sucessor de D. Bosco) visitou as missões salesianas do rio Negro e afluentes. Uma destas visitas ocorreu em Iauareté, para onde o padre Antônio estava se dirigindo com o objetivo de exercer o serviço de diretor desta missão, levando consigo os dois Yanomami. Nesta ocasião, padre Góes teve a oportunidade de apresentá-los ao visitante (OLIVEIRA, 1994).

Em abril de 1953, o próprio padre João Resende Costa escreveu um artigo sobre esta viagem a vários pontos do rio Negro, sendo seu escrito publicado no *Bolletino Salesiano* de agosto de 1953. No referido documento, o conselheiro superior lembra de seu encontro com os dois indígenas do Cauaburis, relatando que, no final do ano de 1952, o missionário Góes visitou pela segunda vez estes nativos, trazendo os dois para a missão de Iauareté, onde foram acolhidos pelos salesianos (COSTA, 1953).



—∞—  
**Figura 14:** Da direita para esquerda: Mons. Resende Costa, padre Góes com os dois jovens indígenas, Mons. Domitrowitsch e padre Marchesi. Fonte: Costa (1953, p. 303).



No domingo seguinte, os dois Yanomami entraram na igreja, sentando-se em um lugar reservado perto do altar. Eles ficaram observando com curiosidade o bispo que celebrava a missa. Estes dois jovens foram batizados no cristianismo, passando a ser chamados de Celestino e Pedro, sem perder, porém, os seus nomes originários da tradição Yanomami. Em Iauareté, eles permaneceram por, aproximadamente, três meses, tendo assim uma convivência prolongada com salesianos e nativos de outras tribos (GIACCONE, 1954; GÓES, 1956; MARCHESI, 1963; MASSA, 1965; OLIVEIRA, 1994).

### Terceira viagem do Padre Góes



**E**m março de 1953, o missionário fez uma terceira visita ao Cauaburis. Nesta época, já estava ocupando o cargo de diretor da missão de Iauareté. Acompanhado dos Yanomami Celestino e Pedro, regressou ao ponto onde deixou a capela de Nossa Senhora Auxiliadora. A imagem de Nossa Senhora encontrava-se no mesmo lugar, na margem do canal de Maturacá. Chegando à margem deste canal, portanto, os jovens o ajudaram a montar uma cabana onde passaram a noite. Góes ficou pensando que, nesta visita, poderia ter a oportunidade de fazer o primeiro encontro com toda a tribo (MARCHESI, 1953).

No dia seguinte, logo ao amanhecer, o sacerdote celebrou uma missa com os dois jovens. Depois, começaram a ir ao encontro de seus parentes, soando gritos e lançando tiros para o ar. Rapidamente, jovens e adultos Yanomami apareceram. Foi algo impressionante o reencontro de Celestino e de Pedro com seus parentes, depois de meses distantes da tribo. Ainda, desta vez, não apareceram mulheres e crianças, somente homens jovens e adultos. O religioso trazia muitas roupas, grandes e pequenas, organizadas pelas Filhas de Maria Auxiliadora.

liadora (FMA). Em troca, recebeu arcos, flechas e muita banana dos anfitriões da floresta (GIACCONE, 1954; MARCHESI, 1963). Depois de horas deste novo encontro, os nativos, incluindo os dois jovens, deixaram o missionário na confluência do Maturacá e voltaram às suas malocas. Durante a despedida, padre Góes combinou que após duas luas (dois meses), voltaria a se encontrar com eles (GIACCONE, 1954; MARCHESI, 1963; MASSA, 1965).

O sergipano lamentou por não conseguir, ainda, nesta terceira tentativa, conhecer o xapono dos Yanomami. Portanto, procurava compreender qual o motivo de eles não o convidarem e de não o conduzirem à aldeia e ao, mesmo tempo, imaginava como seria este primeiro momento de sua chegada ao xapono destes nativos e o encontro com toda a comunidade. Sendo assim, continuava esperançoso e confiante em realizar esta almejada façanha (GIACCONE, 1954; MARCHESI, 1963; MASSA, 1965).

## A chegada do Padre Góes ao xapono Yanomami



**E**m meados de maio de 1953, o padre Antônio partiu de barco acompanhado pelos irmãos Eugênio e Edson Tavares. Seguiram em direção ao rio Cauaburis, determinados a conhecer o xapono dos Yanomami. Primeiramente, dirigiram-se ao local onde Góes deixou a capela com a imagem de Maria Auxiliadora, no canal de Maturacá. Observou que havia sinais de que os indígenas a tinham visitado outras vezes. Ao chegarem, sinalizaram presença com tiros para o alto e procuraram caçar para se alimentar (MARCHESI, 1963).

Desta vez, decidiram não esperar que os nativos viessem ao seu encontro. Descarregaram boa parte da bagagem que traziam no barco, deixando no acampamento. Navegaram do canal de Maturacá até



o igarapé Tucano, onde ao atracar na margem, começaram a seguir uma trilha, floresta adentro. Ao chegarem em determinado ponto desta trilha, começaram a ouvir vozes e pressentiram que estavam sendo observados e acompanhados. Sentiram, assim, que estavam na direção certa. Para sinalizarem que estavam no caminho, deram outros tiros para o alto.

Sobre estes momentos que antecederam a entrada do missionário no xapono dos Yanomami, o senhor Júlio Góes, atual representante da comunidade de Ariabú que, à época, era uma criança pequena (*ihiru*, em Yanomami), recorda que:

Naquele dia, todos os Yanomami estavam presentes na comunidade, no xapono. Ninguém tinha saído ainda para caçar, para pescar, para roça, para procurar fruta. Ninguém tinha saído, ainda. E ninguém sabia se estava vindo coisa tão esperada. Esperança que estava se realizando. Quando os Yanomami estavam se preparando para sair, para fazer seus afazeres, escutaram do nada um tiro e aí todo mundo deu um grito – poum, poum, poum – “poum” quer dizer estouro (...) E os dois que já tinham contato, eles se obrigaram a ver se eram eles, porque a notícia já estava concretizada na comunidade em todo sentido. Já estava esperando. E a espera era este sinal, a entrada do napë na aldeia Yanomami. Aí os dois que fizeram o primeiro contato se arriscando, ainda muito tímidos, foram ao encontro dos tiros.

Então, de forma repentina, apareceram no caminho dos aventureiros os já conhecidos Yanomami dos contatos anteriores, José e Roberto. Estes saudaram o padre e seus companheiros e, por meio de gestos, expressaram que estavam permitindo que eles pudessem entrar na aldeia, compreendendo, assim, uma atitude de confiança dos anfitriões. Combi-

naram que o salesiano deveria ir um pouco mais à frente e que os seus ajudantes ficariam na retaguarda, levando parte da carga. Dando passos adiante, o missionário sergipano chegou a realizar o grande feito – entrar no xapono dos Kohoroxithari, no sopé do Pico da Neblina.

Desde os primeiros contatos com os nativos do rio Cauaburis, somente nesta quarta jornada, com a permissão dos próprios Yanomami, foi possível concretizar este inédito fato histórico (BIOCCA, 1966a).

O atual líder Yanomami Júlio Góes reitera que todas e todos de sua tribo sabiam da aproximação dos napë. Num determinado instante,

Um homem alto, robusto e barbado vinha entrando com fé e coragem, sem medo, olhando para os lados, olhando, com a arma no ombro. Ele veio e não parou. Os demais que estavam no centro com flecha e tudo disseram lá, ali, no centro. Indicaram que era a casa do chefe, do tuxaua. Na época era, e hoje em dia já é finado, o tuxaua Joaquim. Aí o padre foi, foi, foi, chegou lá. Colocou a arma dele lá em cima, onde estava amarrado, onde jamais Yanomami coloca coisa dele, flecha dele, lá em cima. Foi muito de se admirar. Era um grande gigante que estava entrando.

### Sinal luminoso



Segundo relato de Júlio Góes, dois dias antes da entrada do missionário Antônio Góes na aldeia, ocorreu um fato marcante para os antigos Kohoroxithari. Em uma noite de lindo luar, mulheres Yanomami viram surgir no céu estrelado uma luz branca, muito forte, que se aproximava do xapono. Espantadas, chamaram os senhores e todos os adultos, os quais, rapidamente, armaram-se com arcos e flechas. As mulheres entraram nas casas e os homens cercaram todas as entradas da aldeia. A luz branca se aproximava, cada vez mais, até alcançar e



pairar no centro da comunidade. Do núcleo desta luz, viram a imagem de uma pessoa andando com braços abertos. Todos os Yanomami permanecerem atentos e quietos, mas espantados. Aos poucos, os homens que estavam armados começaram a se posicionar para flechar. Mas, nenhum deles se atreveu a tanto, pois o tuxaua Joaquim pediu para que não atacassem aquela imagem desconhecida. A figura que acabava de aparecer, aos poucos, começou a se direcionar para a casa do tuxaua e, ao chegar perto, seguiu para o caminho que ligava o xapono até o canal de Maturacá, exatamente no local onde seria, anos mais tarde, construída a futura missão salesiana pelo missionário sergipano.

Aquela luz tão forte continuou percorrendo o caminho pela floresta e os homens a foram seguindo. Eles perceberam que esta figura tão luminosa era a igual à imagem de Nossa Senhora Auxiliadora que o padre Góes, em uma viagem anterior, tinha deixado na margem do Maturacá, local este que os indígenas tinham medo de passar por perto, pois acreditavam que aquela imagem tinha feitiços que transmitiam doenças. De repente, aquela personagem luminosa começou a falar, em Yanomami, anunciando que era para acolher o “*homem que andava com batina branca*”.

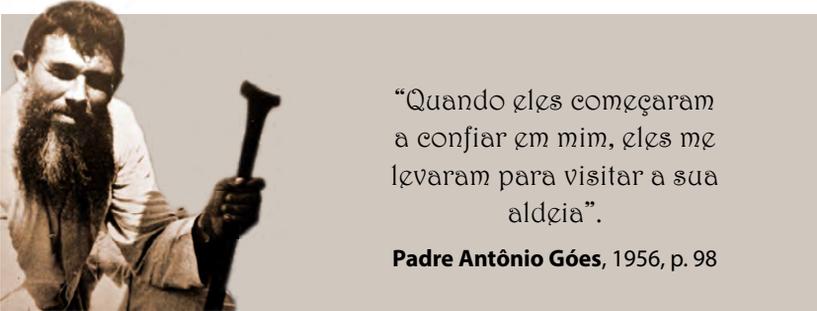
Júlio Góes lembra:

A luz passou junto de mim, por incrível que seja. Mas, me lembro que eu estava dormindo profundo e acordei com todo mundo com aquela barulhada de pessoas que estavam saindo, falando, falando. E eu ouvi dizer “saiu por aqui”. Eu estava dormindo e fiquei com muito receio. E estava querendo sair. Sair para onde? Tive que ficar ali mesmo. Isto tudo aconteceu dois dias antes de o padre chegar no xapono. Aconteceu assim. Dois dias antes aconteceu isso. Isto está no fato histórico da entrada do padre Góes.

O relato deste acontecimento é confirmado, também, por outros Yanomami contemporâneos do líder Júlio Góes. O salesiano Irmão Gulli salienta que já ouviu de diversos indígenas a confirmação da ocorrência deste episódio tão marcante para os nativos do Cauaburis.

Os primeiros momentos de convivência do salesiano Antônio Góes com os Kohoroxithari do Pico da Neblina serão abordados a seguir. Vale frisar que a entrada do missionário sergipano e dos irmãos Eugênio e Edson Tavares no xapono dos Kohoroxithari, no ano de 1953, foi um acontecimento sem precedentes, tanto para os anfitriões da floresta quanto para todos os não indígenas, o que, inevitavelmente, ocasionaria mudanças radicais no rumo histórico dos contatos entre estes nativos e a população das cidades vizinhas, bem como na evolução social e cultural destes povos recém-contatados. Como destaca o antropólogo Gustavo Hamilton Menezes (2010, p. 68) em sua tese de doutorado, “*o encontro dos Yanomami com o padre Góes é um evento histórico dos mais marcantes na trajetória do grupo*”.

## EU, ANTÔNIO<sup>1</sup>



**A**o entrar no xapono, o missionário estava escoltado pelos Yanomami José e Roberto. Seus companheiros, Eugênio e Edson, que ficaram na retaguarda, logo depois adentraram. Rapidamente, índios adultos armados de arco e flecha circundaram o sacerdote e, de repente, mulheres indígenas se juntaram e ecoaram gritos direcionados ao visitante. Portanto, a recepção dos nativos ocorreu de forma bem vibrante, pois muitos entoavam sons e ruídos altos e bem característicos.

Apesar de esta recepção ter sido tão acalorada, padre Antônio e seus ajudantes foram bem recebidos pela comunidade. O tuxaua Joaquim, chefe dos Kohoroxithari, que era pai dos indígenas José e Roberto, e, também, de Daniel Góes<sup>2</sup>, ao se aproximar, fez um pequeno

---

1 As narrações deste capítulo foram obtidas em entrevista com o líder Yanomami Júlio Góes, realizada pelo seu filho Alberto Brazão Góes, as quais se se somaram às referências bibliográficas citadas.

2 Daniel Góes: um dos fundadores do xapono de Maturacá. Apesar de não ter sido pajé, era considerado uma importante liderança pela capacidade de se comunicar com os hëcuras-espíritos e de realizar práticas de cura em sua própria casa ou, quando solicitado, na casa de outros Yanomami. Apesar de não ter feito a preparação para ser um pajé-hekura, ele sempre foi consultado nas importantes decisões a serem tomadas em toda a região de Maturacá (GONÇALVES, 2019).

rito como demonstração de sua cordialidade. Joaquim percebeu que o salesiano estava com os pés inchados e cheios de feridas. Num ato de solidariedade, ele mesmo lavou os pés do missionário com água quente e lhe ofereceu bananas cozidas.

Depois de ser acolhido pelo tuxaua, o religioso deu sinal a Eugênio e a Edson para chamarem todas e todos da aldeia, inclusive crianças. Com a entrada dos visitantes, muitas crianças se esconderam, por medo, dentro de paneiros (cestos de cipó). Eugênio, enquanto estava chamando as crianças, viu um cesto emborcado com o fundo furado, onde estava escondido um menino bem franzido que estava tremendo muito de tanto medo que sentia. Eugênio, ao perceber que dentro do cesto tinha uma criança, aproximou-se e fez sinal para ela de que estava tudo bem e que nada de ruim iria acontecer. Conseguiu pegar o menino nos braços, levando-o para o padre Antônio, o qual já estava arrodado de outras crianças, sendo que algumas tocavam a sua barba. Eugênio o entregou nos braços do missionário, que o abraçou com muita força. Este menino que estava recuado, com medo, anos mais tarde seria batizado com o nome de Júlio Góes. Este se tornou o primeiro Yanomami a receber o sobrenome ‘Góes’ entre os indígenas de Maturacá.

Chegando a noite daquele dia tão especial, os anfitriões da floresta fizeram uma grande festa em homenagem ao missionário sergipano. Logo, ele foi sendo envolvido por toda alegria dos nativos, onde adultos e crianças compartilhavam daquele momento memorável. Júlio Góes rememora, com muita afeição, que no auge da festa, padre Antônio começou a cantar em nheengatu

Este canto assim: “watochinaká noninoniká eheheh”<sup>3</sup>. Aí toda comunidade naquela festa e todo mundo repetia “watochinaká noninoniká eheheh” e a voz dele tomava conta daquela

---

3 Escrita conforme expressão sonora do termo emitida pelo tuxaua Júlio Góes, em entrevista.



área todinha, da mata. Gente, foi uma grande alegria que até hoje eu tenho isso comigo. Eu canto. Quando eu estou em festa, eu ainda canto “watochinaká noninoniká eheheh”. Isto foi uma coisa fantástica perante nossa festividade e comunidade tribal que ele deixou para nós – este canto de lembrança que não foi Yanomami que cantou este canto para nós. Até hoje ainda tenho esta lembrança.

## A primeira missa entre os Yanomami



No dia seguinte à chegada do missionário e seus companheiros na aldeia, logo ao amanhecer, os napë pegaram uma caixa grande que continha um altar portátil. Nela estava todo material necessário para a celebração da missa. Já recuperados do cansaço físico, o sacerdote e os irmãos Tavares arrumaram todo o altar. Quando tudo estava pronto, o padre Antônio se vestiu com uma batina e realizou a primeira missa entre os Yanomami. De recordação da primeira missa, Júlio Góes relata que:

O missionário se preparou, armou o altar. Colocou tudinho. Os velhos disseram “Ele agora vai falar com as pessoas que se foram. Ele faz falar com os que se foram do mundo”. Aí todo mundo calado, olhando assim, de olho arregalado, para ver o que o padre fazia. Aquela hóstia, mostrando assim. Aí dava para entender que é com isso que ele estava falando. Esse que ele mostra é com ele que ele está falando, que ele falava para nós. Deu a entender que quando ele mostrava assim a hóstia sagrada, é com isso assim que ele falava. A gente interpretava como coisa bem espiritual. Ele tirou a batina e guardou ali dentro. Aí a gente fala-

va, “ali estão as coisas espirituais que ele trazia com ele”. Isto é a proteção dele que é aquele altar, que é aquela caixa, tudo aquilo onde está a proteção dele. E nós vimos bem que ele não era um napë qualquer, mas sim, era um padre.

Após a missa, os napë tiraram outros objetos da grande caixa, inclusive uma vitrola manual e dois discos. Um disco com cantos de natal e outro com músicas nordestinas de Caruaru, cidade do agreste de Pernambuco. Este aparelho proporcionou um grande encantamento entre os Kohoroxithari, os quais o denominaram de “*caruaruëKëki*”, uma vez que o aparato proporcionava a estes índios um aspecto mágico (MENEZES, 2010).

Na tentativa de se comunicar além de gestos, o salesiano, misturando o português com o nheengatu, expressava a frase “*Eu hatakia Maturacá*” (ou “*Eu atakiá Maturacá*”), com a intenção de convidar os Yanomami para que o acompanhassem até a sua cabana no canal de Maturacá, onde havia deixado mais objetos. De tanto repetir a palavra “*Eu*”, esta passou a ser a denominação que estes nativos lhe deram e que por muito tempo serviu para identificá-lo (MENEZES, 2010).

O tuxaua Júlio reitera que “*a palavra que ele dizia era “eu, Antônio”, “eu, Antônio”, padre Antônio, “eu”. De tanto pronunciar “Eu”, ele dizia para nós que ele, a pessoa dele era “Eu”. Ai nós colocamos que a pessoa dele seria o “Eu”*”.

## Partiu da aldeia com ânimo



**L**ogo depois de toda aquela movimentação do dia, o salesiano e seus fiéis amigos se prepararam para sair da aldeia. Perceberam que estavam sendo observados por quase quatrocentas pessoas, das



quais muitas dezenas os acompanharam por horas até chegar ao canal de Maturacá, onde estava a capela com a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora e onde estava guardado o restante do material dos napë. Na margem do rio, quando começaram a se despedir, um grupo de jovens e crianças entrou no barco. O tuxaua e os pais autorizaram que alguns jovens pudessem ir com o sacerdote para a missão de Iauareté (MARCHESI, 1963).

Ao partirem, desceram o rio com ânimo, trasbordando-se de alegria e de emoção. Esse primeiro momento de maior aproximação com os Kohoroxithari do Cauaburis foi uma grande fonte de revelação e de inspiração para o salesiano. Sentiu-se tocado e acolhido por toda comunidade. Esta experiência fortaleceu o seu desejo de conhecer mais e melhor a vida e os costumes deste povo.

Como lembra o padre Luis Laudato (1993, p.25) “*o coração do missionário exultou de entusiasmo ao descobrir um povo cheio de vida e de alegria, e altamente comunicativo*”. Padre Laudato enfatiza que a aproximação-penetração do missionário sergipano no habitat Yanomami, deu-se de forma silenciosa, pois sempre evitou o clamor da imprensa, bem como ocorreu de maneira humilde, corajosa e generosa, contudo, arriscada, devido aos inúmeros imprevistos e perigos.

O bispo de Humaitá, Dom Miguel D’Aversa, no capítulo dedicado ao padre Antônio Góes, em seu livro *Heróis Autênticos*, destacou que o seu correligionário (1982, p. 158):

Com sua prudência e, especialmente, com a sua bondade pôde aproximar-se dos Yanomami, ganhando-lhes a confiança e simpatia, tendo permissão deles de visitar a maloca, coisa que só se permite à pessoa amiga. Nos diversos dias que passou entre eles, ganhou-lhes tanta confiança que lhe permitiram que fizesse uma residência entre eles. Voltando vitorioso para Santa

Isabel, por ter conquistado a amizade dos índios, conseguiu dos superiores a licença para abrir uma residência entre eles.

Baseando-se na perspectiva Yanomami, o antropólogo Menezes (2010, p. 68) analisa que esta maior aproximação com o padre Antônio foi possível, visto que o salesiano “lançou mão de elementos que se encaixaram no sistema simbólico da comunidade e puderam por ele ser processados: generosidade e poder espiritual”. Outro antropólogo, Luiz Gonçalves (2019), em seu trabalho de tese, fez salientar que os primeiros contatos com estes indígenas do Cauaburis, que povoariam a região do canal de Maturacá, anos mais tarde, distinguem-se dos demais contatos com outros grupos no que tange aos conflitos, pois compreenderam encontros marcados pela relação com o missionário sem morte e/ou epidemia.

A partir dos pioneiros contatos realizados pelo destemido sergipano desde 1952, brotou uma vida de muita dedicação missionária e de imersão na cultura e no cotidiano Yanomami. Portanto, de seus reiterados encontros com estes indígenas, floresceram duas missões salesianas que continuam vigorando até os dias atuais: a missão “Nossa Senhora de Lourdes”, em Maturacá e a missão “Sagrada Família”, em Marauíá.



## Missão Nossa Senhora de Lourdes, Maturacá



“Os Aharaibos<sup>1</sup> dezeitaram construir seu acampamento perto da capela de Maria Auxiliadora, e eu acho que, com a bênção do Senhor e da Virgem Maria, não está longe o dia em que irá florescer uma comunidade cristã entre os índios que habitam as margens do Cauaburis, do Maturacá”.

**Padre Antônio Góes, 1956, p. 103**

**D**urante o ano de 1953 e início de 1954, padre Antônio Góes tornou a repetir outros contatos, fortalecendo laços de amizade e respeito com os Kohoroxithari. Nos primeiros tempos de convivência, a comunicação do religioso se dava através de uma linguagem somática, por gestos. Aos poucos, foi aprendendo mais sobre a língua e a cultura destes indígenas. Por generosidade e confiança, recebeu dos próprios nativos a permissão de construir uma residência entre eles. Encarado pelos irmãos salesianos de Santa Isabel e de São Gabriel como vitorioso por ter conquistado a confiança e a amizade dos temíveis Yanomami, conseguiu, do mesmo modo, a tão esperada licença de seus superiores da Inspetoria Salesiana em Manaus para, definitivamente, erguer uma casa missionária à margem esquerda do canal de Maturacá (D’AVERSA, 1982).

Na época em que iniciou a preparação do ambiente para construção da missão, o sacerdote ainda estava exercendo seu mandato de di-

---

<sup>1</sup> Aharaibos ou Ariabú: um dos grupos yanomami que vivem na região de Maturacá. Um dos seus líderes é o Yanomami Júlio Góes.

retor da obra salesiana de Iauareté, à margem do rio Uaiupés, fronteira com a Colômbia, mas se deslocava, com certa frequência, para Santa Isabel ou para a sede de São Gabriel da Cachoeira com o propósito de conseguir instrumentos e materiais para edificação da nova estação missionária. Finalmente, em junho de 1954, o sergipano ergue a primeira missão católica entre os Yanomami, no canal de Maturacá, na proximidade do rio Ariabú, afluente do Cauaburis (COCCO, 1972; AUGUSTO, 1993). A primeira estrutura da missão compreendia uma residência de madeira com dois andares. No térreo, foram construídos um pórtico, uma pequena capela e um depósito. Os indígenas eram atendidos no andar térreo (D'AVERSA, 1996).

Esta missão se configurava como a mais difícil e arriscada comparada às demais casas missionárias salesianas da região do rio Negro, devido ao percurso altamente encachoeirado do rio Cauaburis e devido à distância de cinco dias de barco a motor do centro urbano mais próximo, a cidade de Santa Isabel do Rio Negro, a antiga Tapuruquara (MASSA, 1965).

Uma vez edificada a Missão Nossa Senhora de Lourdes, os líderes dos Kohoroxithari se colocaram abertos para a possibilidade de se estabelecerem perto da missão. No entanto, o missionário os aconselhou que eles fossem aos poucos semeando e plantando cultivos importantes para a alimentação e para a sobrevivência neste novo local, propiciando assim melhores condições para que, futuramente, pudessem povoar ali (COCCO, 1975; ISA, 1993). Sendo assim, os Kohoroxithari visitavam, periodicamente, as margens do canal de Maturacá, no intuito de experimentar este novo lugar, avaliando as vantagens e as desvantagens em se deslocar da aldeia, que ficava perto do Pico da Neblina, para esta nova região. Durante estas visitas, eles adquiriram, cada vez mais, instrumentos para caçar, plantar e cozinhar alimentos, à medida que iam, aos poucos, construindo suas novas moradias. Em



1956, abandonaram definitivamente o xapono no sopé do Pico da Neblina e se fixaram nas proximidades da missão, onde estão até hoje. Alguns indígenas da tribo Wawanaweteri, que viviam nas imediações do rio Maiá, também se deslocaram para Maturacá (SMILJANIC, 2002; 2004; 2009; BARAZAL; 2001).

Já decorridos quatro anos de existência, a missão foi oficialmente inaugurada em 24 de maio de 1958, com a bênção do inspetor da Inspeção Salesiana Missionária do Amazonas (ISMA), o padre Miguel D’Aversa, à época. Esta mais nova casa missionária foi denominada de “Nossa Senhora de Lourdes”, em homenagem ao centenário das aparições da Imaculada Conceição para a camponesa Bernadete Subiru, em Lourdes, França, no ano de 1858. A data de sua fundação oficial ocorreu no dia da festa litúrgica de Nossa Senhora Auxiliadora e coincidiu com os exatos 43 anos da fundação da missão de São Gabriel da Cachoeira, que foi o primeiro estabelecimento missionário dos salesianos na região do rio Negro.

Dom D’Aversa, no *Bollettino Salesiano* de 1959 (p. 24, adaptado), relatou a aventura que ele, na ocasião de padre inspetor da recém-criada ISMA, ao lado de seu correligionário Góes e de outros companheiros, vivenciou enquanto viajavam rumo a Maturacá para realizar a bênção da mais nova missão no rio Negro:

Saímos de Tapuruquara na manhã de 19 de maio. Éramos três padres, dois índios, três índios de Cauaburis, além de três jovens que nos ajudaram para a viagem. Na esperança de chegar à nova residência para celebrar a missa em 24 de maio, viajamos à noite. Quando chegamos à noite em 23 de maio, cerca de dez horas, quando havia apenas quatro horas de chegada, depois de recitar o rosário, de repente, um choque: a lancha tinha batido em um afloramento de rocha nas águas do rio; o

arco pendurado, a popa cheia de água e, em três ou quatro minutos, o barco estava em perigo de inundação. Imediatamente, nós pulamos na água e começamos a nadar, confiantes na ajuda de Nossa Senhora Auxiliadora. Providencialmente, a rocha que tinha sido a causa do acidente, também foi a ocasião de nossa salvação. Em sete, nos refugiamos na ponta do recife, na água, enquanto padre Góes e os três jovens estavam tentando salvar o motor e algumas peças dos altares. Foi no escuro da noite que tínhamos perdido a lanterna. Felizmente, conseguimos com um isqueiro fazer algum fogo para aquecer e secar as roupas. Naquela noite, pensei no Santuário de Maria Auxiliadora, luzes em chamas, enquanto estávamos perdidos na imensidão da selva escura da Amazônia”.

Apesar de terem perdido dois altares portáteis que levavam consigo, da tarde para a noite do dia 24 de maio, padre D’Aversa celebrou a Santa Missa, com o auxílio do próprio padre Antônio Góes e do padre Luiz Guindani<sup>2</sup>. Nesta celebração, boa parte da comunidade Yanomami estava presente. Nas palavras de Dom D’Aversa (1966, p. 45): *“outra vez, Maria Auxiliadora estava presente na fundação de mais uma Obra no Rio Negro!”*

A partir do reconhecimento oficial desta presença missionária no meio dos Yanomami, a Inspeção encarregou padre Antônio Góes para exercer a tarefa de ecônomo-gestor da nova obra, ficando esta logisticamente vinculada à missão salesiana da antiga Tapuruquara, atual Santa Isabel do Rio Negro.

---

<sup>2</sup> Padre Luiz Guindani (Bréscia/Itália, 04/09/1923 – São Paulo/Brasil, 13/12/1964): conhecido como uma pessoa de bom coração, justa, caridosa e paciente, atuou nas missões de São Gabriel da Cachoeira, de Maturacá, de Santa Isabel do Rio Negro e de Iauareté, como conselheiro e catequista. Quando atuou em Santa Isabel, sempre foi um grande apoio para os salesianos que trabalhavam nas missões de Maturacá e de Marauá, inclusive do padre Antônio Góes (D’AVERSA, 1982).



Transcorridos alguns anos de existência da estação missionária, os superiores da ISMA entenderam que poderia ser desenvolvido um trabalho de evangelização mais estruturado, estabelecendo ali uma comunidade religiosa, o que levaria à construção de colégio e, eventualmente, de um internato. No início dos anos de 1960, os padres José Leão Schneider<sup>3</sup> e Francisco Knobloch<sup>4</sup> foram enviados a Maturacá para trabalharem com Góes.

Nesta época, o sergipano já estava promovendo contatos com outros grupos Yanomami no rio Marauíá. Em 1961, com o desígnio de desenvolver sua prática missionária de forma mais coerente ao que pensava e almejava fazer, o padre Góes decidiu, definitivamente, seguir a sua vocação atuando junto aos Karawetari do Marauíá. Os salesianos Schneider e Knobloch deram continuidade às atividades da missão Nossa Senhora de Lourdes.

Quando o padre Antônio já estava atuando na região de Marauíá e já estava se familiarizando com os Yanomami que moravam nas comunidades de Pohora, Xamatá e Pukima, o primeiro prédio da missão Nossa Senhora de Lourdes, de Maturacá, foi destruído por um incêndio que ocorreu devido ao vazamento no tanque de querosene que alimentava a geladeira, a qual ficava no segundo andar da residência. O querosene, ao entrar em contato com a madeira e com a paxiú-

---

3 Padre José Leão Schneider (Tchecoslováquia, 11/04/1902 – Santa Isabel do Rio Negro/Amazonas/Brasil, 25/01/1984): lembrado por sua bondade generosa, pura e evangelicamente genuína, foi fundador das missões salesianas de Santa Isabel do Rio Negro e da comunidade do Içana. Trabalhou longos anos na missão Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá. Foi na época de sua gestão que foi construído o campo de aviação em Maturacá que, até hoje, presta serviços à comunidade (D’Aversa, 1992).

4 Padre Francisco Knobloch: padre alemão que, em companhia do padre Schneider, trabalhou na missão de Maturacá, quando padre Góes caminhou para fundar e atuar na missão do Marauíá. Foi autor de importantes obras que retratam as características físicas, os costumes e os ritos dos Yanomami (*The Aharaibu Indians: a “white” tribe in the Amazon*, 1970), bem como retratam o desenvolvimento da missão entre estes indígenas (Lungo Il Cauaburis: storia di una missione, 1975).

ba, provocou chamas que se alastraram de forma abrupta. O padre Knobloch, que se encontrava sozinho na casa, ao se dar conta do que estava acontecendo e não havendo tempo necessário para salvar os materiais presentes, escapou rapidamente pela escada (LAUDATO, 1998; SIMAS, 2013).

Este incêndio provocou a perda de todos os materiais religiosos e escolares, além de inúmeros arquivos e de documentos escritos pelo padre Antônio, como, por exemplo, textos de caráter descritivo sobre ritos e costumes Yanomami, bem como diários e cadernos de anotações que registravam sua trajetória cotidiana entre estes nativos.

O prédio da missão que existe hoje em Maturacá foi reconstruído por outros salesianos, principalmente pelo padre Pedro Duranti<sup>5</sup>, em um lugar mais amplo e mais próximo à comunidade Ariabú. Foi edificada uma imensa construção de madeira e de ferro, coberta com telhas de zinco, ocupando uma área de mil metros quadrados, passando a abrigar a residência dos padres, a igreja, a escola, a cantina e uma pequena enfermaria. A partir de 1993, na época do padre Benjamim Morando<sup>6</sup>, a residência dos padres, a capela e a escola foram substituídas por uma boa construção em madeira (LAUDATO, 1998; AZEVEDO, 2007).

---

5 Padre Pedro Duranti (Brescia /Itália, 29/06/1914 – São Paulo /Brasil, 31/12/1984): trabalhou durante muitos anos entre os índios Xavantes, no Mato Grosso. De 1972 a 1979, fez parte da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA), trabalhando em Rondônia e na missão Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá. Nesta missão, ficou pouco tempo, sendo retirado de lá a pedido dos próprios Yanomami. Assim, em 1980, voltou para o Mato Grosso (D'AVERSA, 1992).

6 Padre Benjamim Morando (Camposampiero/Treviso/Pádua/Itália: 04/07/1943 Manaus/Amazonas/Brasil: 5 de maio de 2012): filho de José Morando e Rissarda Biliato, chegou ao Brasil em 5 de novembro de 1964, onde realizou, em várias casas salesianas, a profissão perpétua (Belém/PA), os estudos de filosofia (São João Del Rei/MG), o tirocínio (Belém/PA), ordenando-se padre no dia 28 de junho de 1974, com 30 anos de idade. Exerceu importantes funções na Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia, tais como a de Inspetor (1985-1991 e 2009-2012), a de encarregado da missão de Maturacá (1993-1995) e diretor da missão de Iauareté (1996-2004). Faleceu em 5 de maio de 2002, quando, à época, ocupava pela segunda vez o cargo de Inspetor da ISMA, sendo lembrado pelo seu espírito missionário a favor do povo da região amazônica e por sua capacidade administrativa e empreendedora na expansão da missão salesiana (ISMA, 2012).



Figura 15: Estrutura atual da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá.  
Fonte: Documentário “Missão Salesiana entre os índios Yanomami” (2016).

A missão Nossa Senhora de Lourdes, que completa 66 anos de construída e 62 anos de fundação oficial, atualmente está sob a direção do padre Raimundo Marcelo Maciel. Muitos padres, párocos e irmãos salesianos contribuíram para a continuidade deste legado.

As lideranças tradicionais reconhecem a utilidade e defendem a manutenção da missão salesiana junto às comunidades de Maturacá (FERREIRA, 2017). Padre Antônio já contava com esta relação de reciprocidade dos indígenas para com a casa missionária. Em seu escrito publicado no periódico *Bollettino Salesiano*, enfatizou que “a missão é considerada como uma propriedade da tribo, e ai daqueles que roubarem de um missionário” (GÓES, 1956, p. 102).

Por outro lado, a geração mais jovem das comunidades de Maturacá, formada por alguns professores e por indígenas que tiveram a oportunidade de cursar o nível superior e que, atualmente, têm mais acesso à cidade, aos debates políticos e às redes sociais, repensa a permanência da presença salesiana na região. Estes mais jovens, de idade entre 30 a 40 anos, enfrentam a resistência dos mais antigos, os

quais se posicionam contra quem não gosta dos padres e da missão (FERREIRA, 2017).

O líder Júlio Góes é um dos defensores da presença dos salesianos entre os Yanomami de Maturacá. Reconhecendo todo empenho, dedicação e coragem do padre Antônio Góes em construir e fundar a primeira missão salesiana entre seu povo, Júlio expressa: *“eu tenho ele junto aqui da tribo. Ele está com a gente, embora não vivo, mas, espiritualmente, ele está com a gente. Por isso que até hoje, eu defendo a missão salesiana, por ele ter sofrido muito pelos Yanomami”*.



**Figura 16:** Estruturas atuais da escola e do ginásio que fazem parte da Missão de Maturacá.  
Fonte: Documentário “Missão salesiana entre os índios Yanomami” (2016).

Padre Francisco Alves, o qual exerceu o cargo de inspetor da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA) de 2012 a 2018, ressalta que os salesianos tomaram a postura de escutar e de acatar a decisão dos próprios Yanomami sobre a permanência ou não das missões salesianas em seus territórios. Caso a decisão seja a da não continuidade das missões, a ISMA acolhe e respeita esta deliberação. Mas, enfatiza que os salesianos convivem harmonicamente e se sentem muito queridos pelos Yanomami e isso sustenta a continuação da atividade apostólica junto a estes indígenas.



O valente sergipano não cansou de contribuir para florescer a primeira comunidade cristã entre os Yanomami do Cauaburis. Mesmo diante de tantos desafios encontrados em seu caminho, mantinha fortalecida a fé e a esperança em continuar a sua missão, o que não o fazia desistir. No início dos anos 60, deslocou-se para uma nova comunidade Yanomami sem, porém, deixar de manter contato com os grupos da região de Maturacá e de lutar pela unidade fraternal entre os variados grupos destes indígenas.

## O ESCRITO DO PADRE ANTÔNIO GÓES NO BOLLETTINO SALESIANO



“Para mim, é penoso escrever sobre coisas que de alguma forma estão relacionadas à minha pessoa. Mas fui solicitado, pois há o desejo dos Cooperadores Salesianos de aprender mais sobre as atividades dos filhos de Dom Bosco nas Missões”.

**Padre Antônio Góes, 1956, p. 97**

**N**a edição do *Bollettino Salesiano*, de março de 1956, foi publicado um artigo de autoria do próprio padre Antônio Góes<sup>1</sup>, cuja finalidade era trazer informações mais consistentes para todos os salesianos, do Brasil e do mundo, sobre a nova tribo contatada e seus respectivos grupos. Quando escreveu este texto, o sacerdote estava atuando na Missão Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá, e, nesta época, os nativos do Cauaburis eram conhecidos pelos ribeirinhos e pela vizinhança de São Gabriel da Cachoeira e de Santa Isabel do Rio Negro como “Macus do Mato”, por isso que o título do artigo se denominou, em italiano, “*Incontro ai Macú*”, em português, “*Encontro com o Macú*”.

Já nas linhas iniciais, o missionário ressalta que, diante dos frequentes encontros que realizou com os indígenas do Cauaburis, após o seu primeiro contato, em 1952, ele detinha meios de fazer uma apre-

---

<sup>1</sup> Neste artigo, o nome do padre Antônio foi grafado em italiano como *Don Antonio Giuseppe Gois* ou *Don Antonio G. Gois*. Muitos trechos desta obra já foram referenciados no início e ao longo dos demais capítulos deste livro.



sentação mais completa desta tribo, até então desconhecida. Começa enfatizando que o termo “Macu” pode ser mal interpretado, pois na língua nheengatu, o termo significa escravo. Evidencia que entre as tribos rionegrinas existentes, havia uma tribo chamada “Macu”, a qual era muito diferente dos índios do Cauaburis.

civiltà e fede in cammino

# incontro ai MACÙ



Nel Bollettino Salesiano del 1° aprile 1954 pubblicammo l'interessante relazione del primo incontro dei nostri Missionari con le tribù dei Macu (Rio Negro-Brasile). In essa Don Giacomo descriveva i contatti pacifici di Don Gioia con questi selvaggi, da tutti considerati terribili e feroci, facendo presagire che non fosse lontana per essi l'ora della redenzione. Il racconto di Don Giacomo ci pare allora così interessante che ci affrettammo a chiedere a Don Gioia per i nostri lettori notizie più ampie e precise su quelle tribù finora sconosciute. I nostri lettori inviati hanno visto la vitrosità dell'intrepido missionario e ci hanno procurato queste interessantissime pagine.

Tra i Macù del Rio Negro (Brasile). Un padre col suo bambino. Si notino i tratti gentili del piccolo, in contrasto con la piega sgraziata delle labbra del padre, dovuta a una certa quantità di tabacco che g'indi Macù costumano mettere in bocca così.

**M**i è penoso scrivere di cose nelle quali entra in qualche modo anche la mia persona, ma mi ci ha indotto il desiderio di far conoscere sempre meglio ai Cooperatori salesiani l'attività dei figli di Don Boseo nelle Missioni.

Dei miei primi contatti con queste povere creature di Dio, che per la prima volta hanno visto alleggiare la luce del Vangelo, ha parlato lungamente il venerando missionario salesiano Don Antonio Gioacomo. Si era allora nel 1952. Nei

miei frequenti contatti successivi e nelle lunghe permanenze tra di loro potrei conoscerli meglio, il che mi permette di farne una presentazione meno incompleta.

Prometto che il nome Macù potrebbe essere frainteso, specie qui nel Rio Negro. La parola *macu* in lingua *nheengatu* significa schiavo. Esiste infatti, tra le tribù indigene del Rio Negro, una tribù da tempo conosciuta, la quale porta il nome di Macù. I membri di questa tribù sono considerati dagli altri Indios come esseri inferiori, ed essi stessi si ritengono tali: cosa stranissima se si pensa all'innato orgoglio della natura umana.

Orbene questa tribù non ha in comune con le tribù Macù, delle quali intendo parlare, se non il nome, che è adottato oggi quasi comunemente dai civili per designarle, sebbene non sia il loro.

La loro origine rimane oscura. Dai lineamenti del volto e dagli occhi, piuttosto a mandorla, si

può argomentare che discendano da remotissime immigrazioni asiatiche, come generalmente tutti gli altri Indios americani (*amerindios*).

Mai ebbero contatti pacifici con i bianchi; anzi per l'avanzare di questi si videro costretti a retrocedere sempre più nella foresta vergine.

Contrariamente alle altre tribù rionegrine, già da tempo a contatto con i bianchi e in buona parte civilizzate, che costumarono stabilirsi

verso la foce o lungo il corso inferiore degli affluenti del Rio Negro, i Macù ricercarono sempre le sorgenti degli stessi fiumi, e questo spiega il loro tardo contatto con la civiltà.

Nessuno può dire, sia pure approssimativamente, il numero dei Macù.

In modo generale si può affermare che abitano lungo le sorgenti di tutti i fiumi del territorio del Rio Negro nord-orientale, fino al territorio di Rio Branco, e si spingono anche fuori del Brasile su suolo Venezuelano, abitando tutta una zona piuttosto montagnosa e quanto mai lussureggiante di vegetazione.

Le tribù, con le quali venni a contatto finora, sono cinque, e precisamente: gli *Ahoraitos*, accampati presso la sorgente del Rio Cauaburi; gli *Herouetores*, presso la stessa sorgente; gli *Uaitoses*, presso la sorgente del Rio Maravilha; gli *Uaanaetes*, presso la sorgente del Rio Maia;

di Don ANTONIO G. GOIS

Figura 17: Escrito do padre Antônio José Góes, em italiano “Don Antonio G. Gois”, no *Bollettino Salesiano* de março de 1956. Fonte: Góes (1956, p.97).

Em relação à origem destes novos nativos contatados, padre Góes reconhece que, até então, era desconhecida, mas que, pelas características do rosto e dos olhos, eles poderiam descender dos povos que realizaram as mais remotas emigrações da Ásia para as Américas.

Falando do contato com os não indígenas, o salesiano destaca que eles nunca tiveram um contato pacífico até o ano de 1952. Devido ao avanço dos brancos em busca de borracha, estes nativos recuaram mais e mais para o interior da floresta, aproximando-se de ambientes montanhosos que eram banhados por afluentes do rio Negro, no território brasileiro, e pelo rio Branco, no território venezuelano. Este recuo para o interior da densa floresta amazônica poderia ser a explicação para um contato bem posterior com os não indígenas, quando comparado com outras tribos rionegrinas.

Seguindo o texto, padre Antônio aponta as comunidades Yanomami com as quais ele já tinha feito contato até 1956, sendo dois grupos da região do rio Cauaburis-Maturacá, um da região do rio Marauiá, bem como outros dois presentes na fonte do rio Maiá. O salesiano informa que os nativos destes novos grupos contatados compartilham costumes, ritos e até língua entre si, mas que são completamente diferentes de todas as outras tribos da região do rio Negro.

No decorrer do artigo, o religioso discorre sobre algumas características físicas, estéticas, habitacionais, alimentares e culturais, bem como revela as principais formas de sobrevivência dos nativos, chamando a atenção para o uso do fogo, a agricultura rudimentar de batata e de milho, o cultivo de algodão e a caça com uso de arcos e flechas.

Sobre o uso de arco e flecha, ressalta que estes artefatos são destinados à guerra e que, muitas vezes, nas pontas das flechas é colocado o curare, veneno de efeito letal e quase instantâneo, que compromete as vias respiratórias. Se uma pessoa for atingida por uma flecha en-



venenada, fica paralisada e impotente para reagir ou atacar, podendo morrer por asfixia em pouco tempo.

Há menção, também, no que se refere aos vários conflitos entre as tribos do Cauaburis-Maturacá, de Marauiá e de Maiá, os quais sempre causavam grande carnificina. O missionário relata que, em apenas dois anos, devido a inúmeras batalhas, estas comunidades foram reduzidas a uma quantidade mínima. Um destes conflitos levou à morte do pai de Celestino. Celestino era um dos indígenas do Cauaburis, até aquela época, batizado pelo padre. Em uma ocasião em que estavam em incursão na floresta, Celestino e seu pai foram surpreendidos por índios da região de Marauiá. Ele presenciou o seu progenitor ser assassinado por golpes de flechas. O jovem indígena conseguiu escapar e foi ajudado por parentes que tinham sobrevivido a outros ataques, conseguindo assim levar o corpo de seu pai até à sua maloca para fazer o ritual de cremação do corpo.

Estes confrontos faziam com que alguns pequenos grupos se aproximassem das regiões habitadas pelos brancos, pois tinham medo de serem atacados novamente por outros índios rivais, o que poderia levar, por outro lado, segundo o olhar preocupado do padre, ao risco de abusos por parte dos não indígenas e de acometimento de doenças como a gripe e outras para as quais eles não apresentavam resistência imunológica.

O papel do tuxaua como líder e curandeiro, a divisão de trabalho entre homens e mulheres, o uso de roupas, a questão da reprodução, a criação dos filhos, o infanticídio, o atendimento aos enfermos, as superstições, a crença e a moral destes nativos são pontos igualmente evidenciados no texto. Dentre estes pontos, padre Antônio destaca a questão do pós-vida. Segundo o que consta no escrito, estas tribos creem que, quando os bons indivíduos morrem, eles vão para o topo da floresta, um lugar onde há muitos homens, mulheres e crianças, e onde há um

tuxaua muito bondoso, o qual distribui muitas bananas. Já os indivíduos ruins, quando morrem, seus espíritos permanecem na terra.

O texto enfatiza, do mesmo modo, a ação evangelizadora do salesiano entre estes recém-contatados nativos, como o processo de batismo, o emprego de nomes cristãos, o envio de crianças e jovens para estudar em Santa Isabel do Rio Negro e a construção da missão no canal de Maturacá (Missão Nossa Senhora de Lourdes). Padre Antônio ressalta que, com o estabelecimento da missão, será possível realizar a educação cristã dos indígenas perto de suas aldeias, não havendo a necessidade de movê-los de suas áreas, contribuindo, assim, para evitar o desaparecimento de suas raízes culturais.

Este artigo escrito pelo padre Antônio Góes e veiculado no *Bollettino Salesiano* de 1956 é, do que se tem documentado, o único texto publicado pelo missionário, e compreende, possivelmente, um dos primeiros registros históricos que evidenciam e detalham informações relevantes para estudos de natureza antropológica e etnológica sobre estes indígenas da região dos rios Cauaburis-Maturacá, Marauíá e Maiá, hoje comumente conhecidos como Yanomami por todo o mundo. Atualmente, os variados grupos destes indígenas, tanto do Amazonas quanto de Roraima, tanto do Brasil quanto da Venezuela, são narrados e descritos, de forma extensiva, pela vasta literatura, seja nacional ou internacional, a qual aborda suas questões históricas, geográficas, demográficas, sanitárias, econômicas, sociais, culturais e cosmológicas.



## MISSÃO SAGRADA FAMÍLIA, MARAUIÁ



Ele passou a última década em uma estação missionária, que ele fundou nas margens do rio Marauíá (afluente do Rio Negro), onde se dedicou à pesquisa, acomodação social e evangelização dos vários grupos de índios Yanomami espalhados pela vasta região que faz fronteira com a Venezuela.

**Atti Del Consiglio Superiore -**  
Società Salesiana de 1977, nº 285, p. 76

Já nos primeiros anos de trabalho em Maturacá, padre Antônio Jouvía falar dos próprios Kohoroxithari que, na bacia do Marauíá, habitavam grupos Yanomami inimigos, os Karawethari, famosos pelos massacres que faziam, principalmente, com crianças. Episódios de ataques, assaltos e mortes eram comuns entre estes dois grupos (ISA, 1993; LAUDATO, 1998).

O salesiano Irmão Gulli conta que, entre os Kohoroxithari, havia aqueles que eram mais próximos ao padre Góes e que o respeitavam de maneira especial. E foi por meio destes que o sacerdote ficou sabendo que os indígenas de Maturacá cultivavam o propósito de efetuar futuros ataques aos índios da região de Marauíá, como forma de vingança. Foi a partir destas informações que o missionário reforçou em si a vontade de iniciar, de forma mais constante, contatos com as comunidades Yanomami do Marauíá.

O tuxaua Júlio Góes lembra que, na época em que ele começou a estudar no internato de Tupuruquara, por volta de 1955, padre An-

tônio já estava realizando contínuos contatos com os índios do Marauiá, bem como estava enviando alguns meninos e meninas desta região para estudarem em Tapuruquara. Júlio enfatiza que o sacerdote sentiu a necessidade de fundar uma nova missão entre os indígenas do rio Marauiá, com a intenção de prosseguir seu modo de trabalho e de evangelização. Aos poucos, entre os anos de 1955 e 1961, foi realizando reiterados contatos com os Karawethari do Marauiá. Os Kohoroxithari, não querendo que o religioso doasse instrumentos e utensílios aos seus rivais, tentaram impedir que o padre intensificasse a relação com eles (COCCO, 1972).

Em uma das crônicas salesianas de Santa Isabel do Rio Negro, há o raro registro de que, no dia 10 de maio de 1961, padre Góes visitou os Karawethari para analisar a possibilidade de abrir uma residência em Marauiá. Passados meses, já em 1962, o missionário sergipano tinha fundado e estava trabalhando na segunda missão salesiana entre os Yanomami, a missão “Sagrada Família”, hoje denominada pelos próprios nativos como Komixiwë (LAUDATO, 1998).

No decorrer dos primeiros contatos com os indígenas do Marauiá, antes mesmo de fundar a segunda missão salesiana em área Yanomami, padre Antônio recebeu uma nova licença dos seus superiores salesianos para a construção da nova estação missionária. Vale ressaltar, todavia, que a maior motivação vinha dos próprios anfitriões da floresta, os quais o solicitaram para fazer em Marauiá o mesmo que ele tinha feito na região do Cauaburis-Maturacá. Dom Miguel D’Aversa (1982, p. 143) reforçou que “*foram os próprios índios que várias vezes pediram ao padre, dizendo: venha fazer conosco o que faz no Cauaburis*”.



**Figura 18:** Primeiro prédio da Missão Sagrada Família do Marauíá, construída pelas mãos do padre Antônio Góes. Fonte: Laudato (1998, p. 46).

Conforme se tem registro em mapa desenhado por salesianos, a segunda casa missionária entre os Yanomami foi erguida aproximadamente na metade do percurso do rio Marauíá, onde ali, no decorrer da década de 1960, habitavam seis grupos: *Karawethari*, *Ironasiteri*, *Xamatauteri*, *Pohoroabieteri*, *Herueteri* e *Pukimabieteri* (AGUIAR, 2018).

Como já tinha convivido com os Kohoroxithari de Maturacá e conhecia a língua, o contato do padre Góes com estes grupos foi mais facilitado. Quando começou a construção deste novo estabelecimento religioso, não encontrou dificuldades em convencer os nativos de viverem próximos à missão.

O irmão Gulli, como exímio conhecedor das missões salesianas do rio Negro, acentua que a primeira residência do Marauíá era composta por tábuas e coberta de palha e foi erguida na parte elevada existente em frente à foz do igarapé Irapirapi, lá onde as trilhas de passagem dos índios se cruzavam e eram muito batidas. Servia de depósito de

materiais, residência para o padre, acolhida e hospedagem para os Yanomami, em visita ou de passagem. Em seguida, com a colaboração de ajudantes temporários, o prédio da missão se transferiu mais para o interior da mata, porque o antigo local ficava alagado durante as enchentes. O térreo da nova residência foi construído com tijolos de barro (produzidos com a terra do terreno da missão) pelos próprios homens que, periodicamente, ajudavam o salesiano.



— ∞ —  
**Figura 19:** Coadjutor salesiano Irmão José Gulli, exímio conhecedor das missões salesianas rionegrinas. Fonte: acervo do Irmão Gulli.

Os atuais caciques Agenor, Joaquim e Valdir relataram ao irmão Gulli que o padre Antônio fez plantações de mandioca, de laranja e de outras plantas frutíferas ao redor desta nova residência. Em seguida, convidou os Yanomami que moravam no pé da serra para fixarem o xapono, definitivamente, próximo à missão. Devido aos seus anteriores contatos e ao tempo de convivência com os diferentes grupos que moravam na bacia do rio Maraujá, o religioso não encontrou dificuldades para ter o seu convite acolhido pelo cacique Pacatuba.

Na missão Sagrada Família, o padre permaneceu por alguns anos trabalhando sozinho, dando continuidade e fortalecendo a prática apostólica que ele tanto acreditava, atuando com generoso respeito



aos costumes indígenas. No final dos anos 60, ele foi recebendo apoio de alguns colaboradores salesianos e Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora (FMA). Um dos colaboradores foi o coadjutor salesiano José Santana, natural de Felisberto Caldeira, Minas Gerais, que chegou para trabalhar na missão em meados de 1970. A figura de José Santana marcou a história da missão do Marauíá.

Entre maio e junho de 1974, o fundador da missão estava em viagem para Manaus. Os homens Yanomami precisaram se ausentar por alguns dias, pois estavam em incursão na floresta, à procura de pesca e caça. José Santana ficou acompanhado por duas catequistas salesianas idosas. Neste momento em que estavam somente os três, tanto as duas catequistas quanto o senhor Santana ficaram muito doentes. Ao passar dos dias, a situação de saúde do coadjutor se complicava cada vez mais, principalmente, pela falta de assistências médica e espiritual necessárias, apesar de as duas cooperadoras se esforçarem o máximo que podiam, pois, também, estavam debilitadas (D'AVERSA, 1982).

No dia 7 de junho de 1974, José Santana, não resistindo à forte doença, faleceu, aos 57 anos. Mesmo sozinhas e adoecidas, as duas catequistas abriram uma cova e cobriram o corpo do irmão salesiano com uma rede de dormir. Com muito esforço, colocaram-no na sepultura e velaram seu corpo (D'AVERSA, 1982). Este fato foi muito marcante para a história da missão Sagrada Família do Marauíá, bem como para a Inspeção Salesiana da Amazônia (ISMA) como um todo. José Santana foi o único salesiano sepultado em Marauíá e este acontecimento muito abalou o missionário Góes que, infelizmente, não teve meios para dar assistência e confortar seu irmão de congregação em seu leito de morte.

Padre Antônio trabalhou em Marauíá até o final de 1975, quando, na ocasião da comemoração do Centenário das Missões Salesianas, viajou para Turim como um dos salesianos homenageados. Ao retor-

nar para o Brasil, no início de 1976, não conseguiu voltar para a missão e retomar o seu trabalho com os Yanomami, devido ao abrupto desenlace de sua vida terrena<sup>1</sup>.

A missão do Marauiá ficou sem continuidade de trabalho missionário desde final de 1975 até o primeiro trimestre de 1978, sendo esta situação registrada até no “*Atti Del Consiglio Superiore de 1977*”, nº 287, da Società Salesiana. Neste documento oficial, constava que, diante da ausência de salesianos na referida missão, os indígenas estavam dispersos, provocando continuados confrontos entre si. Trazia, além disso, a informação de que a Inspeção do Amazonas estava se preparando para enviar dois padres salesianos, os quais eram irmãos.

Sendo assim, em abril de 1978, os irmãos Francisco Laudato<sup>2</sup> e Luis Laudato, recomeçaram as atividades da missão, sozinhos e sem conhecimento da língua Yanomami, mas com muita vontade de mergulhar, com zelo e dedicação, no mundo destes nativos. Deram continuidade ao pensamento e à prática de evangelização realizadas pelo antecessor, sempre tendo como princípios o cuidado e o respeito à diversidade étnica e cultural. Como destaca Luis Laudato (1998, p. 47), ele e seu irmão estavam abertos para “*afundar no meio da correnteza do Marauiá, para embebermo-nos das vibrantes manifestações de vida Yanomami*”.

---

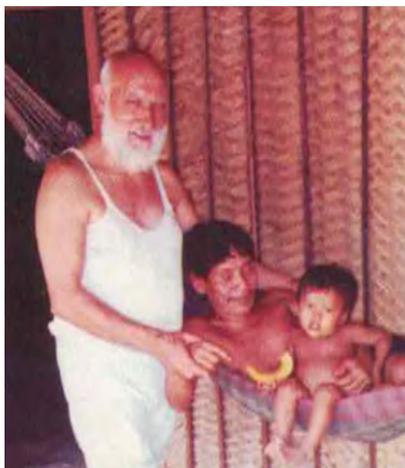
1 Detalhes sobre a morte do padre Antônio Góes serão evidenciados no capítulo “O abrupto desenlace”.

2 Padre Francisco Laudato (Nocera Superiore/Salerno/Itália: 16/02/1933 – Manaus/Amazonas/Brasil: 21/09/2010). Sua trajetória salesiana no rio Negro/Amazonas teve início quando realizou o tirocínio prático (1955 a 1957) e a profissão perpétua (julho de 1957) em São Gabriel da Cachoeira. Em São Paulo, foi ordenado diácono no dia 12 de março de 1961 e se ordenou padre no dia 8 de dezembro do mesmo ano. De volta às terras amazonenses, em 1962, atuou como conselheiro escolar em Manaus. De 1978 a 1989, atuou como itinerante na missão Sagrada Família do Marauiá. Nos últimos três anos de sua vida, atuou no Centro Salesiano de Formação (CESAF) em Manaus (ISMA, 2010a).



Os irmãos Laudato merecem toda reverência e destaque, uma vez que são exemplos de missionários que se entregaram e se permitiram conhecer e imergir na cultura Yanomami. A trajetória missionária dos irmãos foi conhecida a fundo, documentada e elogiada pelo doutor Giorgio Re, catedrático de odontopediatria e prótese dentária da Universidade de Turim, e seu filho, Fabrizio Re, os quais realizaram uma expedição a Marauíá, em agosto de 1982. A viagem foi tão rica que os dois visitantes escreveram, com o apoio dos padres irmãos, a obra intitulada “*Um mergulho na pré-história: os últimos Yanomami?*”, publicada em 1988. Esta obra, de valor singular, reuni informações aprofundadas sobre os vários aspectos dos grupos indígenas daquela região.

Além desta obra, na qual foi coautor, o padre Luis Laudato publicou dois outros importantes livros – “*Yanomami Pey Keyo: o caminho Yanomami*”, de 1998 e “*Ritos e rituais Yanomami*”, de 2009. Partindo de sua intensa e dedicada vivência entre os indígenas do Marauíá, entre 1978 e 1991, estas obras são leituras obrigatórias para pesquisadores, estudantes e religiosos que objetivam aprofundar o conhecimento sobre estes belos povos. Padre Luis, que obteve a nacionalidade brasileira em 1983, participou ativamente do processo de demarcação das terras Yanomami e foi um dos integrantes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Por todo legado deixado e por toda atuação a favor dos povos originários, atualmente, padre Luis Laudato é considerado uma das maiores referências em termos de experiência e de conhecimento sobre o povo Yanomami e, sem dúvida, um inabalável defensor da cultura e dos valores destes admiráveis indígenas.



—∞—  
**Figura 20:** Padre Luis Laudato com mãe e filho Yanomami da região de Marauaiá. Fonte: Laudato (2009, contracapa).

Assim como ocorre em Maturacá, as lideranças tradicionais são as principais defensoras da missão salesiana em Marauaiá. Padre Lázaro Santos (2016), que já atuou como vice-diretor da missão Sagrada Família, conta que muitos destas lideranças lembram do começo da ação evangelizadora realizada pelo padre Antônio, demonstrando, até hoje, um grande apreço pelos primeiros passos dados no que tange à presença educativa salesiana na região. O atual encarregado da missão é o padre José Reginaldo de Oliveira, o qual exerce, do mesmo modo, o cargo de diretor da instituição salesiana de Santa Isabel do Rio Negro.



## UM PADRE SERGIPANO ONDE O BRASIL É MAIS ALTO



“Foi em 1954 que comecei o meu trabalho no pé dessa serra. Para mim não há dúvida, trata-se de um pedaço do Brasil”.

**Padre Antônio Góes** in: Seitz, 1963, p.67

**E**m 1963, a edição 560 da Revista Manchete, de 12 de janeiro, somou-se às dezenas de notícias que corriam no país desde 1962 e que anunciavam uma inédita informação que desbancou uma verdade, até então, incorporada na sociedade brasileira e tão ensinada nas escolas - a de que o Pico da Bandeira, com seus 2.891 metros, na serra do Caparaó, na divisa entre Espírito Santo e Minas Gerais, era o ponto mais alto do Brasil. Esta inédita e tão impactante informação se tratava da “descoberta” do ponto culminante do Brasil, o Pico da Neblina<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Constata-se, em outras fontes de acesso digital facilitado, a informação de que o Pico da Neblina foi reconhecido como parte do território brasileiro em 1962 e que foi escalado e medido somente em 1965, sendo nesta ocasião descoberto como o maior ponto do relevo brasileiro (< [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico\\_da\\_Neblina#cite\\_note-IBGE04-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico_da_Neblina#cite_note-IBGE04-2)>.). O que se verifica neste artigo de George Seitz, publicado em janeiro de 1963, era que a informação de que o Pico da Neblina era o ponto culminante do Brasil já estava sendo proferida e veiculada desde 1962 e que, além disso, já tinha sido feita a medição de sua altitude, que, posteriormente, foi revista pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Mas esta notícia da Manchete, a qual foi escrita pelo etnólogo e aventureiro alemão George Seitz<sup>2</sup>, trazia algo a mais do que as outras coberturas jornalísticas. Ela estampava informações de que um padre sergipano já convivía com indígenas daquela região há vários anos antes desta nova surpresa topográfica correr as mídias faladas e escritas por todo o país. Nesta época, o padre já tinha erguido a sua segunda missão salesiana, a Sagrada Família, na região do rio Marauíá, mas mantinha trânsito e contato com os Yanomami de Maturacá. Com a chamada “*Pico da Neblina: onde o Brasil é mais alto*”, o autor logo destacou em seguida “*Ao pé da mais alta montanha brasileira, um padre sergipano vive em fraternal amizade com índios outrora agressivos*”.

Consoante esta matéria de Seitz, a notícia de que o Pico da Neblina era o mais alto do Brasil foi transmitida pela primeira vez pelo General Ernesto Bandeira Coelho, chefe, à época, da Comissão Brasileira Demarcadora de Fronteiras, conhecido como “*o novo Rondon ou o Rondon das fronteiras*”<sup>3</sup>. O general Bandeira Coelho, acompanhado de astrônomos, topógrafos e demais técnicos, fez um voo de reconhecimento, em pleno dia de céu limpo, tornando possível aferir a altitude do Pico da Neblina como sendo de 3.100 metros<sup>4</sup>.

Todavia, o autor do texto evidenciou que outros brasileiros andaram naquela região do Pico da Neblina antes de o general e sua equipe de abnegados servidores da Comissão Demarcadora de Fronteiras. Dentre os brasileiros que já conheciam aquela região, além dos índios, estava:

---

2 Informações sobre a visita do alemão George Seitz às comunidades Yanomami onde o padre Góes atuava serão tratadas, também, no capítulo “Acolhendo Visitas”.

3 Os epítetos de “o novo Rondon ou o Rondon das fronteiras” é uma referência ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, engenheiro militar, sertanista brasileiro e primeiro diretor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

4 Esta medição foi revista pelo IBGE em 2015, passando a indicar que o Pico da Neblina tem 2.995,30 metros de altitude. Disponível em: <http://www.inde.gov.br/noticias-inde/8530-geociencias-ibge-reve-as-altitudes-de-sete-pontos-culminantes.html>



O padre salesiano Antônio José Góes, um sergipano alto e forte de 43 anos de idade. Diz ele: - Conheço o Pico da Neblina há uns oito anos. Foi em 1954 que comecei o meu trabalho no pé dessa serra. Para mim não há dúvida, trata-se de um pedaço do Brasil (SEITZ, 1963, p. 67).



Figura 21: Padre Góes em seu convívio com os indígenas do Pico da Neblina. Fonte: Seitz (1963, p.67).

O padre Góes que já conhecia esta região há oito anos antes de o Pico da Neblina ser reconhecido, em 1962, como o ponto culminante do sistema orográfico brasileiro, defendia que esta montanha era um pedaço do Brasil. Faz-se necessário ressaltar que, antes daquele ano, havia uma intensa discussão se o Pico fazia parte do território venezuelano ou do brasileiro. Em seu artigo, Seitz destacou que este ponto culminante se encontrava, até então, em zona ainda não demarcada, mas onde havia um núcleo de povoamento composto pelas comunidades Yanomami de Maturacá e pela presença da missão salesiana Nossa Senhora de Lourdes e que esta zona era, idealmente e há bastante tempo, incluída como parte integrante do território brasileiro, pois, no lado do Brasil, já havia, além da presença indígena, vestígios de colonização e de povoação por parte de seringueiros e balateiros<sup>5</sup>.

5 Apesar de não ter sido referenciada diretamente esta informação no artigo de George Seitz, cabe destacar que, em 1962, a Comissão Demarcadora de Limites concluiu que o Pico da Neblina estava em território brasileiro, a meros 687 metros da fronteira. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico\\_da\\_Neblina#cite\\_note-IBGE04-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico_da_Neblina#cite_note-IBGE04-2)>.

Neste texto da Manchete, padre Góes revela a razão de ter escolhido um trecho da mata na beira do rio Ariabú, na região de Maturacá, de onde dá para avistar o Pico da Neblina, para erguer a sua primeira estação missionária entre os Yanomami:

Escolhi o local perto da boca de um pequeno rio, de nome Ariabú, que desce da montanha, até hoje não pisada por um homem civilizado e quase sempre escondida por trás de uma cortina de nuvens ou neblina. Só nos dias muito límpidos e claros é possível ver o seu pico. Escolhi aquele local por causa da ponte que cruza o rio. É uma ponte como poucas, construída habilidosamente por meio de cipós gigantescos que pendem de todos os lados, do alto das árvores, sobre as águas escuras dos rios (SEITZ, 1963, p. 68).



**Figura 22:** Esta palhoça é a igreja onde o padre Góes celebra missa. Fonte: Seitz (1963, p. 69).



O ponto máximo do texto de Seitz diz respeito ao diálogo que ele tem com o missionário sergipano, buscando compreender a percepção do padre no que diz respeito ao Pico da Neblina e como foi a sua aventura no contato com as comunidades Yanomami daquela região. Seitz começou questionando o motivo de o salesiano, mesmo já vivendo tanto tempo naquela exuberante região da Floresta Amazônica, não ter se tornado o primeiro brasileiro a desvendar o Pico da Neblina como o ponto mais alto do Brasil. O sacerdote responde com bonomia:

Ora, meu filho, eu não possuo conhecimentos topográficos. Isso é coisa para geógrafos. Além disso, eu costumo olhar para muito mais alto

(...)

Já em 1915, a então chamada Comissão Mista de Limites tinha subido, como nós, o rio Cauaburis, para cantar, na cachoeira Huá, o Marco da Fronteira. Em 1929, o mesmo percurso foi feito por outra comissão que, sob a chefia do Capitão-de-Mar-e-Guerra Brás de Aguiar, verificou a exatidão dos pontos trigonométricos. Através desses anos, a região foi bem povoada por patrícios nossos. Seringueiros e balateiros entraram por todos os afluentes e igarapés, à procura dos produtos a explorar nessa rica e fértil região. Mas, tudo parou de repente, quando apareceram índios agressivos, matando homens e crianças, apossando-se de mulheres, destruindo casebres. Quem pôde, abandonou a região e fugiu para o rio Negro. A mata virgem voltou a dominar a terra. Isso aconteceu por volta de 1930. Mas eu tinha que vir, por força de minha vocação de missionário. E vim (SEITZ, 1963, p. 71).

Para o escritor desta reportagem, esta fala do salesiano explica, perfeitamente, que o olhar e o objetivo do missionário estavam voltados para os sinais do céu, bem como para os Yanomami, a quem se dedicou com tanta paciência e devotamento apostólico, o que o levou a não conhecer, com mais profundidade, esta realidade geográfica tão importante na qual estava imerso.

Seitz seguiu o texto procurando entender algo que aguçava a curiosidade de todas e de todos que conversavam com o padre Antônio, perguntando como se deu o contato com os índios e como estes o trataram nos primeiros encontros. O sergipano pontuou:

Vim como amigo e foi como um amigo que eles me receberam. Não me maltrataram e aceitaram com alegria os meus presentes: facões, machados, miçangas. E torrões de açúcar, que desconheciam. Demonstrei logo a minha confiança neles. Escalei dois para meus guias e ajudantes. Muito do que sei para viver no mato aprendi com eles. E ensinei muito, o mais que eu sabia e podia. Quando lá chegarmos, vai ver (SEITZ, 1963, p. 71).

Sendo assim, o aventureiro alemão teve a oportunidade de comprovar o que o seu amigo brasileiro falou, pois se deparou com índios pacíficos e acolhedores quando fez, acompanhado de sua esposa Thea Seitz, o seu primeiro contato com os Yanomami. George, também, deixa claro que já havia visitado o sacerdote pela primeira vez em 1956, quando, nesta ocasião, pretendeu realizar estudos etnográficos na região do Pico da Neblina. Mas, só foi na segunda visita ao religioso, no ano de 1960, que ele e sua esposa puderam ver toda a serra e o ponto topográfico mais alto do Brasil, inteiramente, livres de nuvens, ponto este conhecido como Pirapucu, segundo a tradição indígena.



Seitz, em outro questionamento, perguntou se algum índio havia escalado a montanha, e o homem alto e barbudo respondeu com sentido de interrogação: “*para que, se não há nada lá para comer?*” (SEITZ, 1963, p.71). O etnólogo finaliza este importante documento histórico ressaltando a sua admiração pelos homens modestos e quase esquecidos, esses “*heróis quase anônimos, ou mesmo anônimos*” que constituem as Comissões Demarcadoras de Fronteiras e expressou também que a sua:

Admiração pela obra do Padre Antônio Góes fica expressa nestas linhas. Seria ainda pouco tudo quanto eu pudesse escrever para ressaltar o que é o seu trabalho, neste posto avançado do território brasileiro.

(...)

Suas lutas e seus esforços só vem a público quando há um grande acontecimento, como o de agora, capaz de projetar no mapa regiões até ontem de todo ignoradas (SEITZ, 1963, p. 71).

Mesmo com a escassez de documentos que retratem o apoio do padre Antônio Góes às existentes Comissões de Demarcação de Limites na região fronteira da Floresta Amazônica entre o Brasil e a Venezuela, inclusive nas imediações do Pico da Neblina, este texto do George Seitz, publicado na Manchete, em 1963, configura-se como um importante registro da relação do missionário com o ponto culminante do Brasil.

É fato conhecido, pelos seus correligionários e contemporâneos salesianos e pelos habitantes das inúmeras povoações rionegrinas, que o sacerdote atuou constantemente no apoio às equipes de demarcação na revisão de planos e de mapas, ajudando na correção das coordenadas cartográficas de alguns pontos, principalmente no que

se refere aos limites relacionados às regiões dos rios Cauaburis, Maturacá e Marauaiá<sup>6</sup>. Segundo o senhor Antônio Teixeira, grande amigo e ajudante de Góes nas excursões pelos rios e nas atividades da missão de Marauaiá, o sergipano tinha um certificado do exército que lhe conferia ser um dos defensores daquela área do Pico da Neblina. Para Edenir Teixeira, sobrinho de Antônio Teixeira, se não fosse o apoio do religioso a esta comissão, o Brasil poderia perder o Pico da Neblina para o território venezuelano<sup>7</sup>.

Uma informação que era compartilhada entre irmãos e sobrinhos do padre Antônio, filho de Itabaiana, uma cidade serrana do agreste de Sergipe, era que o seu ilustre parente foi o “descobridor” do Pico da Neblina. Esta informação, apesar de não denotar a realidade, carrega, por outro lado, uma conotação recheada de muita admiração de seus familiares para com a grandiosidade, a bravura e a coragem do sergipano em desbravar e habitar estes longínquos rincões nos remotos anos de 1950, onde e quando ainda se tinha muito a conhecer naquela imensa cortina verde da Amazônia.

---

6 Disponível em: <http://seminare.pl/pdf/tom03-13-farina.pdf>

7 Antônio Teixeira e Edenir Teixeira foram entrevistados pelo senhor Irmão José Gulli, em 2016 e 2017, respectivamente.



## CORAGEM E VALENTIA EM DEFESA DA PAZ



“Por vezes, eu tive que  
intervir com força para evitar  
alguma tragédia”

**Padre Antônio Góes, 1956, p.102**

A pesar de não haver escritos ou documentos que revelem as dificuldades e os desafios enfrentados pelo padre Antônio no local de sua segunda missão, a Sagrada Família, padre Luis Laudato recolheu relatos orais de indígenas que enfatizaram que o salesiano presenciou a chegada dos Kohoroxithari de Maturacá em Marauaiá, os quais foram com a intenção de acertar questões antigas e novas com os Karawethari. O missionário sergipano, num ato de coragem e valentia, contribuiu para evitar uma luta fratricida e trágica entre os dois grupos (LAUDATO, 1998).

Segundo relato do Yanomami Graciliano, do grupo Pukimabuweatheri, feito ao padre Laudato, o salesiano Antônio Góes:

Enfrentou corajosamente o chefe Joaquim (Ohiriwe) do Maturacá, que vibrando um terçado na mão, queria agredir o chefe dos Karawethari. O padre cortou o caminho de Joaquim e, com um gesto imprevisto, agarrou o braço do chefe, com tanta fir-

meza e determinação, que o terçado pulou por cima da cabeça do missionário e caiu no chão; naquele mesmo instante gelou-se toda a raiva do chefe Joaquim que, com uma rara presença de espírito, proclamou o padre chefe de todos os Yanomami (LAUDATO,1998, p. 47).

Esmiçando este acontecimento, relatos feitos ao padre Laudato por vários Yanomami, que eram jovens à época, enfatizam que os Kohoroxithari de Maturacá se armaram bem para fazer uma surpresa aos Karawethari do Marauiá com o forte propósito de exterminar os seus adversários. Um indígena do próprio grupo dos Kohoroxithari, por ter muito respeito e deferência ao padre Góes, avisou a ele que os índios de Maturacá chegariam de surpresa nas terras de seus rivais.

O padre, que estava iniciando sua itinerância missionária no Marauiá, pois, até aquele momento, ainda não tinha construído a casa da missão Sagrada Família, sentiu a necessidade de impedir o iminente fratricídio. Para tanto, avisou aos Karawethari o que estaria por acontecer e sugeriu que todos se escondessem na mata.

Quando os Kohoroxithari chegaram, o padre Góes foi ao encontro do tuxaua Joaquim, solicitando a ele fazer trocas dos objetos que eles traziam. E o chefe índio começou a pegar os apetrechos. Todavia, o tuxaua dos Karawethari, ao ver esta aproximação amiga entre o missionário e o chefe dos Kohoroxithari, sentiu-se enciumado, pois sabia que o padre Antônio já tinha convivido, tempos antes, com seus inimigos de Maturacá e que mantinha boas relações com eles. Logo, o anfitrião, não gostando da postura de seu rival, decidiu enfrentar Joaquim e todo o seu grupo.

Num primeiro momento, o sacerdote não teve como evitar o confronto entre os líderes Yanomami. Vendo avolumar a euforia da disputa, o salesiano, ainda a certa distância, correu e com muita cora-



gem entrou no meio dos dois tuxauas, segurando a mão do Joaquim com tanta força que o fez perder o controle do terçado que, por sua vez, caiu no chão. Ao se ver impossibilitado de prosseguir com aquele combate e diante da forte presença e da intervenção do missionário, Joaquim, num ato de respeito e generosidade, proclamou o padre Antônio Góes como “o tuxaua dos tuxauas”. Logo, todo mundo vibrou e, imediatamente, o confronto cessou.

Padre Laudato ressalta que o chefe Joaquim agiu de forma sábia e estratégica. Compreendendo que o padre tinha uma relação de amizade com as duas tribos e o identificando como um laço entre os dois grupos, que, até este acontecimento, eram tão rivais, o tuxaua dos Kohoroxithari decidiu que o missionário deveria ser respeitado como o chefe de todos os chefes destes grupos Yanomami. Esta atitude seria uma forma de evitar a comparação de poder entre os tuxauas, os quais sentiam que era preciso conviver sem conflitos e confrontos diretos.

Desde este episódio, os dois grupos não chegaram a se enfrentar belicosamente e mantiveram, paulatinamente, laços de amizades, visitando uns aos outros. Como revela ainda o padre Luís Laudato (1998, p. 47): “*missões pacíficas de Kohoroxithari e Karawethari se visitam, estreitando, cada vez mais, os laços de amizade-aliança, magnífico exemplo que deveria ser imitado pelos ocidentais-orientais da Europa Civilizada*”.

Irmão Gulli ressalva que houve somente uma forte e falsa suspeita de que o grupo do Marauíá estava em marcha para atacar o de Maturacá, no tempo em que o Irmão salesiano Tomás di Stefano<sup>1</sup> estava atu-

---

1 Ir. Tomás Di Stefano (Capranica/Viterbo/Itália: 07/09/1939 – Manaus/Amazonas/Brasil: 11/08/2018). Irmão Tomás foi enviado como missionário ao Brasil em agosto de 1982, trabalhando em diversos serviços da Inspeção São Domingos Sávio, destacando-se, principalmente como ecônomo e professor. Atuou em diversas comunidades abrangidas pela ISMA, exercendo, inclusive, os papéis de ecônomo e professor nas comunidades Yanomami do Marauíá, entre 1990 a 2000 e entre 2003 a 2005. Aos 79 anos de vida, 62 de Profissão Religiosa, 56 de Profissão Perpétua e 36 anos de chegada ao Brasil, Ir. Tomás Di Stefano faleceu no dia 11 de agosto de 2018, vítima de um choque séptico (ISMA, 2018e).

ando como ecônomo e professor em Marauíá, residindo, precisamente, na comunidade do Pohoroa. Os indígenas de Maturacá se prepararam para a defesa, mobilizando também militares do exército do 5º Pelotão Especial de Fronteira (PEF), enquanto que as mulheres e as crianças se organizaram para se esconder no mato. Para alívio de todos, este episódio não se concretizou. Tirando este iminente fato que não acabou acontecendo, não houve, a partir de então, confrontos bélicos diretos entre os dois grandes grupos.

Padre Antônio muito se preocupava com estes confrontos entre os variados grupos Yanomami, pois poderiam levar ao contato inconsequente de alguns indígenas com comunidades não indígenas mais próximas, acarretando assim o surgimento de abusos e de doenças endêmicas. Ele acreditava que se estes grupos se unissem, poderiam se tornar mais sustentáveis e fortalecidos frente a futuros contatos com os napë (homens não Yanomami). Em seu escrito no *Bollettino Salesiano*, padre Góes relata que:

Quando insultos acumulados e ódios inveterados entre uma tribo e outra criam estados de tensão que em breve leva a uma guerra aberta, a carnificina é grande. Apenas em dois anos, duas tribos bastante numerosas, Aharaibos e Uaisca<sup>2</sup>, foram reduzidas a uma quantidade mínima. Totalmente armados e atacando inesperadamente o acampamento dos Aharaibos, os Uaisca massacraram um grande número da outra tribo (...). De repente, os Uauanaetes<sup>3</sup>, alertado por fugitivos Aharaibos, surpreenderam os Uaisca

---

2 Uaisca, Uaicá, Aicá, Waiká ou “Waika”: compreendiam nomes utilizados para referenciar, tempos atrás, uma das comunidades da região de Marauíá. Atualmente, estes termos não são mais usados, pois se tratam de denominações depreciativas atribuídas aos Yanomami pelos outros, pois derivam do termo “waikai” que significa matar (LAUDATO, 2009).

3 Do que se depreende do artigo de Góes (1956), Uauanaetes se refere aos Wawanawetheri (termo mais utilizado), um dos grupos Yanomami da fonte do Rio Maiá.



em seu acampamento e os destruíram quase inteiramente. Apenas alguns conseguiram escapar do massacre e fugiram de seu acampamento por medo de mais ataques, e vieram morar perto de brancos, no Baixo Rio Negro; mas aqui, fora do seu ambiente, sujeitos à doença e ao abuso dos brancos, poderiam desaparecer completamente (GÓES, 1956, pp. 99-100).

O Yanomami Alberto Góes<sup>4</sup>, filho do tuxaua Júlio Góes, reforça que os Kohoroxithari e os Karawethari eram tribos vizinhas que comumente duelavam por causa de terras, de raptos de mulheres, dentre outros motivos. Mas, a partir da convivência com os missionários, primeiro, o padre Antônio Góes, e depois outros que ali também atuaram, as duas tribos começaram a se relacionar de forma mais pacífica, lançando mão do diálogo ao invés dos confrontos fratricidas.



— ∞ —  
Figura 23: Alberto Góes com seu pai Júlio Góes. Fonte: acervo pessoal de Alberto Góes.

---

4 Alberto Brazão Góes atuou como Presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (DSEI Yanomami) /Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI)/Ministério da Saúde(MS) e atualmente exerce a função de Assessor Indígena Yanomami/ Controle Social (SESAI/MS).

Cabe ressaltar que as brigas não somente eram comuns entre as tribos rivais. Entre os próprios antepassados Kohoroxithari que foram se estabelecendo no xapono Ariabú, na região do canal de Maturacá, próxima à missão salesiana Nossa Senhora de Lourdes, havia também muitos conflitos, devido ao crescimento populacional e às transformações constantes da comunidade. Alguns conflitos levaram à separação de lideranças e à criação de novos xaponos (GONÇALVES, 2019).

Júlio Góes lembra que, quando havia atrito entre os índios, o padre logo corria para evitar brigas e agressões, principalmente, para não amedrontar as crianças. Enfatiza que esse propósito de apaziguar sempre esteve com o missionário, seja em Maturacá ou em Marauíá, e com isso os nativos passavam a respeitá-lo e a acreditar mais nele. Na fala do líder fica bem claro que “*neste ponto ele era rígido*” e que “*ele sempre defendeu o povo para viver em paz*”.

Como realça Laudato (1998, p. 239), o espírito solidário do missionário lhe permitiu “*não só em contatá-los e convencê-los a viver perto da missão, mas em prepará-los para enfrentar os desafios que lhes apresentariam os brancos*”. O tempo de paz entre os diferentes grupos Yanomami contribuiu para um expressivo aumento demográfico e para a manutenção de festas tradicionais cada vez mais comunitárias. O missionário italiano reforça que “*graças à fé corajosa de um Teu enviado, o inesquecível Pe. Antônio Góes, eles vivem pacificamente, nas serras de fronteiras entre o Brasil e a Venezuela*” (LAUDATO, 1998, p. 270).

Apesar de haver, entre os diferentes grupos Yanomami do Amazonas, a construção contínua de laços de amizade, respeito e cooperação, culminando na criação de diversas organizações como a Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA), a Associação das Mulheres Yanomami Kumiräyöma (AMYK), ambas em Maturacá, bem como a Associação Kurikama, em Marauíá, as comunidades desta



tribo do Amazonas, assim como as de Roraima, não vivem situações plenas de paz e de equilíbrio, devido às ações depredadoras de não indígenas. Há décadas, toda nação Yanomami é vítima da invasão de suas terras, do desmatamento ilegal e, principalmente, das atividades garimpeiras ilegais e genocidas, muitas vezes legitimadas por políticos e donos do capital que veem as terras Yanomami como meros meios de lucro e não como santuários naturais onde estes belos e magníficos seres humanos convivem harmonicamente com os outros seres. Estes desastres ambientais levam a desastres sociais irreversíveis que assolam a cultura, a saúde, a dignidade e a sobrevivência destes guardiões da floresta.

## INCENTIVO À AUTONOMIA NA PLANTAÇÃO E NA COLHEITA



“Eu introduzi entre os macu o cultivo de mandioca e de muitas outras plantas que eles não conheciam”.

**Padre Antônio Góes, 1956, p. 103**

Desde os seus primeiros contatos com os Yanomami, tanto em Maturacá quanto em Marauaiá, o sergipano promoveu a distribuição de ferramentas indispensáveis para o cultivo e para a colheita de plantas frutíferas e de hortaliças, no sentido de tornar os nativos autossuficientes na provisão de alimentos, tendo todo o cuidado de não introduzir produtos sem utilidade ou que pudessem ocasionar danos aos seus costumes e ritmos (LAUDATO, 1998).

O salesiano Irmão Gulli lembra que, desde quando o padre Antônio foi encarregado para tomar conta da missão de Maturacá, ele começou a permanecer mais tempo e de maneira mais demorada no meio destes nativos, proporcionando as técnicas de plantar, de cultivar a terra, de pescar, bem como trazendo orientações sobre o uso de instrumentos, com o intuito de criar condições de autossustento. Em suas viagens periódicas, nas quais aproveitava para trocar produtos dos Yanomami por outros produtos que fossem necessários para a dinâmica da tribo, o sacerdote contava com o apoio do seu querido e



respeitado amigo, o senhor João Tavares, pai de Eugênio e Edson, que residia em um sítio na ilha Jerusalém, que ficava pouco abaixo da foz do Cauaburis. Neste local, havia, também, encontros de regatões e de comerciantes que transitavam pelo rio Negro.

Padre Góes (1956, p. 103) deixa bem evidente que introduziu entre os Yanomami:

O cultivo de mandioca e de muitas outras plantas que eles não conheciam, assim como o primeiro animal doméstico. Apresentei as ferramentas de trabalho, especialmente ferramentas de corte, machados e foices, uma vez que essas ferramentas são mais necessárias para fazer o seu caminho na floresta. O único meio que eles tiveram até agora para abrir caminho foi o fogo.

De forma semelhante, nas duas missões, cercou-se um terreno com um pomar diverso, composto de banana, mamão, laranja, limão, abacaxi, melancia, cupuaçu, pupunha, jambo, cana buriti, coco, entre outros frutos. Também, foram construídos um chiqueiro, galinheiro e curral. Mas, com o passar do tempo, só as plantações permaneceram (AZEVEDO, 2007).

Padre Luis Laudato (1998, p. 102), continuador da obra de seu antecessor em Marauaiá, discorre que a implantação da “*atividade agrícola não teve consequências negativas sobre a cultura Yanomami, porém introduziu mudanças incisivas nos seus ritmos de vida*”. Por exemplo, os Yanomami que, antes do convívio interétnico, eram nômades ou seminômades, começaram a se fixar por longos períodos perto das roças cultivadas. O paulatino e contínuo aumento da produção dos produtos agrícolas contribuiu para amenizar os problemas sazonais de suprimento de alimento. Para Laudato (1998, p. 103), “*a comunidade começou a viver períodos de serenidade e de paz, diminuindo as correrias*

exasperadas atrás daquilo que o mato pode oferecer com seus imprevistos”. Consequentemente, os nativos também puderam se dedicar mais a outras atividades, como, por exemplo, ao artesanato, ao preparo da farinha, à caça e à pesca.



—∞—  
**Figura 24:** Padre Antônio Gôes realizando colheita com apoio de jovens Yanomami. Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

Dentre os produtos cultivados, a mandioca, que foi introduzida pelo sergipano, passou a ser, assim como a banana, uma das bases alimentares dos Yanomami. Com o cultivo deste tubérculo, o nordestino ensinou aos índios o preparo da farinha, do beiju e da tapioca. A farinha, que tinha sido apresentada a eles, antes mesmo de aprenderem a preparar, foi “*amor à primeira vista*” (BERWICK, 1992, p.71).

É preciso pautar que o padre Antônio era oriundo de Itabaiana, cidade do agreste de Sergipe, que é conhecida pela sua potencial produção de mandioca e de farinha, sendo umas das principais produtoras destes alimentos no estado. E como todo bom itabaianense, pôde aprender com seus pais, Valentim e Genoveva, a plantar e a colher mandioca, bem como a preparar farinha. Desta forma, tinha todo o conhecimento para passar adiante a seus amigos indígenas.



Figura 25: Mulher Yanomami de Maturacá torrando farinha, sendo observada por não indígenas, dentre eles, o salesiano Irmão José Gulli (de camisa social). Fonte: acervo do Irmão Gulli.

O líder Júlio Góes enfatiza que o missionário, também, ensinou a eles a plantar e a colher uma variedade de outras plantas frutíferas e tubérculos. A este feito, o líder Yanomami da comunidade Ariabú reafirma que *“hoje em dia a gente tem fartura destas coisas que ele deixou”*. E acrescenta que os Yanomami de Maturacá nunca deixaram de fazer plantações para não desfazer o que *“ele deixou para nossa lembrança”*.

Além do cultivo de produtos agrícolas, a pesca contou com novos incrementos trazidos pelo religioso, como a vara e o anzol. Antes da utilização destas ferramentas, a pesca se dava com o uso de cipó ou com o uso de arco e flecha. Com estes novos instrumentos, a habilidade da pesca se ampliou. Isso contribuiu para conseguir pescar maior número de peixes de variados tamanhos. Somado a isso, ao longo da permanente convivência com o padre e com outros não indígenas, como, por exemplo, ribeirinhos e especialistas que o sacerdote trazia de fora, os nativos mais jovens aprenderam a nadar e a construir canoa, possibilitando maior capacidade de sobrevivência frente às intempéries naturais. Sobre estas atividades, Júlio reitera que o sacerdote, do mesmo modo, *“incentivou a gente a navegar, a remar, remar no rio, pescar no*

*rio, no remo, de canoa, de caçar. Tudo isso ele deixou o exemplo para nós. A gente não tinha, não conhecia estes tipos de afazeres”.*

As lideranças tradicionais acentuam que a variedade e a qualidade alimentar melhoraram após o contato com o padre Antônio Góes e depois do estabelecimento da missão, pois muitos tiveram a oportunidade de obter e de estocar alimentos para quando não houvesse caça o suficiente. Esta possibilidade foi algo muito positivo para as comunidades (FERREIRA, 2017).

Deste modo, o cultivo da mandioca e de outras plantas, o preparo da farinha, a utilização de anzol na pesca, a construção de canoas e a atividade de navegação compreendem marcas concretas e vigorantes do contato e da convivência do sergipano com estes acolhedores nativos. Ao longo de tempo, estas atividades foram aperfeiçoadas por meio da instrução de outros não indígenas e que impulsionaram e continuam impulsionando, nas comunidades de Maturacá e de Marauaiá, movimentos cotidianos positivos em prol da sobrevivência dos Yanomami.



## ATUAÇÃO MISSIONÁRIA



“Atualmente eu passo entre elas uma grande parte do ano. Já estou providenciando materiais para construção e, com a ajuda do Senhor, vou poder dar a essas tribos a possibilidade de uma educação cristã sem movê-los de suas áreas. Se, de fato, estes índios se afastarem de suas casas, isso vai acabar com o desaparecimento de suas raízes, tal como já aconteceu com outras tribos”.

**Padre Antônio Góes, 1956, p. 103**

No início de sua convivência com os Yanomami do Cauaburis, padre Antônio enviou para o internato de Iauareté e de Tapuruquara (atual Santa Isabel do Rio Negro) algumas crianças e alguns jovens nativos, de ambos os sexos. De acordo com o líder Júlio Góes, os primeiros a serem encaminhados pelo missionário para o internato de Tapuruquara foram onze meninos: Celestino, Pedro<sup>1</sup>, Martin, Francisco, Bernardo, Tarcísio, Henrique, Davi, Daniel, Mateus e o próprio Júlio, o qual era chamado carinhosamente por todos de *Julhinho*.

Além dos meninos, as meninas que também foram enviadas para estudar no internato em Santa Isabel foram Margarida, Carmelita, Carolina, Hermelinda, Lourdes, Palmira e Teresa (KNOBLOCH, 1970; 1975). Daniel Góes<sup>2</sup>, tuxaua da comunidade de Maturacá, e sua esposa

---

1 Celestino e Pedro foram os dois jovens que acompanharam o padre Góes para a missão de Iauareté, onde foram batizados, no início de 1953. Nesta ocasião, foram apresentados a João Resende Costa, representante do Reitor Mor dos Salesianos no Brasil, à época (GÓES, 1956).

2 Ela foi a primeira professora Yanomami na região Maturacá e hoje é vice-presidente da associação de mulheres Kumirãyöma (FERREIRA, 2017).

Margarida Pereira Góes<sup>3</sup>, os quais estudaram no internato de Santa Isabel, lembram que o padre, quando ia visitar as crianças e os jovens indígenas, sempre cuidava deles e dava a necessária atenção, perguntando se eles estavam sendo bem tratados e levando o que eles precisavam em termos de materiais escolares, de roupas e de alimentos. Dom Miguel D’Aversa (1992), do mesmo modo, recordava que, quando o salesiano voltava a Tapuruquara, era uma festa para os meninos e para as meninas do Marauíá e de Maturacá.

Em seu escrito publicado no *Bollettino Salesiano* de 1956, padre Góes registrou a presença dos jovens indígenas na missão de Tapuruquara:

Atualmente, uma dúzia de meninos e meninas Macus<sup>4</sup> é educada aqui na Missão de St. Isabel em Tapuruquara, e pertence às duas tribos inimigas - Aharaibos e Uaisca. Os primeiros contatos entre eles foram hostis, mas, em seguida, foram se tornando amigos cordiais e eles estão sempre uns com os outros, porque ninguém mais sabe a sua língua. Esperamos poder batiza-los o mais rapidamente possível e prepará-los para que estes pequenos sejam missionários em suas tribos (GÓES, 1956, p. 103).

---

3 Tuxaua Daniel Góes (in memoriam) e sua esposa Margarida Góes foram entrevistados pelo salesiano Irmão José Gulli, em junho de 2017.

4 O termo “Macus” ou “Macus do Mato” eram os termos atribuídos a estes indígenas na época dos iniciais contatos, quando ainda não havia informações mais precisas sobre estes nativos, que depois passaram a ser conhecidos como “Yanomami”, pois assim eles se reconhecem. No capítulo que trata sobre o “Escrito do Padre Góes no Bollettino Salesiano” foi explanado o uso do termo “Macu”.



Figura 26: Padre Antônio Góes com jovens e crianças Yanomami. O indiozinho do meio, o Julhinho, é hoje o Líder Yanomami Júlio Góes<sup>5</sup>. Fonte: acervo da família do padre Góes.

Sobre estes jovens que estavam internos em Tapuruquara, padre Góes (1956, p.103) ressalta que, até 1955,

Apenas dois meninos foram batizados entre os Macus. Um deles é Celestino, (...), o outro é Pedro, ambos da tribo de Aharaibos. Além desses dois, batizei também muitas crianças das tribos Uaisca e Aharaibos que morreram, e confortou a pensar que esses índios já têm seus representantes no Paraíso.

Alguns jovens, dentre eles, Júlio Góes, receberam a primeira comunhão, na tarde de 28 de junho de 1957, durante a solene visita à **missão de Tapuruquara do Reitor Mor e 5º Sucessor de Dom Bosco, Dom Renato Zigiotti**. Segundo relato de Luiz Oliveira (1994, p. 168),

---

<sup>5</sup> No verso da fotografia está escrito: “Querida I. Josefa, com este belo postal, agradeço a sua cartinha de parabéns e especialmente as orações feitas por mim. Afima em Jesus e Maria”.

em seu livro “Centenário da presença salesiana no Norte e Nordeste do Brasil”:

Na tarde de 28 de junho, na rápida lancha do Governador do Estado, ex-aluno de Humaitá, a comitiva chega a Barcelos. A recepção é festiva e cordial. O Reitor Mor é saudado pelo Dom José Domitrovitsch<sup>6</sup> e pelas duas comunidades, dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora. A falta de tempo obriga a prosseguir na mesma tarde a viagem fluvial até Tapuruquara, onde o Reitor Mor sente-se feliz em administrar a primeira comunhão aos oito indiozinhos do rio Cauaburis, onde o Pe. Antônio Góes está iniciando novo centro de Missão.

Com a contínua convivência com o missionário, tanto este quanto os próprios nativos sentiram a necessidade de lançar mão do uso de nomes de não indígenas, no sentido de facilitar a comunicação. Num primeiro momento, o salesiano recorreu a nomes do Antigo Testamento e, aos poucos, do Novo Testamento. Em Marauíá, por exemplo, ao nascer uma criança, a mãe vai logo à procura dos missionários, pedindo para estes darem um nome ao novo Yanomami. Da mesma forma, mães de aldeias vizinhas já contatadas pelos missionários, dirigem-se a Marauíá com o mesmo objetivo (RE *et al.*, 1988).

---

6 Dom José Domitrovitsch (Sumetendorf/Hungria: 14/03/1898 – Humaitá/Amazonas/Brasil: 27/02/1962): em seus primeiros anos de formação salesiana, enfrentou o medo de ser convidado a fazer parte do exército de seu país durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1924, por ordem de seus superiores, foi destinado para as missões da região do Baixo Rio Negro, atuando na Missão Salesiana de Barcelos, onde anos mais tarde se tornou diretor desta casa. Foi o responsável por construir igrejas, escolas e um hospital na cidade de Barcelos. Em 1939, fundou a missão salesiana de Pari-Cachoeira, no rio Tiquié, onde, também, construiu igrejas, internatos e um hospital. No ano de 1947, a Santa Sé o nomeou Bispo Coadjutor do Rio Negro. Em 1961, o Papa João XXIII criou a Prelazia de Humaitá e nomeou Dom Domitrovitsch como primeiro bispo desta prelazia. O bispo faleceu em 27 de fevereiro de 1962, exatos 14 anos antes do falecimento do Padre Antônio Góes (D'AVERSA, 1982).



Figura 27: À esquerda, o Inspetor Dom Miguel D'Aversa; no meio e rodeado pelos meninos índios, o Reitor-Mor Dom Renato Ziggiotti e à direita, o padre Antônio Góes. Fonte: *Bollettino Salesiano* (outubro de 1957, ano 81, nº 19, p. 374).

Em uma passagem de seu escrito, o sacerdote assinala que os nomes originais dos Yanomami são nomes de animais, plantas ou de fenômenos naturais, nomes muito respeitados por eles, mas ressalva que “*quando eles recebem o nome de batismo, embora ainda não batizados, ai de quem deseja chamar pelo seu nome antigo: pedras voam*” (GÓES, 1956, p. 103).



Figura 28: Padre Antônio Góes com crianças e jovens Yanomami que estudavam no internato de Tapuruquara. Fonte: Góes (1956, p. 100).

Apesar de o padre Antônio ter enviado, no início de seu trabalho, alguns jovens e crianças para Santa Isabel do Rio Negro (Tapuruquara), Iauareté e São Gabriel da Cachoeira, a proposta dos internatos muito o apreendia. Ele tinha a noção de que a distância da aldeia e o afastamento imposto nos internos afetavam a cultura e a dinâmica dos grupos indígenas. O missionário (1956, p. 103) carregava a esperança de que a recém-criada missão Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá, pudesse dar aos nativos *“a possibilidade de uma educação cristã sem movê-los de suas áreas”*. E complementava, expressando a preocupação de que *“se, de fato, estes índios se afastarem de suas casas, isso vai acabar com o desaparecimento de suas raízes, tal como já aconteceu com outras tribos”*.

O padre compreendia que entre os Yanomami, principalmente entre os adultos, havia uma resistência aos internatos. As senhoras Oscarina e Inês (conhecida como Dona Mulata), as quais estudaram no internato de Santa Isabel entre 1956 e 1958, trazem a lembrança de que era comum muitos pais Yanomami inconformados irem até o colégio para levar de volta os seus filhos para as aldeias. Muitas vezes, os salesianos e os funcionários da escola não conseguiam convencê-los de deixar os seus filhos permanecerem estudando na instituição. Somente o padre Góes, quando coincidia de estar presente em Santa Isabel, conseguia convencer os pais indígenas a não se revoltarem com a instituição e a voltarem para suas aldeias, mesmo sendo sensível aos seus clamores.

Após a edificação da missão Nossa Senhora de Lourdes, em 1954, foi sendo construído, aos poucos, um pequeno galpão que serviu como escola. A intenção do padre com este espaço era o de promover aos indígenas um processo gradual de alfabetização na língua portuguesa, sem retirá-los de sua comunidade. Ao mesmo tempo, ele se disponibilizava em aprender a língua Yanomami para obter maior facilidade de se comunicar. No início das atividades escolares na missão, o salesiano



contou com a ajuda de três professoras não indígenas no ensino da leitura e da escrita em português. Paulatinamente, de monolíngues em Língua Yanomami, estes indígenas foram se tornando bilíngue em Yanomami e Português (SIMAS, 2013).



Figura 29: Professora ensinando jovens e crianças Yanomami na pequena escola localizada na própria missão. Fonte: Documentário “O meu caminho é rio” (1975).

Segundo a análise de Vieira (2018), em seu estudo sobre a escola Yanomami diferenciada no Médio Rio Negro, apesar de o salesiano ter tido o propósito de utilizar o próprio espaço da missão para as ações de alfabetização dos indígenas, a fim de impedir que eles ficassem longe de suas aldeias, as práticas catequizadoras e integracionistas foram mantidas.

Dom Walter Ivan de Azevedo (2007), bispo emérito de São Gabriel da Cachoeira, chama a atenção de que o missionário Góes, mesmo com a escola já funcionando na missão, ainda manteve alguns jovens Yanomami em Tapuruquara. A proposta era que aqueles que já estivessem no processo mais adiantado de leitura e de escrita pudessem ter acesso à educação da catequese nos internatos, para que, futuramente, estivessem aptos a atuarem como professores de seus parentes.

Dom Walter reconhece que o ambiente da cidade é muito estranho e heterogêneo para ser suportado pelos nativos e que o aproveitamento é maior e a instrução tende a ser realizada com grande respeito para com a cultura dos índios, utilizando-se de seus próprios elementos, quando a escola se estabelece no próprio local da missão, próximo à comunidade indígena onde ela está instalada.

O padre Justino Sarmento Rezende (2009, p. 43), indígena da etnia Tuyuca e ex-diretor da missão Sagrada Família de Marauíá, que foi interno da missão salesiana de Pari-Cachoeira de 1970 a 1979, rememora que “o ritmo dos internatos não favorecia aos jovens o aprendizado das culturas autóctones, pois também se proibia realizar as cerimônias e os rituais indígenas nas aldeias”.

Padre Antônio, desde quando começou a trabalhar com os Yanomami, mostrou-se resistente à construção de internatos, pois trazia consigo a preocupação de que uma grande estrutura escolar pudesse causar mudanças forçadas na cultura e nos costumes das comunidades indígenas. Padre Justino, em entrevista, frisou que nas missões salesianas entre os Yanomami não foram construídos grandes colégios e que isto possibilitou que os indígenas de Maturacá e de Marauíá mantivessem muito vivas as suas tradições no cotidiano, como, por exemplo, os tuxauas que continuam livremente as suas danças e o uso do paricá<sup>7</sup>, diariamente, toda a tarde. Então, o salesiano, ao se referir à postura resistente do padre Antônio quanto à construção de internatos, enfatiza que “isso é uma demonstração que valeu ele ter feito, esta resistência ao modo de trabalhar com grandes colégios”.

---

7 Cheirar o paricá trata-se de um ritual Yanomami em que um adulto sopra um alucinógeno chamado de ëpena (em forma de fino pó cinzento, extraído da árvore do paricá), repetidamente nas narinas de outro. Segundo Laudato (1998), os adultos inalam o ëpena todos os dias, motivados por várias ocasiões, como em rituais de exorcismos, em vigílias de lutas ou batalhas, bem como em outros ritos e cerimônias tradicionais. Usar o ëpena permite entrar em contato com os espíritos eternos, sendo também um pedido para proteção para toda comunidade.



Esta postura de resistência à edificação de internatos também é lembrada pelo Irmão José Gulli, o qual elucida que o sergipano fazia de tudo para não construir internatos, pois acreditava que aquela não era a maneira de promover uma educação para os indígenas. As regras impostas no internato não condiziam com a forma de vida livre que eles tinham e causavam impacto em muitos elementos de sua cultura. Para o Irmão Gulli, esta resistência, em certa maneira, acabou orientando os demais missionários salesianos a não trabalharem com grandes colégios entre os indígenas.

O antropólogo Gustavo Hamilton Menezes (2013, p. 49) salienta que a Ordem dos Salesianos de Dom Bosco goza de certa confiança por parte dos Yanomami, uma vez que estes reconhecem que *“a ampla maioria dos avanços por eles obtidos em relação à escolarização é atribuída aos seus próprios esforços e aos dos missionários”*, além de considerarem que *“o fato de terem uma educação escolar dirigida pelos salesianos é um diferencial positivo em relação às comunidades que dependem exclusivamente dos órgãos do Estado”*.

## Vivendo o Decreto “Ad Gentes”



Com o advento do Decreto “Ad Gentes”, elaborado pelo Concílio Vaticano II e promulgado pelo Sumo Pontífice Paulo VI, em 7 de dezembro de 1965, legitimou-se que a finalidade da atividade missionária seria a evangelização e a implantação da igreja nos povos ou grupos onde ainda não estaria edificada, e que o meio primordial desta implantação seria a própria pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Todavia, no próprio documento, reconhece-se que, diante das particularidades e dinamismos dos diferentes povos e culturas, nem sempre é possível pregar, de forma direta e imediata, a mensagem apostólica.

Este decreto pronuncia que a ação dos missionários católicos deve respeitar e valorizar os ritos e as culturas de cada povo, realizando “o testemunho da caridade e da beneficência de Cristo, *pacientemente, com prudência e, ao mesmo tempo, com grande confiança*”. Ressalta que os missionários, ao anunciarem o Evangelho de forma livre, sem apresentarem uma postura impositiva e etnocêntrica, “*não só prepararão os caminhos ao Senhor, mas até o tornarão já de alguma maneira presente*”<sup>8</sup>.

O Bispo Dom Walter (2007) frisa que, após o trabalho do Concílio, houve uma proteção muito maior no cuidado, no respeito à cultura e na apresentação dos progressos da tecnologia e da civilização não indígena, sem a pretensão de fazer perder os valores da civilização dos indígenas. Uma das ações compreendeu a implantação da educação intercultural bilíngue. Continuando, o bispo emérito de São Gabriel destacou que, em entrevista:

O padre Góes sempre fez isso, dentro do conhecimento que tinha, antes do Concílio. Ele fez um esforço para fazer um pequeno internato na missão, mas, depois, ele viu que era desnecessário se eles estavam vivendo lá perto. Por que ficar interno, não é? Então, ele mesmo que aboliu o internato lá. Havia uma mania dos missionários e das missionárias em fazer internato sempre ao lado da aldeia. Não precisa, não é? Se eles estão na aldeia, que vivam com a família e estudem na missão. Ele também fez isso.

---

8 Decreto Ad Gentes – sobre a atividade missionária da Igreja. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>.



Padre João Sucarrats<sup>9</sup>, salesiano espanhol que desenvolveu atividades em várias missões da Amazônia, acentuou que o seu correligionário fez uma mudança de metodologia missionária antes mesmo do Concílio, visto que, com os Yanomami, ele percebeu que não teria como desenvolver uma postura de impor o batismo a todos de forma abrupta. Se realmente fosse necessário realizar o batismo, que ocorresse em momento oportuno. Para Sucarrats, padre Antônio atuou “*mais pelo exemplo do que pela doutrinação*” e isto revelava uma mentalidade renovada que suplantava aquela mentalidade antiga de evangelização.

Quando ocorreu a promulgação do Decreto “*Ad Gentes*”, em 1965, o sacerdote já estava atuando no Marauíá. Dom D’Aversa (1982, p. 158) enfatizou que “*as novas orientações do Concílio Vaticano II pelo decreto “Ad Gentes” não encontraram Pe. Góes insensível*”. Pelo contrário, ele acolheu estas novas orientações sobre as atividades missionárias com muita sensibilidade e presteza, consultando seus pares e participando com muito afinco dos encontros da pastoral, “*sempre com o fim de acertar o bom caminho da evangelização entre os índios*”.

Os estudiosos italianos Giorgio Re e Fabrizio Re ressaltaram o modo de evangelização do missionário sergipano e dos irmãos Laudato. Para eles, a missão de Marauíá merece um discurso particular, onde se admiraram pela

---

9 Padre João Sucarrats (Terrasa/Barcelona/Espanha: 21/08/1944 – Santa Isabel do Rio Negro/ Amazonas/Brasil: 29/06/2018): filho de Juan Sucarrats Escayol e Ana Font Costa, João teve seu primeiro contato com os salesianos em 1952 em Horta – Barcelona. Em 19 de outubro de 1966 chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro. Realizou seus estudos teológicos em São Paulo e em Manaus, bem como em Bogotá, na Colômbia, onde se tornou diácono. De volta ao Brasil, em Belém do Pará, foi ordenado sacerdote em 3 de abril de 1971. Ao longo de sua trajetória salesiana, realizou várias atividades como Conselheiro Escolar, Coordenador de Pastoral, Pároco, Mestre de Novíços e Diretor. Atuou como Inspetor da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA), em Manaus, entre os anos de 1998 e 2003. Faleceu aos 73 anos, tendo 47 anos de sacerdócio e 52 anos de chegada ao Brasil (ISMA, 2018d).

Inteligente obra do padre Góes e agora dos irmãos Laudato. Em Marauíá não se fala por agora, nem se falou no passado de anúncio explícito do Evangelho e da vida cristã; porém a evangelização é já em ato, enquanto a promoção humana faz parte integrante dela (a defesa de suas terras, a contribuição sanitária, o ensino da agricultura, a alfabetização na língua nativa etc.). Os missionários se limitam a uma obra de apoio global movidos pelo “*Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado*” de Jesus Cristo. Esta é a essência da evangelização deles. Os outros elementos da mensagem cristã chegarão mais tarde, a seu tempo (RE *et al*, 1988, p.216).

Em entrevista à revista Porantim, em outubro de 1978, padre Luis Laudato foi solicitado a responder a um questionamento sobre seu processo de evangelização, fazendo comparação com a atuação apostólica de seu antecessor. Laudato respondeu que não faria comparação, ressaltando que ele e seu irmão Francisco estavam, simplesmente, seguindo a linha de evangelização do fundador da missão Sagrada Família de Marauíá, cuja finalidade era:

Atuar devagarinho, devagarinho, colocando-se sempre ao lado do índio, em sua defesa. Estamos tentando pisar o mesmo caminho que ele nos deixou, de profundo respeito aos valores culturais indígenas, a fim de que eles possam crescer em função de sua própria cultura e não serem assimilados (PORANTIM, vol. 5, 1978, p. 13).

Seguindo a proposta de incentivo à autonomia do indígena e à valorização de sua cultura, Dom Walter enfatiza que o objetivo do serviço salesiano entre os Yanomami é a promoção integral da comunidade, no que se refere aos aspectos físicos, intelectuais, sociais e religiosos.



Também, há o cuidado de evitar todo assistencialismo paternalista, uma vez que é dever dos missionários “*ajudar o Yanomami a se tornar progressivamente o autor do próprio desenvolvimento e construtor da própria história*” (AZEVEDO, 2007, p. 128).

Sobre as práticas assistencialistas e paternalistas, existem algumas ponderações em relação ao fundador das missões entre os Yanomami, no sentido de que ele as exerceu, o que provocou a dependência dos indígenas para com os salesianos. O antropólogo Gustavo Menezes (2010), em sua tese, enfatiza que o padre Góes, à medida que fez amizades, criou relações de dependência, ficando para seus sucessores o desafio de promover ações mais incisivas. De forma semelhante, os próprios salesianos fazem esta análise. Por exemplo, o padre Lázaro Santos, que já dirigiu a missão Sagrada Família do Marauiá, em sua participação no documentário “Missão salesiana entre os índios Yanomami (2016)”<sup>10</sup>, afirmou que, quando os primeiros missionários chegaram nesta região, os indígenas se acostumaram com o paternalismo e com o assistencialismo praticados pelos filhos de Dom Bosco. Logo, atualmente, os novos missionários estão lançando mão de práticas que possam substituir, de forma gradativa, estas ações que causaram dependência, apostando, cada vez mais, na autonomia destes povos.

Correligionários salesianos que conhecerem e que acompanharam de perto a prática missionária do padre Góes, apesar de reconhecerem que ele era filho de seu tempo, com limitações e potencialidades típicas de quem vivenciou aquele contexto de transição da igreja, por conta da promulgação do decreto *Ad Gents*, afirmam que o religioso já exercia este movimento de incentivar as comunidades de Maturacá e de Marauiá a desenvolverem, paulatinamente, a autonomia necessária para traçarem uma história sustentável, não somente no sentido de

---

10 Documentário elaborado em 2016 pela Missioni Don Bosco para fins de comemoração do Dia Mundial Salesiano do ano de 2017.

abertura a outras práticas, mas, ao mesmo tempo, no que se refere ao fortalecimento de suas raízes.

Padre Antônio, ao longo de sua trajetória junto aos Yanomami, foi reavaliando e ressignificando sua conduta apostólica, principalmente, pelo motivo de se permitir imergir nos ritos e em outros costumes dos nativos, até porque almejava realizar um contato intercultural distinto do que ocorrera, anos anteriores, com outras tribos da região do Rio Negro. Do envio de alguns jovens e crianças para os internatos, passou a oferecer a educação cristã na própria missão, sem a pretensão de erguer grandes colégios. O batismo foi ocorrendo num ritmo que respeitava a cultura indígena, sem ser uma atividade que fosse imposta ou que impedisse os recém batizados de viverem seus costumes e suas tradições autóctones.



## IMERSÃO NA VIDA COTIDIANA DOS YANOMAMI



“Eles não são fechados e tímidos como os índios de outras tribos amazônicas, mas são abertos, amigáveis e companheiros. São também vingativos, mas facilmente se esquecem dos insultos e não mantêm ressentimentos”.

**Padre Antônio Góes, 1956, p. 103**

A imersão do salesiano na vida cotidiana dos Yanomami é reconhecida por Júlio Góes como uma respeitosa atitude de participação e de valorização dos costumes e das crenças deste povo. Por exemplo, em termos de alimentação, o líder da comunidade de Ariabú recorda que, quando os índios vinham com caça ou já tinham preparado alguma comida e a ofereciam ao padre, este recebia de forma agradecida. Também, traz como lembrança que:

Toda manhã, ele saía e chegava na aldeia, onde só encontrava as crianças e os velhinhos, porque os demais saíam cedo, à procura de algo para comer. E, assim, a realidade era ele chegar toda manhã. E toda tarde, ele encontrava a aldeia cheia de pessoas alegres comendo caça, cozinhando. Enfim, ele foi se habituando a este contato e amizade, criando mais amizades. Aí, o povo começou a ter aquela amizade pacífica de irmão para irmão.



— ∞ —  
**Figura 30:** Padre Antônio visitando o xapono como de costume. Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

Já fortalecida a convivência e a amizade com seus queridos nativos, o padre costumava combinar uns acordos com eles para lá de divertidos, ou seja, umas brincadeirinhas. Por exemplo, num determinado episódio em que Antônio Fernandes Carvalho (Toninho)<sup>1</sup>, antigo prático da embarcação “João 23”, acompanhou o salesiano pela primeira vez até o Marauiá (Komixiwê), ele se viu em apuros. Toninho relembra que morreu de pavor no momento em que a voadeira encostou no porto da missão, pois, quando menos esperou, percebeu que estava sendo circundado por Yanomami silenciosos, armados de arcos tensos, apontando-lhe as flechas na cabeça. Com aquele sorriso, padre Antônio pediu para ele ficar calmo e tranquilo, pois era somente uma maneira divertida por parte dos índios de receber os seus amigos e convidados.

Além dos jovens e adultos, as crianças gostavam muito do padre, pois ele as ajudava em suas brincadeiras, também. Na comunidade de Marauiá, o grande homem barbudo construiu, de forma proposital, uma bica que servia de diversão e de limpeza para os pequenos, que ficavam horas por lá, ao som de muitas gargalhadas (LAUDATO, 2009). Das brincadeiras surgiram, aos poucos, alguns tipos de jogos que os

---

<sup>1</sup> Toninho foi entrevistado pelo salesiano Irmão Gulli em 2019.



índios iam se habituando e criando gosto. Com a presença dos missionários, a começar com o sergipano, houve o incentivo gradativo à prática de esporte. O Yanomami João Figueiredo, de Maturacá, frisa que *“depois que os missionários chegaram, foram pouco a pouco ensinando e desde dali que começou o esporte lá em Maturacá”* (SOUZA, 2019).



Figura 31: Criançada do Marauiá brincando na bica construída pelo padre Góes.  
Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

A relação recíproca entre o religioso e os índios se dava, também, no momento de cuidado e de tratamento dos nativos contra as enfermidades. Júlio Góes conta que, quando alguém da comunidade ficava doente, ele logo corria para socorrer e ver o que podia fazer. Com a cautela de não substituir os ritos de cura feito pelos tuxauas e por outras lideranças, e na medida de que dispunha de meios para tanto, ele dava remédios, pastilhas e até aplicava vacinas e injeções, orientando como utilizar e como proceder diante de determinado tratamento. Quando, infelizmente, havia situações em que crianças não resistiam às doenças, o padre se solidarizava ao choro dos pais. Não resistindo à emoção, chorava também pelo acontecido.



Figura 32: Padre Antônio Gões aplicando injeção em uma criança Yanomami. Fonte: Saleziáni Don Bosca (2010).

A artista botânica inglesa Margaret Mee (1989), enquanto estava em visita no Marauaiá, deparou-se com uma epidemia de sarampo que estava ocasionando a morte de alguns indígenas, inclusive de uma das mulheres do tuxaua. Ela testemunhou que, devido ao tratamento cuidadoso do sacerdote, foi possível evitar a morte de outros adultos e de algumas crianças.

A cooperadora salesiana Joana Blair, a qual tinha conhecimentos em enfermagem, rememora que, quando passou cerca de três meses na comunidade de Maturacá, os índios ficavam desconfiados em tomar medicamentos ou vacinas, com receio de serem envenenados. Algumas vezes, eles pediam para dar remédio primeiro ao padre para assim verificarem que não se tratava de algo venenoso, e vendo que nada acontecia com o ele, deixavam ser medicados ou vacinados.

O religioso, por sua vez, também era acolhido quando passava por algum problema de saúde. Ele recorda que, quando teve um ataque de malária, o tuxaua foi lhe dar assistência e “*começou a fazer seus feitiços cantando, assobiando e gritando*” (GÔES, 1956, p. 101).



O líder Yanomami Alberto Góes enfatiza que o processo contínuo de fixação dos Yanomami em uma única terra trouxe muitos desafios, principalmente, com relação à questão da saúde, pois ficaram mais vulneráveis a vários tipos de doenças e de epidemias, mesmo com o cuidado e assistência por parte dos missionários e cooperadores salesianos.

Infelizmente, quando adoeciam, muitos Yanomami acabavam não resistindo. O padre presenciou alguns rituais fúnebres<sup>2</sup> destes nativos. Em seu artigo publicado no *Bollettino Salesiano* de 1956, o sacerdote explica que, quando algum Yanomami morre, o corpo é queimado e os ossos, depois de carbonizados, são triturados, sendo misturados com um mingau de banana, que é ingerido por todos os parentes. Conta, de forma bem descontraída, que “os pequenos reclamam porque eles dizem que os grandes comem tudo e não deixam nada para eles” (GÓES, 1956, p. 102).

Esta voluntária imersão do salesiano em um ritual fúnebre é registrada em foto na obra do Giorgio Re e Fabrizio Re e dos irmãos Laudato (1988). A foto revela a participação do sacerdote na fase final de cremação de um Yanomami falecido. Acompanhado de dois indígenas, ele procura pequenos fragmentos de ossos, colocando-os em uma folha de bananeira. Esta foto também compreende uma das memoráveis imagens apresentadas no documentário sobre o trabalho missionário do padre Antônio, denominado “*O meu caminho é o rio*”, de 1975<sup>3</sup>.

---

2 Fazendo parte do Reahu, cerimônia acompanhada de festas coletivas, estes rituais consistem em cremar os mortos e consumir as cinzas. Segundo a crença Yanomami, no momento da cremação, a alma do morto sobe com a fumaça e se une ao espírito. No fogo, além do defunto, são queimados todos os seus pertences. Depois da cremação, os parentes procuram os mínimos fragmentos de ossos, separando-os do carvão. Após esta etapa, os Yanomami recolhem bananas-da-terra, caçam carne para a festa coletiva, bem como convidam hóspedes. Depois de tudo preparado, as cinzas são consumidas misturadas em mingau de banana, ao longo de festas sucessivas (LAUDATO, 1998).

3 Informações sobre o documentário “*O meu caminho é o rio*” estão presentes no capítulo de título homônimo.



**Figura 33:** Padre Antônio Góes, acompanhado de dois jovens Yanomami, procura pequenos fragmentos de ossos, após cremação de um falecido Yanomami. Fonte: Re e colaboradores (1988, p. 209).

Outro ponto marcante da cultura destes indígenas é o uso da brejeira (folha de tabaco, misturada com cinzas derivadas de madeira de lei)<sup>4</sup>, tão estudado e descrito pelo biólogo italiano Biocca (1966b). Em uma de suas visitas, o pesquisador colheu o relato do missionário sobre a utilização da brejeira. O salesiano comentou que, quando fazia longas viagens com os índios pelo rio ou pela mata, ele utilizava a brejeira, a fim de conseguir maior resistência ao cansaço e diminuir a sensação de fome, além de lhe propiciar bem-estar. Ele confirmou ao biólogo que sentia as mesmas sensações agradáveis que os índios diziam sentir.

---

<sup>4</sup> Seu uso está associado à saciedade e à resistência ao cansaço, bem como, com base em algumas pesquisas, está associada à ausência de cáries na arcada dentária dos Yanomami (LAUDATO, 1998).



Além do uso da brejeira, muitas vezes o missionário acompanhou os pajés Yanomami nos momentos em que estes praticavam o ritual *hekuramou*<sup>5</sup>, ocasiões em que ficavam sob o efeito de *ëpena*<sup>6</sup> (alucinógeno utilizado nas atividades e curas xamânicas) e apresentavam comportamentos eufóricos, dando passos ritmados para frente e para trás, entoando sons monossilábicos. A sua participação nestes rituais é confirmada pelo antropólogo Menezes (2010, p. 69), o qual obteve testemunhos, por meio dos indígenas de Maturacá, de como o padre “*cheirava o paricá junto com os pajés*”. Do mesmo modo, há o registro de que o padre Antônio, nas longas experiências que observou de perto estes rituais, nunca presenciou uma ação ofensiva, imoral ou criminosa, por parte dos índios sob o efeito da substância alucinógena inalada (RE *et al.*, 1988).

Sobre a realização destes rituais, o próprio padre Góes descreveu que (1956, p. 101 - 102):

Todas as noites, uns dez ou doze homens, depois de receberem a inalação do pó de tabaco nas narinas, começavam a cantar, dançar, assobiar e a gritar para fazerem encantamentos, e faziam tudo com tanto vigor, que, eventualmente, caíam exaustos no chão. Todas as noites, em seguida, ora um, ora outro tuxaua continuava com o rito para afastar os maus espíritos, que se estende até alta noite, com seus cantos uniformes e imitando, com habilidade inigualável, sons e ruídos da floresta.

---

5 Hekuramou: prática de xamanismo; Agir como o hekura-espírito com influência do alucinógeno; cantar e dançar com os hekuras-espíritos (LIZOT, 2004 *apud* GONÇALVES, 2019).

6 *Ëpena*: termo utilizado para designar substâncias psicotrópicas e alucinógenos; alimento dos hekuras-espíritos na prática do hekuramou extraído da folha da árvore chamada de paricá (LIZOT, 2004 *apud* GONÇALVES, 2019).

O antropólogo Luiz Gonçalves (2019), em sua pesquisa de doutorado sobre a performatividade do pajé-hekura Yanomami, colheu relatos de que, logo após a saída do padre Antônio da região de Maturacá, houve alguns missionários que não aceitaram a prática do hekuramou. Todavia, com a forte e necessária resistência dos indígenas somada à postura paulatina e progressista, por parte desta missão salesiana, de procurar não intervir nas manifestações culturais dos nativos, este rito se mantém até hoje, sendo praticado todos os dias.

Vale ressaltar que os tempos de convivência com os Yanomami contatados reservaram alguns percalços para o sergipano. Houve ocasiões em que o salesiano chegou a conhecer e a presenciar comportamentos e temperamentos hostis destes indígenas, chegando ao ponto de sair corrido para não ser atacado. A Irmã Teresa Nobre, Filha de Maria Auxiliadora (FMA), compartilhou com o Irmão Gulli que houve uma situação específica em que o sacerdote teve que fugir às pressas para não ser morto por ter contrariado as decisões dos tuxauas.

Adelaide Brazão, colaboradora salesiana que atuou em Maturacá em meados dos anos da década de 1970 e que se tornou, anos mais tarde, esposa do tuxaua Júlio Góes e mãe do líder Alberto Brazão Góes, passando a viver definitivamente na região, lembra que acolheu pessoalmente o desabafo do padre em lágrimas. Ela presenciou o religioso chorando, demasiadamente, devido a uma situação que muito o inquietou.

O caso foi que, num dia de sábado, logo depois da celebração eucarística, o padre teve que sair correndo para dentro da mata, vestido de batina e sem lanterna, para resgatar uma mulher nativa que os indígenas tinham arrastado com força pelo caminho que leva ao igarapé Tucano. Após horas a fio de tanta espera pelo homem barbudo que nem dava sinal de retorno, os Yanomami que estavam na aldeia se juntaram e fizeram uma expedição para procura-lo, agitando tições para iluminar a trilha, floresta adentro. Já depois da meia-noite, a expedição encon-



tra, no meio do caminho, o padre retornando com a mulher. Ele estava exausto e extremamente magoado com a atitude dos índios que queriam abusar a nativa da própria tribo. Adelaide recorda que o padre chorava e perguntava em voz alta: *“porque me fiz padre para viver deste jeito?”*.

Apesar destes momentos de inquietações, padre Góes era muito atento e grato à sua vocação e muito decidido em fazer contatos e conviver com os Yanomami. Eliana Maria, sobrinha do padre, alegava que seu tio dizia que ele tinha uma vida como ele imaginava e buscava ter: a de se tornar um missionário e servir aos irmãos indígenas. Ela recorda de uma fala do seu tio, na qual ele expressou: *“eu sou um homem do mato, eu sou um homem da natureza. Então eu vivo com meus índios, foi isso que eu quis na minha vida. Foi como eu pensei. Para isso que me ordenei”*.

O líder Júlio Góes destaca que o trabalho do missionário foi muito árduo, sendo bastante difícil a missão que ele cumpriu. Presenciou ele chorar algumas vezes diante de tantas dificuldades, como, por exemplo, nas viagens de barco, em que não eram raras as inundações e as perdas de materiais, reconhecendo que *“jamais teve um padre que se entregasse tanto pela tribo Yanomami”*. As palavras de Dom Miguel D’Aversa (1982, p.159) complementam: *“a vida do Pe. Góes foi dura, várias vezes nas viagens o caminho se alagava e ele perdia tudo. Foi visto chorar, mas nunca desaminado”*.



—∞—  
**Figura 34:** Padre Antônio e seus companheiros de viagem tentando vencer as inúmeras corredeiras ao longo do rio. Fonte: Documentário “Missão Salesiana entre os índios Yanomami” (2016).

Seus correligionários salesianos apontam que uma das marcas mais evidentes do sacerdote sergipano era a sua perseverança, pois ele não desistia de sua missão, ele não desanimava. E que sua curiosidade e atitude em fazer o contato não foi ‘fogo de palha’, tanto que após o primeiro contato com os índios do Cauaburis, ele promoveu outros tantos contatos com os índios das regiões do Marauíá e do Maiá. Conforme memória do bispo Dom Walter Ivan de Azevedo, o fundador da presença salesiana entre os Yanomami foi “*uma pessoa que descobriu nesse trabalho a sua vocação e foi fidelíssimo a esta vocação até o fim*”.

Apesar de enfrentar inúmeras intempéries inerentes à trajetória de um missionário, é importante enfatizar que este sacrificado salesiano era reconhecido entre os seus colegas como aquele que tinha um jeito especial e cativante para estabelecer o contato permanente e para imergir na cultura dos nativos. Um de seus colegas, o Irmão José Gulli, em conversa com muitos indígenas, tomou conhecimento de que o religioso, a partir do momento em que começou a se expressar suficientemente na língua Yanomami, adquiriu uma boa aceitação de sua presença no meio deles. Ao criar certa familiaridade e simpatia, acabou se tornando uma figura de napë cheia de curiosas atrações e propostas, voltadas a melhorar a maneira de viver e de se alimentar, aprimorando as técnicas para o sustento das comunidades.

Jovens, adultos e velhos, chefes e pajés ficavam encantados com sua presença e com a maneira de estar no meio deles. Admiravam-no e o respeitavam pela sua presença inspiradora, cheia de sugestões práticas para as quais estavam bem interessados. Por causa deste entrosamento, passou a ser conselheiro, árbitro e juiz, passando a ser benquisto, tornando-se uma referência para os tuxauas, os quais o consultavam nas tomadas de determinadas decisões, sendo por eles identificado, conforme acentua padre Laudato, como “*ipa nörimi a yai*”, ou seja, *um amigo para valer*.



—∞—  
**Figura 35:** Padre Antônio sendo consultado pelos indígenas para o desenvolvimento de determinadas atividades. Fonte: Documentário “O meu caminho é rio” (1975).

Neste clima de aceitação, ganhava, cada vez mais, espaço e convite para participar dos variados acontecimentos das comunidades nas quais convivia e visitava, recebendo, inclusive, a permissão dos líderes para poder acompanhar os rituais xamânicos. E, sempre que havia possibilidade, visitava os diversos xaponos, com o intuito de incentivar melhorias na convivência e de construir relacionamentos mais saudáveis, amistosos e participativos. Ao detectar sintomas de brigas, tinha licença e liberdade para tomar iniciativas, intervindo com sua autoridade influente, na esperança de dirimir contendas e desavenças. Como reitera Júlio Góes “*conforme o movimento da tribo, tanto na alegria quanto na tristeza, ele era sempre participativo.*”

A presença cativante e pacificadora do abnegado sergipano lhe conferiu uma veneração e respeito reconhecido por parte de todos que conviveram com ele, visto que se permitiu a acolher e a conhecer bem de perto o vasto, profundo, rico e belo mundo Yanomami. Da alimentação e do cuidado em saúde à participação dos variados ritos, ele se fazia presente. E diante deste mergulho, compreendeu a necessidade de, cada vez mais, realizar um processo de evangelização que respeitasse a cultura e o modo de vida autóctones.



Figura 36: Yanomami e padre Antônio Góes: uma relação de muita profundidade.

Fonte: Biocca (1966a, p. 61), foto de Baschieri.

É como bem destaca o padre Justino, exímio conhecedor e defensor da cultura destes indígenas: *“Falar do povo Yanomami, falar da missão de Maturacá e de Marauiá, a primeira coisa que a gente lembra é do padre Antônio Góes. Não tem jeito de tirar esta marca. É uma relação de muita profundidade entre Yanomami e Padre Antônio Góes”*.



## UM EXÍMIO E DEDICADO RADIOAMADOR



“Não me tenho comunicado mais com o Pe. Feitoza<sup>1</sup>, radioamador, por dificuldade de minha parte, pois estava com fonte de energia insuficiente. Mas espero regular tudo em breve e, portanto, poder-me comunicar com vocês, com frequência<sup>2</sup>”.

**Carta do padre Antônio Góes, Manaus, 26 de janeiro de 1975**

Padre Antônio Góes, embora solitário e imerso na imensidão da floresta, não se sentia isolado. Sempre se mantinha unido aos seus conhecidos e amigos presentes em outros cantos do Brasil e da Venezuela. Periodicamente, visitava colegas e outros missionários em São Gabriel da Cachoeira, em Santa Isabel do Rio Negro, em Barcelos e em Manaus, além de realizar encontros com o padre salesiano Luis Cocco, fundador da missão “*Santa Maria de Los Guaicas*”, entre os Iyëweiteri, no rio Mavaca, afluente do rio Orinoco, Venezuela. Não tão regularmente, fazia visitas aos seus familiares nas cidades sergipanas de Aracaju e de Itabaiana, sua terra natal, como também em São Paulo.

Para manter estes contatos e suprir a carência de visitas, o sacerdote lançava mão de recursos da radiocomunicação. Logo, para sub-

---

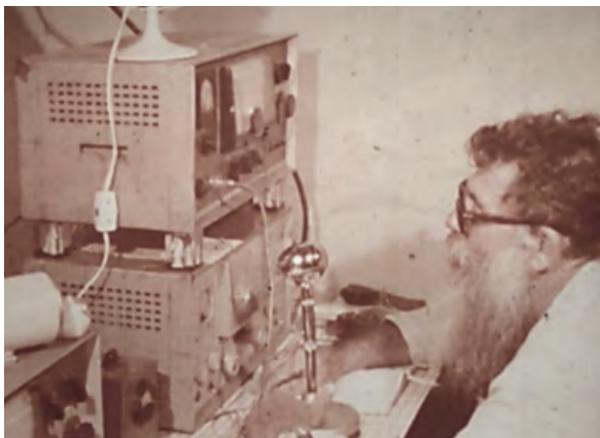
1 Conforme o Livro de anotações do Sr. Antônio Madeira (radioamador – PY8LX), padre Feitoza era radioamador que atuava em São Paulo, portando o código PY2FAD.

2 Trecho da Carta do Padre Góes direcionada à sua irmã Maria Josefa e à sua sobrinha Eliana Maria. Manaus, 26 de janeiro de 1975.

sistência de sua obra entre os Yanomami, ganhava não só a amizade e a generosidade dos indígenas, de religiosos e de habitantes circunvizinhos, como também contava com o apoio dos recursos radiofônicos, atuando como exímio e dedicado radioamador.

Certificado como “Radioamador Classe A” pelo então Departamento Nacional de Telecomunicações do Ministério das Comunicações, em 23 de janeiro de 1973, padre Góes se utilizava dos meios de comunicação, não somente para fazer contatos com amigos e companheiros salesianos e se manter informado, como também tirava proveito para solicitar orientações médicas com o intuito de socorrer algum indígena enfermo ou quando se encontrava em apuros, por falta de medicamentos ou de meios para remover pessoas em estado grave de saúde.

Um exemplo de socorro a indígena, que foi possível realizar graças ao uso do equipamento de rádio (transceptor), é contada pelo radioamador Luiz Ribeiro da Costa, o qual relata uma conversa entre os seus colegas radioamadores, Antônio Carreira Madeira (PY8LX) e padre Antônio Góes (PY8AHN), em julho de 1973 (RODRIGUES, 2001).



—∞—  
**Figura 37:** Padre Antônio Góes utilizando o transceptor, equipamento utilizado pelos radioamadores. Fonte: Documentário “O meu caminho é rio” (1975).



Segundo o relato, padre Antônio Góes, enquanto estava na missão do Marauaiá, com seu pequeno equipamento portátil, brecou a frequência e chamou seu grande amigo Antônio Madeira, que morava em Manaus. Compartilhou com Madeira que um índio, de nome Agenor, foi mordido por uma jararaca e que estava muito ferido e que, se não fosse socorrido a tempo, poderia morrer. Apesar de a dificuldade de ouvir, devido ao sinal fraco, Antônio Madeira, fazendo uso de seu transceptor, entendeu o chamado e logo mobilizou seus amigos médicos, sendo que um deles logo apareceu. O médico, fazendo uso do transceptor do senhor Madeira, fez várias perguntas ao sacerdote sobre os medicamentos disponíveis na missão, bem como deu instruções para aplicação de um coquetel destes remédios. Em seguida, sugeriu que Agenor fosse levado o mais rápido possível para o hospital em Manaus, a fim de evitar, devido ao efeito do veneno, a manifestação de gangrena (RODRIGUES, 2001).

O padre logo correu e preparou sua canoa com motor de popa de 25HP. Além dele e do Yanomami ferido, foi acompanhado de outro índio, no sentido de auxiliá-lo na viagem pelo rio repleto de cachoeiras. Após três dias, chegaram em Santa Isabel do Rio Negro, onde já havia um avião do tipo catalina (modelo de aeronave utilizado na Segunda Guerra Mundial) da Força Aérea Brasileira (FAB), que foi disponibilizado devido à hábil articulação do senhor Madeira com os oficiais da aeronáutica. A aeronave aguardava a chegada do índio Agenor para realizar o seu transporte até a capital amazonense. Enquanto isso, Antônio Madeira, por meio de seus amigos e de outros médicos, conseguiu reservar uma ambulância e um leito no hospital público para acolher o enfermo (RODRIGUES, 2001).

Após sete dias do acontecimento, o avião aterrissou no aeroporto de Ajuricaba, mais conhecido como Ponta Pelada, sendo este, à época, o principal aeroporto de Manaus. Sem entender bem onde estava, Agenor passou da aeronave para a ambulância. Chegando no hospital,

o Yanomami já estava bem conhecido por todos que o esperavam no serviço de saúde. Ele estava com muita febre, com a perna bem inchada e inficionada. Os médicos ficaram bem preocupados, pois chegaram a pensar que teriam que amputar a perna. Diante de intervenções precisas, foi superado o perigo de acometimento de gangrena e da possível amputação do membro (RODRIGUES, 2001).

Agenor foi muito bem acolhido, tendo uma enfermeira à disposição e se alimentando com frequência. GANHOU até um radinho de pilha. Ao se aproximar o dia em que ia receber a liberação médica para voltar para a aldeia, o indígena expressava a sua gratidão a todos aqueles que se mobilizaram para salvar a sua vida. De forma engraçada, ele falou que foi bom ter sido mordido pela cobra, pois, só assim, conheceu a cidade grande (RODRIGUES, 2001).

Todo este episódio ganhou registro, também, no livro de anotações do próprio senhor Antônio Madeira, o qual esmiuçou que, quando o seu amigo salesiano comunicou o agravamento da infecção do local da mordida sofrida por Agenor, ele chamou imediatamente o médico Roberto, boliviano, que estava hospedado em sua casa. Logo depois, veio o médico José Luiz e o acadêmico de medicina Joel Delibo. Madeira relatou que acompanhou Agenor na ambulância até o Hospital Getúlio Vargas e que, chegando lá, foram bem atendidos e o indígena ficou sob os cuidados dos médicos Borborema e Dourado. Estes, inicialmente, suspeitaram ser um caso de gangrena gasosa, dando muita atenção e dedicação ao tratamento do nativo. Conforme anotações do senhor Madeira, no dia 28 de julho, padre Góes visitou o índio Agenor em Manaus, ficando este mais tranquilo com a visita do sacerdote.

Graças à intervenção articulada e precisa entre os radioamadores Antônio Madeira e Antônio Góes, foi possível salvar uma vida. Depois deste acontecimento, todos da comunidade do Marauiá ficaram, extensivamente, agradecidos aos dois homens, implorando ao religioso para



levar o senhor Madeira até a aldeia, para que eles pudessem agradecer, pessoalmente, pelo belo feito.

Atendendo ao pedido, o salesiano levou para a aldeia o seu amigo radioamador, acompanhado de seu filho, Jonathas Gagliardi Madeira, que, na época, era um jovem de 14 anos. Jonathas, atualmente, militar reformado da aeronáutica, lembra com muito carinho dos cerca de 40 dias que passou na missão. Destaca o quanto que ele e seu pai foram bem acolhidos, com muita bondade e atenção, pelo padre e por toda comunidade Yanomami. Nesta ocasião, Antônio Madeira levou um outro equipamento de transceptor e aprimorou toda a estação de rádio da missão Sagrada Família, aperfeiçoando a comunicação de seu amigo com outras localidades para além do Marauiá.

Cabe elucidar que o primeiro transceptor do padre foi doado pela Comissão de Limites Brasil-Venezuela (RODRIGUES, 2001), visto que o missionário ajudou, em meados das décadas de cinquenta e sessenta, as equipes de demarcação da Comissão de Limites Brasil-Venezuela na revisão de planos e mapas, contribuindo com a correção da cartografia de alguns pontos, inclusive em relação à área do Pico da Neblina.



—∞—  
**Figura 38:** Padre Antônio celebrando missa às margens do canal de Maturacá entre integrantes da Comissão de Limites Brasil-Venezuela. Fonte: Cocco (1972, p. 95), foto de E. González Niño.

A outorga de radioamador que alcançou era reflexo do gosto do padre por tecnologia. Além disso, ele apostava que o uso da radiofonia seria um importante meio de comunicação que traria benefícios não só para a missão, mas também, para a comunidade como um todo. Ele também admirava a arte da fotografia e da cinematografia. A possibilidade de mostrar fotos, por meio de sequência de slides, aos indígenas foi alvo de sua incansável teimosia, conseguindo assim realizar este feito. Sua sobrinha, Eliana Maria, recorda que ele sempre dizia que gostava da arte do cinema, e que tinha o propósito de levar para os Yanomami variados filmes que apresentassem diferentes lugares e histórias para eles.



—∞—  
**Figura 39:** No prédio da missão, padre Góes mostra slides de imagens para os jovens Yanomami. Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

Esta prática de lançar mão de fotos, imagens e documentários para mostrar aos Yanomami foi também seguida pelos seus sucessores, padres Francisco e Luis Laudato. Terezinha Bueno de Moraes, voluntária de Dom Bosco, que acompanhou parte da trajetória missionária destes dois padres irmãos, traz em sua memória uma ocasião inesquecível, na qual os irmãos salesianos mostraram alguns registros de vídeos da própria missão. Ao longo da apresentação destes registros, apareceu a imagem do padre Antônio. Neste momento, os Yanomami pararam



de comentar as imagens e ficaram olhando com toda a atenção. Depois de alguns segundos, Pacatuba, tuxaua do grupo dos Karawethari, levantou-se abruptamente e foi em direção à imagem projetada em um pano branco afixado na parede, quando, na frente de todos, gritou “*padre Góes não morreu, ele está vivo. Ele não morreu, ele está vivo*”. Mas, ao encostar a mão para tocar o padre, o pano se soltou da parede, imediatamente. De imediato, ele se deu conta que era, simplesmente, a projeção de uma imagem e não a pessoa física do missionário tão querido por eles. O líder Yanomami do Marauíá ficou desolado, ao mesmo tempo em que seus parentes achavam a situação engraçada. Terezinha guarda a recordação deste episódio como um dos momentos mais marcantes de sua trajetória entre os Yanomami do Marauíá e percebeu o quanto que a figura do padre Antônio era tão forte, presente e enraizada na vida daqueles indígenas.

Padre Antônio Góes se tornou um dos primeiros radioamadores no território de fronteira entre o Brasil e a Venezuela, sendo responsável pela construção de uma das primeiras estações de radioamadorismo naquela região, a qual funcionava em sua residência missionária. Graças à Comissão de Limites que doou para o religioso o primeiro equipamento, em meados dos anos 50, e graças ao apoio incansável de seu amigo Antônio Madeira que o ajudou na reforma de sua estação de radioamador, ele teve como manter contatos com seus correligionários e amigos, no sentido de buscar meios para melhor organizar sua obra apostólica. Além disso, teve como melhorar e tornar mais ágil o seu movimento de ajuda e de socorro aos Yanomami. Portanto, por meio de sua prática como radioamador, realizou os contatos para salvar a vida de alguns indígenas, a exemplo de Agenor, e de angariar medicamentos, alimentos e outros utensílios quando se tornavam necessários para as comunidades.

## ACOLHENDO VISITAS



“Pe. Antônio recebeu visitas de estudiosos e etnólogos, tirando-o do isolamento e, sobretudo, colaborando para obter maiores conhecimentos e dados sobre esse povo”.

**Padre Luis Laudato, 1998, p. 47**

**D**urante sua vida nas missões, padre Antônio Góes recebeu visitas de pesquisadores (antropólogos, sociólogos, biólogos etc.) bem como de outros salesianos, sendo muitos destes brasileiros e uma parcela considerável de estrangeiros. Ele atuava como um guia naquela faixa da floresta amazônica exuberante e rica em biodiversidade, cortada pelo rio Negro e próxima ao Pico da Neblina. Como, ao longo do tempo, foi adquirindo uma relação mais próxima com as várias comunidades Yanomami, além de aprender fluentemente a língua e os diferentes dialetos, propiciava aos visitantes conhecerem as diversidades étnica e cultural dos diferentes grupos daquele povo. De forma recíproca, aproveitou para aprender muito com estes estudiosos, os quais eram munidos de informações acadêmicas relevantes e de análises contextuais e conjecturais no que se refere à interculturalidade, o que proporcionou ao salesiano comprovar e corrigir conceitos que precisavam ser revistos, assim como, ressignificar sua atuação missionária continuamente.



## Acolhendo o etnólogo George Seitz



Um pesquisador que muito contou com a contribuição do padre Antônio foi o etnólogo alemão George J. Seitz, que com sua esposa Thea Seitz, teve a oportunidade de acompanhar o missionário nas aldeias de Maturacá e de Maiá. Como fruto desta incursão no mundo Yanomami, publicou o livro “*Hinter Dem Grunen Vorhang*” (“*Atrás da Cortina Verde*”), em 1960. Neste livro, verifica-se a descrição de vários episódios vividos por ele e pelo padre Góes nos últimos meses de 1957, sendo a amizade entre estes dois homens o ponto máximo desta obra (QUEIROZ, 2018).

Seitz nasceu em 1920, na cidade de Colônia (*Köln*), na Alemanha. Em 1952, foi para o Rio de Janeiro com a pretensão de assumir uma grandiosa fábrica de couro sul-americana. Mesmo sendo um industrial, Seitz era um etnólogo de trajetória. Nas ocasiões em que empreendeu extensas viagens por vários países da América do Sul, ao lado de sua esposa, realizou importantes estudos etnográficos de várias tribos indígenas, inclusive de grupos Yanomami, com os quais o salesiano já tinha realizado contatos, à época (SEITZ, 1960).



**Figura 40:** George Seitz, Thea Seitz (à esquerda) e padre Antônio Góes (no meio) acompanhados de indígenas que deram apoio à expedição. Fonte: Seitz (1960, ilustração 10, entre pp. 88 e 89).

Seitz (1960; 1969) conheceu o sacerdote em 1955 quando esteve de passagem por Tapuruquara em uma expedição para a fronteira colombiana. Um ano depois, em 1956, quando o padre estava iniciando a missão Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá, representada ainda por uma pequena casa, o alemão foi levado por ele para conhecer um agrupamento Yanomami situado perto do igarapé Tukano, a poucos quilômetros da fronteira venezuelana. Esta tinha sido a terceira visita do padre àquela tribo, composta por cerca de 200 índios, que nunca tinham entrado em contato com não indígenas, a não ser com o missionário. O aventureiro retornou outras vezes para visitar aquela comunidade em companhia de Góes. Nestas ocasiões, com autorização dos anfitriões, conseguiu observar e registrar as suas atividades cotidianas (SEITZ, 1960; 1969).

Em meados de 1963, George Seitz estava com o missionário quando este contactou pela primeira vez uma nova aldeia na região do rio Maiá, onde viviam dois grupos, os Wawanaweteri e os Heroweteri. Neste primeiro contato, o padre distribuiu às indígenas roupas, facões, machados, panelas de alumínio, bem como outros materiais que estes grupos não tinham. Neste período de 1963, Seitz chegou a relatar indícios da invasão de garimpeiros em busca de ouro na região (FERGUSON, 1995).

Dentre os vários aspectos em que Seitz se prestou a pesquisar, vale mencionar o ritual do xamanismo, especialmente, o uso do paricá e seu efeito alucinógeno. No decorrer de seus estudos sobre este ritual entre os nativos do Maiá, ele tentou fotografar um líder indígena que estava fazendo *hekuramou*. Logo, percebeu que estava sendo cercado por outros índios, os quais tentaram intimidá-lo. O incidente foi acalmado só depois da imediata e persuasiva intervenção de padre Antônio, que mantinha relações de amizade com os tuxauas daquela aldeia (BIOCCA, 1966a; SEITZ, 1967; RE *et al.*, 1988; QUEIROZ, 2018).



Figura 41: Padre Antônio Góes distribuindo roupas entre os indígenas.

Fonte: Seitz (1960, ilustração 28, entre pp. 200 e 201).

Como já relatado, George Seitz publicou na edição 560 da Revista Manchete, em 1963, notas breves, de valor histórico singular, que tratam não só de como ocorreu o contato do missionário com os Yanomami, como também do conhecimento que ele tinha sobre o Pico da Neblina, pois quando foi veiculada, em 1962, a impactante notícia de que este pico era a maior formação topográfica do Brasil, o padre sergipano já convivia há oito anos com os indígenas daquela região. Neste texto, fica bem evidenciado, também, a grande admiração deste aventureiro alemão para com o seu amigo alto e barbudo, como assim a ele se referia.

## Acolhendo o biólogo Ettore Biocca

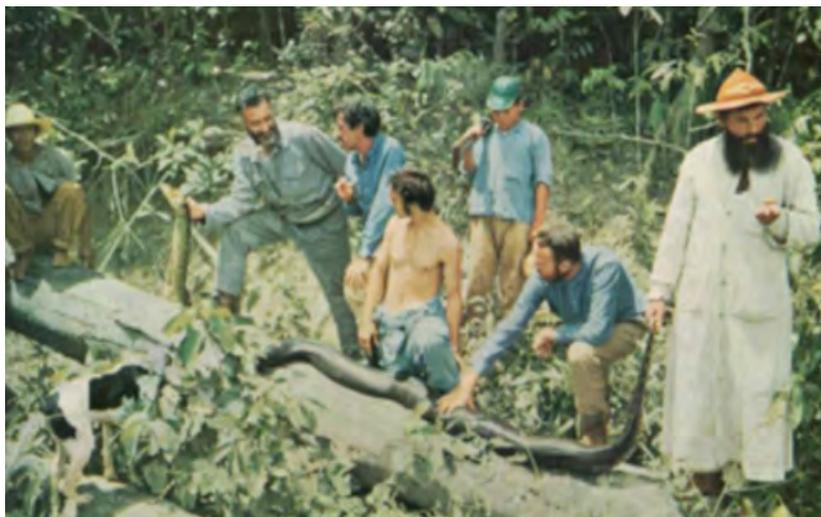


Em 1963, enquanto estava atuando no Marauíá, recebeu a visita do então diretor do Centro de Pesquisas Biológicas da Universidade de Roma, o professor Ettore Biocca. O padre acompanhou o biólogo e seus

companheiros, também pesquisadores italianos, tanto em Marauaiá como em Maturacá, facilitando assim a comunicação destes com os indígenas.

Desta visita e de outras feitas em diversos locais da Amazônia brasileira e venezuelana, resultou a obra “*Viaggi Tra Gli Indi*” (“*Viagem entre os índios*”), publicada em três volumes, entre os anos de 1965 e 1966, nas quais Biocca narrou toda a trajetória de aventuras, observações, coletas e achados de animais e de plantas realizada por sua equipe, bem como apresentou relatos e descrições dos Yanomami do Brasil e da Venezuela.

Biocca ouviu do bispo missionário Giovanni Marchesi, em 1964, que os grupos de Yanomami da região do Maiá (Wawanaweteri) e de Maturacá (Kohoroxithari) promoviam ataques uns aos outros. Quando o pesquisador encontrou o padre Góes em 1965, este reiterou que tinha se comprometido em tentar pacificar os dois grupos, como já ocorrera em momentos anteriores (BIOCCA, 1966a).



**Figura 42:** Padre Antônio Góes (tocando a cauda da cobra) acompanhando o pesquisador Ettore Biocca (tocando a cabeça da cobra) e seus ajudantes. Fonte: Biocca (1966a, p. 41), foto de Baschieri.



Biocca (1966b) também deu destaque à realização de pesquisas linguísticas entre as tribos de Maturacá e de Marauaiá coordenadas pelo salesiano e antropólogo Casimiro Beksta<sup>1</sup>, com o apoio de seu correligionário Góes. O pesquisador italiano recebeu do padre Casimiro importantes volumes de manuscritos, com os quais pôde conhecer mais sobre os diferentes agrupamentos Yanomami.

Padre Antônio, também, contribuiu como fonte de informação no que se refere a nomes de tribos presentes na região de Marauaiá. Foi a partir de informações obtidas com o sergipano que Biocca (1966b) publicou em sua obra a existência dos seguintes grupos: Bukimabuetëri (outros possíveis nomes: Purimabueteri e Masiribueteri); Morariso-buetëri; Pokoroapuwetëri e Samateutëri. O biólogo ouviu de Eugenio Tavares, companheiro de muitas aventuras do padre Antônio e grande conhecedor daquelas regiões, que outras tribos indígenas se referem a estes diferentes agrupamentos do Marauaiá como um único grupo, denominando-o de Karawethari. No entanto, padre Góes ressaltou que os nomes destas comunidades podiam variar com frequência.

Portanto, nestas importantes obras de Ettore Biocca, é possível reconhecer o papel desempenhado pelo missionário Góes como um relevante viabilizador de contatos entre os pesquisadores estrangeiros

---

1 Padre Casimiro Beksta (Lituânia: 1923 – Manaus/Brasil: 2015): na década de 50, chegou ao Amazonas, sendo transferido para a missão de São Gabriel da Cachoeira. Em toda a sua trajetória salesiana conviveu com diversas tribos indígenas que habitavam aquela região, dando início a uma profunda e respeitada carreira de documentarista, escritor, linguista, intelectual e militante dos movimentos indígenas. Diante de sua forte militância, coordenou a Pastoral Indigenista da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e se destacou como um dos principais articuladores para a criação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), ocorrida na década de 70. Padre Casimiro também lecionou, por muito tempo, no Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH) de Manaus, onde deu aulas para várias gerações de estudiosos das Ciências Sociais. Além disso, suas obras se tornaram referências internacionais, o que o fez ser continuamente chamado para auxiliar estudantes que vêm de outras regiões do globo. Em 2008, foi condecorado com o título de docente Honoris Causa pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB) (ISMA, 2008b).

e os Yanomami do Amazonas, além de ter atuado como uma imprescindível fonte de informações de cunho geográfico, ambiental e etnológico. A relação recíproca entre o religioso e os nativos é eternizada em belas fotografias registradas nos livros de Biocca.

## Acolhendo a artista botânica Margaret Mee



A artista botânica inglesa Margaret Mee que, em meados de 1952, começou a residir no Brasil, realizou entre os anos de 1956 e 1988 importantes expedições à região da Amazônia brasileira, onde cumpria a missão de buscar e de registrar as belezas da flora da imensa Floresta Amazônica. No decorrer destes riquíssimos 32 anos de trabalho, Mee registrou em diário todas as suas expedições extraordinárias nas áreas mais remotas da floresta tropical, resultando, assim, em importantes obras, nos campos da botânica e da arte (desenhos e pinturas). Nas obras “Flores da Floresta Amazônica” (2010) e “Em busca das Flores da Floresta Amazônica” (1989) estão registrados os relatos provenientes de seus diários de expedições, sendo que duas destas ocorreram na rota do Pico da Neblina (4ª expedição) e no Rio Marauíá (5ª expedição), ambas em 1967. Nestas viagens, ela conheceu as duas missões salesianas entre os Yanomami, a de Maturacá e a de Marauíá.

Tendo como destino final o Pico da Neblina, Margaret e seus companheiros começaram a 4ª expedição saindo de Manaus no dia 15 de julho de 1967, chegando na região de Maturacá no dia 2 de setembro. Ela ficou deslumbrada com as águas negras do canal de Maturacá ligando-se às do rio Cauaburis, acreditando ser um dos cursos de água mais belos da Amazônia. Antes de prosseguir na rota de seu destino, Mee visitou a missão salesiana, sendo acolhida pelo diretor da casa, o padre José Schneider, e por outro salesiano, o padre Francisco Knoblo-



ch. A artista botânica relatou que a missão de Maturacá ficava no alto de um banco de rio, sendo uma construção enorme e irregular, mas modesta e despreziosa, ficando a cerca de dez minutos da aldeia Ariabú (MEE, 1989).

Após a viagem ao pico mais alto do Brasil, Mee planejava voltar para Manaus. No caminho ela passou na antiga Tapuruquara (hoje, Santa Isabel do Rio Negro). Lá, ela e seu ajudante Paulo ficaram hospedados na missão salesiana da cidade, sendo recebidos pelo padre João Badelotti<sup>2</sup>. De forma improvisada e burlando o planejado, buscaram organizar uma viagem para a missão de Marauíá. Ela tinha ouvido falar que lá vivia “*um padre solitário chamado Antônio Góes, e sobre o qual jorravam histórias lendárias*” (MEE, 2010, p. 61).

Mee e Paulo viram que um ribeirinho, chamado Ademar Fontes, estava indo de lancha levar mantimentos para o padre Góes lá no Marauíá. Pediram a Ademar para irem juntos com ele, o qual disse que não teria como levar os dois por falta de espaço, uma vez que a bordo já iriam um jovem índio, uma ovelha e uma mula. Para a sorte dos aventureiros, a mula decididamente se recusou a embarcar, o que permitiu a eles cumprirem a sua 5ª expedição (MEE, 2010). Após dias de viagens, chegaram a Marauíá, onde foram recebidos pelo padre Antônio. A artista inglesa relatou assim este inesquecível encontro com o sacerdote:

O padre Antônio Góes, um homem corpulento, de barba preta começando a ficar grisalha, veio nos dar as boas-vindas. Seu nome era lendário em todo rio Negro, pois já havia passado por

---

<sup>2</sup> Padre João Badelotti (Cremona/Itália: 11/08/1912 - Barcelos/Amazonas: 22/08/1971): atuou 16 anos na Índia, onde, atualmente, é Bangladesh. Enviado ao Brasil, foi direcionado a ser diretor da missão de Tara-cuá, dando início a escolinhas no interior, as quais foram imitadas por outras missões. Fundou, no rio Negro, pequenas comunidades eclesiais de base e internatos. Teve atuação, também, nas missões de Santa Isabel do Rio Negro e em Barcelos (D'AVERSA, 1982).

muitas aventuras. Certa vez, ficou três dias perdido quando sua canoa bateu nas pedras numa cachoeira; em outra ocasião, fez o primeiro contato com uma tribo indígena. Ele estabelecera sua missão no local há seis anos e agora falava a língua dos índios fluentemente. Fez-nos logo sentir em casa (MEE, 1989, p. 128).



Figura 43: Padre Antônio Góes: um homem de muitas aventuras - um nome lendário na região do rio Negro. Fonte: acervo do salesiano Irmão José Gulli.

Mee e seu assistente ficaram acolhidos em um grande galpão coberto de dois andares sustentados por esteios. No andar de cima, por onde se chegava por uma escada aberta de degraus de madeira, ficavam os aposentos do missionário. Durante a primeira refeição, após a chegada, conversaram bastante com o anfitrião, o qual destacou que aquela região tinha uma flora tão rica que era, até então, botanicamente desconhecida. Ofereceu à visitante a sua canoa com motor de popa, caso ela precisasse para fazer possíveis coletas (MEE, 1989).

A pesquisadora inglesa percebeu que os Yanomami não revelavam seus nomes índios para ninguém, até mesmo para o padre Antônio que já estava os acompanhando há seis anos. Percebeu, também, que o padre solicitava para que os índios entrassem vestidos na missão,



mas fora da missão, não era exigido que eles usassem roupas. Em sua rápida estadia em Marauíá, a inglesa também teve a oportunidade de ver de longe e de ouvir os sons de um cortejo fúnebre pela morte da mulher do tuxaua. A conselho do padre, enquanto ela via o cortejo, permanecia escondida para não ser vista, pois, poderia ser perigoso. O religioso adiantou que a festa da primavera e os ritos fúnebres seriam realizados na semana seguinte a este acontecimento (MEE, 1989).

Em um dos momentos em que ficou bem próxima dos líderes indígenas, a artista botânica tentou fotografar o tuxaua, o qual não deixou ser fotografado, ficando chateado à medida que insistia. O padre, como conhecia bem as crenças da tribo, elucidou que os indígenas acreditavam que suas almas poderiam ficar aprisionadas no retrato. Ao partir da missão, Margaret e seu ajudante Paulo foram acompanhados pelo próprio missionário e três índios (Felipe, Domingos e Bauari) até chegar em Santa Isabel do Rio Negro, ajudando-os a ultrapassar as desafiadoras cachoeiras (MEE, 1989).

Este encontro entre o missionário sergipano e a botânica inglesa foi o encontro entre dois aventureiros que buscavam objetivos diferentes, mas que traçaram lugares em comum. Este encontro estampou linhas das importantes obras da grandiosa Margaret Mee e, com certeza, marcou a trajetória destas duas iluminadas pessoas.

### Acolhendo o salesiano laico Enzo Spiri e sua equipe da S.A.F



Em 1970, quando atuava na missão Sagrada Família do Marauíá, padre Antônio recebeu a visita do italiano e cooperador salesiano Enzo Spiri, fundador e integrante da equipe da Escola Salesiana de Aplicações Fotográficas (S.A.F.), de Turim. Spiri estava acompanhado

por seus companheiros de trabalho, Antônio Saglia e Mario Nonato. A convite do inspetor da Inspeção Salesiana Missionária do Amazonas (ISMA), eles realizaram visitas às missões salesianas da Amazônia, coletando algumas imagens e promovendo registros cinematográficos (SPIRI, 1994).

Quando o coadjutor salesiano, que já tinha passado por Manaus e por outras missões, inclusive a de Maturacá, estava visitando a missão de Tapuruquara, ele conheceu o padre Antônio Góes. Este logo o convidou para conhecer a missão Sagrada Família, no Marauaiá. O hóspede e sua equipe aceitaram o convite (SPIRI, 1994).

Então, partiram pelo rio, acompanhados pelo caboclo Percílio, que era um dos ajudantes do missionário. Em seu diário de viagem, Spiri relata que o percurso no rio Marauaiá para chegar à missão era repleto de corredeiras e igarapés, o que tornava esta trajetória um grande desafio, mas se sentia seguro com a companhia do padre e seu ajudante. Os tripulantes conseguiram vencer algumas corredeiras, sem precisar descarregar o barco. Porém, ao longo da viagem, o motor do barco começou a falhar. O padre e Percílio trocaram o motor, colocando um mais novo. Para esta troca, perderam muito tempo. Voltaram a navegar. Depois de alguns quilômetros, o novo motor mostrava que não ia aguentar muito, chegando, também, a falhar. Não sendo possível continuar deste jeito, foi necessário dar uma parada na mata e esperar o tempo que precisasse, até que o problema fosse totalmente resolvido. Quando menos esperavam, ouviram um grande barulho que se assemelhava a um rugido de animal. O cooperador ficou assustado. Padre Góes achou que poderia ser o som de um macaco e que isso seria um sinal positivo de que eles conseguiriam retornar a viagem. Todavia, não se tratava de rugido de algum animal, mas era um trovão, pois o céu ficou nublado e uma chuva torrencial desmoronou, abruptamente, sobre a floresta. Logo,



os viajantes tentaram ficar em um local que evitassem se molhar muito, cobrindo-se de sacos de nylon. (SPIRI, 1994).

Já era final da tarde quando a chuva parou e foi seguida de um belo pôr do sol. Tentaram, novamente, consertar o motor, conseguindo êxito em fazê-lo funcionar. Mas, como era chegada à noite, padre Góes orientou não seguir viagem e acampar em um local protegido na floresta. Foi difícil achar um local ideal, pois a floresta estava encharcada devido à chuva. Mal podiam bater nas folhas, que muita água desabava sobre as cabeças. Mesmo com muita dificuldade, conseguiram acender fogo. Perto da meia-noite, ouviram um grande barulho no rio. O padre e seu ajudante correram logo para ver o que estava acontecendo. Viram que era uma grande anta que estava tomando banho no rio. Recuperada a serenidade, voltaram a descansar para continuar no dia seguinte. Logo cedo, partiram rumo à missão, na qual chegaram por volta de meio-dia. Spiri ficou admirado ao ver muitos os índios à espera, fazendo festa com a chegada deles. Além disso, percebeu que a quantidade de indígenas em Marauaiá superava a de Maturacá (SPIRI, 1994).

Um momento vivido com a comunidade Yanomami ficou muito marcado para Enzo Spiri. Inspirado por um clima de descontração, ele, que era careca, combinou com o padre Góes e com o pajé da tribo que iria simular o crescimento repentino de seus cabelos, após uma reza do pajé sob efeito do paricá. Para tanto, após o ritual, ele colocou uma peruca, mostrando a façanha para toda comunidade. Os índios ficaram admirados com o que ocorreu e foram logo ver se era verdade, tocando em seus falsos cabelos, até que uma criança, curiosa e esperta, colocou a sua mão entre a peruca e a cabeça lisa de Spiri. Antes de ser descoberto, o visitante tirou a peruca, o que fez os índios ficarem espantados, mas logo todos entenderam que se tratava de uma brincadeira, combinada com o próprio pajé, e todos caíram na gargalhada (SPIRI, 1994; ERIMAN, 2002).



Figura 44: Tuxaua Yanomami com o cooperador salesiano Enzo Spiri. Fonte: Eriman (2002, p. 33).

Passados estes dias felizes em Marauiá, chegou o dia do retorno. Padre Góes decidiu voltar com seus convidados para Tapuruquara. Esta viagem de volta, do mesmo modo, foi marcada por muita aventura. Ao longo da navegação pelo rio, avistaram uma ilha com uma agradável praia, decidindo parar nela para descansarem e comerem um pouco. O sacerdote resolveu tomar banho no rio e convidou Spiri. Aceitando o convite, entrou na água e nadou até uma profundidade onde a água ficava no pescoço. Achando a água fria, decidiu voltar para a praia da ilha, mas percebeu que estava sendo levado por uma corrente do rio que o fazia se distanciar mais da margem da ilha, arrastando-o em direção às corredeiras. Como não estava conseguindo tocar o fundo do rio com os próprios pés, começou a entrar em pânico. Logo, gritou pelo padre para o salvar (SPIRI, 1994).

Padre Antônio começou a nadar desesperadamente, mas não conseguia vencer a força da corrente, vendo-se, também, em perigo. O salesiano pedia para seu amigo se acalmar para não piorar a situação. Os outros companheiros de viagem correram para o barco para salvar primeiro o padre, pois estava mais próximo da praia. Conseguiram salvar o homem grande e barbudo que depois, com muita habilidade,



jogou uma corda para Spiri. Este conseguiu segurar firme e foi resgatado sem ferimentos, livrando-se assim de um iminente acidente. Estas aventuras marcaram a visita do cooperador salesiano Enzo Spiri a Marauaiá, que com boas lembranças, destaca que:

Os dias passados em Marauaiá foram inesquecíveis. O Pe. Goes queria que vivêssemos com ele, em sua casa, para desfrutar a alegria da verdadeira amizade e testemunhar o sacrifício, que é a solidão para os missionários. As longas noites amazônicas que passamos na rede, ouvindo suas grandes experiências de um verdadeiro pioneiro. Contos aventureiros nos fizeram meditar e amar mais as pessoas para proteger e ajudar os homens primitivos a sacrificar com alegria a existência total (SPIRI, 1994, p. 34).

Como bem salientou Margaret Mee, o padre Antônio era, certamente, uma figura lendária na região do Alto Rio Negro, por ser muito conhecido pelos pioneiros contatos com os grupos Yanomami e pelas aventuras vividas na imensa cortina verde. Por ser tão conhecido e por ter muito conhecimento daquela região em torno do Pico da Neblina, era procurado pelos pesquisadores para servir de guia em seus estudos, bem como era requisitado por cooperadores salesianos que queriam conhecer esta região e sua diversidade. Estas visitas o tiravam da solidão, ingrediente bem comum na vida dos missionários, e também compreendiam momentos de muita aprendizagem para o próprio sacerdote.

Esta visita de Enzo Spiri, em especial, deixaria um legado para além de sua geração. Desta fértil convivência entre o italiano e o sergipano, vingou a produção de um documentário cinematográfico sobre a vida e a obra de Antônio José Góes, o qual registra imagens da fraterna convivência do valente e corajoso missionário com os seus queridos amigos Yanomami.

## O MEU CAMINHO É O RIO



“Filme missionário de poder  
singular e valor vocacional”

**Bollettino Salesiano**, ano 100, nº 19, 1976, p. 16

O sergipano teve a oportunidade de ter o seu trabalho junto aos Yanomami documentado entre os anos de 1970 e 1971. A equipe da Escola Salesiana de Aplicações Fotográficas de Turim, coordenada pelo italiano Enzo Spiri, deslocou-se às comunidades indígenas de Maturacá e de Marauíá para registrar imagens e documentar a prática apostólica do padre Antônio. Como resultado foi produzido o filme documentário intitulado “*O meu caminho é rio*” ou “*A minha estrada é o rio*”, em português, ou “*La mia strada è il fiume*”, em italiano. Para produção deste filme, contou-se com a colaboração da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA), do Instituto Italo Svizzero di Lugano (Itália) e da Inspetoria Salesiana de New Rochelle (USA). Este documentário compreendeu a contribuição que a ISMA prestou à celebração do Centenário das Missões Salesianas, em 1975, com o propósito de ilustrar o trabalho de evangelização desenvolvido pelos filhos de Dom Bosco no território do Amazonas, por meio da destacada atuação missionária do padre Antônio Góes entre os variados grupos Yanomami.



Padre João Sucarrats ressaltou que o valente e abnegado sacerdote era visto por alguns como um mero aventureiro e para outros como o grande apóstolo e que, quando chegou para a Inspetoria a proposta de realizar filmagens e tiragens fotográficas sobre alguma missão realizada na Amazônia, as obras edificadas entre os Yanomami e a figura sorridente do apóstolo Góes foram cruciais para a decisão da Inspetoria em desenvolver um material cinematográfico sobre sua obra missionária.

O título do documentário guarda uma intrínseca relação do religioso com o elemento natural “rio”. Apesar de ter atuado com os indígenas na densa Floresta Amazônica, o missionário fez do rio Negro e suas afluentes, principalmente o rio Cauaburis, o canal de Maturacá e o rio Marauiá, as principais estradas de sua vida, sendo conhecido, respeitado e lembrado pelos moradores destas localidades fluviais.

Esta produção audiovisual apresenta o missionário atuando nas mais diversas atividades junto aos Yanomami. Os momentos de navegação, de colheita, de preparação de alimentos, de organização de tarefas, dentre outros, são evidenciados. Cenas das crianças e dos jovens indígenas estudando e se alimentando na missão, também, ganham destaques, bem como são retratados os momentos de atividade de catequese e celebração da missa.

Do mesmo modo, é documentada a sua comunicação, via equipamento de radioamador, com seu grande amigo Antônio Madeira. Algo que também chama a atenção é o desafio de descarregar e carregar o barco para poder ultrapassar as tantas pequenas cachoeiras e corredeiras do rio Marauiá. Os seus momentos de descanso e de leitura se misturam com as demais cenas.

O que mais parece brilhar no documentário é o convívio recíproco e solidário do missionário com crianças, jovens e adultos Yanomami. As últimas cenas, executadas como sequências de fotos, mostram ima-

gens de profundo valor histórico e antropológico. Nas palavras de Dom Miguel D'Aversa (1982, p.159) o referido filme:

Trata-se de um documento cinematográfico que foi lançado ao público, durante o Centenário das Missões Salesianas: "O MEU CAMINHO É O RIO". Este filme tem a dupla finalidade: mostrar ao vivo o trabalho missionário e despertar vocações. Numa hora difícil, pe. Antônio através desta película desperta, nos jovens e nos moços de ânimo generoso, a chama da vocação missionária que ardia em seu coração magnânimo.

Com esta oportunidade de ter a sua obra missionária divulgada no Centenário das Missões Salesianas de Dom Bosco, foi agraciado com a possibilidade de conhecer o mundo salesiano da Europa, especialmente a Basílica de Maria Auxiliadora em Turim, palco central dos festejos, onde se concentraram as exposições de todas as obras salesianas. Conforme registro em uma carta direcionada à sua sobrinha Eliana Maria Ferreira, ele chegou em Turim para a tão esperada celebração exatamente no dia 6 de novembro de 1975, no final da tarde.

Muitas das imagens registradas e apresentadas aos salesianos de todo o mundo por meio deste material cinematográfico estão estampadas em várias páginas do presente livro. Abaixo, outras importantes imagens são exibidas no sentido de demonstrar as variadas ações desenvolvidas e os saudosos momentos de convivência do missionário Góes com os belos Yanomami:



Antônio José Góes



*Uma vida missionária de pioneirismo e de dedicação aos Yanomami do Amazonas*





António José Góes



## PARTICIPANDO DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DAS MISSÕES SALESIANAS



Hoje, na gruta onde o verbo se fez carne, celebri também por intenção de todos aí. Estou fazendo retiro peregrinante. Não pude comunicar antes, pois foi coisa de última hora e oportunidade única.

**Carta do Padre Góes,**  
Belém-Palestina, 25 de dezembro de 1975

**E**m novembro de 1875, os missionários da Congregação de São Francisco de Sales promoveram a primeira expedição para além do território europeu, na qual seguidores de Dom João Bosco se deslocaram de Turim para a Patagônia, Argentina, para fundarem a primeira missão salesiana nas Américas, junto à comunidade indígena daquela região. Esta expedição compreendeu o início do carisma salesiano por outras partes do mundo. (LENTI, 2014).

Logo, passados cem anos, em novembro de 1975, foi celebrado o centenário da primeira expedição missionária, a qual foi a propulsora da fundação de missões salesianas nas Américas e em outros continentes, ao longo dos sucessivos anos. Para tanto, cada estação missionária enviou representantes para participarem desta celebração. A Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA) enviou alguns de seus integrantes que partiram para a Itália no final do mês de outubro daquele ano, estando, entre eles, o padre Antônio Góes.



Padre Antônio gozava de um natural prestígio devido às suas obras, à sua entrega aos indígenas e, também, à sua venerável barba, registrada até no Boletim Salesiano e em outros periódicos, o que evidentemente pode ter motivado a sua indicação pelos superiores da ISMA. Quando o sacerdote visitava a comunidade salesiana de Santa Isabel, da qual fazia parte, muitos admiravam seu espírito comunitário e sua forma de se relacionar com as pessoas (D'AVERSA, 1982). Sua indicação estava, também, relacionada ao fato de que a seção de homenagem ao seu trabalho missionário e a apresentação do documentário “*O meu caminho é o rio*” compreendiam momentos bem esperados da programação das festividades do Centenário. Ele estava sendo esperado pelos superiores, padres e demais da congregação, bem como por todos os jovens seminaristas e clérigos que muito ouviam falar de sua história e o tinham como exemplo de coragem e entrega vocacional.

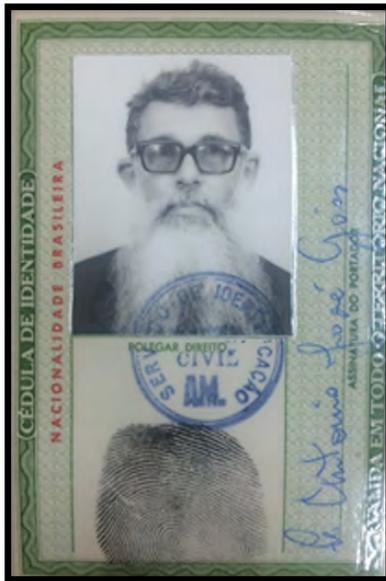


Figura 45: Carteira de Identidade renovada pelo padre Góes, em 1975, para fins de junção de documentos para sua viagem à celebração do Centenário das Missões. Fonte: acervo da ISMA.

O Irmão José Gulli, que naquele tempo estava trabalhando no setor de expedição, esteve, também, presente nos referidos festejos. Ele descreve que, na parte de baixo da basílica, ficavam expostos os painéis ilustrativos dos salesianos homenageados, inclusive os de padre Antônio. Alguns painéis de tamanho natural mostravam o padre nas plantações no meio das laranjeiras com enxada no ombro com semblante de camponês, navegando de voadeira ao longo do rio, nadando para escapar da correnteza do rio que levava até a corredeira, assim como ilustravam o sacerdote arrodado pelos indígenas, adultos e pequenos. Irmão Gulli lembra que os jovens participantes do evento, quando viram o missionário brasileiro observando as fotos expostas na amostra, correram em sua direção perguntando se ele era o mesmo homem barbudo ilustrado naqueles quadros. Sinalizando que sim, padre Góes parava e contava, com seu italiano misturado com português, detalhes da sua trajetória entre os Yanomami.

Durante sua estada em Turim, foi convidado pelos organizadores do evento para conhecer outras cidades da Itália, como Roma, Veneza e Pádua. Também conheceu o Vaticano, em cuja oportunidade sublimemente conheceu o Papa Paulo VI. Em seguida, foi para outros lugares santos da cristandade como Lourdes, na França, e Fátima, em Portugal. Logo depois seguiu para a Espanha, onde visitou Madrid e Barcelona (D'AVERSA, 1982).

Quando ainda estava em Turim, no dia 22 de novembro de 1975, padre Góes escreveu um cartão para o então inspetor da ISMA, padre Antônio Rasera<sup>1</sup>, avisando que estava indo para Lourdes e Fátima. Em outro cartão, escrito em 28 de novembro, quando estava em Fátima, o missionário escreveu que, durante a sua permanência na cidade santa

---

1 Padre Antônio Hércio Rasera (Piracicaba/São Paulo: 20/12/1938 – São Paulo/São Paulo: 08/08/1999): de 1974 a 1979, foi inspetor da Inspetoria São Domingos Sávio, em Manaus. Sua gestão coincidiu com a comemoração do Centenário das Missões Salesianas, a qual ocorreu em 1975. Lembrado pela sua postura firme, exigente, mas suave, Padre Rasera foi um homem fiel aos compromissos da vocação religiosa salesiana (D'AVERSA, 2001).



de Portugal, pediu por todos da ISMA e de modo especial para as atividades do padre Rasera. Sinalizou que estava de partida para Madrid, onde iria ao encontro do diretor da Inspeção Santiago El Mayor, Don Modesto Bellido. De Madrid, seguiu para Barcelona.

Em todos estes lugares, ele teve a oportunidade de compartilhar o seu trabalho, por meio de palestras e de conversas com seus irmãos salesianos. Devido ao conhecimento de sua obra por salesianos de todo mundo, visto que muitas notícias sobre ele já tinham sido publicadas em inúmeras edições do *“Bollettino Salesiano”*, como também devido à produção do registro cinematográfico sobre sua atividade missionária, seus companheiros de congregação e até os superiores salesianos o acolhiam com muita alegria e generosidade.



Figura 46: Padre Antônio rodeado por jovens salesianos.

Fonte: Documentário *“O meu caminho é rio”* (1975).

Durante sua excursão pela Europa, padre Góes recebeu o convite de se juntar a um grupo seleta de salesianos que estava indo visitar Jerusalém e a Terra Santa, na Palestina. Esta visita não estava prevista

quando ele saiu do Brasil para participar das festividades do Centenário. No dia 25 de dezembro, teve a oportunidade única de conhecer a gruta onde Jesus Cristo nasceu. Foi a realização de um sonho e o fortalecimento de sua alma apostólica. Este acontecimento especial na história do missionário sergipano, filho de Itabaiana, está registrado em outra correspondência que ele direcionou ao inspetor da ISMA, padre Antônio Rasera,

Hoje, na gruta onde o verbo se fez carne, celebrei também por intenção de todos aí. Estou fazendo retiro peregrinante. Não pude comunicar antes, pois foi coisa de última hora e oportunidade única. Dia 31, estarei em Roma e a três ou quatro dias regressarei para o Rio. Sua bênção. (Pe. Góes. Belém - Palestina, 25 de dezembro de 1975)

De volta a Turim, padre Góes foi acolhido pelo irmão salesiano Enzo Spiri, um dos produtores do filme “*O meu caminho é o rio*”, o qual atuou como um bondoso anfitrião e fez questão de servir de guia, possibilitando ao sergipano a chance de conhecer estes importantes lugares santos da cidade, especialmente, os lugares onde Dom João Bosco nasceu e se criou. Ele guardava a recordação, com muito carinho, destes dias em que o padre Antônio esteve entre os demais salesianos, lembrando que o seu amigo partiu feliz para o Brasil e que, após a visita à Terra Santa, sentiu o dever de voltar a desafiar as corredeiras do rio Negro e de retornar ao convívio de seus queridos Yanomami, pois guardava consigo o profícuo intuito de compartilhar tudo o que vivenciou e aprendeu com esta singular experiência (SPIRI, 1994).

Voltando ao Brasil, nos primeiros dias de janeiro de 1976, fez sua primeira parada em São Paulo, onde permaneceu poucos dias e esteve, pela última vez, com sua irmã Josefa Maria e com seus sobrinhos, entre os quais Eliana Maria Ferreira, a sobrinha que ele tanto amava



e se comunicava por cartas. Nesta visita, ele apresentou muitos materiais fotográficos e diapositivos relacionados ao cinema, que ele tanto observou e vivenciou nesta nova experiência e que tinha a vontade de compartilhar com os Yanomami.

No dia 7 de janeiro, estando ainda em São Paulo, ele escreveu ao inspetor da ISMA:

Prezado Pe. Inspetor, estou aqui em São Paulo por poucos dias; passarei depois dois no Rio e regressarei. Em Roma, lhe estão esperando, mas penso que nos encontraremos; ia deixar algo com o Padre Celestino para lhe entregar caso passasse antes de meu regresso ao Rio, mas ele está no Norte. Até em breve. A sua bênção. (Pe. Antônio. São Paulo, 7 de janeiro de 1976)

Participar do Centenário das Missões Salesianas, ter um documentário sobre sua prática missionária compartilhada com os salesianos de vários continentes, conhecer o Papa e os mais ilustres lugares santos da cristandade, dentre os quais, a gruta onde Jesus Cristo nasceu, compreenderam eventos sem precedentes na vida do padre Antônio José Góes. Portanto, ser um dos homenageados nesta celebração foi um ato de reconhecimento e de generosidade à altura de seu carisma e entrega à sua vocação.

Retornava ao Brasil com o único propósito de continuar a sua trajetória missionária de forma humilde, simples e atuante no mundo Yanomami. O que mais queria era voltar para a sua missão para compartilhar com seus queridos irmãos indígenas a experiência que viveu, sempre no sentido de melhor orientar a sua ação apostólica. Mas, este retorno acabou sendo interrompido, permanentemente, devido à abrupta despedida do religioso.

## O ABRUPTO DESENLAÇE<sup>1</sup>



“Ao voltar da viagem a Turim e à Terra Santa, onde invocou os superiores por ocasião do Centenário das Missões, ele foi apanhado por sua morte antes de poder retornar à sua estação missionária”.

**Atti Del Consiglio Superiore**  
Società Salesiana de 1977, nº 285, p. 76)

**R**egressando ao Brasil, em janeiro de 1976, após a sua estada na Europa por quase três meses, em que esteve participando das comemorações do Centenário das Missões Salesianas de Dom Bosco, o sacerdote Góes foi, primeiramente, a São Paulo, onde visitou a sua irmã Josefa Maria do Sacramento (chamada por ele, carinhosamente, de “Mazé”) e seus sobrinhos. Na capital paulista, visitou alguns de seus amigos de congregação e juntou alguns materiais para levar para os indígenas. Acompanhado de seu sobrinho Luiz Antônio Ferreira, comprou dezenas de roupas e alguns motores de popa. Luiz despachou tudo na antiga companhia VARIG e enviou para Manaus.

Seu outro sobrinho, Fernando Luiz Ferreira, traz como lembrança o momento em que seu tio falou que, antes de viajar para a Europa, ele já estava sentindo um incômodo na mandíbula e que queria voltar logo para Manaus para poder ver o que tanto te causava dor. Ele teimava

---

<sup>1</sup> As informações deste capítulo foram obtidas, principalmente, por meio de entrevistas do padre Canio Grimaldi (in memoriam), padre Luis Laudato, Terezinha Bueno, Adelaide Brazão, Auta Madeira e familiares do salesiano.



em mexer nos dentes, e sua irmã Mazé lhe alertava, continuamente, para não ficar tocando para não inflamar e pedia para que ele tomasse alguns medicamentos.

Na ocasião dessa sua visita, expressou à sua irmã, tocado por uma força intuitiva, mas sem ter a plena consciência do que estava falando, que se viesse a morrer, morreria feliz, pois realizou os sonhos de conhecer e de receber a bênção do Papa e, especialmente, de conhecer e de experimentar o local santo onde Jesus Cristo nasceu. Realmente, este encontro compreendeu os seus últimos momentos com seus familiares. Depois de ter ficado alguns dias em São Paulo, onde conseguiu arrumar os materiais necessários para a sua missão, seguiu para Manaus.



Figura 47: Josefa Maria do Sacramento<sup>2</sup>, a Mazé, irmã do padre Góes. Nasceu em Itabaiana – SE (26/10/1920) e faleceu em Aracaju – SE (10/05/2009). Fonte: acervo de Mary Anne Ferreira de Almeida, filha de Josefa Maria.

---

<sup>2</sup> Como Josefa Maria não foi registrada com o sobrenome “Góes” desde o seu nascimento, este é o motivo que explica a ausência deste sobrenome em todos os seus filhos e netos, incluindo o autor, o qual é seu neto, pois este é filho de sua filha Mary Anne Ferreira de Almeida.

Ao chegar na capital amazonense, no início de fevereiro, hospedou-se no Colégio Dom Bosco, cujo diretor era o padre Canio Grimaldi<sup>3</sup>, à época. Agradeceu a todos os irmãos da Inspeção, especialmente, àqueles que contribuíram para a realização de sua viagem. Logo, apressou-se para ficar com os seus amigos indígenas, que há muito perguntavam por ele e que estavam sentindo falta de sua presença e do seu apoio.

Padre Canio percebeu que seu colega salesiano não estava bem, pois mostrava a aparência abatida, pedindo para que ele ficasse hospedado mais alguns dias para descansar. O padre, apesar de já estar sentindo fortes dores na mandíbula, resistiu ao convite, afirmando que precisava voltar quanto antes para Marauíá, visto que os Yanomami poderiam estar desconfiados e aborrecidos com a sua longa ausência.

Ainda quando estava hospedado no colégio, preparando-se para seu retorno à missão, encontrou com a voluntária salesiana Terezinha Bueno de Moraes, que estava, nesta época, trabalhando na região do Alto Içana. O padre tinha ouvido falar muito bem do belíssimo trabalho que Terezinha exercia entre os indígenas daquela localidade, por isso muito estimava que ela fosse trabalhar com ele em Marauíá. Logo, solicitou para que ela pudesse dar preferência à missão de Marauíá,

---

3 Padre Canio Grimaldi (Oppido Lucano/Potenza/Itália: 2/04/1933 – Manaus/Amazonas/Brasil: 16/02/2016): formado em Filosofia, Teologia e Pedagogia, especialista em Filosofia, Metodologia do Ensino Superior e Direito Canônico e mestre em Teologia Pastoral, padre Canio era lembrado por toda comunidade salesiana por ser muito estudioso e preocupado com as causas humanitárias e, principalmente, com a educação dos jovens. Foi um dos maiores incentivadores da educação salesiana na Amazônia, atuando como um dos mentores e incentivadores da fundação da Faculdade Salesiana Dom Bosco. Ao chegar no Brasil, em 1969, contribuiu como catequista em Belém (PA) até 1973, quando foi transferido para Manaus, onde viveu 39 anos dos 46 anos de vida missionária no Brasil. Chegando em Manaus, logo exerceu a direção do Colégio Dom Bosco e se tornou membro do Conselho Inspeção. Durante sua intensa trajetória na ISMA, exerceu o cargo de direção e outras importantes funções na Casa Inspeção, no Centro Salesiano de Formação (CESAF), no Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH) e Encontro Familiar Cristão e na Faculdade Salesiana Dom Bosco. A grande marca salesiana do padre Canio foi sua sincera entrega e dedicação como educador e pastor entre os jovens (MARLER, 2016).



caso deixasse de trabalhar nos povoados do Alto Içana. E assim fizeram um trato de compromisso um com o outro.

Com a ajuda de seu colega salesiano da missão de Santa Isabel do Rio Negro, o padre Edimar da Silva, padre Góes conseguiu uma vaga no barco do comerciante Luiz Teixeira que iria sair naqueles dias. Luiz Teixeira era irmão de Antônio Teixeira, grande amigo e colaborador do padre Góes na obra salesiana do Marauiá. No dia da viagem, despediu-se de todos agradecendo pela calorosa acolhida e se direcionou para o porto de Manaus. Antes de embarcar, encontrou Adelaide Bração, que o tinha auxiliado anos atrás, quando estava em Maturacá. Neste rápido encontro, ela percebeu que o padre estava com um abatimento atípico e que apresentava sinais de debilitação. Ele alegava que era consequência do cansaço devido à longa viagem que acabara de fazer no exterior. Assim como fez com Terezinha Bueno, ele convidou Adelaide para trabalhar em Marauiá. Ela permaneceu em Maturacá e, anos mais tarde, casou com o tuxaua Júlio Góes.

Mantendo-se decidido em dar prosseguimento à sua viagem a Marauiá, seguiu pelo rio Negro, rumo à missão. Ainda antes de chegar em Barcelos, a qual fica a 400 km de Manaus, as dores nos dentes da região da mandíbula começaram a se intensificar e a ficar insuportáveis. Sendo assim, pediu para o condutor do barco Luiz Teixeira parar em Barcelos, onde procurou um amigo dentista, José Cristóvão, para extrair alguns dentes. O odontólogo, ao examiná-lo, aconselhou a não fazer a extração, porque além de, possivelmente, apresentar sintomas de malária, o padre estava com a bochecha avermelhada e inchada, bem como estava com a gengiva toda inflamada. Porém, o sacerdote não parava de insistir, visto que queria a todo custo continuar sua viagem de barco com destino a Santa Isabel do Rio Negro, antiga Tapuruquara, para a qual faltavam 20 horas de navegação. Já constrangido e com o intuito de se livrar de toda aquela insistência, Cristóvão realizou a extração de três dentes.

Depois da extração, padre Góes passou a noite em Barcelos, aproveitando para descansar um pouco. No dia seguinte, saiu desta cidade e continuou navegando o rio em direção à missão de Santa Isabel. No meio do trajeto, a região dos dentes extraídos infeccionou. Chegando em Santa Isabel, foi acolhido pelos seus companheiros salesianos que, imediatamente, entraram em contato com amigos do padre em Manaus, dentre os quais, o radioamador Antônio Madeira. Este mobilizou conhecidos e conseguiu, com apoio da Força Aérea Brasileira (FAB), alugar um avião catalina (avião utilizado na Segunda Guerra Mundial), que realizou o traslado do religioso para Manaus com brevidade.

Depois de alguns dias que tinha partido de Manaus, o salesiano teve que retornar para a capital amazonense. Ele chegou no sábado, 21 de fevereiro, onde se hospedou novamente no Colégio Dom Bosco. Ele pediu para o padre Canio Grimaldi o levar, urgentemente, para o pronto-socorro São José. Lá, foi atendido pelo cardiologista e ex-aluno salesiano, Dr. Garrido. Este o atendeu prontamente e logo verificou a pressão arterial e as batidas cardíacas. Como a pressão estava muito baixa, alertou o padre Canio para um possível caso sério, apesar de não poder antecipar um diagnóstico preciso. Sendo assim, fez um encaminhamento médico para que o padre Antônio ficasse internado no Hospital Beneficente Portuguesa. Padre Canio, ao deixar seu amigo internado, foi à ISMA avisar o Inspetor Antônio Rasera, que logo foi ao hospital. O médico que estava acompanhando o caso informou ao Inspetor que se tratava de algo muito sério e que só poderia fornecer um diagnóstico detalhado após conclusão do resultado dos vários exames realizados.

Os salesianos que estavam em Manaus ou de passagem se revezavam na visita e na assistência ao sergipano. Além dos padres e freiras, uma das pessoas que conseguiram ir ao hospital foi Adelaide, a qual o tinha encontrado dias antes no porto de Manaus. Ela ficou surpreen-



dida com a notícia de adoecimento repentino do sacerdote e, ao estar com ele, perguntou se tinha conseguido chegar até Marauíá. Ele respondeu que, durante o percurso, aumentou a dor de seus dentes e que extraiu três que estavam doendo muito. Também disse que o dentista preencheu os locais da extração com cobre, que pode ter sido a causa de infecção em sua região mandibular, por ter oxidado e formado uma camada de cor esverdeada parecida com zinabre.

Adelaide lembra que, nesta primeira visita, ele ainda estava com barba, mas que a região da mandíbula estava toda dolorida e a bochecha roxa. Ele se alimentava com bastante dificuldade, pois mal conseguia abrir a boca. Ele dizia e repetia que sentia que não sobreviveria, pois estava com a sensação de estar perto de morrer.

No dia seguinte, Adelaide retornou e viu que já tinham cortado o cabelo e tirado a barba dele, uma vez que os médicos estavam desconfiados de que se trataria de um caso de câncer na mandíbula ou na região da tireoide, e que, para melhor verificar, seria preciso lançar mão de tal procedimento. O religioso estava muito abatido e com expressão de desânimo por ver seu próprio rosto desfeito, sem a barba que ele tanto cultivava e que lhe servia de identidade. Pela boca inchada, saía uma secreção muito branca, similar a pus e ele não conseguia mais falar, somente gesticular. Diante do quadro do religioso, a cooperadora salesiana desconfiava, diferentemente dos médicos, que ele poderia estar com tétano.

A suspeita de tétano era, do mesmo modo, compartilhada entre alguns salesianos. Em uma carta escrita ao senhor Antônio Madeira, o padre Francisco Knobloch, que teve oportunidade de conviver com o sergipano em Maturacá por algum tempo, relata que ficou sabendo pelo padre Celestino, que visitou Góes no dia 25 de fevereiro, que o caso poderia ser de tétano, provocado pela extração dos 3 dentes que foi realizada em Barcelos. Por outro lado, padre Luis Laudato,

que dois anos mais tarde daria continuidade à missão salesiana de Marauíá, recorda que visitou o padre quando este já estava sem barba e que os médicos concluíram que não seria um caso de câncer na mandíbula, nem de tétano, mas que ele poderia estar apresentando sintomas de malária, causada pelo *Plasmodium vivax*. Inclusive, os médicos suspeitavam que o missionário já estava com malária desde quando foi participar das festividades do Centenário das Missões Salesianas na Europa.

Terezinha Bueno, também, teve oportunidade de visitar o sacerdote. No dia da visita, ele ainda estava consciente e sendo cuidado por uma enfermeira que a autorizou se aproximar do paciente. A cuidadora perguntou se ele estava reconhecendo a visitante e ele respondeu, com um sinal, que sim. Em seguida, ele fez um gesto, apontando para Terezinha e dando um sorriso com muita dificuldade, com a intenção de reforçar o combinado que eles fizeram, dias antes, quando conversaram no colégio, de que ela iria se dedicar a trabalhar na missão de Marauíá, quando saísse do Içana. Entendendo o sinal, ela respondeu, de forma positiva, que iria ser fiel ao trato que fizeram. E assim o fez, dois anos mais tarde, Terezinha estava trabalhando no Marauíá, colaborando com os padres irmãos Francisco e Luis Laudato.

Somando-se às visitas, a advogada Auta Gagliardi Madeira, filha do senhor Antônio Madeira, visitou o religioso, já que seu pai estava abaladíssimo e sem condições psicológicas para ver o seu grande amigo naquelas condições. Quando ela chegou ao hospital, ouviu dizer que o caso clínico do padre poderia ser de câncer de fígado. Ao entrar no quarto de internação, percebeu que ele já estava em coma, com os olhos fechados e com a boca entreaberta sem pus. Auta achou que ele poderia estar com sede e propôs a Jorge Bastos, engenheiro, amigo de seu pai, o qual também estava visitando o salesiano, que fosse dada água ao enfermo. Quando Auta administrou



uma pequena colherinha de água, o religioso tossiu imediatamente. Neste momento, Auta pensou que pudesse ser um sinal de retorno à consciência, mas o quadro clínico do padre se agravava cada vez mais. De forma semelhante ao relatado por Auta, o colaborador salesiano Enzo Spiri (1994), o qual meses antes tinha acolhido o missionário em Turim, referiu que o mal-estar que atingiu o padre Góes tinha relação com câncer no fígado.

Ainda quando estava internado, recebeu a visita de sua irmã Josefina Germana, freira salesiana, que fazia parte das Filhas de Maria Auxiliadora de Baturité, Ceará. Ela chorava copiosamente, pressentindo a repentina morte do seu irmão.

Ciente de seu estado cada vez mais abatido, o fundador das missões de Maturacá e de Marauíá pediu os sacramentos, recebendo-os com plena lucidez de mente e resignadamente. Em seu leito, foi assistido pelo padre Inspetor e por outros irmãos. Numa sexta-feira, dia 27 de fevereiro de 1976<sup>4</sup>, com 57 anos de idade, 30 anos de sacerdócio e 22 anos de dedicação missionária aos Yanomami, faleceu placidamente, por volta das 18 horas e 50 minutos, deixando muita saudade e admirável legado (D'AVERSA,1982).

Mesmo diante da especulação de o quadro clínico ter sido de “câncer na mandíbula”, “câncer na tireoide”, “tétano”, “malária” ou “câncer de fígado”, as causas de morte do saudoso sergipano registradas em seu atestado de óbito foram “endemia pulmonar” e “insuficiência ventricular esquerda”. Tais enfermidades interromperam a realização da

---

4 É preciso acentuar que na certidão de óbito do padre Antônio, consta que ele faleceu no dia 26 de fevereiro de 1976. Apesar de esta data está registrada nesta certidão, verifica-se, em todos os demais documentos e na lápide de seu túmulo, que o seu falecimento ocorreu em 27 de fevereiro de 1976. Esta data (27/02) é reconhecida e veiculada pela família e pelos salesianos, pois assim consta em todos os documentos e em todas as publicações da Inspetoria São Domingos Sávio, como a data correta do falecimento do sacerdote. Logo, acredita-se que o registro da data “26 de fevereiro” pode ter sido um engano do próprio digitador ou do declarante.

grande vontade do incansável missionário em compartilhar tudo o que viveu na celebração do Centenário de Dom Bosco e de continuar sua obra com os seus verdadeiros amigos, os Yanomami<sup>5</sup>.

No dia seguinte, 28 de fevereiro, o Inspetor e outros salesianos providenciaram em levar o corpo do padre Góes para ser velado na Igreja São José Operário, na sede da ISMA, localizada na rua Visconde de Porto Alegre, no centro de Manaus. Segundo padre Canio, homens da imprensa estiveram presentes no velório para obter informações com alguns salesianos, uma vez que tiveram interesse em publicar a morte do pioneiro no contato com os Yanomami.

O padre salesiano Paulo Leandro de Góes, irmão mais velho do missionário, chegou para o funeral. Nesta época, ele estava voltando a atuar no âmbito da Inspetoria São Luiz Gonzaga (Inspetoria do Nordeste), após 20 anos de trabalho itinerante nas missões do rio Madeira, em Rondônia. Ao lado de sua irmã, a freira Josefa Germana, chorava, ininterruptamente, pelo abrupto falecimento de seu irmão. Quando o corpo foi levado para o mausoléu salesiano no cemitério São João Batista, na tarde do dia 28 de fevereiro, padre Paulo não queria sair da parte de baixo, onde ficavam os túmulos, sendo que o padre Canio teve que o convencer bastante a deixar o sepulcro.

---

5 Na dissertação de mestrado de Miranda (2020), consta a informação de que o falecimento do padre Antônio Góes é considerado, por parte dos Yanomami do Marauíá, como uma *"agressão enviada por um grande pajé da região de Maturacá"*. Os indígenas do Marauíá relataram à pesquisadora que os nativos de Maturacá *"ficaram contrariados quando o missionário decidiu contatar os Karawethari, seus inimigos antigos, e, por este motivo, vingaram-se matando o padre"* (MIRANDA, 2020, p. 120). É fato que, no início do contato do padre Góes com os índios do Marauíá, houve nativos de Maturacá que ficaram enciumados, o que motivou tentativas de confrontos entre os grupos rivais, assim como foi evidenciado no capítulo *"Coragem e valentia em defesa da Paz"*. Apesar da relevância desta memória e relato oral dos Yanomami do Marauíá, é preciso enfatizar que o salesiano, quando faleceu por complicações fisiológicas, em fevereiro de 1976, já tinha um histórico de 15 anos de atuação na região do Marauíá e que mantinha boas relações com os indígenas de Maturacá, promovendo, inclusive, ações que contribuíram para uma relação pacífica entre os Yanomami destas duas regiões.



Este inesquecível dia de despedida está registrado na carta mortuária do padre Antônio Góes, em linhas marcadas por muita admiração e saudade:

Quando um Salesiano morre no cumprimento de sua missão, diziei que a congregação tem alcançado um grande triunfo” (Dom Bosco). Era isto que podíamos constatar na tarde do dia 28 de fevereiro, quando celebramos o rito de despedida do Padre Antônio para a morada dos que nos precederam com o sinal da fé. Apesar disso recomendamos a Deus o trabalho deste nosso irmão, que ficou interrompido à espera de alguém que o possa substituir; e ao mesmo tempo, elevemos nossa súplica de sufrágio pedindo para ele a benevolência divina, o repouso e a paz”.

Quando souberam que o padre Antônio tinha falecido, os Yanomami custaram para acreditar. Alguns se mobilizaram em procurar informações mais concretas, indo até Manaus. Conforme lembrou padre Canio, dois indígenas do Marauíá vieram até a Inspetoria e pediram ao inspetor para que deixasse levar o corpo do querido missionário ao xapono, com a intenção de fazer com ele o ritual que se faz para a morte de um tuxaua e depois realizar a festa de despedida ingerindo os restos de seus ossos. O Inspetor disse que não tinha como retirar o corpo que já estava no túmulo do mausoléu. Os Yanomami saíram lamentando por não poderem realizar o ritual com o corpo da pessoa que eles tanto admiravam.

O inglês Denisson Berwick, autor e escritor de viagens, em seu livro “*Savages: the life and killing of the Yanomami*” (“*Selvagens: a vida e a morte dos Yanomami*”), registrou que os indígenas que conviveram com o padre Antônio no Marauíá falavam dele com carinho e respeito, porque ele

muito os ajudou. Um dos Yanomami, Domingos, que foi um dos meninos do Maraujá que estudaram no internato em Santa Isabel, lamentou que:

O padre tinha morrido longe deles em Manaus e foi sepultado em Manaus. “Como poderíamos beber seus ossos?”, perguntou. “Eu poderia ter ido ao cemitério quando estava em Manaus, mas eu não sabia”, disse ele (BERWICK, 1992, p. 82).

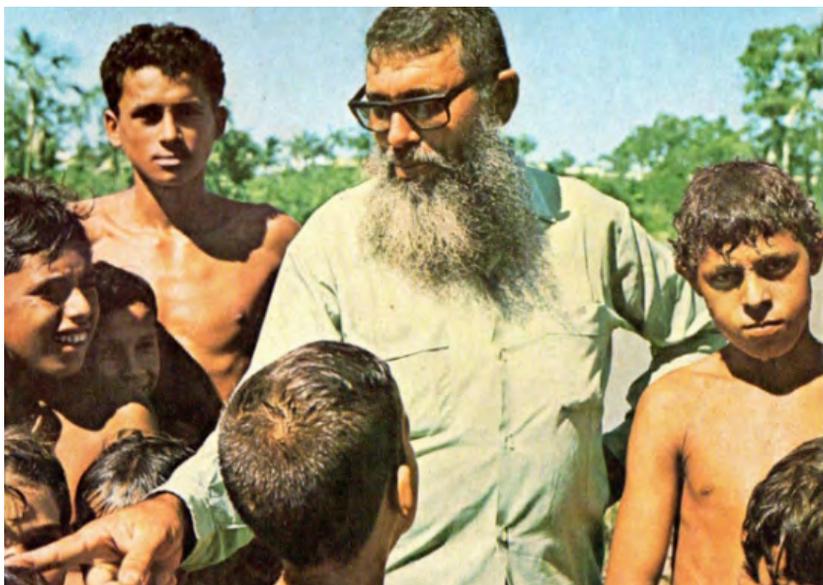


Figura 48: Imagem do padre Antônio Góes presente em sua carta mortuária.

Fonte: acervo da família do padre Góes.

Ainda depois da morte do sacerdote Góes, alguns salesianos da Europa que o tinham conhecido em Turim, durante o evento do Centenário das Missões, escreveram cartas endereçadas a ele pensando que ainda estava vivo. O padre Canio, a pedido do Inspetor, respondeu aos remetentes, comunicando o falecimento do seu correligionário. O interesse dos salesianos estrangeiros pela obra missionária do sergipano



continuou sendo motivo de cartas enviadas à Inspetoria em Manaus, mesmo anos depois. Por exemplo, em 2 de maio de 1979, três anos após a morte do missionário, o padre Valentim de Pablo, de Madrid, escreveu uma carta para o inspetor solicitando o envio da carta mortuária do salesiano brasileiro. Padre Valentim destacou que, na procuradoria das missões de Madrid, ele tem “*distribuído o filme sobre a vida dele – O meu caminho é o rio, mas dos colégios estão a pedir informações desse missionário, pois os rapazes gostam muito dele*”.

Dom Miguel D’Aversa (1992, p.159-160) acentuou, com muita generosidade, o que o valente e corajoso sergipano representou para os Yanomami e para a congregação salesiana:

O Padre Góes viveu sua vida missionária feita de sacrifícios e renúncias, de perigos e dificuldades, de paciente espera, de trabalho prudente e sensato, de cativante alegria, com toda humildade e simplicidade. A ele devemos a fundação de duas residências missionárias entre os Yanomami.

(...)

Que Nosso Senhor envie outros missionários decididos, apostólicos, sacrificados como o nosso querido Pe. Antônio José Góes.

No “*Atti Del Consiglio Superiore*” de 1977, nº 285, p. 76, publicado pela Società Salesiana, há uma histórica e saudosa menção à morte do valente missionário:

Durante os trinta anos de sua intrépida vida, ele demonstrou abnegação, espírito de sacrifício e incansável zelo pelo bem dos pobres e necessitados. Ele passou a última década em uma estação missionária, que ele fundou nas margens do rio Marauaiá

(afluente do rio Negro), onde se dedicou à pesquisa, acomodação social e evangelização dos vários grupos de índios Yanomami espalhados pela vasta região que faz fronteira com a Venezuela. Ao voltar da viagem a Turim e à Terra Santa, onde invocou os superiores por ocasião do Centenário das Missões, ele foi apanhado por sua morte antes de poder retornar à sua estação missionária”.



Figura 49: Mausoléu salesiano onde está presente o túmulo do padre Antônio Góes, no cemitério público São João Batista, Manaus – Amazonas. Fonte: acervo de Leonardo Ferreira de Almeida.

A trajetória de pioneirismo, coragem, paciência e abnegação fez do padre Antônio Góes, sergipano de nascimento e amazonense de coração, um eterno legado entre toda a comunidade salesiana, entre seus familiares e amigos, assim como entre toda a nação Yanomami do Amazonas. Seus 57 anos de idade, 30 anos de sacerdócio, 24 anos de contato pioneiro com as tribos do Cauaburis e 22 anos de atuação



permanente entre os indígenas de Maturacá e de Marauaiá se tornaram frutos que continuam sendo colhidos e acolhidos por aqueles que conheceram e que conviveram com o sacerdote, bem como pelas gerações que se sucederam.

Padre Justino reforça que a história do missionário sergipano deveria “*ser aprofundada para a gente conhecer mais seu espírito, sua dedicação que nos inspira muito aqui*”. Em mesma medida, padre Canio Grimaldi suplicou para que o “*exemplo dele de amor a Deus, de amor a Cristo, de amor aos indígenas, possa suscitar mais interesse na defesa do direito dos povos indígenas*”.

Sua presença terrena, interrompida há mais de 44 anos, transformou-se num perene alvorecer nas terras onde se dedicou de corpo e alma, e nas memórias daqueles que puderam - em lugares, oportunidades e maneiras distintas - perpetuar a sua história e a sua obra. Como frisa o tuxaua Júlio Góes “*o que ele fez, até hoje, não quebra e nunca vai quebrar. Está plantado o espírito forte dele na tribo*”.

Nos capítulos seguintes, são evidenciadas histórias de pessoas, experiências, homenagens concretas e memórias importantes que contribuem para dar vida e sustentação ao legado deixado pelo carismático e vocacionado missionário.

## PADRE PAULO GÓES E IRMÃ JOSEFA GÓES: IRMÃOS DE SANGUE E DE CONGREGAÇÃO



“A vida de piedade desse casal (Valentim Góes e Genoveva Maria) se refletiu no fervor eucarístico e mariano que animava aquela lar, ambiente sadio e propício para o desabrochar da vocação salesiana de três dos seus filhos: Pz. Paulo, Irmã Josefa Góes, Filha de Maria Auxiliadora e Pz. Antônio Góes, o renomado apóstolo dos índios Yanomami no Rio Cauaburis”.

**Pe. Aguinaldo Lima Viana, 1995, p. 4**

### Padre Paulo Leandro de Góes (1916 – 1995)



O primeiro filho do sexo masculino do casal Valentim José de Góes e Genoveva Maria do Sacramento, Paulo Leandro de Góes, nasceu no dia 28 de junho de 1916, em Itabaiana, Sergipe. Era quase dois anos mais velho que seu irmão Antônio. Foi batizado no dia 11 de julho do mesmo ano. Em 1931, quando tinha 15 anos, foi para a casa missionária de Jaboatão dos Guararapes, onde frequentou o aspirantado e cursou o ginásio. Lá, também, fez o noviciado e os estudos de filosofia, bem como realizou a primeira profissão perpétua no dia 28 de janeiro de 1934, exatos dois anos antes de seu irmão. Em Jaboatão, ficou até 1935. Ao concluir os estudos, o clérigo Paulo foi enviado a Baturité, no Ceará, para a formação em tirocínio prático. Em 1938, fez parte do grupo de salesianos que inaugurou a casa salesiana de Cajazeiras, na Paraíba (D’AVERSA, 2001; VIANA, 1995).



De 1940 a 1943, cursou os estudos teológicos no instituto Pio XI, em São Paulo, onde estavam reunidos todos os estudantes salesianos de teologia do Brasil. Por fim, Paulo Leandro de Góes foi ordenado padre no dia 8 de dezembro de 1943, exatamente, dois anos antes de seu irmão mais novo, recebendo a ordenação sacerdotal das mãos do bispo missionário salesiano Dom Pedro Massa<sup>1</sup> (VIANA, 1995).



Figura 50: Os irmãos Antônio (à esquerda) e Paulo (à direita) na casa salesiana de Jaboatão. Fonte: acervo da família do padre Góes.

---

1 Dom Pedro Massa (Cornigliano/Itália: 29/06/1880 – Rio de Janeiro/Brasil: 15/09/1968): Bispo Titular de Ebron e Prelado do Rio Negro, Dom Pedro Massa foi ordenado sacerdote, em São Paulo, no ano de 1905. Foi reitor do Santuário Sagrado Coração de Jesus em São Paulo (1905-1907) e foi fundador e pároco da paróquia Santa Teresa, no Rio de Janeiro (1911-1917). Em 1918, foi nomeado inspetor de Mato Grosso e em 1920, foi nomeado Prefeito Apostólico do Rio Negro. Devido às suas obras realizadas em todo rio Negro, foi condecorado pelo Papa Bento XV com a comenda “Pro Ecclesia et Pontificie”. Foi autor do Livro de “Tupan a Cristo”, escrito em 1965, como comemoração dos primeiros 50 anos da presença salesiana no rio Negro, onde relata o desenvolvimento das várias obras missionárias na região, dentre elas, as de Maturacá e de Marauaiá. Faleceu no dia 15 de setembro de 1968, no Colégio dos Santos Anjos, no Rio de Janeiro. Poucos dias antes de morrer, pediu que, após sua morte, seus restos mortais fossem sepultados na catedral de São Gabriel da Cachoeira, o que ocorreu em 25 de fevereiro de 1976, dois dias antes do falecimento do padre Antônio Góes (D’AVERSA, 1982).

Uma vez ordenado sacerdote, exerceu seu serviço religioso em várias casas da Inspeção São Luiz Gonzaga de Recife, que, na época, abrangia todo Norte e Nordeste. Em 1955, foi atuar na Prelazia de Porto Velho, capital do antigo Território Federal do Guaporé, como era, até aquele período histórico, conhecido o estado de Rondônia. Esta prelazia ainda estava pertencente à Inspeção com sede na capital pernambucana. Assim como seu irmão Antônio, com a divisão da Inspeção do Norte e Nordeste em 1958, padre Paulo se radicou na nova Inspeção, a Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia São Domingos Sávio, a ISMA (VIANA, 1995).

Desde os tempos em Rondônia, o sergipano padre Paulo ficou conhecido por todos salesianos como o “missionário do mato”, visto que sempre preferiu, como ele próprio dizia, “o chão ao rio” (D’AVERSA, 2001). Disto se diferenciava de seu irmão que, apesar de ter atuado na floresta exuberante da Amazônia, tinha os rios como as suas principais estradas. Como era um “homem do chão”, aproveitava todo tipo de carona terrestre, como caminhão, carro, cavalo e bicicleta. Mas, quando não conseguia uma carona, não hesitava em seguir andando, de terço e maletinha nas mãos, pela estrada, com sol ou com chuva. Assim, decidido e destemido, chegava nas mais longínquas comunidades, nos mais interioranos casebres de Porto Velho (VIANA, 1995).

Durante muito tempo, atuou como missionário itinerante. Sempre satisfeito com sua missão de andarilho, teve a oportunidade de entrar em contato com as mais diversas comunidades da região do rio Madeira, desenvolvendo um trabalho apostólico admirável, ao atuar catequizando, instruindo, educando e corrigindo abusos. Em todos os lugares que costumava visitar, era uma presença esperada, pois lançava mão de palavras confortadoras e não media esforços para atender os mais necessitados. Para Dom D’Aversa (2001, p. 46), o salesiano Paulo Góes “*deu provas de praticar a pobreza até ao extremo*”.



Na prelazia de Rondônia, padre Paulo viveu até 1975, quando retornou à sua Inspeção de origem, a de São Luiz Gonzaga. Durante sua permanência nesta Inspeção, ele trabalhou nas casas salesianas de Recife, Baturité, Cajazeiras, Juazeiro do Norte, Lajedo, Aracaju e Salvador, exercendo variadas funções, tais como Conselheiro Escolar, Econômico, Vigário Paroquial, Confessor e Capelão. Por onde passava, após 1975, sentia-se satisfeito em compartilhar a sua trajetória missionária nos bem vividos 20 anos na região do rio Madeira, em Rondônia (VIANA, 1995).



— ∞ —  
**Figura 51:** Padre Paulo Leandro de Góes em seus primeiros anos de vida religiosa. Fonte: acervo de Josefa Bernadete Vasconcelos de Almeida, sobrinha do padre Paulo Góes.

Na instituição de Salvador, a última onde atuou, sua permanência foi bastante curta. Lá, padre Paulo chegou no dia 24 de fevereiro de 1995, com a incumbência de exercer a função de confessor do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora. Porém, seu estado de saúde já estava bem frágil e delicado. Com sucessivas pioras, ele foi internado no Hospital Santa Isabel, onde ficou em observação e foi submetido

a vários exames que só confirmaram que o seu quadro clínico era preocupante. Pressentindo o desenlace de sua existência terrena, ele mesmo solicitou para ser levado para a sede da Inspetoria em Recife, onde poderia ser melhor atendido, já que lá havia uma estrutura montada, especificamente, para os idosos e para os enfermos. Mesmo com todo o acolhimento e o cuidado oferecidos por parte dos salesianos e funcionários do “Colégio Sagrado Coração”, padre Paulo faleceu, aos 78 anos, devido a uma embolia pulmonar somada à insuficiência respiratória aguda e infecção generalizada, no dia 9 de abril de 1995, dia de Domingo de Ramos (VIANA, 1995). Faleceu 19 anos depois de seu irmão Antônio.

Nos seus 61 anos de profissão perpétua e 51 anos de sacerdócio, padre Paulo Leandro de Góes viveu no anonimato como um homem do povo, tendo uma vida plena, laboriosa e frutuosa, calcada na simplicidade e na humildade, tornando-se um notável missionário para toda a comunidade salesiana. Segundo seu contemporâneo e amigo de congregação, padre Aginaldo Lima Viana (1995, p.6), padre Paulo Góes “viveu com fidelidade sua consagração religiosa no atendimento aos excluídos com os quais facilmente se identificava por seu espírito de despojamento”.

### Irmã Josefa Germana de Góes (1922 – 1988)<sup>2</sup>



Filha caçula de Valentim José de Góes e Genoveva Maria do Sacramento, Josefa Germana de Góes nasceu no dia 28 de maio de 1922, em Itabaiana, Sergipe. Quando nasceu, seus irmãos Paulo e Antônio estavam prestes a completar, respectivamente, 6 e 4 anos. Quando muito pequena, foi enviada pelos seus pais para estudar

---

<sup>2</sup> Informações obtidas na Carta Mortuária de Josefa Germana de Góes.



em Aracaju, em companhia de seus irmãos Paulo, Antônio e Josefa Maria. Ela e sua irmã Maria foram estudar no “Oratório de Dona Bebê”, onde lá realizaram os primeiros estudos e despertaram a vocação religiosa.

Após estudarem no Oratório de Bebê, as duas irmãs foram indicadas para seguirem os estudos e iniciarem a formação religiosa no Colégio Nossa Senhora de Baturité, Ceará. Esta indicação partiu de seus dois irmãos que, à época, eram clérigos salesianos. Na instituição de Baturité, foram recebidas como alunas internas pela Madre Pirina Uslenchi, a qual exercia a função de diretora. Lá, as irmãs deram seguimento aos estudos e avançaram em algumas etapas iniciais da formação religiosa. Todavia, Josefa Maria foi acometida por uma enfermidade, de difícil detecção à época, que a fez não continuar no desenvolvimento de sua formação. Sendo assim, teve que retornar para Sergipe, para ser cuidada com mais afinco pela família. Tempos depois, já recuperada, Josefa Maria do Sacramento veio a conhecer e a se casar com o sapateiro e vereador de Itabaiana Firmino Lucas Ferreira, dando à luz a seis filhos, mantendo suas convicções e seus hábitos religiosos, exercendo e fortalecendo, na prática, a sua caminhada cristã. Com o matrimônio, Maria recebeu o sobrenome “Ferreira” e deixou de possuir o sobrenome “Sacramento”.

Mesmo sem contar com a companhia de sua querida irmã, Josefa Germana continuou firme em sua formação católica. Preparou-se para se tornar professora de artes, adquirindo a formação inicial como aspirante. Em março de 1942, recebeu a Medalha de Postulante e no dia 6 de janeiro de 1943, em Várzea, Recife, vestiu o hábito religioso das Filhas de Maria Auxiliadora. No dia 6 de janeiro de 1945, foi admitida na Profissão Religiosa, e, após exatos seis anos, professou os Votos Perpétuos na mesma casa de noviciado, no dia 6 de janeiro de 1951, tornando-se uma Irmã das Filhas de Maria Auxiliadora.

Após sua formação espiritual e profissional, Irmã Josefa atuou em várias casas da Inspetoria como professora de artes, assistente e roupeira das alunas internas e como catequista, sendo reconhecida pela pontualidade e pela ordem. Desde 1979, ela conviveu com uma enfermidade que muito a debilitou. Mesmo assim, sempre demonstrou aceitação, nunca comentando ou se queixando dos males provocados pela doença.

Conforme bem evidenciado em sua carta mortuária, Irmã Josefa Germana registrou, em seus escritos pessoais, os seus propósitos de vida:

- i) Aceitar a doença que o Nosso Senhor me deu;
- ii) Fazer a Santa Vontade;
- iii) Não me queixar de nada;
- iv) Viver a Caridade;
- v) Não servir de peso para ninguém;
- vi) Aceitar-me como sou;
- vii) Viver tranquila, alegre e feliz;
- viii) Rezar, ler, fazer crochet, consertar minha roupa quando for preciso.



Figura 52: Irmã Josefa Góes vestida de hábito religioso. Fonte: acervo de Josefa Benadete Vasconcelos de Almeida, sobrinha da Irmã Josefa Góes.



Ainda em sua carta mortuária, consta a oração que Irmã Josefa rezava diariamente:

*Pai Santo, deponho no Cálice que neste dia cada sacerdote oferece sobre o altar, os meus pensamentos, trabalhos, tristezas, meu passado, meu presente e meu futuro, todos os meus pecados e as pessoas mais queridas, as almas do purgatório, as almas a mim confiadas e a Mesma Morte. Ofereço-vos, cada pulsação do meu coração, cada respiro, cada passo, cada sílaba que pronuncio ou que escrevo. Peço que todas as minhas ações se transformem em tantos Atos de Amor. Que o meu dia seja uma missa, um ofertório perene, uma consagração total, uma comunhão perpétua. Amém.*

Com o agravamento da enfermidade, preparou-se para o seu próprio luto, sempre com a aceitação de sua doença e persistência na fé. Nos dias que antecederam o seu falecimento, teve a felicidade de receber a visita de seu irmão, padre Paulo, o qual a confortou com incessantes orações e a acompanhou até o dia de sua morte, 19 de agosto de 1988, numa sexta-feira. Seu corpo foi sepultado no cemitério São João Batista, em Fortaleza, no dia 20 de agosto.

## ANTÔNIO MADEIRA: O ETERNO AMIGO<sup>1</sup>



“O sr. Antônio Teixeira já chegou em Tapuruquara em preparativos para viajar amanhã, com destino à missão Sagrada Família, no Marauaiá, levando a bendita e preciosa gasolina para o nosso dileto Pz. Antônio<sup>2</sup>”.

**Antônio Madeira**, Manaus, 22 de outubro de 1974

**A**ntônio Carreira Madeira nasceu em Belém, Pará, no dia 7 de agosto de 1920. Além de exercer importantes cargos como servidor público nas áreas de receita, economia e finanças nos municípios de Nhamundá, de Parintins e de Manaus, tornou-se, em julho de 1958, Secretário de Estado da Economia e Finanças do Amazonas, exercendo este cargo no final da gestão de Plínio Ramos Coelho (1955-1958) e no início da gestão de Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo (1959-1963). A atuação de Madeira, frente ao maior cargo da área fiscal, é lembrada por sua contribuição na elaboração da Lei nº5, datada de 29 de janeiro de 1959, cuja aplicação proporcionou o aumento da arrecadação do Estado, sendo assim, um marco histórico no desenvolvimento socioeconômico do

---

1 Muitas informações deste capítulo foram obtidas por meio do livro de anotações e de contatos do senhor Antônio Madeira, bem como de um documento biográfico, em condição de elaboração, disponibilizado por Auta Madeira, filha de Antônio Madeira.

2 Livro de anotações de Antônio Madeira, contendo registro de informações sobre seus contatos com radioamadores entre 1972 e 1975.



Amazonas. No final de março de 1959, passou a exercer o cargo de Oficial da Fazenda.

O radioamadorismo conquista um espaço singular e perene na vida de Madeira, quando, em fevereiro de 1943, por ocasião da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foi convocado para compor o 27º Batalhão de Caçadores do Amazonas/ 8ª Região Militar do Norte, exercendo a função de radiotelegrafista. Com esta experiência trazida da guerra, Madeira passou a se dedicar ao radioamadorismo com muita entrega, tornando-se esta atividade uma das maiores paixões da sua vida.

Quando foi morar na capital amazonense, passou a residir em uma casa com muito espaço, no bairro de Adrianópolis, onde tratou logo de instalar uma estação de radioamador em um dos cômodos. No seu lar, também, construiu uma biblioteca bem variada, propiciando, assim, aos seus seis filhos, uma educação repleta de muita leitura de obras literárias e de música clássica. Inclusive, a sua esposa Haydée Paulina Donay de Amorim Gagliardi Madeira era uma exímia pianista.

Certificado como radioamador pelo código PY8LX, tinha o costume de distribuir notícias ao longo do rio Negro e seus afluentes, usando a faixa dos 40 metros em AM, já que esta área carecia de meios de comunicação. As notícias eram variadas que iam desde “está tudo bem” até o “aguardem o padre que vai fazer a desobriga”. Na época em que a Prelazia do Rio Negro ainda não possuía a sua rede de radiofonia, para os moradores das longínquas regiões rionegrinas, além da Rádio Difusora de Manaus que transmitia os avisos para o interior, os contatos do senhor Madeira compreendiam os meios de se manterem informados do que estava acontecendo além daquelas terras (RODRIGUES, 2001).

Foi a partir do radioamadorismo que floresceu a amizade entre Madeira e Góes. Depois de ter ajudado o padre a salvar a vida

do índio Agenor e depois de ter realizado a melhoria da estação de rádio na missão de Marauaiá (conforme já abordado no capítulo “*Um exímio e dedicado radioamador*”), Madeira continuava sendo um grande escudeiro e fiel amigo do padre Antônio. Ele se preocupava bastante e movia toda uma gama de conhecidos para fornecer gasolina e diesel suficientes para fazer funcionar o gerador de energia do equipamento de radioamador do seu amigo salesiano. Além da melhoria da estação de rádio em Marauaiá, Antônio Madeira foi responsável por instalar pequenas estações radioamadoras nas missões de São Gabriel da Cachoeira e de Santa Isabel do Rio Negro, antiga Tapuruquara.



— ∞ —  
**Figura 53:** Antônio Madeira, radioamador e amigo fiel do padre Góes.  
Fonte: acervo da família de Antônio Madeira.

Frequentemente, nos registros do senhor Madeira aparece a figura de Antônio Teixeira, o qual era muito amigo e interlocutor entre ele e o padre Góes. Antônio era o irmão de Luiz Teixeira, dono do barco



que levou o padre Góes até Santa Isabel, na ocasião da última viagem do sacerdote a esta cidade, antes do seu falecimento. Antônio Teixeira muitas vezes presenciou a comunicação entre os dois amigos, a qual se dava, diariamente, por volta das nove horas da manhã. Algumas vezes, eles conversavam, também, com o padre Luis Cocco, que atuava na missão salesiana de “*Santa Maria de Los Guaicas*”, entre os Iyëweiteri, no rio Mavaca, afluente do rio Orinoco, Venezuela.

Além de providenciar o envio de combustíveis para o gerador de energia elétrica que alimentava o equipamento de radioamador, o senhor Madeira era o grande apoiador do salesiano no que se refere ao envio de medicamentos. Ele, de forma muito solícita, entrava em contato com os seus amigos para conseguir quantidades razoáveis de medicamentos e de outros insumos, tendo todo o cuidado de organizar, embalar e enviar tudo o que conseguia para as missões indígenas. Algumas irmãs salesianas pensavam que Madeira era comerciante daqueles medicamentos. Elas não sabiam que ele, servidor público aposentado, fazia tudo isso de boa vontade e de forma solidária.

No livro de anotações dos seus contatos com radioamadores, Madeira registrou as suas inúmeras comunicações com o padre Antônio realizadas entre 1973 e 1975. Mesmo nos momentos em que havia necessidade de não entrar em contato com os seus amigos, ele continuava mantendo comunicação somente com o missionário. Por exemplo, quando, em 1973, sofreu uma bursite no ombro direito, que lhe impedia de utilizar o rádio, fez de tudo para continuar falando, exclusivamente, com seu amigo do rio Marauíá.

Quando o padre Góes ia a Manaus, a casa do senhor Madeira era parada obrigatória. Lá, ele se alimentava e conversava, horas a fio, sobre muitos assuntos, de ordem sociológica e filosófica. Também, combinavam como iriam proceder com envio de medicamentos, de implementos agrícolas e de suprimentos alimentares para as comunidades

indígenas e como fariam os futuros contatos com os seus inúmeros colegas radioamadores mais próximos.

Antônio Madeira, com o seu espírito altruísta e humanitário, era responsável pela arregimentação dos radioamadores no sentido de criar uma grande teia de solidariedade com o serviço abnegado do seu amigo religioso. Logo, Madeira era a pessoa com quem o salesiano contava para suprir as necessidades, não pessoais, mas coletivas, visando fortalecer o trabalho com os Yanomami.

Com a notícia de que o seu dileto amigo estava internado no Hospital Beneficente Portuguesa com situação de saúde bem delicada, o senhor Madeira ficou devastado. Sentindo que o seu pai estava muito abatido com a notícia, a advogada Auta Madeira se ofereceu para visitar o padre no hospital, indo acompanhada pelo amigo da família, o engenheiro Jorge Bastos de Oliveira, também, radioamador (PY8DZ). Auta recorda que, quando voltou para casa, viu o seu pai num canto da sala chorando, pois pressentia que não receberia notícias confortáveis sobre o quadro clínico do seu grande amigo.

A morte do padre foi arrebatadora para Madeira, o qual foi consolado por muitos amigos radioamadores em comum. Um deles, o senhor Gilberto Coutinho, que residia em Brasília, enviou um telegrama, confortando o amigo, dizendo que *“o padre Antônio, após semear bondade aqui na Terra, desfrutará a boa-venturança eterna junto ao criador”*.

Como faz lembrar a advogada Auta, o seu pai e o padre Antônio eram *“dois abnegados cristãos trabalhando em direção para o bem do outro, como duas almas que se inspiraram um no outro e que inspiraram outras pessoas”*, formando assim *“um casamento de espíritos, de almas e de ideais, acima de tudo de ideais”*.

Aos 83 anos de idade, Antônio Carreira Madeira faleceu em Brasília, no dia 15 de setembro de 2003. A amizade entre estes dois saudosos homens foi uma árvore frondosa que deixou muitos frutos para toda a



família Madeira e para os salesianos, ganhando vida e sendo registrada para a posteridade ao ser apresentada em eternas cenas do documentário “*O meu caminho é rio*”. Desta relação de confiança, de confidencialidade, e de reciprocidade, foi possível salvar a vida do índio Agenor, de criar uma rede de solidariedade entre vários radioamadores do Amazonas e do Brasil, de se dedicar para o bem das coletividades em que atuavam e de proporcionar, anos mais tarde, pelo legado deixado, o encontro dos seus respectivos familiares.

## PADRE LUIS COCCO: UMA HISTÓRIA EM COMUM



“Entre os Yanomami de  
Cauaburis e Marauaiá,  
padre Gózes me refere que a  
situação é parecida”.

**Padre Luis Cocco**, 1972, p.420

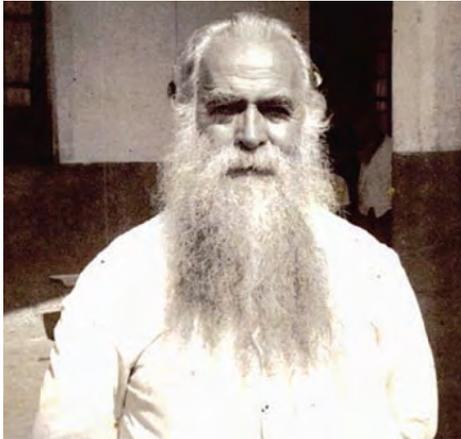
Oriundo de Grugliasco, uma comuna italiana da região do Piemonte, província da cidade de Turim, padre Luis Cocco (1910 - 1980), oito anos mais velho que o padre Antônio, foi um dos companheiros de congregação do salesiano brasileiro. E esta relação se estreitava mais, visto que Cocco, do mesmo modo, foi fundador de missão católica entre os índios Yanomami presentes na região da Amazônia, mas do lado venezuelano, fronteira com o Brasil.

Em companhia de outro benemérito missionário, o padre Alfredo Bonvecchio, fundou a missão *Santa Maria de Los Guaicas*, em 24 de julho de 1956, a primeira missão salesiana entre os Yanomami da Venezuela (VARGAS, 1980). Nesta época, a Missão Nossa Senhora de Lourdes do padre Antônio, em Maturacá, já estava edificada há dois anos.

Nos anos de intensa dedicação e entrega ao mundo Yanomami, padre Cocco tornou conhecida para a Venezuela e para todo o globo a sua experiência missionária bem como foi um notável divulgador dos conhecimentos tradicionais destes nativos, por meio da publicação da



sua obra “*Iyeweite-ri: quince años entre los yanomamos*” (Iyeweite-ri: quinze anos entre os Yanomami), em 1972, em Caracas. Esta obra foi readaptada e relançada, em 1975, nos festejos do Centenário das Missões Salesianas, em Turim - Itália, com o título “*Parima: dove la terra non accoglie ai morti*” (Parima: onde a terra não recebe os mortos). Estes dois livros são fontes de pesquisa imprescindíveis no que se refere à organização social e cultural dos Yanomami.



—∞—  
**Figura 54:** Padre Luis Cocco (1910 - 1980).  
Fonte: acervo da família de Antônio Madeira.

Nestas duas obras, padre Cocco destaca algumas informações sobre os primeiros contatos do padre Antônio com os Yanomami do Cauaburis (Kohoroxithari), sobre a fundação da Missão Salesiana em Maturacá (a primeira missão católica entre toda a nação Yanomami), bem como sobre os contatos posteriores do missionário brasileiro com os indígenas do rio Marauíá (Karawethari) e a consequente fundação da Missão Sagrada Família.

O contato entre os dois religiosos era frequente, principalmente por meio do equipamento de radiofonia (transceptor), pois ambos passavam por situações semelhantes que os levavam a compartilhar

informações, episódios vividos e soluções para as questões que se apresentavam. Compartilhavam, principalmente, relatos do que presenciavam em relação às questões alimentares e sanitárias. Nas suas obras, por exemplo, o salesiano italiano relata que o feijão-preto foi uma das tradições culinárias dos não indígenas muito bem acolhida e apreciada pelos Yanomami dos territórios venezuelano e brasileiro. A introdução do sal nos alimentos e o seu uso para o tratamento de intoxicação por curare foram apontados nas obras como situação recorrente entre os nativos das regiões do rio Mavaca, de Maturacá e de Maraujá (COCCO, 1972; 1975).

Os sacerdotes Góes e Cocco, também, enfrentavam o difícil desafio de socorrer os indígenas quando estes ficavam doentes. Algumas enfermidades mais prevalentes, as quais combatiam, eram a gripe, a disenteria e as doenças oculares (conjuntivite e oncocercose). Eles trocavam informações sobre como conseguir e administrar medicamentos, além de buscarem auxílio aos amigos médicos e aos salesianos que residiam em regiões urbanizadas mais próximas (COCCO, 1972; 1975).

Os episódios de discussões e de brigas entre os índios por questões diversas se apresentavam, em ambos os contextos, como difíceis desafios que os dois religiosos tinham de enfrentar. Mas, devido à atitude de entrega, ao compromisso com o bem-estar dos nativos, à valorização dos costumes autóctones e à paciência missionária, eles eram respeitados e as suas ações de pacificação eram acatadas (COCCO, 1972; 1975).

Devido ao seu carisma e aos méritos missionários, padre Cocco teve a sua obra reconhecida por diversas instituições, sendo condecorado pelo governo nacional da Venezuela, bem como pelas Forças Aéreas do mesmo país. Em 1967, recebeu o diploma de “Amigo da Venezuela”. Voltou para a Itália em 1974, onde passou os seus últimos anos. Lá realizou conferências sobre os seus trabalhos entre os Yano-



mami, bem como auxiliou a equipe do S.A.F (Escola de Aplicações Fotográficas) na preparação de alguns documentários cinematográficos. Diante do agravamento da sua saúde, faleceu no dia 11 de fevereiro de 1980, um dia antes de completar 70 anos (VARGAS, 1980).



—∞—  
**Figura 55:** Padre Antônio administrando medicamento no olho de uma mãe Yanomami. Foto do Arquivo Rautens-trauch Histórico-Fotográfico-Joesto-Museumkulturen Der Welt - Colônia, Alemanha. Fonte: Queiroz (2018, p. 102).

As trajetórias salesianas dos padres Antônio Góes e Luis Cocco guardam muitas semelhanças, visto que, além de serem os pioneiros no contatar os Yanomami e de serem os fundadores das missões salesianas entre estes nativos, eles são lembrados pela fidelidade e pelo compromisso com as suas causas missionárias, pela imersão nos costumes e no cotidiano Yanomami, como também pela dedicação em prol da sustentabilidade das comunidades indígenas por onde atuaram.

## A PARTICIPAÇÃO DO PADRE GÓES NA ODISSEIA DE HELENA VALERO



“Todos os dias eu dava  
aulas de língua Yanomami  
ao padre Góes”.

Helena Valero, 1984, p. 532

**E**m meados de 1956, quando estava trabalhando na missão Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá, padre Antônio conheceu e teve a oportunidade de ser ajudado e de ajudar a uma mulher cuja história é bem mais homérica do que a vivida por Helena de Troia, sendo assim uma figura lendária para os habitantes da região do Alto Rio Negro, especialmente, para os variados grupos Yanomami das regiões fronteiriças entre o Brasil e a Venezuela. O seu nome é Helena Valero (AZEVEDO, 2007b).

Umbelina Helena Valero da Silva, nativa do rio Tiquié, na proximidade de Taracúá, vivia num sítio próximo a Maribatanas, pequena povoação do Alto Rio Negro. Em 1932, quando tinha apenas 13 anos de idade, foi raptada por índios Kohoroxithari, enquanto navegava com os seus pais e mais dois irmãos pelo rio Demiti. Nesta época, os guerreiros indígenas entravam, constantemente, em confronto com os coletores de produtos da floresta, no sentido de expulsá-los, pois eles estavam invadindo as suas aldeias. Durante mais de vinte e quatro



anos, Helena ficou prisioneira, em tempos seguidos, de diversos grupos Yanomami (AZEVEDO, 2007b; KOPENAWA; ALBERT, 2015).

Numa luta entre os Kohoroxithari e os Karawethari, Helena foi raptada por índios deste último grupo, mas, logo depois foi recuperada pelos primeiros. Quando acompanhava os Kohoroxithari até o rio Mavaca, na Venezuela, num momento de mudança de acampamento, ela fugiu do grupo e se refugiou na floresta, sobrevivendo sozinha por sete longos meses na selva amazônica. Não suportando o isolamento e o perigo contínuo, ela mesma decidiu procurar algum grupo Yanomami. Assim, teve contato com os Namoweiteri, com os quais viveu longos anos. Casou-se com o cacique Fusiwë, com quem teve dois filhos. Numa determinada briga entre os Namoweiteri e Pixaaweteri, seu esposo foi morto e enquanto fugia, foi traída por sua co-mulher, que tentou entrega-la para os inimigos. Assim, Helena iniciou uma nova fuga com os seus filhos, indo mais ao norte, onde foi viver com outro grupo Yanomami no território venezuelano, os Puunataweiteri (AZEVEDO, 2007b).

Entre os Puunataweiteri, casou-se com o tuxaua Akawë, com o qual teve mais dois filhos. Akawë a tratava desumanamente. Ameaçado pelos próprios compatriotas, o tuxaua fugiu, levando Helena e os seus dois filhos para a região do rio Orinoco. Em 1956, Helena, acompanhada de Akawë e dos seus filhos, passou a conviver com os Iyëweiteri, na região dos rios Mavaca-Ocamo, tributários do rio Orinoco, onde havia uma missão salesiana, fundada e dirigida pelo padre italiano Luis Cocco (AZEVEDO, 2007b).

Um madeireiro chamado Juan Eduardo Nogueira, brasileiro, que conhecia o pai de Helena, encontrou-a quando estava na região do rio Ocamo. Lá, ele propôs leva-la para a cidade de San Fernando de Atabapo, capital do município de Atabapo, estado do Amazonas da Venezuela. Helena aceitou. Chegando em San Fernando, foi acolhida e cuidada

por missionárias salesianas. Lá, ela teve o encontro inesquecível com o seu irmão, Anísio Henrique Valero. Em novembro de 1956, com ajuda de Anísio e de um amigo da família, Uesile Henriquez, ela teve a grande oportunidade de rever o seu pai, Carlos Valero, após vinte e quatro anos distantes de toda a família (VALERO, 1984).

Após este reencontro, Valero foi para Cucuí e depois para São Gabriel da Cachoeira, cidades do estado do Amazonas do Brasil. O seu pai voltou para Manaus para preparar a futura chegada da filha. Ela não acompanhou o seu pai logo após este momento, pois recebeu uma carta do seu irmão, Luis Valero, pedindo para ela não ir a Manaus, pois a sua presença desonraria a família, visto que se tornara uma índia. Sendo assim, o senhor Carlos Valero foi resolver esta situação, enquanto Helena permaneceu em São Gabriel (VALERO, 1984).



—∞—  
**Figura 56:** Helena Valero, uma lenda homérica do Alto Rio Negro. Fonte: Laudato (1998, p. 258).

Em São Gabriel, padre Luis Guindani pediu a Valero para levar um dos seus filhos com Akawë, o José, para trabalhar com ele na missão salesiana da cidade. Valero consentiu de bom grado. Neste tempo em



que ficou em São Gabriel, entre final de 1956 e início de 1957, Helena conheceu o padre Antônio Góes. Nesta época, o salesiano costumava levar alguns Yanomami para estudar na missão de Tapuruquara. Vendo que seria proveitoso, o sacerdote pediu a Valero para levar José e o seu outro filho para estudarem nesta cidade, mas ela ficou bastante preocupada, pois lá havia índios Kohoroxithari estudando, filhos daqueles indígenas que há mais de 20 anos lhe tinham raptado (VALERO, 1984).

No final de janeiro de 1957, Valero e Akawë resolveram partir de São Gabriel para residirem em Tapuruquara, levando os seus dois filhos e sendo acompanhado por alguns salesianos. Na viagem de chegada, padre Góes os estava esperando no porto da cidade. Antes de o barco atracar, Akawë pulou e quase se afogou, sendo retirado por ajudantes. Padre Góes deu orientações ao índio de como sair do barco após parar na margem, alertando para evitar estes tipos de acidentes (VALERO, 1984; FERGUSON, 1995).

As senhoras Oscarina e Inês (conhecida como Dona Mulata), as quais foram alunas internas do colégio de Santa Isabel entre 1956 e 1958, compartilharam com o salesiano Irmão Gulli a lembrança de que, quando Helena Valero chegou na missão, acompanhada do seu marido e dos seus filhos, ela estava muito desajeitada e com problemas nos olhos e nos dentes, falando de forma atrapalhada, misturando o português com outras línguas indígenas. Valero se hospedou na parte interna do colégio e, durante a sua longa estada na missão, aprendeu a costurar na mão e na máquina, e a cortar tecido para confeccionar saias e outros tipos de vestidos. Fez, também, variados trabalhos domésticos, ajudando na cozinha, na lavanderia e na rouparia, enquanto que seus dois filhos se juntaram aos outros meninos internos.

Padre Antônio costumava falar demoradamente com ela, dando instruções de como atuar frente à dinâmica e aos costumes das pessoas nas cidades e em outros centros urbanizados, compartilhando

do preceitos do cristianismo e da igreja católica. Helena, por sua vez, costumava contar sobre a sua vida passada, como era objeto de troca entre uma aldeia e outra, da série de brigas que surgiam como brincadeiras e dos momentos de fuga. Dizia que, durante todas as mudanças de um local para outro, procurava deixar marcas ao longo do caminho e até escritos nos troncos das árvores, com o intuito de indicar para onde estava sendo levada, com a esperança de que fosse procurada por algum parente. Sempre repetia que não foi ela que quis ir com os Yanomami, mas foram eles que a levaram (VALERO, 1984).

No tempo em que ficou hospedada e cuidada no colégio salesiano em Tapuruquara, Helena deu aulas sistemáticas de língua Yanomami ao padre Góes, todos os dias. Com Valero, o missionário teve a oportunidade de se aprofundar e de se aperfeiçoar na compreensão e na pronúncia desta língua. De forma recíproca, padre Góes ajudou a Helena a recuperar a sua saúde e a realizar a sua primeira eucaristia na presença das colegas de trabalho e de todos os estudantes do colégio. Além disso, acompanhou de perto os filhos dela no internato e atendeu ao pedido de Helena de levar Akawë para morar na região do Cauaburis, como forma de se livrar dele, pois Akawë muito a fez sofrer. Depois de ter feito o combinado, numa ocasião em que estava voltando do Cauaburis, o religioso disse à Valero que Akawë partiu feliz e que estava se dando bem com os Kohoroxithari, inclusive já estava se relacionando com uma garota Yanomami (VALERO, 1984).

Conta irmão Gulli que Helena, já com saúde física revigorada, cuidou de sua autoestima, vestindo-se com bom gosto, usando perfume e se relacionando de forma desenvolta com as crianças e jovens internos e com os empregados do colégio. Todavia, sentia-se incomodada com as chegadas inesperadas de Yanomami à sua procura. Não eram raras as vezes que apareciam, no internato de Santa Isabel, índios de Maturacá e de Marauiá insuflados por Akawë a procura da Helena, com o propósito



de leva-la de volta a aldeia. Por isso que ela dificilmente aparecia a vista de todos, ficando sempre nos ambientes internos.

Oscarina e Inês nunca esqueceram de um dia em que numerosos e agressivos Yanomami chegaram em Santa Isabel decididos a recuperar Helena. Inês recorda que um dia voltando de um banho de rio, que ficava em frente ao colégio, acompanhada da Irmã Odete (Filha de Maria Auxiliadora - FMA) e dos seus colegas de classe, viu um Yanomami se aproximar dela, pois era a última da fila, logo a mais vulnerável. O índio rapidamente a pegou pelo braço e, escoltado por outros índios, tentou levá-la como forma de intimidação. Ao ouvir os gritos de desespero da menina que estava se batendo para se soltar, Irmã Odete agiu rapidamente, correndo atrás do Yanomami e o obrigando a largar a menina. Mesmo estando em grande número e bastante determinados a buscar Helena e leva-la para a aldeia, os indígenas não conseguiram êxito.

Valero permaneceu em Santa Isabel por mais tempo, até receber uma carta de sua mãe. Na correspondência, sua mãe demonstrava, com muita emoção, uma imensa vontade em poder rever sua filha, implorando para ela visitar toda a família que estava em Manaus. Em primeiro momento, Valero resistiu ao convite, pois a postura de seu irmão Luiz de chama-la de depravada, sem moral e vergonha da família, muito a magoou. Valero pediu para que sua mãe fosse para Santa Isabel passar alguns dias no colégio, para que assim pudessem estar juntas. Padre Góes e Irmã Odete ressaltaram que “mãe é sempre mãe” e que por isso merece ser atendida. O padre também expressou que estava preocupado e com medo com as recorrentes vindas dos índios a procura de Helena, fato que a deixava vulnerável. Ao ouvir seus conselheiros, Valero cedeu ao pedido de sua mãe para ir à capital amazonense, ignorando as palavras indecorosas de seu irmão Luis (VALERO, 1984).

Enfim, Helena, após um longo tempo vivendo em Santa Isabel, foi a Manaus com seus dois filhos. Enquanto lá estava, costumava se co-

municar com padre Góes, o qual lhe dava maior força para reatar seus laços familiares. Depois de um mês em Manaus, o salesiano apareceu para lhe visitar, com o objetivo de saber se estava indo tudo bem. Com permissão de Valero, o salesiano levou somente um de seus filhos, o José, de volta para Tapuruquara para poder continuar os estudos e, depois de alguns anos, levou o garoto para ajudar na missão do Cauaburis (VALERO, 1984).

Em Manaus, o convívio de Helena com seus parentes não foi fácil, pois não conseguia mais se adaptar à vida da cidade. Somada à dificuldade financeira de seus pais, houve também uma resistência de seus irmãos aos costumes adquiridos por ela. Com a situação se agravando entre seus familiares, resolveu voltar para o Alto Rio Negro, onde, primeiramente, foi trabalhar com o padre José Schneider em Taracúá e depois foi trabalhar nas regiões do Ocamo e do Mavaca, onde atuou como auxiliar providencial do padre Luis Cocco, na Missão de Santa Maria de Los Guaicas, tornando-se uma hábil interlocutora entre os missionários e os nativos. Na missão do padre Cocco, Valero permaneceu até o seu falecimento (AZEVEDO, 2007b; VALERO, 1984).

Deve ter sido uma honra para o padre Antônio ter feito parte da vida desta “existência homérica” que foi Helena Valero. Graças a ela, ele aprendeu a compreender e a falar, de forma fluente, a língua Yanomami e seus vários dialetos. Com certeza, os ensinamentos de Valero permitiram ao padre realizar uma aproximação mais fecunda e recíproca com os variados grupos destes belos e bravos nativos.



## REFERÊNCIAS AO PADRE GÓES EM OUTRAS EDIÇÕES DO BOLLETTINO SALESIANO



“Todos admiravam seu espírito comunitário, sua capacidade de relacionamento com os demais, um natural prestígio que lhe advinha de seus feitos, relação dos acontecimentos e da venerável barba, aparecida até no Bolletim Salesiano e em outras revistas”.

Dom Miguel D'Aversa, 1982, p. 159

A além do artigo que publicou no *Bollettino Salesiano* de 1956, o missionário Góes, cuja expressão em italiano utilizada foi “*Don Gois*”, teve seu nome referenciado em outras 20 edições do periódico, publicadas entre os anos de 1953 e 2010. Em algumas, seu nome foi citado de forma breve. Em outras, sua história foi contada com mais evidência. As edições em que referenciam o fundador das missões salesianas entre os Yanomami são:

- Bollettino salesiano (Ano 77, nº 5) – Março de 1953
- Bollettino salesiano (Ano 77, nº 13) – Julho de 1953
- Bollettino salesiano (Ano 77, nº 15) – Agosto de 1953
- Bollettino salesiano (Ano 78, nº 7) – Abril de 1954
- Bollettino salesiano (Ano 78, nº 21) – Novembro de 1954
- Bollettino salesiano (Ano 80, nº 5) – Março de 1956
- Bollettino salesiano (Ano 81, nº 19) – Outubro de 1957
- Bollettino salesiano (Ano 83, nº 1) – Janeiro de 1959
- Bollettino salesiano (Ano 85, nº 3) – Fevereiro de 1961

- Bollettino salesiano (Ano 87, nº 1) – Janeiro de 1963
- Bollettino salesiano (Ano 87, nº 19) – Setembro de 1963
- Bollettino salesiano (Ano 95, nº 9) – Maio de 1971
- Bollettino salesiano (Ano 97, nº 11) – Junho de 1973
- Bollettino salesiano (Ano 98, nº 19) – Outubro de 1974
- Bollettino salesiano (Ano 100, nº 19) – Outubro de 1976
- Bollettino salesiano (Ano 101, nº 21) – Novembro de 1977
- Bollettino salesiano (Ano 109, nº 5) – Março de 1985
- Bollettino salesiano (Ano 122, nº 11) – Dezembro de 1998
- Bollettino salesiano (Ano 126, nº 7) – Julho de 2002
- Bollettino Salesiano (Ano 134, nº 11) – Dezembro de 2010.

A primeira vez em que houve uma citação do trabalho do missionário sergipano no *Bollettino Salesiano* ocorreu em um artigo escrito no natal de 1952 e publicado em março de 1953. Este artigo de autoria do sacerdote João Resende Costa, conselheiro do Capítulo Superior dos Salesianos, foi concebido quando este estava em visita na missão de Iauareté. Nesta ocasião, conheceu o padre Antônio que tinha trazido os dois Yanomami (Celestino e Pedro) para a missão, após o seu segundo encontro com alguns destes nativos.

O penúltimo parágrafo do artigo do padre Costa (1953) compreende as primeiras linhas compartilhadas com toda a comunidade salesiana de todo o mundo sobre o contato do missionário Góes com os Yanomami do rio Cauaburis. Consoante o autor do artigo, “*em termos de missões, acho que não foi ainda alcançada esta notícia muito bem-vinda: um dos missionários do Rio Negro, Don Gois, teve contatos iniciais com uma nova tribo*” (1953, p. 98).



Vale também mencionar o artigo escrito pelo padre Antônio Giaccone<sup>1</sup> no dia 28 de dezembro de 1953. Este artigo, publicado em abril de 1954, é um dos documentos históricos mais importantes sobre o contato do salesiano Góes com os indígenas do Cauaburis, denominados, no texto, como *Macus*, pois eram assim conhecidos pela população não indígena, à época. Neste artigo, há detalhes dos primeiros encontros do sergipano com os nativos antes de conhecer o xapono deles. Em um trecho, padre Giaccone expressou: “*nosso bom Don Gois que, com tanta coragem e fé em Deus abriu o caminho, quer voltar o mais rápido possível*” (GIACCONE, 1954, p. 43).

Este artigo despertou muito a curiosidade dos salesianos dentro e fora do Brasil, sendo um importante veículo de divulgação deste inédito feito na história da congregação salesiana, tanto que impulsionou a solicitação dos sacerdotes, dos cooperadores e dos redatores para que o próprio padre Antônio publicasse um escrito, no qual pudesse compartilhar informações sobre as mais diversas características dos indígenas do Cauaburis, o que ocorreu na edição de março de 1956.

No *Bolletino* de 1957, foi retratada a visita do Reitor Mor, Don Ziggotti, em várias missões salesianas do rio Negro, entre junho e julho do mesmo ano. Dentre os pontos apresentados nesta edição do periódico, há o relato de que o Reitor Mor, quando esteve em Tapuruquara, no dia 28 de junho, celebrou a primeira comunhão de oito jovens Yanomami, em companhia do inspetor padre D’Aversa e do pa-

---

1 Padre Antônio Giaccone (Montalbo/Itália, 03/07/1897 – Recife/Brasil, 04/10/1968): a partir de 1925, iniciou sua trajetória missionária no rio Negro, precisamente na missão de Taracua. Foi, por muitos anos, professor e confessor itinerante nas várias missões do rio Negro. Deixou uma marca profunda na decisiva transformação dos índios Tucanos, devido às suas ações de catequese. Tornou-se conhecedor ávido dos costumes, ritos e língua dos nativos. No profundo mergulho no mundo destas tribos, escreveu e publicou duas importantes obras: “Os Tucanos e Outras Tribos do Rio Uaiupés Afluente do Negro – Amazonas”, de 1949 e “Gramática, Dicionários e Fra-seologia da Língua Dahceí ou Tucano”, de 1965 (D’AVERSA, 1982).

dre Antônio. Dentre estes oito jovens índios que receberam a primeira eucaristia, estava o futuro líder Júlio Góes.

Na edição de janeiro de 1959, padre D'Aversa, à época, inspetor da ISMA, contou a aventura que viveu com padre Góes e com outros tripulantes nas corredeiras do rio Negro em direção à Maturacá, onde, no dia 24 de maio de 1958, celebrou oficialmente a fundação da missão Nossa Senhora de Lourdes. A data da bênção da nova estação missionária coincidiu com a data de fundação da primeira missão da região do rio Negro, a de São Gabriel da Cachoeira, que ocorreu em 24 de maio de 1915, data de comemoração de Nossa Senhora Auxiliadora.

Semelhante ao artigo do padre Antônio Giaccone de 1954, o monsenhor João Marchesi publicou um texto na edição de janeiro de 1963, contando a aventura dos primeiros contatos do padre Góes com os Yanomami do rio Cauaburis. Nesta época, o padre já estava atuando na segunda missão que fundou, a Sagrada Família, na região de Marauaiá. No início da década de 1960, estavam ocorrendo as reuniões do Concílio Vaticano II, onde o monsenhor Marchesi, em determinados momentos, teve a oportunidade de compartilhar estas novas ações de evangelização dos salesianos no rio Negro com religiosos de todo o mundo (MARCHESI, 1963).

Um outro *Bollettino* que merece menção é o de outubro de 1976, publicado oito meses depois da morte do padre. Nesta edição, há uma breve nota sobre o filme “*O meu caminho é rio*”, enfatizando que este documentário tem poder singular e valor vocacional, visto que retrata a trajetória, repleta de desafios e de dedicação apostólica, do valente sergipano junto aos Yanomami.

Por fim, nas edições de dezembro de 1998 e de dezembro de 2010, há menção ao “Projeto Sanitário Pe. Góes” que era efetivado pelo “Barco Hospital Pe. Góes”, o que compreendeu um projeto de assistência sanitária às várias comunidades carentes da região do rio Madeira, em Rondônia.



Portanto, a atuação missionária do padre Antônio ganha vida e se eterniza nas linhas do maior veículo de comunicação de toda a comunidade salesiana. Seu feito pioneiro entre os Yanomami é resgatado e rememorado em importantes edições do *Bollettino Salesiano*, servindo de exemplo de paciência, perseverança, coragem, respeito, abnegação e entrega vocacional para todos os cooperadores e missionários que atuaram e que atuam em outros cantos do planeta.

## BARCO HOSPITAL PE. GÓES



“O veículo é um barco, equipado como uma unidade de saúde móvel, que viaja cerca de 1.000 quilômetros em cada viagem, dedicado a P. Góes, o salesiano que entrou em contato com a população primitiva Yanomami”.

**Bollettino Salesiano**, ano 122, nº 11, 1998, p. 8

Nas edições do *Bollettino Salesiano* de dezembro de 1998 e de dezembro de 2010, há breves menções sobre um projeto de cuidado à saúde de populações carentes executado pela *Associazione Carlo Marchini Onlus*. Esta associação foi criada em 1992 como instituição filantrópica que atuava em parceria com a congregação salesiana, cujo propósito era promover ações beneficentes às crianças e aos adolescentes carentes residentes em localidades de difícil acesso, em diferentes regiões do Brasil. O seu nome é em homenagem ao cooperador salesiano Carlo Machini que dedicou sua vida trabalhando com pessoas carentes e, em sua visita a São Gabriel da Cachoeira, acabou morrendo afogado, enquanto se banhava no rio (BOLLETTINO SALESIANO, 2010).

Em 1997, na região do rio Madeira, esta associação implementou um projeto na área de saúde intitulado de “Projeto Sanitário Pe. Góes” ou “Projeto em Saúde Pe. Góes”, como uma concreta e generosa forma de homenagear o corajoso salesiano, fundador das missões católicas



entre os Yanomami, que fez do rio Negro e seus afluentes o seu eterno caminho. Este projeto, em particular, foi realizado pela Inspeção Salesiana Missionária do Amazonas (ISMA) com o apoio da VIS Internazionale<sup>1</sup>, com a finalidade de ofertar, durante três anos (1997-1999), assistência médica para indígenas, caboclos e ribeirinhos que vivem em locais de difícil acesso na região. Destinou-se a atender cerca de 30 mil habitantes residentes em 76 aldeias espalhadas ao longo do rio Madeira, totalizando aproximadamente 53 mil Km<sup>2</sup> de costa (BOLLETTINO SALESIANO, 1998).

Para a efetivação deste projeto, foi construído um barco hospital de dois andares com cerca de 12 metros de comprimento e 4 metros de largura, com a proposta de percorrer cerca de 1.000 km em cada viagem. Denominado de “Barco Hospital Pe. Góes”, esta unidade móvel de saúde tinha como tripulantes dois comandantes, um cozinheiro e dois profissionais da Associação. (BOLLETTINO SALESIANO, 1998).



Figura 57: Barco Hospital Pe. Góes. Fonte: Bollettino Salesiano (dezembro de 1998, p. 8).

1 Volontariato Internazionale per lo Sviluppo (Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento): organização não governamental que trata da cooperação para o desenvolvimento da solidariedade internacional, por meio de apoio às missões salesianas no mundo e também por meio de realização de ajuda à distância, atuando no campo da conscientização, da educação e do treinamento para o desenvolvimento e cidadania mundial. Disponível em <http://www.volint.it/vis/chisiamo>.

Este projeto de serviço pluvial contemplou e beneficiou muitas localidades do rio Madeira, onde foram prestadas as emergências de saúde necessárias, bem como foram observados os condicionantes e os determinantes de saúde locais. Com esta preocupação, incentivou-se a compra de canoas para facilitar a remoção e o deslocamento de pacientes ao longo dos igarapés de difícil acesso, bem como estimulou a compra de materiais para pesca com o sentido de melhorar a alimentação diária dos moradores. Algumas localidades do rio Negro, também, foram contempladas, como, por exemplo, a aldeia Pohoro dos Yanomami, que fica em uma região de difícil acesso ao longo do rio Maraujá<sup>2</sup>.

O “Projeto em Saúde Pe. Góes”, enquanto durou, não se limitou a realizar apenas assistência médica, mas também proporcionou a realização de ações educativas voltadas para profissionais de saúde que atuavam nas aldeias e em outras comunidades ribeirinhas. Dentre as atividades mais realizadas, destacam-se: o ensino de preparação de medicamentos naturais, a instalação de estruturas sanitárias, fornecimento de Kit de primeiros socorros e outros suprimentos médicos (BOLLETTINO SALESIANO, 1998). Após finalização do projeto, em 1999, o “Barco hospital Pe. Góes” ficou sob a responsabilidade da diocese da região do rio Madeira.

---

2 Associazione Carlo Marchini Onlus. Disponível em: <[www.carlomarchinionlus.it](http://www.carlomarchinionlus.it)>.



## GINÁSIO POLIESPORTIVO P. ANTÔNIO GÓES



“Neste ano que celebramos os cem anos de nascimento do fundador desta missão, celebrar o início da semana santa em um ginásio que leva o seu nome é muito significativo para todos nós”.

**Padre Raimundo Marcelo Maciel**, in: ISMA, 2018b

**E**m 5 de abril de 2010, as comunidades indígenas adjacentes à missão salesiana de Maturacá foram agraciadas pela reforma da Escola Estadual Indígena Imaculada Conceição. Com esta reforma, foi construído o Ginásio Poliesportivo, o qual recebeu o nome de “P. Antônio Góes”. A homenagem ao fundador da casa missionária de Maturacá foi de iniciativa dos próprios Yanomami que solicitaram a realização deste feito ao diretor da missão e à Inspetoria São Domingos Sávio (ISMA), como forma de expressar a gratidão aos serviços prestados pelo primeiro e saudoso missionário às várias aldeias indígenas durante a sua presença na região (ISMA, 2010b).

É de conhecimento, pela vasta literatura, que um dos elementos mais marcantes da cultura Yanomami é a proibição de falar ou referenciar nomes de pessoas falecidas, principalmente, quando proferir diretamente aos parentes do ente morto. Os Yanomami compartilham a crença de que toda menção aos mortos ou pertences destes devem ser evitados (CHERNELA et al., 2002). Portanto, a homenagem fei-

ta pelos próprios índios de Maturacá ao padre Góes, ao colocar seu nome no Ginásio, é uma atitude singular frente a cultura destes nativos, compreendendo, desta forma, a expressão do reconhecimento ao missionário por parte da comunidade.



Figura 58: Ginásio Poliesportivo P. Antônio Góes. Fonte: Documentário “Missão Salesiana entre os índios Yanomami” (2016).

O ginásio “P. Antônio Góes” presta um grande serviço às comunidades de Maturacá, pois não serve somente para a realização de atividades escolares, mas também é palco de apresentações culturais e de reuniões de caráter político, quando se encontram diferentes associações e lideranças Yanomami para deliberarem determinadas decisões. O espaço do ginásio também é utilizado para a realização de mutirões de saúde indígena, organizados periodicamente pelo governo e pelos índios, quando são ofertadas diversas ações de promoção, prevenção e assistência à saúde.

Festejos religiosos organizados pela missão também ocupam o ginásio, como, por exemplo, as festas realizadas durante a Páscoa e o Natal. Em 25 de março de 2018, foi celebrada a tradicional Missa de Ramos no espaço interno do ginásio, contando com a participação de



mais de 300 pessoas das diferentes comunidades da região de Maturacá. Na celebração, o padre Raimundo Marcelo Maciel, atual diretor da missão Nossa Senhora de Lourdes, enfatizou que *“neste ano que celebramos os cem anos de nascimento do fundador desta missão, celebrar o início da semana santa em um ginásio que leva o seu nome é muito significativo para todos nós”* (SANTOS & MELO, 2018).

Complementando, o pároco padre Washington Luís Macena, que acompanhou padre Raimundo na festa de ramos, frisou que a participação alegre e acolhedora do povo Yanomami confirma que *“todo o trabalho realizado pelos salesianos na região, a partir de padre Antônio Góes, produziu frutos...bons frutos de vida, formação humana, promoção cultural e evangelização”* (SANTOS & MELO, 2018).

## ESCOLA PADRE ANTÔNIO GÓES



“Escola Pe. Antônio Góes – Tamaquaré –  
AYARI - Rio Cauaburis”

**Diário Oficial do Município de Santa Isabel do Rio Negro,**  
fevereiro de 2018

**N**as regiões de Maturacá e do rio Cauaburis e afluentes, há sete comunidades Yanomami, sendo elas: Maturacá, Ariabú, União, Auxiliadora, Inambu, Maiá, Nazaré e Tamaquaré ou Ayari (MENEZES, 2010; CARVALHO, 2015; AYRCA & AMYK, 2017). Nesta última comunidade, há uma escola rural denominada “Pe. Antônio Góes”, comumente conhecida como Escola Indígena Tamaquaré.

Com o código de INEP ‘13097121’, a escola que homenageia o missionário salesiano faz parte da rede de escolas municipais de Santa Isabel do Rio Negro sendo localizada na zona rural do município, com o CEP 69.740.000. De acordo com o último levantamento até então divulgado do Censo Escolar/INEP 2018<sup>1</sup>, a escola conta com a atuação de somente dois funcionários e oferece à comunidade a Pré-Escola, todo Ensino Fundamental (anos iniciais e finais, de 1º ao 9º ano), além do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) sendo que, neste mesmo ano, foi matriculado um total de 30 estudantes.

---

1 BRASIL, 2018. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/escola/260196-escola-indigena-tamaquare/sobre>>.



Vale pontuar que o registro do nome do missionário sergipano na escola da comunidade de Tamaquaré soma-se a outras homenagens ofertadas pela sociedade rionegrina a este homem cujo legado se torna cada vez mais vivo e perene entre as gerações. Logo, crianças e jovens das várias localidades indígenas e ribeirinhas de São Gabriel da Cachoeira e de Santa Isabel do Rio Negro poderão conhecer as suas histórias de pioneirismo e verão erguidas as obras atribuídas a este virtuoso ser humano.

O salesiano Irmão Gulli, diante de tantas conversas com indígenas e ribeirinhos rionegrinos, afirma que estas homenagens direcionadas ao padre Antônio Góes se explicam pelo fato de ele, ao longo de sua trajetória missionária, adquirir boa aceitação no meio dos nativos, tornando-se uma forte referência para os tuxauas, os quais o admiravam e o respeitavam pela sua presença pacificadora que lhe conferiu uma veneração e respeito reconhecidos por muitos Yanomami, principalmente, por aqueles que tiveram a oportunidade de desfrutar de sua convivência e amizade.

## O “GÓES” COMO LEGADO



“O mais popular sobrenome  
entre os Yanomami da região é  
justamente “Góes””

MENEZES, 2010, p. 69

O antropólogo Gustavo Menezes (2010, p. 69), durante a realização de sua pesquisa de doutorado pela Universidade de Brasília (UnB), coletou importantes relatos dos Yanomami de Maturacá que conviveram com o missionário. De tanto ouvir muitas histórias compartilhadas pelos indígenas, compreendeu que:

De todos os padres que passaram pela Missão Salesiana de Maturacá, o padre Góes é o que mais deixou lembranças boas junto aos Yanomami. Colhi diversos relatos de como ele cheirava o paricá junto com os pajés e como aprendeu bem a língua Yanomami. A expressão “ele era um pai para a gente” é frequentemente aplicada ao padre Góes. E, em certo sentido, ela é verdadeira, afinal, o mais popular sobrenome entre os Yanomami da região é justamente “Góes”.

A inserção do sobrenome “Góes” e sua popularização tem como uma das referências o líder Júlio Góes, o qual foi o primeiro Yano-



mami a ser batizado com este sobrenome. Júlio explica que recebeu este sobrenome porque o padre Antônio o batizou com o propósito de adota-lo, quando já tinha, em média, sete anos. Em 1953, quando o sacerdote começou a conviver com os antepassados Kohoroxithari, no Pico da Neblina, Júlio tinha entre quatro e cinco anos de idade. Já neste primeiro instante, o religioso sentiu muita compaixão para com o menino, pois percebeu que ele era órfão e que tinha uma aparência física delicada. Após os sucessivos contatos do missionário com a tribo, ele se identificou mais e mais com aquela criança, conseguindo a autorização do tuxaua da tribo para deixar o menino Júlio sobre seus cuidados e leva-lo, acompanhado de outras crianças, para estudar no internato em Santa Isabel do Rio Negro.

De acordo com Adelaide Brazão, esposa de Júlio, o tuxaua disse *“padre, crie esta criança, porque esta criança vai ser nosso chefe, porque se morrer esta criança, nós vamos ficar sem chefe. Cria, cuida dele, não deixe ele morrer”*. Sendo assim, padre Antônio se dedicou a criar o Yanomamizinho que iria se tornar o primeiro professor bilíngue e um dos líderes mais influentes da comunidade de Maturacá, bem como uma das lideranças mais respeitadas entre toda a nação Yanomami.

Salvador Neto<sup>1</sup>, cooperador salesiano que trabalhou no internato de Tapuruquara, recorda que, quando o padre Góes tinha que sair de Santa Isabel para voltar à missão de Maturacá ou para realizar outras viagens, deixava o indiozinho sobre os cuidados dele. Conforme Salvador, Julhinho, que deveria ter sete anos, à época, era muito próximo do homem alto e barbudo, tanto que não largava da batina dele.

---

<sup>1</sup> Salvador Neto foi entrevistado pelo salesiano Irmão José Gulli, em 2016.



—∞—  
**Figura 59:** Padre Antônio Góes e Julhinho Góes, uma relação de muito cuidado e afeto.  
Fonte: acervo da família do padre Góes.

Em Santa Isabel do Rio Negro, padre Antônio e a Irmã Consuelo Magno Pinto, Filha de Maria Auxiliadora (F.M.A), decidiram adotar o menino da tribo Ariabú como filho, com a finalidade de acolher e de poder dar maior atenção e cuidado que a criança tanto necessitava. Em 1955, Júlio foi batizado pelo próprio salesiano e foi registrado em cartório como filho adotivo do padre e da freira, recebendo assim, em sua certidão de nascimento, os sobrenomes “Góes” e “Pinto”. No momento do registro da certidão, o sacerdote calculou que o recém batizado estava com sete anos, uma vez que ele estava na fase de troca dos dentes, colocando assim seu ano de nascimento como 1948.

Sobre este processo de adoção, o próprio Júlio Góes destaca que:

Eu sou filho adotivo do padre Antônio Góes. Ele mesmo me adotou. Ele e uma freira com nome de Consuelo Magno Pinto, por isso que eu tenho estes sobrenomes. Na época, eu era conhecido como Julhinho no internato - Julhinho Góes Pinto - o Góes é dele. Ele disse “você é meu filho adotivo”. Aí, então, mais tarde, foi mal interpretado. Pensavam que eu era filho dele



na tribo. Mas, não, eu já existia quando ele chegou. Eu já era um menino de quatro a cinco anos, quando ele chegou. Aí, ele me doou este Góes. A irmã Consuelo Magno Pinto também me adotou e me criou na Santa Casa de Santa Isabel, pois eu era muito doentinho. Então, eu tenho este sobrenome dos dois que me adotaram como filho.

Quanto ao processo de registro da certidão de nascimento, Alberto Góes, líder Yanomami, relata que seu pai foi registrado com o nome ‘Júlio Góes Pinto’, ou seja, o sobrenome do pai veio antes do da mãe, alegando que o escrivão pode ter se confundido ao colocar nesta ordem. Mas, ressalta que seu pai, quando teve seus filhos, quis manter o sobrenome “Góes” entre seus descendentes, contribuindo para que o “Góes” se perpetuasse entre as futuras gerações, tornando-se, assim, o sobrenome mais comum entre os Yanomami de Maturacá.

Ao longo dos anos, a partir do tuxaua Júlio Góes e de seus contemporâneos, o sobrenome “Góes” foi sendo passado para as futuras gerações. Este sobrenome compreende uma memória concreta da vida e da obra do missionário que tanto se entregou aos variados grupos Yanomami do Amazonas.

## GOISINHO: UMA HOMENAGEM MILITANTE



“Aliás, Goisinho chama-se  
Antônio José de Góis, em  
homenagem ao padre”.

**Antônio Samarone de Santana**, 26 de julho de 2019<sup>1</sup>

É importante tornar conhecido que, em terras sergipanas, o nome do sacerdote foi tomado, também, como homenagem. Antônio José de Góis<sup>2</sup> (o conhecido “Goisinho”), ex-vereador da cidade de Aracaju, foi batizado com este nome como forma de homenagear o padre Antônio, o qual sempre foi motivo de orgulho para toda a família. A iniciativa desta homenagem ocorreu por parte do pai de Goisinho, José Joaquim de Góes, que era primo do religioso. O avô de Goisinho, Camilo José de Góes, era tio paterno do salesiano. Portanto, Goisinho é primo de segundo grau de seu parente homenageado.

Quando Goisinho nasceu, em 27 de julho de 1947, o salesiano Góes estava exercendo os cargos de conselheiro escolar e de diretor do

---

1 Gente sergipana – Padre Antônio José Góes. 26 de julho de 2019. Disponível em: <<http://blogde-samarone.blogspot.com/2019/07/gentesergipana-padre-antonio-jose-goes.html>>

2 Apesar da grafia do sobrenome “de Góis” com “i” e precedido da preposição “de”, o nome de Goisinho é uma homenagem ao seu primo padre Antônio. Estas diferentes grafias se justificam pelo fato de que era muito comum escrever de forma diferente um mesmo nome ou sobrenome, a depender dos escrivães dos cartórios ou dos declarantes.



Oratório do Seminário Arquidiocesano de Belém, Pará, tendo, nesta época, 29 anos. Goisinho chegou a conhecer e a se encontrar diretamente com o seu primo padre nas poucas vezes em que este foi visitar os seus familiares em Aracaju e em Itabaiana, sua terra natal, circunstâncias estas em que toda a família parava, com toda a atenção, para ouvir suas lendárias histórias.

Apesar de apresentarem uma diferença de quase trinta anos de idade e de atuarem em contextos bem distintos, estes dois homens guardam, como semelhança, momentos de sofrimento e de dor vividos, exatamente, na mesma época. No dia 21 de fevereiro de 1976, padre Antônio Góes, após não conseguir se deslocar para as comunidades Yanomami do Marauiá, devido ao agravamento da infecção de sua região mandibular, retornou para Manaus, onde, imediatamente, foi levado pelo padre Canio Grimaldi até o Hospital Beneficente Portuguesa. A partir deste dia, começou o sofrido calvário do salesiano que culminou em seu falecimento no dia 27 de fevereiro, numa sexta-feira.

Coincidentemente, neste mesmo dia da morte do padre Góes, o seu primo sergipano, à época, com 28 anos, estava há uma semana passando pelo seu apavorante calvário. No dia 20 de fevereiro de 1976, na sexta-feira anterior, Goisinho, acompanhado de outros companheiros militantes que resistiam à abominável ditadura militar brasileira, foi preso e torturado pelos órgãos de repressão de Sergipe. Como prisioneiro político da conhecida e truculenta “Operação Cajueiro”, ele chegou a sofrer torturas físicas e psicológicas durante semanas. Para Goisinho, esta coincidência, embora dolorosa, é muito simbólica, pois no mesmo período em que estava passando pelos dias de maiores sofrimentos de sua vida, o seu familiar, com quem compartilha e homenageia o nome, estava agonizando em seu leito de morte.

Goisinho sobreviveu a estes dias tenebrosos, e, tempos depois, passou a se dedicar à carreira política. Em sua honrosa trajetória como vereador, ele é reconhecido pelo seu desempenho enérgico e incisivo no combate às pautas relacionadas às privatizações de estatais e à transposição do rio São Francisco, bem como é lembrado pela sua militância a favor de questões humanitárias, atuando, por exemplo, em defesa dos clamores do povo Xocó, a única tribo indígena de Sergipe.



—∞—  
**Figura 60:** Antônio José de Góis – um incansável militante. Seu nome é uma homenagem ao padre Góes. Fonte: acervo de Antônio José de Góis.

Esta relação nominal e consanguínea entre o salesiano e o seu primo mais novo foi apresentada em uma breve matéria escrita por Antônio Samarone de Santana, médico sanitário e professor de Saúde Pública da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Com o título “Gente Sergipana – Padre Antônio José Góes”, este texto foi publicado no blog “Em defesa das causas perdidas”, sendo, do mesmo modo, disponibilizado nos sítios eletrônicos “93 notícias” e “Infonet”, compreendendo, portanto, as primeiras linhas que tratam da trajetória do missionário itabaianense veiculadas por canais de comunicação da mídia eletrônica de Sergipe e ofertadas para toda a sociedade sergipana.



## CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO PADRE ANTÔNIO GÓES



“Celebrar P. Antônio Góes é recordar os missionários do passado e do presente que continuam o pioneirismo do trabalho por ele iniciado entre os Yanomami”.

**Inspetor Padre Jefferson Luis,**  
in: SANTOS & MELO (org.), 2018, p. 8

O ano de 2018 compreendeu um ano jubilar para a Inspeção São Domingos Sávio (Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA), pois além da comemoração dos sessenta anos da própria Inspeção (1958-2018), foram festejadas outras importantes datas significativas para a história da atuação dos filhos de Dom Bosco na Amazônia. Dentre estas datas comemorativas, constava a data de 13 de junho de 2018, quando a ISMA, sob a regência do então Inspetor Padre Jefferson Luis da Silva Santos, celebrou o centenário de nascimento do padre Antônio José Góes, reconhecido e consagrado como o fundador da presença salesiana entre os Yanomami (BOLETIM SALESIANO, 2018).

Com a celebração intitulada “Padre Antônio Góes: uma vida dedicada aos Yanomami”, a ISMA, por meio de sua Comissão Inspeccional de Comunicação, coordenada pelo padre José Ivanildo de Oliveira Melo, elaborou e publicou a edição especial de “*O Tapiri*”<sup>1</sup>, periódico de comunicação da

---

<sup>1</sup> Esta edição de “*O Tapiri*” compreendeu um resumo do que está sendo abordado neste livro, sendo composta por fotos e depoimentos que também são apresentados neste escrito.

Inspetoria. Esta edição especial apresentou um breve texto biográfico concebido pelo sobrinho-neto do padre sergipano, Leonardo Ferreira de Almeida, o qual compartilha com o público as principais informações sobre a vida, a obra e o legado do missionário homenageado (ALMEIDA, 2018).

A publicação desta edição especial dedicada a este apostólico filho de Dom Bosco foi divulgada no sítio eletrônico da Inspetoria e em sua fanpage no Facebook, bem como no site do Boletim Salesiano. Neste site, a divulgação teve a seguinte chamada:

Celebrando o Centenário de nascimento do P. Antônio José Góes (1918-2018), a Inspetoria São Domingos Sávio apresenta este número especial do Informativo “*O Tapiri*”, contando um pouco de sua vida e obra. Com esta singela homenagem, agradecemos a Deus o dom da vocação missionária do fundador da presença salesiana entre os indígenas Yanomami de Maturacá e de Marauiá-AM, trabalho continuado até os nossos dias por tantos outros insignes salesianos (ISMA, 2018c).

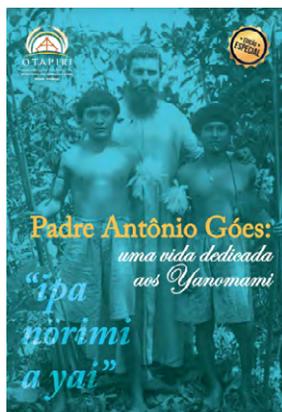


Figura 61: Edição especial de “*O Tapiri*”, publicado em 13 de junho de 2018. Fonte: ISMA (2018c).

Além da edição especial de “*O Tapiri*”, a ISMA produziu dois vídeos que canalizam muita emoção ao mesclar fotos e imagens do



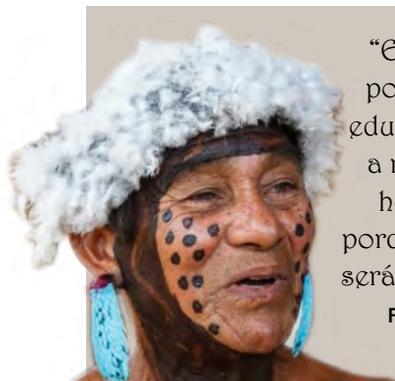
material cinematográfico “*O meu caminho é o rio*”, além de trazer informações relevantes que dão vida às imagens. Os vídeos intitulados “*Centenário do nascimento do Padre Antônio Góes - BMA*” e “*Padre Antônio Góes - Salesiano Missionário na Amazônia*” somaram-se à generosa homenagem direcionada a um dos seus saudosos missionários.

Este movimento da ISMA em realizar a comemoração do centenário de uma de suas figuras mais evidentes teve início em 2015, quando o então padre Inspetor Francisco Alves, o conhecido padre Chicão, acolheu a proposta de realizar o resgate da trajetória deste memorável missionário como forma de contar uma das páginas da história das missões salesianas na Amazônia. Nas palavras do padre Chicão:

Resgatar a história do padre Antônio Góes é resgatar, também, a história de nossa própria Inspetoria e a história da presença salesiana na Amazônia para que nós possamos redescobrir e valorizar sempre mais as nossas raízes e para que possamos olhar para o futuro com mais esperança, diante dos inúmeros desafios que nós encontramos, sobretudo no trabalho em área Yanomami. Nós estamos resgatando a história de um grande salesiano, de um grande sacerdote e de um ardoroso missionário e com isso, também, redescobrimo que as nossas raízes salesianas estão entrelaçadas com a história dos povos indígenas aqui da Amazônia.

A comemoração do centenário do missionário sergipano, filho de Itabaiana, compreende a celebração de uma das páginas mais marcantes da história dos salesianos na Amazônia e no Brasil, e que o seu exemplo de coragem, despojamento, entrega, sacrifício, respeito e dedicação ao povo Yanomami possa ser conhecido, estudado e aprofundado pelas novas gerações de religiosos, indigenistas e pesquisadores, servindo como reflexão para a promoção de práticas positivas de interculturalidade entre indígenas e não indígenas.

## MEMÓRIAS DO TUXAUA YANOMAMI JÚLIO GÓES<sup>1</sup>



“Eu sou a lembrança dele em pessoa, porque eu fui adotado, criado por ele, educado, evangelizado por ele. Ele tinha a mim como se fosse um filho e eu até hoje tenho ele como pai de verdade, porque, realmente, ele foi um pai meu. Ele será um pai até o final da vida, para mim”.

**Figura 62:** Júlio Góes, Tuxaua Yanomami. Fonte: acervo pessoal de Alberto Góes, filho de Júlio Góes.

### “De tudo isso, eu tenho lembranças”



“**E**le já tinha me conhecido e pediu de noite, antes de escurecer, ele pediu ao cacique Joaquim para me levar com ele, tuxaua Joaquim. Ele mostrou assim “*Eu, Tapuruquara*”. Eu era uma criança, eu não tinha paradeiro, tinha um irmão, mas ele não segurava. Eu estava com ele por estar assim, porque eu não era cuidado. Eu era assim, passava a noite em um lugar, depois em outro. Era uma coisa ruim. Ele [tuxaua Joaquim] sentiu que eu era desprezado. Ele entendeu. Ele deu e disse “leva”. E ele [Padre Góes] me levou, do outro lado”.

---

1 Depoimento de Júlio Góes obtido por meio de gravação de áudio realizada pelo seu filho Alberto Góes, em outubro de 2016, na aldeia Ariabú, Maturacá, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Outras partes deste depoimento encontram-se registradas ao longo do livro.



“Eu seria a primeira pessoa a ser um Yanomamizinho estudante que seria futuramente professor de outra comunidade Yanomami, na missão Sagrada Família. Eu seria o professor deles no Marauíá. Era para isso que ele estava me educando e me graduando mais que os outros”.

“O carinho que ele tinha nas viagens, nos rios, tudo que ele fazia. Ele fazia eu dormir no colo dele, bem na batina dele. De tudo isso, eu tenho lembranças. Ele me fez uma pessoa educada, uma pessoa de respeito”.

“Ele era trabalhador e deixou o exemplo de querer mais cultivar a terra. A gente aprendeu bastante, muito. Incentivou a gente a navegar, a remar, remar no rio, pescar no rio, no remo, de canoa, de caçar. Tudo isso ele deixou o exemplo para nós. A gente não tinha, não conhecia estes tipos de afazeres. Os Yanomami estão se graduando mais em estudo. Enfim, já tem muitos Yanomami, as meninas. As senhoras são professoras”.

### A lembrança dele é de um padre corajoso e que nunca desistiu



“Tão corajoso. Ele foi um grande herói. Um padre de coragem. Um padre que tinha fé. E conseguiu o que ele conseguiu – fundar duas missões salesianas entre os Yanomami, Maturacá e Marauíá – foi um ato de coragem”.

“Ele sempre foi corajoso, amoroso, paciente. Ele tinha muita paciência com os Yanomami. A lembrança dele é de um padre corajoso e que nunca desistiu”.



—∞—  
**Figura 63:** Padre Góes ajudando o jovem indígena a utilizar o arco e flecha. Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

## Ele sempre defendeu o povo para viver em paz



“Quando havia atrito, confusão, briga entre eles, ele chegava logo. Não deixava eles brigarem. Neste ponto ele era rígido. Eles não deviam brigar. De noite, quando as mulheres discutiam, ele escutava logo e chegava. Ele logo pacificava e todo mundo passava já a acreditar nele e a respeitar. E isso sempre esteve com ele todo o tempo que ele esteve aqui em Maturacá. Ele nunca admitiu ter brigas, confusões. Ele nunca quis isso não. Ele sempre defendeu o povo para viver em paz”.

## E jamais teve um padre que se entregasse tanto pela tribo Yanomami



“Foi um trabalho muito árduo. O padre aqui sofreu muito. Muitas vezes, ele se alagava no rio viajando. Vi ele chorar. Ele chorava. Era muito, muito difícil a missão que ele cumpriu. E jamais teve um padre que se entregasse tanto pela tribo Yanomami”.



Figura 64: Padre Góes sendo ajudado por jovens indígenas para ultrapassar as corredeiras.  
Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

“Yanomami jamais se esquecerá desse missionário que tanto se dedicou, que tanto chorou pelos que sofriam e que não tinham carinho. Para nós Yanomami, para nós todos, ele foi um padre que acolheu o povo para si. Jamais esqueceremos ele”.

## MEMÓRIAS DE ELIANA MARIA FERREIRA<sup>1</sup>



“Meu Tio, ele doou a vida para os Yanomami”.

“Foi muito bonita a história do meu Tio”<sup>2</sup>.

**Figura 65:** Eliana Maria Ferreira (in memoriam), sobrinha do padre Antônio Góes. Fonte: acervo de Leonardo Ferreira de Almeida.

### Filho de Genoveva Maria do Sacramento e Valentim José Góes



“Para mim, é com maior prazer poder falar do padre Antônio José Góes, que é meu tio, filho de Genoveva Maria do Sacramento e Valentim José Góes – um casal de agricultores do interior de Sergipe, na região de Itabaiana, e que sempre pensou em proporcionar cultura e conhecimento para os seus filhos. Foi com esse objetivo que eles levaram para Aracaju duas filhas para estudar em um Colégio Interno e

---

1 Eliana Maria Ferreira (Itabaiana/Sergipe, 07 de outubro de 1952 – Aracaju/Sergipe, 02 de junho de 2016). Era a filha mais velha do casal Firmino Lucas Ferreira e Maria Josefa Ferreira. Nasceu no ano em que o seu tio materno, padre Antônio, realizou os primeiros contatos com os yanomami do Cauaburis. Era a sobrinha que ela mais amava e Eliana sustentava o sonho de poder contar e compartilhar a história de seu amado tio.

2 Depoimento de Eliana Maria Ferreira obtido por meio de gravação de áudio realizada por Leonardo Ferreira de Almeida, em junho de 2014, em Aracaju, Sergipe.



passaram a conviver em um Oratório, uma instituição para crianças carentes, e os meus dois tios, que eram tio Antônio José Góes e tio Paulo Leandro de Góes. Ambos se tornaram padre, missionários e salesianos e foram estudar no salesiano”.

### Meu tio Antônio decidiu que seria missionário



“Aí, a partir de uma determinada idade, minha mãe e minha tia foram morar em Baturité, no Ceará, onde tinha o Colégio Interno Nossa Senhora Auxiliadora, também salesiano, e meus tios foram morar em Recife, estudar em Recife. Com o decorrer dos anos, meu tio Antônio chegou a estudar em São Paulo, também. E a partir daí eles foram sempre entre um colégio e outro salesiano, até que eles se ordenaram e fizeram a opção que cada um queria ter. Meu tio Antônio decidiu que seria missionário e iria para o Amazonas”.



Figura 66: Padre Antônio Góes celebrando missa entre os jovens Yanomami.

Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

## Então eu vivo com meus índios, foi isso que eu quis na minha vida



“Ele era uma pessoa maravilhosa, aberta, engraçada, gostava de piada, gostava de tudo da vida, não tinha preconceito com nada. Aí, eu perguntava *“tio, porque o senhor não casou? Por que o senhor foi ser padre?”*. Aí, ele falou assim *“por que eu acho que nasci já para ser padre, mas antes de ser padre, eu sou um homem do mato, um homem de Deus, um homem que Deus deu o direito de viver com os seres do mato. Eu sou um homem do mato, eu sou um homem da natureza. Então eu vivo com meus índios, foi isso que eu quis na minha vida. Foi como eu pensei. Para isso que me ordenei”*. Ele se ordenou em São Paulo. Foi o que fez ele ir morar lá no Amazonas e viver com os índios”.

## Buscou conviver com esse povo



“De meu tempo de criança, eu fiquei vendo um tio que, de repente, quando apareceu, foi um ocidental que já estava se transformando em um indigenista. Era cultíssimo. Sabia francês, sabia inglês, sabia italiano, sabia espanhol e sabia muitos dialetos, tupi-guarani e outros dialetos possíveis”.

“E ele dizia que o maior sonho da vida dele era se tornar antropólogo. Mas como, não tinha mais como ir estudar, fazer um trabalho, atuar de forma acadêmica, ele era antropólogo por natureza. Eu considero que ele, que tio Antônio é um grande antropólogo sem ter feito uma faculdade. Então, meu tio era padre por formação, era padre por essência. Mas acima de qualquer coisa é um antropólogo mesmo, é uma pessoa que buscou conviver com esse povo”.



## Ele acabou fazendo dos Yanomami a vida dele



“Na verdade, quando Tio Antônio despertou, achou pouco, achou que a missão dele não era ficar parado lá, realmente, em São Gabriel. E ele, por viagens, naturalmente, por sair, por isso e aquilo, ele percebeu e ele sabia que aquele mundo era muito grande e que existia sim, ele sentia dentro do coração dele, ele sabia que existiam pessoas que precisavam mais dele”.

“Ele acabou fazendo dos Yanomami a vida dele e se dedicou, de todas as formas, a procurar grupos e grupos de Yanomami”.

“Meu Tio Antônio era quem de verdade se preocupava com os Yanomami”.

## Eu era a filha que ele quis ter na vida



“Mas, eu dizia bem assim *“pois Tio seria tão legal se o senhor tivesse os seus filhos”*. E eu sempre perguntava *“porque o senhor não quis casar e ter um filho?”*, já que ele era um tio maravilhoso e tudo. E ele dizia *“é porque eu não precisei ser pai, porque você é a filha que eu quis na minha vida”*. E ele dizia isso para todo mundo que eu era a filha que ele quis ter na vida”.



—∞—  
**Figura 67:** Padre Antônio Góes em momento de pescaria. Foto direcionada à sua sobrinha Eliana Maria Ferreira. Em seu verso está escrito: “Eliana, estas fotos são tuas, com os votos e saudades do titio”. Fonte: família do padre Góes.

## Ele tinha assim uma telepatia

—∞—  
“E uma característica interessante de tio Antônio era, diz ele que sentia tudo por telepatia. Por exemplo, uma vez quando a gente estava lá em São Paulo, eu estava preocupada com o pagamento de minha universidade. Aí chegou uma pessoa dizendo que tio queria falar comigo. “*O que é que está acontecendo por aí?*” Aí ele dizia assim, “ *você está com alguma coisa*”. Ele dizia, não esconda para o titio. Aí, não tio, não fique preocupado. “*Tá tendo algum problema Eliana aí?*” Olhe eu estou enviando um dinheiro aí para vocês. Não precisava falar. Aí na mesma hora ele dizia, estou mandando um dinheiro. Sempre ia alguém desses amigos radioamadores de meu tio ou alguém da família de ordenação dele que ia lá levar o dinheiro. Então, nunca precisou a gente falar, ele sentia. Ele tinha assim uma telepatia”.



—∞—  
**Figura 68:** Padre Antônio Góes em momento de pescaria. Foto direcionada à sua sobrinha Eliana Maria Ferreira. Em seu verso está escrito: “Peixão, tu sabes que andou prometendo carta a um tio e depois se esqueceu de escrever”. Fonte: família do padre Góes.

## Foi muito bonita a história do meu Tio



“Foi muito bonita a história do meu Tio e que até, felizmente, até dezembro de 1975 para janeiro de 1976, ele foi reconhecido, no mundo, exemplo de missionário. Ele foi para Turim. E, infelizmente, quando ele voltou, ele veio com problemas, como muita nevralgia, estava com muito frio e tudo. Passou em São Paulo, foi lá, falou com a gente e voltando para Manaus, aí veio a Malária, teve o problema de dente por conta da nevralgia e que complicou a situação dele e ele já estava longe, em Santa Isabel. Ele teve que retornar a Manaus e foi quando ele, ficou doente, enfermo e veio a óbito”.

## OUTRAS MEMÓRIAS<sup>1</sup>



“Para os Yanomami, o Padre Gózes é  
‘ipa nörimi a gai’, um amigo para valer”.

**Padre Luis Laudato, Manaus-AM, 2015<sup>1</sup>**



“É uma relação de muita profundidade  
entre Yanomami e Padre Antônio Gózes”

**Padre Justino Sarmiento Rezende, Manaus-AM, 2015.**



“Que Deus o receba na glória eterna e que o exemplo dele  
de amor a Deus, de amor a Cristo, de amor aos indígenas,  
possa suscitar mais interesse na defesa do direito dos  
povos indígenas”.

**Padre Canio Grimaldi (in memoriam), Manaus-AM, 2015**

---

<sup>1</sup> Memórias de parentes, correligionários salesianos, amigos e yanomami entrevistados por Leonardo Ferreira de Almeida em parceria com Alexandre Franciscani (presencialmente e/ou por telefone), bem como entrevistados pelo Irmão Salesiano José Gulli. Entrevistas realizadas entre os anos de 2014 e 2018.



## Ele era sempre alegre e muito otimista



“Tio Antônio era uma pessoa maravilhosa. Era uma alegria sem fim. Só vivia rindo. E quando ele chegava para visitar meus avós, era aquela alegria, porque minha avó ficava tão feliz que, se pudesse, fazia festa para todo mundo na rua. Era só alegria”

**Josefa Bernadete Vasconcelos de Almeida, Aracaju-SE, 2014**



“Sempre quando ele vinha, aí juntava todo mundo para ouvir as histórias dele com os índios. Ele sempre alegre, contava tudo, mostrava fotografias. Lembro que ele contou que um dia quando levou um índio para a cidade, quando o índio viu um cavalo, disse ‘padre, padre, olhe ali a anta’. Ele não tinha visto cavalo antes e pensava que era uma anta. Eram muitas histórias interessantes. Era uma alegria só”

**Antônio José Vasconcelos, Aracaju-SE, 2014**



“Ele era sempre alegre e muito otimista. Ele dizia ‘amanhã eu vou voltar para o meu mato’. E ia com alegria. Sentia que a região dele era aquela”

**Dom Walter Ivan de Azevedo, Manaus-AM, 2015)**



—∞—  
**Figura 69:** Padre Góes sempre alegre e otimista. Fonte: Documentário “Agonia de um povo que canta”.

“Impressionava o seu olhar sempre sereno, alegre e, das poucas vezes que eu o encontrei, nunca vi o padre Góes triste, abatido, cansado ou se queixando de alguma coisa, não. Ao contrário, o seu olhar era firme, alegre, aquela alegria salesiana que podia ver em seu olhar e, depois, quando se conversava, ouvíamos suas gargalhadas, umas gargalhadas bonitas, rumorosas. Era uma pessoa com a qual era fácil e imediata a conquista do coração, de conseguir fazer amizades, de se sentir muito bem perto dele”

**Padre Augusto Bartoli, Brasília-DF, 2016**



“Meu pai [Edson Tavares] quando falava no padre Antônio, lembrava com muito carinho, pois ele dizia que o padre foi mais que um amigo, foi um grande irmão e falava que o padre era a melhor pessoa que ele conhecia na face da Terra”

**Alberta Trajano Tavares, Rorainópolis-RR, 2018**



“Ele usava uma camisa sempre branca, uma calça escura, e aquele sorriso largo e sempre com a pasta embaixo do braço. Ele não era uma pessoa entristecida, nem era uma pessoa irritada, ele era uma pessoa calma e tinha sempre esperança, estava sempre fazendo projetos, sempre para a frente, sempre para cima”

**Auta Madeira, Brasília-DF, 2018**



—∞—  
**Figura 70:** Padre Antônio com a pasta embaixo do braço e com muita esperança em seus projetos. Fonte: acervo da família do padre Góes.

## Foi o pioneiro na coragem



“Ele foi o primeiro. Foi o pioneiro na coragem. Ele sabia que estava arriscando a vida. Ele era um santo missionário. Para mim, ele é um dos mais humildes que conheci na minha vida”

**Padre Luis Laudato, Manaus-AM, 2015**



“Grande admiração. Realmente, ele é o herói. Ele era um homem corajoso. Muito corajoso. Se não tivesse tido a coragem que ele tinha, não teria chegado lá, de forma nenhuma”

**Padre José Dalla Valle** (in memoriam, Manaus-AM, 2015)



“Aquele padre sergipano que chegou no nosso território quando a gente era ainda realmente primitiva. Meu povo, na época, os nossos antepassados Kohoroxithari, como eram conhecidos - uma tribo muito valente, braba - assim como as outras tribos Yanomami. Mas, o Padre Antônio Góes chegou em nosso território inóspito, que não tinha habitação de outros brancos”

**Yanomami Alberto Góes**, Brasília-DF, 2015



“A marca maior foi que ele fez de tudo para entrar na mata. Ninguém fazia isso e ele fez. Entrar no meio do nada. A coragem dele era grande. Era destemido. Coragem. Coragem.

Muita coragem. Deus estava com ele”

**Joana Blair**, Manaus-AM, 2017



“Lembro que ele dizia que, nos primeiros contatos, os índios já diziam que gostaram dele porque ela não sujava os rios, não sujava as águas”

**Antônio José Vasconcelos**, Aracaju-SE, 2014



As narrativas que se fazem dos primeiros contatos que ele fez com os Yanomami são interessantes, porque mostra uma paciência. E a gente se pergunta de onde tirou esta paciência, este homem que é tão temperamental, mas que soube aguardar o momento oportuno, soube esperar até conseguir o contato com os Yanomami”

**(Padre João Sucarrats (in memoriam), Manaus-AM, 2017**



“Com certeza o padre Antônio tinha técnicas de se aproximar de um povo diferente. Ele tinha este dom de aproximação com esse povo, com certeza, com paciência, com certeza, usando algumas palavras, com os códigos daquele povo, para dizer que ele estava ali, não como um inimigo, mas como um amigo”

**Padre Justino Sarmiento Rezende, Manaus-AM, 2015**



“A decisão do padre Antônio em fazer os primeiros contatos foi um ato heroico. Padre Antônio foi de uma coragem muito acima da média. Alguns até diziam que ele era um homem santo”

**Jonathas Madeira, Brasília-DF, 2018).**



“Ele vivia com o coração grudado a eles. O padre Góes foi um exemplo de vida. Foi iniciativa dele fazer este pioneirismo”

**Dom Walter Ivan de Azevedo, Manaus-AM, 2015**



**Figura 71:** Padre Antônio com dois jovens Yanomami contatados nos primeiros encontros, em 1952.  
Fonte: acervo da ISMA.

## Ele tinha um estilo muito diferente



“O padre Gózes fez os primeiros contatos nos anos 50, antes do Coneílio. A minha visão vai neste sentido - ele fez uma mudança de metodologia missionária antes do Coneílio. O Coneílio nos pediu e nos abriu os olhos, dizendo que na atividade missionária devemos valorizar as culturas e que se deve buscar a semente do verbo nos diversos lugares. Com os Yanomami, padre Antônio percebeu – não dá para batizar, começar batizando todo mundo, tem que esperar o momento oportuno – isso mesmo é de uma mentalidade renovada e não de uma mentalidade missionária antiga. Então, estes são aspectos que me atraem da figura do Padre Antônio, além daquele sorriso, além daquela risada que se escutava no outro lado da cidade”

**Padre João Sucarrats** (in memoriam), Manaus-AM, 2017



“No mundo daquele número grande de missionários, a maioria estrangeira – italianos, espanhóis, alemães. Era raro missionário brasileiro aqui na Inspeção de Manaus. De repente, surge um sergipano. Para nós brasileiros, ele foi uma figura naquele contexto de muitos estrangeiros que conseguiu mostrar para outros que ele era capaz também”

**Padre Justino Sarmiento Rezende, Manaus-AM, 2015**



“A atividade dele, ele dizia que era mais de antropólogo do que de missionário”

**Irmão José Gulli, Manaus-AM, 2015**



**Figura 72:** Padre Góes orientando o Yanomami Jorge. Fonte: Seitz (1960, ilustração 28, entre pp. 200 e 201).

“O Góes, ele tinha uma aversão aos internatos. Ele não queria saber de internatos. E ele ficava revoltado, porque segundo ele não era a maneira para educar uma pessoa. Porque nós, chamados de brancos, temos um conceito, uma maneira de pensar, de organizar e de produzir. Os indígenas têm outra forma que é diferente da nossa. Assim quando nós vamos lá para impor – porque no internato tudo tem horário, o almoço é nesse horário, o café é neste horário, tem que sentar para a aula e assim por diante – e não é a vida deles. E se não é a vida deles é porque eles não encontram a cultura deles. Então, ele fazia de tudo para não ter”

**Irmão José Gulli, Manaus-AM, 2015**



“Foi mais pelo exemplo do que pela doutrinação. Eu acho que a metodologia missionária dele foi mais o testemunho do que o resto”

**Padre João Sucarrats (in memoriam), Manaus-AM, 2017**

## Ele pacificava



“Era uma bênção aquele padre. Era destemido mesmo. Ele tinha uma relação muito boa com as três tribos (a de Maturacá, a de Marauiá e a de Maiá). E ele pacificava todas, pois eles brigavam muito entre eles”

**Joana Blair, Manaus-AM, 2017**



“O cacique Joaquim foi brigar com o irmão dele de Marauíá e não conseguia nada. Numa das brigas, o Góes entrevistou e pegou o braço aqui do Joaquim que estava com o terçado na mão. Ele apertou tanto que escapuliu o terçado que caiu até de ponta no chão. E Joaquim estava na melhor posição que queria acabar com o irmão dele e disse ‘é, realmente, o senhor é o nosso chefe, o senhor ganhou. Então, não vou matar meu irmão’”

**Padre José Dalla Valle** (in memoriam), Manaus-AM, 2015



“Na verdade, o que eu tenho na minha visão Yanomami hoje em dia é que, em Marauíá, como em Maturacá - Karawethari e Kohoroxithari - éramos tribos vizinhas muito fortes, onde os padres chegaram primeiro. Era muita briga por causa de coisas tão pequenas, tipo alguém mexeu na roça do outro, ou alguém mexeu na mulher do outro, então, era guerra, guerra. Mas, a partir da introdução destes missionários, primeiro o padre Antônio Góes e outros que vieram depois, nossas tribos começaram a ser mais pacíficas”

**Yanomami Alberto Góes**, Brasília-DF, 2015



“Sempre eu pensava, nas minhas dificuldades, eu sempre pensava que ele poderia estar ali me protegendo, me ajudando, me dando força”

**Terezinha Bueno**, Belo Horizonte-MG, 2017.

## É um filme muito bonito



“Vzio uma equipe de cineasta de Turim, que eles tiveram então de fazer um documentário “Meu caminho é o rio”. É um filme muito bonito. E eles filmaram o Padre Antônio Góes ao vivo. É ele que está lá, é ele que reza, é ele que trabalha, é ele que lida com o pessoal, é ele que conta, tudo isso aí. É um documentário maravilhoso. Além do mais reproduz a imagem dele viva, como ele realmente era. É de admirar esta capacidade do Padre Antônio Góes”

**Padre José Dalla Valle** (in memoriam), Manaus-AM, 2015



“Em 1975, teve a exposição de todas as missões salesianas. De baixo da Basílica de Maria Auxiliadora, quase na entrada, tinha aqueles quadros com ilustrações do Góes – ele no mato, ele de canoa, ele entre os índios, barbudo. Fácil de reconhecer. E os meninos ‘é ele, é parecido’. E ele falava ‘sou eu mesmo’. Ah, ele começou a contar a atividade que ele fazia na missão, praticamente do Marauiá. ‘Eu me lembro deste filme - ele com a cara meio rosada, chapéu de palha e uma enxada no ombro, parecendo um sem-terra’. Quando eu vi, eu falei ‘é padre? Que padre é esse?’”

**Irmão Gulli**, Manaus-AM, 2015



Figura 73: Padre Antônio com enxada no ombro, trabalhando na lavoura. Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

“Para uns, era um grande apóstolo, para outros, um aventureiro, mas quando se tratou de fazer um filme para comemorar os cem anos das missões salzsianas, a figura sorridente dele foi colocada como emblemática”

**Padre João Sucarrats** (in memoriam), Manaus-AM, 2017

Foi fidelíssimo a esta  
vocação até o fim

“Para ele foi um desafio o conhecimento e ele não conseguiu enquanto ele não conseguiu. E não foi assim ‘fogo de palha’, porque depois que conseguiu, ficou sabendo que no rio Marauíá tinha outros grupos Yanomami, aí foi para Santa Isabel e de Santa Isabel foi direto para o rio Marauíá”

**Padre João Sucarrats** (in memoriam), Manaus-AM, 2017



“Chamo a atenção para a dedicação do trabalho de evangelização do padre Antônio, tanto é que, após os contatos com os Yanomami do rio Cauaburis, do Maturacá, do canal do Maturacá, o padre Antônio quis logo manter contato também com os Yanomami, alguns anos depois, do rio Marauaiá. E assim foi, ele, então, iniciador do trabalho, do contato missionário com os Yanomami, seja do Maturacá, seja do Marauaiá. Ele não foi uma pessoa que desistiu, não foi uma pessoa que desanimou”

**Padre Francisco Alves, Manaus-AM, 2017**



“A missão do padre Antônio era uma missão edificada com todo respeito para com a comunidade indígena”

**Jonathas Madeira, Brasília-DF, 2018**



“Ele me impressionou pela figura física dele e pela figura espiritual salesiana, pela figura de um salesiano missionário que tinha um amor, que dava para perceber, pelas populações indígenas, principalmente pelos Yanomami, para quem ele dedicava a sua vida”

**Padre Augusto Bartoli, Brasília-DF, 2016**



“O Padre Antônio Góes era um religioso de vocação pura, de vocação profunda”

**Auta Madeira, Brasília-DF, 2018**



—∞—  
“É uma pessoa que descobriu nesse trabalho a sua vocação e foi fielíssimo a esta vocação até o fim”

**Dom Walter Ivan de Azevedo, Brasília-DF, 2015**

## Marcou as missões salesianas no Rio Negro

—∞—  
“Falar do Padre Antônio Góes é tratar da história importante da nossa Inspeção. É uma figura que marca a nossa presença, nestes cem anos de nossa atuação no rio Negro, entre os povos indígenas. Quando se fala em Yanomami, na sua história, logo a gente lembra dele, do Padre Antônio”

**Padre Justino Sarmiento Rezende, Manaus-AM, 2015**

—∞—  
“Ele é uma das figuras mais salientes deste período todo de início das nossas missões. Foi exatamente a fase, a fase de crescimento das missões, que elas foram crescendo, crescendo e se multiplicaram. Foi exatamente, neste período que aconteceu esta aventura dos Yanomami, portanto, das duas novas missões. Tanto de Maturacá, como também do Marauaiá, graças ao empenhimento dele”

**Padre José Dalla Valle (in memoriam), Manaus-AM, 2015**



“Por isso eu digo que a figura dele, eu falo por mim mesmo, marcou as missões salesianas no rio Negro. Até hoje, quando se fala em Yanomami, em indígenas, logo se lembra dele”

**Padre Canio Grimaldi** (in memoriam), Manaus-AM, 2015.



**Figura 74:** Padre Góes navegando pelo rio com o Yanomami Martinho.

Fonte: Seitz (1960, ilustração 10, entre pp. 88 e 89).

“Um padre realmente salesiano. A gente percebia a sua alegria de ser, em primeiro lugar, salesiano, salesiano missionário e de poder estar com outros salesianos da Casa Inspeccional São Domingos Sávio”

**Padre Augusto Bartoli**, Brasília-DF, 2016



“O legado para os missionários, acredito que seja alimentar o desejo de ir às periferias, conforme a linguagem do Papa Francisco; não se acomodar, procurar as novas fronteiras; paixão pela missão”

**Padre João Sucarrats** (in memoriam), Manaus-AM, 2017).



## Um exemplo de missionário



“Ele, aqui, era como um símbolo, um exemplo de missionário. É claro que, depois vieram outros. Porém, o primeiro contato foi ele, e não é fácil o primeiro contato. Não é fácil hoje, imagina no início. Mas, com a preparação dele, com o carisma dele, que tinha um jeito especial de se aproximar das pessoas com calma. É um carismático, basta”

**Padre Canio Grimaldi** (*in memoriam*), Manaus-AM, 2015



“Uma pessoa simples, uma pessoa despojada, uma pessoa dedicada, um verdadeiro missionário, como queria Dom Bosco. Eu creio que esse é o grande primeiro valor do padre Antônio – era uma pessoa com grande dom e qualidade de valores”

**Padre Francisco Alves**, Manaus-AM, 2017



“Ele lutava para dar uma vida melhor para aquela gente. Ele tinha muito amor aos Yanomami. Foi um grande missionário que deu a vida pelos Yanomami”

**Terezinha Bueno**, Belo Horizonte-MG, 2017



“A história dele devia ser aprofundada para a gente conhecer seu espírito, sua dedicação que nos inspira muito aqui. Ele viveu sozinho, com grupos de pessoas, naquele contexto. Para todo mundo, ele tem um carisma especial, tem um carinho especial por aquele povo Yanomami”

**Padre Justino Sarmiento, Manaus-AM, 2015**



“Eu penso que ele deve ser bem mais conhecido e que tudo aquilo que ele fez pelos Yanomami deve não só continuar, mas não ser esquecido o que ele implantou. Isso que deve ser. O espírito missionário significa isso sair de si mesmo e não tanto ir viajar para lá, para cá. É sair de si mesmo, em favor do outro. Foi o que padre Góes fez. Que o exemplo dele sirva para todos os missionários que vierem.”

**Dom Walter Ivan de Azevedo, Manaus-AM, 2015**



“O testemunho que eu posso dar do Padre Antônio é sincero, que para mim, é um exemplo, é um modelo de pessoa, de missionário que não espera que as coisas aconteçam, mas que tem aquela intuição de fazer acontecer a história, a mudança”

**Padre João Sucarrats (in memoriam), Manaus-AM, 2017**



## É uma relação de muita profundidade entre Yanomami e Padre Antônio Góes



“Eles se lembram de todos os padres que passaram por lá. O Padre Antônio é o mais querido e o primeiro. Aquele de quem eles falam muito bem”

**Antropólogo Gustavo Hamilton Menezes, Brasília-DF, 2014**



“Eu fui trabalhar no lugar onde ele trabalhava, na missão do Marauiá e conheci o trabalho dele e conheci o quanto ele era muito querido naquele lugar”

**Terezinha Bueno, Belo Horizonte-MG, 2017**



“Eles gostavam demais do padre Góes. O amor dele era os Yanomami. Ele amava muito os Yanomami. Tudo era para eles. Um grande salgsiano. Era uma pessoa desprendida”

**Irmã Virginia Denti, Manaus, 2015**



**Figura 75:** Padre Góes brincando com a criança Yanomami em sua rede. Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).



“Ele era muito amado, amado. Ele ficava mais na aldeia do que em casa. Ele se dedicava só ao mundo Yanomami. Era incrível a dedicação de padre Antônio”

**Padre Luis Laudato, Manaus-AM, 2015**



“Ele falava sobre os índios com muito entusiasmo. Dizia que ele fazia tudo aquilo por amor”

**Josefa Bernadete Vasconcelos de Almeida, Aracaju-SE, 2014**



“A figura dele continua bem firme entre os Yanomami, pois eles demonstravam uma alegria de estar com ele”

**Padre Augusto Bartoli, Brasília-DF, 2016**



“A palavra de padre Antônio era uma palavra sagrada perante os índios”

**Padre José Dalla Valle (in memoriam), Manaus-AM, 2015**



“Falar do povo Yanomami, falar da missão Maturacá e da missão Marauaiá, a primeira coisa que a gente lembra é do padre Antônio Góes. Não tem jeito de tirar esta marca. É uma relação de muita profundidade entre Yanomami e Padre Antônio Góes”

**Padre Justino Sarmiento Rezende, Manaus-AM, 2015**



“O grandz. Que Deus o abençoe! Está no Céu, com certeza,  
entre os santos missionários salesianos. Com certeza”

**Padre Canio Grimaldi** (*in memoriam*), Manaus-AM, 2015



**Figura 76:** Padre Antônio está no Céu entre os santos missionários salesianos.

Fonte: Documentário “O meu caminho é o rio” (1975).

## PRINCIPAIS DADOS BIOGRÁFICOS



- **Filiação:**  
Valentim José Góes e Genoveva Maria do Sacramento
- **Nascimento:**  
13 de junho de 1918, Itabaiana- Sergipe- Brasil;
- **Batismo:**  
20 de julho de 1918, Igreja Matriz Santo Antônio e Almas de Itabaiana
- **Estudos Primários:**  
1928 - 1931, Aracaju - Sergipe;
- **Estudos Secundários e Aspirantado:**  
1931 - 1935, Jaboatão dos Guararapes/Recife - Pernambuco;
- **Iniciação do Noviciado:**  
31 de janeiro de 1935, Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco;
- **Recebimento da Batina:**  
19 de março de 1935, das mãos do Pe. José Selva;
- **Primeira Profissão Trienal:**  
31 de janeiro de 1936, Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco;
- **Estudos de Filosofia:**  
1936 - 1937, Jaboatão dos Guararapes/Recife - Pernambuco;



- **Tirocínio Prático:**  
1938 - 1941, Salvador – Bahia e Recife – Pernambuco;
- **Profissão Perpétua:**  
31 de janeiro de 1942. Jaboatão dos Guararapes – Pernambuco;
- **Estudos de Teologia:**  
1942 – 1945, São Paulo – São Paulo;
- **Ordenação como Diácono:**  
03 de março de 1945, São Paulo – São Paulo;
- **Ordenação como Sacerdote:**  
08 de dezembro de 1945, São Paulo – São Paulo, recebendo a ordenação das mãos de Dom José Carlos de Aguirre;

### **ATUAÇÃO SALESIANA**

- **Conselheiro Escolar:**  
1946, Colégio Salesiano de Recife – Pernambuco;
- **Conselheiro Escolar:**  
1947, Seminário Arquidiocesano de Belém – Pará;
- **Diretor:**  
1947 – 1948, Oratório do Seminário Arquidiocesano de Belém – Pará;
- **Conselheiro Escolar:**  
1949, Internato Salesiano de Tapuruquara (atual Santa Isabel do Rio Negro) – Amazonas;

- **Diretor:**  
1952, Missão Salesiana de São Gabriel da Cachoeira - Amazonas;
- **Primeiros contatos com os Yanomami Kohoroxithari:**  
1952; Rio Cauaburis – São Gabriel da Cachoeira – Amazonas;
- **Diretor:**  
1953, Internato Salesiano de Iauareté – São Gabriel da Cachoeira - Amazonas;
- **Fundador e Itinerante:**  
1954 – 1960, Missão Nossa Senhora de Lourdes, Maturacá – São Gabriel da Cachoeira – Amazonas;
- **Primeiros contatos com os Yanomami Karawethari:**  
1955; Rio Marauíá – Santa Isabel do Rio Negro – Amazonas;
- **Fundador e Itinerante:**  
1961 – 1975, Missão Sagrada Família, Marauíá – Santa Isabel do Rio Negro – Amazonas;
- **Participação no Centenário das Missões Salesianas:**  
novembro – dezembro de 1975, Roma e Turim – Itália;
- **Falecimento:**  
27 de fevereiro de 1976; Manaus – Amazonas.



**Figura 77:** Padre Antônio José Góes: 57 anos de idade, 30 anos de sacerdócio, 24 anos de contato pioneiro com os indígenas do Cauaburis, 22 anos de dedicação missionária aos Yanomami do Amazonas. Fonte: acervo da família do padre Góes.

## FONTES

### ENTREVISTAS

AGUIAR, Oscarina Braga. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. Santa Isabel do Rio Negro – AM, jun. 2016.

ALMEIDA, Josefa Bernadete Vasconcelos de. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Eliana Maria Ferreira. Aracaju, SE, Residência de Antônio José Vasconcelos, 09 out. 2014.

AZEVEDO, Walter Ivan. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 06 mai. 2015.

BARTOLI, Augusto. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Brasília - DF, Santuário Dom Bosco, 25 jul. 2016.

BLAIR, Joana. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Manaus - AM (contato por telefone). 29 out. 2017.

BRAZÃO, Adelaide. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Yanomami Alberto Brazão Góes. Maturacá - São Gabriel da Cachoeira – AM, out. 2016.

CARDOSO, Inês Ribeiro. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. Santa Isabel do Rio Negro – AM, jun. 2016.

CARVALHO, Antônio Fernandes. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. Santa Isabel do Rio Negro – AM. 2019.

DENTI, Virginia. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Museu do Índio, 06 mai. 2015.



FERREIRA, Eliana Maria. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Aracaju – SE, Residência de Eliana Maria Ferreira, 07 jun. 2014.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Itabaiana – SE, Residência de Rosemeire Ferreira, 28 jan. 2018.

FERREIRA, Fernando Luiz. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Eliana Maria Ferreira. Aracaju – SE, Residência de Eliana Maria Ferreira, 01 mai. 2013.

GÓES, Alberto Brazão. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Brasília - DF, Ministério da Saúde, 24 set. 2015.

GÓES, Daniel. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. Maturacá - São Gabriel da Cachoeira – AM, jun. 2017.

GÓES, Margarida Pereira. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. São Gabriel da Cachoeira – AM, jun. 2017.

GÓIS, Antônio José de. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Aracaju - SE, Residência de Antônio Góis, 13 fev. 2020.

GRIMALDI, Canio. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 28 abr. 2015.

GRIMALDI, Canio. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 05 mai. 2015.

GULLI, José. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 06 mai. 2015.

GULLI, José. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 07 mai. 2015.

LAUDATO, Luis. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Manaus - AM, Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 26 mar. 2015.

LAUDATO, Luis. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 07 mai. 2015.

LIMA, Francisco Alves. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Manaus - AM, Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 18 jul. 2017.

LIMA, Olindina Tavares de. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Caracarái - RR (contato por telefone). 17 fev. 2018.

MORAIS, Terezinha Bueno de. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Belo Horizonte - BH, Residência de Terezinha Bueno, 19 abr. 2017.

MADEIRA, Auta Gagliardi. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Brasília - DF, Residência de Auta Madeira, 11 jun. 2018.

MADEIRA, Jonathas Gagliardi. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Brasília - DF, Residência de Jonathas Madeira. 14 mai. 2018.

MENEZES, Gustavo Hamilton. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Brasília - DF, Fundação Nacional do Índio - FUNAI, 20 out. 2014.

NETO, Salvador. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. São Gabriel da Cachoeira - AM. 2016.

PINTO, Júlio Góes. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Yanomami Alberto Brazão Góes. Maturacá - São Gabriel da Cachoeira - AM, out. 2016.



REZENDE, Justino Sarmento. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 01 abr. 2015.

SOUSA, Antônio Tavares de. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Caracarái – RR (contato por telefone). 17 fev. 2018.

SUCARRATS, João. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Alexandre Franciscani Ferreira e a João Bosco Ferreira. Manaus - AM, Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 21 jul. 2017.

TAVARES, Alberta Trajano. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida. Rorainópolis – RR (contato por telefone). 11 jun. 2018.

TEIXEIRA, Antônio. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. Santa Isabel do Rio Negro – AM, jun. 2016.

TEIXEIRA, Edenir Fernandes. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida ao Salesiano Irmão José Gulli. Santa Isabel do Rio Negro – AM, jun. 2017.

VALLE, José Dalla. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Alexandre Franciscani Ferreira. Manaus - AM, Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA, 28 abr. 2015.

VASCONCELOS, Antônio José. **Entrevista sobre vida e obra do Padre Antônio Góes.** Entrevista concedida a Leonardo Ferreira de Almeida e a Eliana Maria Ferreira. Aracaju, SE, Residência de Antônio José Vasconcelos, 09 out. 2014.

## CORRESPONDÊNCIAS/CARTAS

COUTINHO, G. [**Telegrama**] 28 fev. 1976, Brasília – Distrito Federal [para] MADEIRA, A. C., Manaus - Amazonas. 2f. Trata da notícia sobre morte do Padre Antônio Góes.

GÓES, A. J. [Carta] 27 nov. 1934, Jaboatão – Pernambuco [para] INSTITUTO PEDAGÓGICO SALESIANO, Jaboatão – Pernambuco. Trata do pedido do aspirante Antônio José Góes para fazer parte da Congregação Salesiana.

GÓES, A. J. [Carta] 26 jan. 1975, Manaus – Amazonas [para] FERREIRA, M. J.; FERREIRA, E. M. São Paulo – São Paulo. 1f. Trata da felicitação do Padre Antônio Góes à sua irmã Maria Josefa Ferreira e à sua sobrinha Eliana Maria Ferreira.

GÓES, A. J. [Carta] 06 nov. 1975, Turim – Itália [para] FERREIRA, E. M. São Paulo – São Paulo. 1f. Trata da notícia de que o Padre Antônio Góes chegou a Turim - Itália.

GÓES, A. J. [Carta] 25 dez. 1975, Belém – Palestina [para] RASERA, A, Manaus - Amazonas. 1f. Trata da notícia de visita do Padre Antônio Góes em Belém – Palestina.

INSPETORIA MARIA AUXILIADORA. [Carta Mortuária de Josefa Germana de Góes]. Recife: Inspetoria Maria Auxiliadora, 1988. 2f. Trata do falecimento da freira Josefa Germana de Góes.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. [Carta Mortuária do Padre Antônio José Góes]. Manaus: ISMA, 1976.2f. Trata do falecimento do padre Antônio José Góes.

KNOBLOCH, F. [Carta] 05 mar. 1976, Pindamonhangaba – São Paulo [para] MADEIRA, A. C., Manaus - Amazonas. 2f. Trata da notícia sobre morte do Padre Antônio Góes.

PABLO, V. [Carta] 02 mai. 1979, Madrid – Espanha [para] INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA, Manaus - Amazonas. 1f. Trata da solicitação da Carta Mortuária do Padre Antônio Góes.

## VÍDEOS/DOCUMENTÁRIOS

**AGONIA de um povo que canta.** Direção: Enzo Spiri a Antonio Saglia - Scuola Applicazione Fotografiche (SAF). 43min20s. Disponível em:< [https://www.youtube.com/watch?v=ugnUcf\\_yREs](https://www.youtube.com/watch?v=ugnUcf_yREs)>. Acessado em: 2016 – 2018.

**CENTENÁRIO do nascimento do Padre Antônio Góes – BMA.** Direção: Inspetoria São Domingos Sávio (ISDS), 2018. 3min36s. Disponível em:



<<https://www.youtube.com/watch?v=m-4DS9h5rxU>>. Acessado em: junho de 2018.

**O meu caminho é o rio.** Direção: Enzo Spiri a Antonio Saglia. Turin – Itália: Scuola Applicazione Fotografiche (SAF), 1975. 30min. Cópia da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA).

**MISSÃO Salesiana entre os índios Yanomami** - Dia Mundial Salesiano ano 2017. Direção: Generale Opere Don Bosco, 2016. 21min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TtTNPa0X0yU>>. Acesso em: jul. 2017.

**PADRE Antônio Góes - Salesiano Missionário na Amazônia.** Direção: Inspeção São Domingos Sávio (ISDS), 2018. 3min20s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4FiW3ogR63o>>. Acessado em: junho de 2018.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, K.A. **Formação de Professores Yanomami**. Dissertação de mestrado. 2018. 106p. Manaus, AM: Universidade Federal do Amazonas, 2018 (Dissertação de Mestrado).
- ALMEIDA, L.F. Padre Antônio Góes: uma vida dedicada aos Yanomami. In: SANTOS, J.L.S; MELO, J.I.O (org.). Padre Antônio Góes: uma vida dedicada aos Yanomami. **O Tapiri**: Comunicação Pastoral da Inspecção São Domingos Sávio (edição especial). Manaus: Editora FSDB, pp 09-19. 2018.
- ASSOCIAÇÃO YANOMAMI DO RIO CAUABURIS E AFLUENTES (AYRCA); ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES YANOMAMI KUMIRAYOMA (AMYK). **Plano de Visitação: YARIPO** – Ecoturismo Yanomami. Terra Indígena Yanomami – Região do rio Cauaburis – São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro. 3 de julho de 2017. 56p.
- ASSOCIAZIONE CARLO MARCHINI ONLUS**. Disponível em:< [www.carlomarchinionlus.it](http://www.carlomarchinionlus.it).> Acessado em: 2017 - 2018
- AUGUSTO, E. **Expedição ao Pico da Neblina**. São Paulo: FTD. 1993. 120p.
- AZEVEDO, W. I. **A Diocese de São Gabriel da Cachoeira – AM (Rio Negro) nos 90 anos de sua existência (1914 - 2004)**. Goiânia: Kelps. 2007a. 62p.
- AZEVEDO, W. I. **Pinceladas de luz na Floresta Amazônica**. São Paulo: Paulinas. 2007b. 200p.
- BALDOCK, J. A. **Cartilha de Itabaiana**. Aracaju: Infographics. 2017. 187p.
- BARAZAL, N. R. **Yanomami**: um povo em luta pelos Direitos Humanos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: EDUSP. 2001. 208p.
- BERWICK, D. **Savages**: the life and killing of the Yanomami. Toronto: Voyage Press. 1992. 398p.
- BIOCCA, E. **Viaggi Tra Gli Indi** – Alto Rio Negro/Alto Orinoco. ROMA: Consiglio O Nazionale Delle Ricerche. Secondo Volume, 1966a. 567 p.



BIOCCA, E. **Viaggi Tra Gli Indi** – Alto Rio Negro/Alto Orinoco. ROMA: Consiglio O Nazionale Delle Ricerche. Volume Terzo, 1966b. 335 p.

BLASETTI, A.; MAGNONI, M.L. **Yanoàma**: L'avventura di Ettore Biocca nella selva amazzonica. *Museologia Scientifica Memorie* • N. 6/2010 • 126-131.

BOLETIM SALESIANO. Inspecoria São Domingos Sávio apresenta selo comemorativo de seu jubileu. 07 de maio de 2018. Disponível em: <<http://boletimsalesiano.org.br/index.php/noticias-bs/item/8980-inspetoria-sao-domingos-savio-apresenta-selo-comemorativo-de-seu-jubileu>>. Acessado em: 2018.

BOLLETTINO SALESIANO. *Bollettino Salesiano*. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 87, N.17, p. 312, setembro 1963.

BOLLETTINO SALESIANO. *Bollettino Salesiano*. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 109, N.5, p. 16, março 1985.

BOLLETTINO SALESIANO. *Bollettino Salesiano*. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 122, N.11, p. 8, dezembro 1998.

BOLLETTINO SALESIANO. *Bollettino Salesiano*. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 134, N.11, p. 47, dezembro 2010.

BRASIL. **Escola Indígena Tamaquaré**. Censo Escolar/INPE 2018. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2018. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/escola/260196-escola-indigena-tamaquare/sobre>>. Acessado em 2019/2020.

CARVALHO, M.A.L. **Os movimentos políticos Yanomami**: análises da construção de suas demandas e reivindicações. 2015. 162p. Boa Vista, RR: Universidade Federal de Roraima, 2015. (Dissertação de mestrado).

CARVALHO, V. S. **A República Velha em Itabaiana**. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. 2000. 718p.

COCCO, L. **Iyëwei-teri**: quince años entre los yanomamos. Caracas, Venezuela: Escuela Técnica Popular Don Bosco Boleíta. 1972. 498p.

COCCO, L. **Parima**: dove la terra non accoglie i morti. Roma, Itália: Editora LAS, 1975. 558p.

COSTA, G. R. Nostre Missioni: fioritura di opere salesiane nel Brasile Nord. In: *Bollettino Salesiano*. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 77, nº15, pp. 301 - 304. Agosto, 1953.

COSTA, J. **Lembranças do Beco Novo**. In: Blog Professor José Costa. Disponível em: <<https://professorjosecosta.blogspot.com/2016/01/lembrancas-do-beco-novo-rua-coronel.html>>. Acessado em 2019.

D'AVERSA, M. Nossa Senhora de Lourdes: presso il fiume Maturacá. In: **Bollettino Salesiano**. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 83, n°1, pp. 24. Gennaio, 1959.

D'AVERSA, M. **Heróis Autênticos**: salesianos que trabalharam na Inspeção Amazônica e faleceram na Inspeção ou alhures nestes últimos trinta anos. Humaitá – Amazonas. Segundo volume, 1982. 228p.

D'AVERSA, M. **Heróis Autênticos**: salesianos que trabalharam na Inspeção Amazônica e faleceram na Inspeção ou alhures nestes últimos trinta anos. Humaitá – Amazonas. Terceiro volume, 1992. 106p.

D'AVERSA, M. **Resumo histórico da Fundação das Casas da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia**: comemorando 80 anos de fundação da primeira casa – 24 de maio de 1915. São Gabriel da Cachoeira. 1996. 52p.

D'AVERSA, M. **Heróis Autênticos**: salesianos que trabalharam na Inspeção Amazônica e faleceram na Inspeção ou alhures nestes últimos trinta anos de 1992 a 2001. Humaitá – Amazonas. Quarto volume, 2001. 104p.

DECRETO AD GENTES. **Sobre a atividade missionária da Igreja**. Disponível em: <http://www.vatican.va>.

DELLA SOCIETÀ SALESIANA. **Atti Del Consiglio Superiore**. Roma, Anno 58, n. 285, p. 76, Gennaio - Marzo, 1977.

DELLA SOCIETÀ SALESIANA. **Atti Del Consiglio Superiore**. Roma, Anno 58, n. 285, p. 45 - 46, Luglio - Settembre, 1977.

ERIMAN, G. L'occhio Dietro La Telecamera. In: **Bollettino Salesiano**. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 126, n°7, pp. 32 - 33. Luglio - Agosto 2002.

FERGUSON, R.B. **Yanomami Warfare** - A political History. School of American Research Press - Santa Fe - New Mexico. 449p.

FERREIRA, M.I.M. **“Mulheres Kumirâyõma”**: uma etnografia da criação da Associação de Mulheres Yanomami. 2017. 207p. Manaus, AM: Universidade Federal do Amazonas, 2017. (Dissertação de Mestrado).

GIACCONE, A. Primo Incontro Con I Feroci Macu. In: **Bollettino Salesiano**. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 78, n°7, pp. 140 - 143. Aprile 1954.



GÓES, A. J. Incontro ai Macù. In: *Bollettino Salesiano*. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 80, nº5, pp. 97 - 103. Marzo 1956.

GONÇALVES, L.D.V. **O(s) Corpo(s) Kôkamôu**: a performatividade do pajé-hekura Yanonami da região de Maturacá. 2019. 340p. Manaus, AM: Universidade Federal do Amazonas, 2019. (Tese de Doutorado).

INFRAESTRUTURA NACIONAL DE DADOS ESPACIAIS. **IBGE revê as altitudes de sete pontos culminantes**. Disponível em: <<http://www.inde.gov.br/noticias-inde/8530-geociencias-ibge-reve-as-altitudes-de--sete-pon-tos-culminantes.html>>. Acessado em: 2019.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Quero Viver**. Manaus: ISMA. 1996. 62p.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Celebrar os 50 anos da Inspecoria**. 14 de julho de 2008a. Disponível em <<http://isma.org.br/2008/07/14/celebrar-os-50-anos-da-inspetoria/>>. Acessado em: 2017 - 2018.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Casimiro Beksta é homenageado na Faculdade Salesiana**. 28 de outubro de 2008b. Disponível em: <<http://isma.org.br/2008/10/28/casimiro-beksta-homenageado-na-faculdade-salesiana/>>. Acessado em: 2018.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Nota de falecimento - Padre Francisco Laudato**. 22 de setembro de 2010a. Disponível em: <<http://isma.org.br/2010/09/22/nota-de-falecimento-13/>>. Acessado em: 2018.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Um novo espaço de lazer**. 14 de outubro de 2010b. Disponível em <http://isma.org.br/2010/10/14/um-novo-espao-de-lazer/> . Acessado em: 2017 - 2018.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Nota de Falecimento: Pe. Benjamim Morando**. 05 de maio de 2012. Disponível em: <<http://isma.org.br/2012/05/05/nota-de-falecimento-pe-benjamim-morando/>>. Acessado em 2020.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **D. Miguel D'Aversa - Carta Mortuária**. 6 de dezembro de

2018a. Disponível em: <<http://isma.org.br/2018/12/06/carta-mortuaria-de-dom-miguel-daversa/>>. Acessado em 2019.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Paróquia Salesiana em Maturacá celebra o início da Semana Santa.** 26 de março de 2018b. Disponível em: <<http://isma.org.br/2018/03/26/parouquia-salesiana-em-maturaca-celebra-o-inicio-da-semana-santa/>>. Acessado em: 2018.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Padre Antônio Góes: uma vida dedicada aos Yanomami.** 12 de junho de 2018c. Disponível em: <<http://isma.org.br/2018/06/12/padre-antonio-goes-uma-vida-dedicada-aos-Yanomami/>>.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Definitivamente com ‘Ele’ – descanse em paz Pe. João Succarrats.** 29 de junho de 2018d. Disponível em: <<http://isma.org.br/2018/06/29/definitivamente-com-ele-descanse-em-paz-p-joao-succarrats/>>.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. Nota de falecimento: Ir. Tomás Di Stefano. 14 de agosto de 2018e. Disponível em: <<https://boletimsalesiano.org.br/materias/acao-social/item/9232-nota-de-falecimento-ir-tomas-di-stefano.html>>

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Mito da origem do mundo Tukano, Dessano, Maku. Relato do Pe. Casimiro Beksta sobre desenhos de um índio Tukano/ Yanomami da Prelazia do Rio Negro.** 05 de abril de 1993. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/0AD00255.pdf>>. Acessado em: 2018.

KNOBLOCH, F. Lungo Il Cauaburis: storia di una missione. **Estratto da Salesanum.** Anno 37, n° 1, pp. 131 – 158. 1975.

KNOBLOCH, F. The Aharaibu Indians: a “white” tribe in the Amazon. **The Mankind Quarterly** – na international quarterly jornal, vol 10,n. 4, pp. 185 – 198. 1970.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu:** palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras. 2015. 768p.

LAUDATO, L. Educação Bilíngue: Sim, Emancipação: Não. In: **Revista Porantim**, n° 5, pp. 13. Outubro, 1978.



LAUDATO, L. **História-Crônica da missão “Sagrada Família” do Rio Marauá – Rio Negro – Amazonas**. Marauá/Santa Izabel do Rio Negro: Documento escrito em 21 de dezembro de 1983.

LAUDATO, L. **Ritos e rituais Yanomami**. Manaus : Faculdade Salesiana Dom Bosco – SDB. 2009. 328p.

LAUDATO, L. **Yanomami Pey Keyo**. Brasília : Editora Universa. 1998. 327p.

LENTI, A. J. **Dom Bosco: História e Carisma** – apogeu: de Turim à Glória de Bernini (1876 - 1934). Brasília: Editora Dom Bosco. Vol. 3. 2014. 864p.

MARCHESI, J. Primi incontri com gli Aicàs. In: **Bollettino Salesiano**. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 87, n°1, pp. 25 - 30. Gennaio 1963.

MARLER, V. Nota de falecimento do Padre Cânio Grimaldi. In: **Boletim Salesiano**. Disponível em: <<http://www.boletimsalesiano.org.br/portal/index.php/noticias-bs/item/6034-nota-de-falecimento-padre-canio-grimaldi>>. Acessado em: 2018.

MASSA, P. **De Tupan a Cristo**: jubileu de ouro das missões salesianas do Amazonas (1915 – 1965). Amazonas: Missões. 481p.

MEE, M. **Em busca das Flores da Floresta Amazônica**. Rio de Janeiro: Salamandra. 1989. 303p.

MEE, M. **Flores da Floresta Amazônica**: a arte botânica de Margaret Mee. São Paulo: Escrituras. 2010. 168p.

MENEZES, G.H.S. **Yanomami na Encruzilhada da Conquista**: contato e transformações na fronteira amazônica. 2010. 249p. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2010. (Tese de Doutorado).

MENEZES, G.H.S. A busca pela escrita através da escola: estratégia interétnica e transformação social entre os Yanomami de Maturacá/AM. **Texto & Debates**, Boa Vista, n.20, pp. 40-63, 2013.

MIRANDA, T. A. **Os Yanomami do Rio Marauá**: trajetória e contato. 2020. 95p. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, L. **Centenário da presença salesiana no Norte e Nordeste do Brasil**. Recife: Escola de Dom Bosco de Artes e Ofícios. Volume II. 1994. 198p.

QUEIROZ, P.G. La presencia del viajero em la amazonia de la posguerra: los viajes Seitz como aporte para um análisis etnográfico para el paisaje. In: ALCÁNTARA, M.; MONTERO, M.G.; LÓPEZ, F.S. (coord.). **Antropología – Memoria del 56° Congreso Internacional de Americanistas**. 1ª edição. 2018. pp. 96 a 108.

RE, G.; RE, F.; LAUDATO, F.; LAUDATO, L. **Um mergulho na pré-história - Os últimos Yanomami?** A aventura de dois médicos em visita aos irmãos Laudato, entre os Yanomami Karawethari de Marauiá. Manaus: Editora Umberto Calderaro. 1988. 256p.

REZENDE, J. S. Da escola com os salesianos para a escola indígena. In: COSTA, M. G. (org.). **A ação dos salesianos de Dom Bosco na Amazônia**. São Paulo: Editora Salesiana. pp. 38 - 55. 2009.

RODRIGUES, I. D. **Antônio Carreira Madeira - PY8LX e Padre Antônio Góes - PY8AHN**. 2001. Disponível em: <[http://www.radioamador.com/ilustres/py8lx\\_py8ahn.htm](http://www.radioamador.com/ilustres/py8lx_py8ahn.htm)>. Acessado em: 2013.

SALEZIÁNI DON BOSCA. Saleziánske Misie: Juzná Amerika – História misii. 30 de novembro de 2010. Disponível em: <[saleziánske.misie.saleziani.sk/misie/historia-misii/juzna-amerika](http://saleziánske.misie.saleziani.sk/misie/historia-misii/juzna-amerika)>. Acessado em: 2017 – 2018.

SANTANA, A. S. Gente sergipana – Padre Antônio José Góes. 26 de julho de 2019. Disponível em: <<http://blogdesamarone.blogspot.com/2019/07/gentesergipana-padre-antonio-jose-goes.html>>. Acessado em: 2019.

SANTA ISABEL DO RIO NEGRO – AM. **Edital N° 001/2018-SEMED**. Diário Municipal. 22 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://www.diariomunicipal.com.br/aam/materia/C042D034>>. Acessado em: 2018.

SANTOS, F. D.; THIELEN, E. V. **Revisitando a Amazônia**: expedição aos Rios Negros e Branco refaz percurso de Carlos Chagas em 1913. Rio de Janeiro: Casa Oswaldo Cruz, Fiocruz, 1996. 112p.

SANTOS, J.L.S.; MELO, J.I.O. Paróquia salesiana em Maturacá celebra o início da Semana Santa. In: SANTOS, J.L.S.; MELO, J.I.O. (org.). **O Tapiri**: Comunicação Pastoral da Inspecção São Domingos Sávio - BMA. Manaus: Editora FSDB, n° 189, pp. 26, 2018. Disponível em: <[https://issuu.com/inspetoriasalesiana/docs/tapiri\\_189\\_digital](https://issuu.com/inspetoriasalesiana/docs/tapiri_189_digital)>. Acessado em 2018.

SANTOS, J. L. S; MELO, J.I.O (Org). **O Tapiri: Comunicação Pastoral da Inspecção São Domingos Sávio**. Edição Especial. Manaus: Editora FSDB,



2018. Disponível em: <[https://issuu.com/inspetoriasalesiana/docs/livreto\\_p\\_goes\\_digital](https://issuu.com/inspetoriasalesiana/docs/livreto_p_goes_digital)>. Acessado em: junho de 2018.

SANTOS, L. O educador Yanomami: uma visão da educação indígena na contemporaneidade. In: LIMA, F.A.; RIBEIRO, A.A. (Org.). **O Tapiri: Comunicação Pastoral da Inspeção São Domingos Sávio**. Manaus: Editora FSDB, 2016, n° 181. Disponível em: <[https://issuu.com/inspetoriasalesiana/docs/tapiri\\_181\\_digital](https://issuu.com/inspetoriasalesiana/docs/tapiri_181_digital)>. Acessado em 2018.

SEITZ, G. J. Die Waikas und ihre Drogen. In: ZEIT. **Jus Ethnologic**. 94: 266-283. 1969

SEITZ, G. J. Ëpena, the Intoxicating Snuff - Powder of the Waika Indians and the Tucano Medicine Man, Agostino. In: EFRON, D. H. **Ethnopharmacologic Search for Sychoactive Drugs**. Proceedings of a Symposium held in San Francisco, California. January 28-30, 1967

SEITZ, G. J. **Hinter Dem Grünen Vorhang**. Germany: F. A. Brockhaus, Wiesbaden. 1960. 311p.

SEITZ, G. J. Pico da Neblina: onde o Brasil é mais alto. In: **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, edição 560, pp. 67-71. 1963.

SILVA, A. A. **Os Salesianos e a Educação na Bahia e em Sergipe – Brasil (1897 - 1970)**. Roma: Editora L.A.S. 2000. 429p.

SIMAS, H.C.P. **Educação Escolar Yanomami e Potiguará**. 2013. 242p. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, 2013. (Tese de Doutorado).

SMILJANIC, M. À sombra do Pico da Neblina. In: RICARDO, F. **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da natureza: o desafio das sobreposições**. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 368 – 371. 2004.

SMILJANIC, M.I. A Comemoração do Dia do Índio entre os Yanomami de Maturacá (AM). In: SMILJANIC, M.I.; PIMENTA, J.; BAINES, S.G. **Faces da Indianidade**. Curitiba: Nexon Design. 2009. P. 155 – 168.

SMILJANIC, M. I. Os enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëiteri: O impacto missionário sobre o sistema social e cultural dos Yanomami ocidentais (Amazonas, Brasil). In: **Journal de la Société des Américanistes**. Vol 88, pp. 137-158. 2002.

SOUZA, E. N. **Festribal de São Gabriel da Cachoeira-AM: Festa e Relações Interétnicas**. 2019. 207p. Manaus, AM: Universidade Federal do Amazonas, 2019. (Tese de Doutorado).

SPIRI, E. **Enzo Spiri** – salesiano laico - Comunità S. Francesco Di Sales. Torino: Via M. Ausiliatrice, 36,. 1994. 49p.

VARGAS, C. P. **El P. Luis Cocco**: ejemplo de evangelizacion salesiana em Venezuela. Caracas – Venezuela: Libreria Editorial Salesiana. 1980. 77p.

VATICANO. **Decreto Ad Gentes**: sobre a atividade missionária da Igreja. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acessado em: 2017 – 2018.

VIANA, A. L. **Carta Mortuária do Padre Paulo Góes**. Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil – Liceu Salesiano do Salvador – Bahia. 1995.

VIEIRA, L.R. **Escola indígena diferenciada**: a experiência Yanomami no Médio Rio Negro. 2018. 157p. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado).

WIKIPEDIA. **Pico da Neblina**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico\\_da\\_Neblina#cite\\_note-IBGE04-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico_da_Neblina#cite_note-IBGE04-2)> Acessado em: 2019.

WIKIPEDIA. **Ribeirópolis**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ribeir%C3%B3polis>>. Acessado em: 2019.



**Figura 78:** Antônio José Góes: uma vida missionária de pioneirismo e de dedicação aos Yanomami do Amazonas.

## AGRADECIMENTOS

Muitos sonhos. Muitas mãos. Muitas vozes. Uma confluência de lugares, ocasiões, quereres e disposições. O destino se encarregou de promover os encontros necessários e os momentos oportunos. Venho expressar, com toda minha força e sinceridade, a minha GRATIDÃO a todas e a todos que fizeram semear e colher esta obra que passa a ser dedicada à memória do padre Antônio José Góes e de Eliana Maria Ferreira, bem como destinada aos familiares e amigos, à Congregação Salesiana do Brasil, e ao Povo Yanomami, sendo ofertada a todo o mundo.

Gratidão a toda família do padre Antônio Góes, na qual o sentimento de saudade se soma à vontade de poder conhecer mais sobre o trabalho missionário de seu ente querido. Esta sede de conhecer e de poder compartilhar esta história para o mundo sempre guiou Eliana Maria Ferreira (*in memoriam*), sobrinha do salesiano, a quem deve ser destinado o reconhecimento por ser a maior incentivadora e propulsora inicial desta Obra. Tudo começou com as saudosas memórias contadas por Eliana, a principal protagonista desta linda trajetória, a quem dedico cada página, cada palavra, cada emoção. Agradecimentos devem ser destinados, também, a Alexandre Franciscani Ferreira, sobrinho neto do salesiano. Com sua valiosa parceria, foi possível progredir na realização de entrevistas, na coleta e na edição de informações e de imagens, o que permitiu aumentar o acervo de depoimentos coletados e de dados biográficos registrados, enriquecendo, cada vez mais, esta história. O meu sincero reconhecimento ao meu parente Goisinho, a quem tive a oportunidade de conhecer em 2019 e que a partir daí foi o meu grande incentivador, mostrando entusiasmo, compartilhando



ideias, acreditando no potencial desta história contada, bem como vislumbrando os possíveis passos futuros deste livro. Oferto, do mesmo modo, a minha gratidão, por todo apoio dado a esta trajetória, à minha esposa Mônica de Araújo Santos, a minha mãe Mary Anne Ferreira de Almeida, a meu pai Sizinio Antônio de Almeida e aos meus familiares Rose Mary Ferreira Santana, Fernando Luiz Ferreira, João Bosco Ferreira, Luiz Antônio Ferreira (*in memoriam*), Eduardo Silva Ferreira, Josefa Bernadete Vasconcelos de Almeida, Antônio José Vasconcelos, Sônia Lemos Vasconcelos (*in memoriam*), José Samuel de Almeida, José Sizenando de Almeida, José Sebastião de Almeida e a José Saulo de Almeida.

Gratidão, em nome do Inspetor Jefferson Luis da Silva Santos, a todos os padres, irmãos e cooperadores salesianos da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA), os quais me receberam com esmero e contribuíram, por meio das entrevistas e conversas, para a realização deste feito. Agradecimentos especiais são destinados ao padre Francisco Alves (padre Chicão) que, à época, Inspetor da ISMA, acolheu com muita bondade e tomou para a Inspetoria este grande desafio, mostrando os caminhos a serem percorridos bem como os cor-religionários salesianos que deveriam ser contatados, possibilitando, assim, que esta caminhada se tornasse mais fértil e próspera. Ao padre Luis Laudato, que atuou com muita gentileza e apreço, dedicando bastante tempo a discorrer sobre seu antecessor nas missões e se voluntariou, com toda sua generosidade e admiração, a fazer o prefácio deste livro. Ao Irmão José Gulli que, também, com sua iniciativa amável e inspiradora, realizou entrevistas com indígenas e ribeirinhos em várias localidades de São Gabriel da Cachoeira e de Santa Isabel do Rio Negro, além de ter atuado como o revisor de todo o texto, apontando informações e sugestões que proporcionaram mais cor e mais vida a este escrito. Ao padre Canio Grimaldi (*in memoriam*), que proporcio-

nou o acesso a importantes documentos pessoais do padre Antônio e que, com sua lucidez e sensibilidade, trouxe detalhes importantes dos últimos dias da presença terrena do seu irmão salesiano. E ao padre José Ivanildo Melo, que, desde 2018, foi fonte de força e perseverança para a continuidade desta caminhada, tornando-se grande responsável pela realização da comemoração do Centenário do Padre Góes. Sempre me recordarei com muito carinho e admiração da querida e doce Irmã Virgínia, do Bispo Dom Walter Ivan de Azevedo, do Bispo Dom Antônio de Assis Ribeiro, do Pe. Justino Sarmiento Rezende, do Irmão José Ugenti, do Pe. Augusto Bartoli, do Pe. José Dalla Valle (*in memoriam*); do Pe. Casimiro Beksta (*in memoriam*) e do Pe. João Sucarrats (*in memoriam*).

Gratidão às pessoas especiais que enriqueceram esta história ao rememorem as suas próprias histórias. Os irmãos Auta Madeira e Jonathas Madeira, filhos de Antônio Madeira, tiveram papel fundamental, pois foi graças a eles que o laço de amizade entre seu pai e o salesiano foi relembrado e consagrado, tomando forma nestas páginas, estampando-as com muita emoção e saudade. Como não agradecer a Terezinha Bueno de Moraes que, com sua humildade e afeto inigualáveis, compartilhou as suas aventuras homéricas entre os Yanomami. Aproveito para clamar, com toda convicção, que seu exemplo de entrega pela paz e pelo bem dos indígenas, que é tão contagiante e fecundo, precisa ser contado e compartilhado com todo o mundo. Agradeço, com muito apreço, a Joana Blair, a Alberta Trajano, a Olindina Tavares de Lima e a Antônio Tavares de Sousa, cujas comunicações se deram via telefone, mas que suas vozes oriundas da Amazônia vieram carregadas de muita vida, vida daqueles que também foram desbravadores e que acompanharam o salesiano em diferentes momentos de imersão no mundo Yanomami. Meus sinceros agradecimentos, também, são direcionados a todas e a todos que contribuíram, por meio de entrevistas



realizadas ao salesiano Irmão Gulli, para melhor contar esta história, como ao tuxaua de Maturacá Daniel Góes (*in memoriam*) e sua esposa Margarida Pereira Góes, a Irmã Teresa Nobre, a Oscarina Braga Aguiar, a Inês Ribeiro Cardoso (Dona Mulata), a Antônio Fernandes Carvalho (Toninho), a Salvador Neto, a Antônio Teixeira e a Edenir Fernandes Teixeira. Sou muito grato ao amigo e antropólogo Gustavo Hamilton, estudioso e defensor árduo da cultura Yanomami, o qual atuou como um grande orientador e instigador, indicando leituras, possibilitando importantes encontros e apontando direções mais sustentáveis para esta caminhada. Agradeço, com igual estima e esmero, aos meus amigos do Ministério da Saúde, de Brasília e de Sergipe, visto que me deram todo o apoio na coleta de informações e na produção deste livro. Abriam caminhos que me possibilitaram tornar concreto este sonho.

Dedico a minha Eterna Gratidão a todo Povo Yanomami das comunidades de Maturacá e de Marauíá, em especial, ao líder Alberto Góes. Sua amizade e parceria foram bastante importantes neste caminho trilhado. Seu valioso apoio possibilitou marcar este escrito com o brilho e o vigor das palavras, das lembranças e dos sentimentos de sua própria pessoa, de sua querida mãe Adelaide Brazão e de seu amado pai, o influente líder Júlio Góes, que representa a maior manifestação e o maior legado vivo do missionário sergipano. Os depoimentos do grandioso Júlio, regados de muita recordação, generosidade e afeto, tornaram esta Obra mais vibrante, frutuosa e iluminada. Alberto, Adelaide e Júlio, oferto a minha mais sincera admiração e o meu profundo reconhecimento a vocês por carregarem em seus corações, com todo amor e zelo, a memória do padre Antônio.

Em pleno dia em que se completam 44 anos do desenlace do vocacionado e sacrificado missionário, ofereço esta minha já tão reiterada Gratidão a todas as mulheres e a todos os homens que caminharam e

chegaram comigo na realização deste virtuoso feito, o de conceber a mais vasta e a mais detalhada documentação da trajetória do pioneiro, dedicado e incansável defensor do Povo Yanomami do Amazonas, a quem, nesta última linha expresso: “**GRATIDÃO, PADRE ANTÔNIO JOSÉ GÓES**”!

**Leonardo Ferreira de Almeida**

Aracaju-SE, 27 de fevereiro de 2020

## SOBRE O AUTOR



**Leonardo Ferreira de Almeida**

Natural de Aracaju-SE, é sobrinho-neto do padre Antônio José Góes. Possui Graduação em Ciências Biológicas Licenciatura (UFS), Especialização em Gestão Federal do SUS (IEP-HSL) e Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (UFS). Atualmente, exerce o cargo de Analista Técnico de Políticas Sociais na Superintendência Estadual do Ministério da Saúde em Sergipe. Este livro começou a ser escrito desde quando residiu e trabalhou em Brasília, onde, também, atuou como Professor de Biologia na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Em 2018, publicou o artigo “Padre Antônio Góes: uma vida dedicada aos Yanomami” na edição especial do periódico “O Tapiri”, como parte da homenagem dedicada ao Centenário de Nascimento do Padre Antônio Góes.

E-mail: [leobioufs08@gmail.com](mailto:leobioufs08@gmail.com)

**E**ste livro documenta a vocacionada e sacrificada vida missionária do padre salesiano Antônio José Góes, o destemido aventureiro que conviveu mais de 20 anos com os Yanomami do Amazonas. O valente e abnegado missionário sergipano, natural de Itabaiana, foi um desbravador movido pela fé e pela coragem não comum, decidido a enfrentar a morte quase certa, ao se arriscar por semanas inteiras na Floresta Amazônica, na região próxima ao Pico da Neblina, com a missão de conseguir o contato pioneiro e pacífico com os temidos Yanomami, estes indígenas enigmáticos e belos a quem tanto se dedicou e que constituíram a sua paixão. Uma vez alcançada a aceitação de sua presença nas comunidades destes nativos, que não foi nada fácil e nem rápida, não mediu sacrifícios e nem esforços para promover relacionamentos de convivência amistosos, levando consigo o nobre propósito de promover a necessária harmonia entre os diversos grupos deste povo. Foi atento e cuidadoso com a intenção de experimentar as práticas que facilitavam o autossustento das várias comunidades Yanomami. Padre Antônio Góes, preocupado em fazer conhecer a mensagem apostólica e diminuir o impacto devastador da chamada civilização nestas culturas milenares, deixou o convite, aos de boa vontade, de continuar esta obra começada, que precisa ser tomada em consideração.

**Irmão José Gulli SDB**  
(Manaus- AM, 11 de fevereiro de 2020).

